

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



ELEMENTOS TRANSPessoAIS NA CONSCIÊNCIA DA NATUREZA HUMANA

Uma investigação da Ecologia Transdisciplinar nas Teorias de Pierre Weil
e Leonardo Boff

Giancarlo de Aguiar

MESTRADO EM FILOSOFIA
Área: Filosofia da Natureza e do Ambiente

LISBOA
Setembro/2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



ELEMENTOS TRANSPessoAIS NA CONSCIÊNCIA DA NATUREZA HUMANA

Uma investigação da Ecologia Transdisciplinar nas Teorias de Pierre Weil
e Leonardo Boff

Giancarlo de Aguiar

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Paulo Alexandre Esteves Borges

MESTRADO EM FILOSOFIA
Área: Filosofia da Natureza e do Ambiente

LISBOA
Setembro/2009

SUMÁRIO

Agradecimentos, 6

Resumo, 8

Resumen, 10

Metodologia, 13

Lista de Siglas e Abreviatiras, 13

Capítulo I – Caminhos que se Intercruzam: Leonardo Boff e Pierre Weil

1. Introdução, 15

2. A Categoria do Transpessoal em Pierre Weil e Leonardo Boff: “Estados de Consciência na Integração da Natureza Humana”

2.1. A natureza do cuidado no Ser da Terra, 29

2.2. Novos valores éticos: planeta e humanidade, 32

2.3. A paz: uma prática pessoal, social e ambiental, 35

2.4. A mudança de paradigma nas áreas do conhecimento, 38

2.5. Normose e a crise da fragmentação, 40

2.6. Da Separatividade à Totalidade na Natureza Planetária, 42

3. Leonardo Boff e Pierre Weil. O Encontro de Dois Autores Neo-Junguianos

3.1. Arquétipos da natureza humana e funções da psique, 45

3.2. A integração da Sexualidade-Espiritualidade, 48

- 3.3. Despertar da Consciência: A Libertação pelo Êxtase, 49
- 3.4. A Mística: do Religioso ao Espiritual, 55
- 3.5. Libertação e Êxtase: Um Fenómeno de Natureza Sexual e Espiritual?, 60
- 3.6. Níveis da Sexualidade ou Centros Energéticos na Consciência Humana?, 64
- 3.7. Natureza Humana: Feminino e Masculino, 68
- 3.8. *Anima und Animus*: O equilíbrio para tornar-se Transpessoal, 72
- 3.9. O poder do simbólico: Na mística e na prática da militância, 75

Capítulo II – A Continuidade do Caminho: A Natureza dos Elementos Transpessoais

4. Elementos Transpessoais: A Contribuição para a Ecologia Humana, 78

- 4.1. Bioética dos Elementos: Um Novo Paradigma para a Natureza Humana? 79
- 4.2. Vida: Origem Arquetípica? 80
- 4.3. Elementos da Natureza na Concepção da Pessoa Humana 86
- 4.4. Psique e a Verdade Trans-Natural 90
- 4.5. Atributos da Consciência: Intelecto Humano ou Cósmico? 92

5. Mitologia na Crise da Pessoa Humana, 97

- 5.1. Elementos da Natureza e Funções Psíquicas, 97
- 5.2. Arquétipo do Mentor: Modelo ou Mito para a Comunidade Planetária? 107
- 5.3. Uma Possível Integração Arquetípica, 119
- 5.4. Ecologia do Ser: Para uma Transformação Mitológica, 122

6. Natureza Humana: Avanço e Retrocesso do Paradigma Ecológico, 125

6.1. Comunidade Planetária Sustentável ou Ecologia Humana Evolutiva? 125

6.2. Um Novo Paradigma de Integração com a Natureza, 125

6.3. Por Uma Ecologia Transpessoal Social-Cultural, 127

Capítulo III – Um Caminho Transpessoal que nos leva a Pessoa

7. Da Filosofia e Psicologia Transpessoal à Literatura Portuguesa

7.1. Do Panteísmo de Fernando Pessoa e a sua relação com a mística cristã de L. Boff e com a visão holística de P. Weil, 128

7.2. Poesias de Fernando Pessoa e a Natureza Humana em L. Boff e em P. Weil, 146

7.3. Natureza do Ocultismo em Fernando Pessoa e a Categoria Transpessoal em L. Boff e P. Weil, 151

Conclusão Final, 156

Glossário, 160

Glossário encontrado nos títulos de Leonardo Boff, 160

Glossário referente a obra de Pierre Weil, 164

Glossário das Categorias Junguianas, 166

Bibliografia, 168

Índices, 175

Índice Nominístico, 175

Índice Analítico, 176

Anexos

Agradecimentos

O grande chamamento para realizar um mestrado em Filosofia da Natureza e do Ambiente vem de uma vontade muito antiga, diria eu até inata, pois desde criança tinha uma antiquíssima memória de visão planetária, um sentir os elementos da Terra que me traziam sorrisos e brilhavam nos olhos quando a emoção da profunda presença da natureza trespassava todo o meu ser. A ecologia sempre foi, desde a minha infância, um apelo da divina presença do coração na alma, e sempre houve ali algo de transpessoal...

Nos últimos anos, pelo contacto directo com os autores Pierre Weil e Leonardo Boff, confirmei que realmente este era o caminho, um rumo difícil e pouco seguro, mas que, com coragem, amor e esperança, poderia seguir firme a olhar para o sol do amanhã. Agradeço a estes teóricos a possibilidade de tecer este caminho. Agradeço a Carl Gustav Jung, pelo seu riquíssimo legado teórico para a psicologia-filosófica do futuro, que ainda é um clássico que urge ser mais bem compreendido e devidamente reconhecido. A Fernando Pessoa, poeta que me acompanha sempre, e, como para mim é impossível falar de transpessoal sem arte e sem poesia, a ele saúdo na medida certa para este trabalho.

Todo o processo de investigação para a dissertação revelou-me na teoria o que na prática já há muito tenho vivido. Quero aqui demonstrar o quão estou imensamente grato pela Vida, pela mãe Terra, que me possibilitou tornar-me novamente humano e divino. Assim também agradeço à minha ancestralidade de vivências anteriores, a toda a memória transgeracional.

À minha amada família, que, mesmo à distância, está sempre presente, sagrada mãe, forte pai e abençoado irmão; aos queridos *nonno e nonna*, aos meus avós paternos *in memoriam* e a toda a geração ítalo-luso-brasileira de outrora que acompanha o meu caminhar no eterno agora.

À Vera Saldanha e ao Vítor Rodrigues, que foram o *pontifex* na minha chegada a Portugal. À Gilda Moura pelo reconhecimento-confiança e apoio no meu trabalho como psicólogo em Portugal. Aos que considero a minha família na Europa pelo sentimento de inteireza e ternura:

Marisa de Oliveira, José António, José Migliorini, Márcia C. Migliorini e Arthurzinho e Marco de Oliveira.

Aos mestres e mestras que marcaram a minha vida académica, pessoal e transpessoal, sendo verdadeiros mentores e mentoras do espírito, em especial: Antoine von Strauss, Vera Saldanha e Francisco M. Pereira Mendes. A todos os amores que compartilharam deste meu caminho, em especial à Carol, que muito cedo percebeu qual era a função do nosso destino.

Aos meus amigos, pacientes, alunos, professores e colegas de trabalho, cuja troca de ensino-aprendizagem é sempre enriquecedora. A todos quantos colaboraram directa ou indirectamente nesta investigação. À Catarina Carvalheiro pela ajuda metodológica e redacção da dissertação.

À Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, pela rapidez e exactidão da comissão científica na resolução do processo de equivalência da licenciatura em Psicologia. A todos os professores do mestrado, especialmente a Viriato Soromenho-Marques e a Maria Cristina Beckert, pela disponibilidade e parecer positivo no processo de candidatura para ingresso no mestrado. Ao professor José Barata-Moura, pela especial atenção nos seminários de orientação. E, finalmente, ao meu professor orientador Paulo Borges, pela sua sensibilidade e abertura na presença de espírito e da Visão para a temática de estudo do Transpessoal.

RESUMO

ELEMENTOS TRANSPessoAIS NA CONSCIÊNCIA DA NATUREZA HUMANA

“UMA INVESTIGAÇÃO DA ECOLOGIA TRANSDISCIPLINAR NAS OBRAS DE LEONARDO BOFF E PIERRE WEIL”

O tema sobre o qual versa esta dissertação baseia-se nos fundamentos epistemológicos aplicados pelas directrizes do paradigma holístico. As obras estudadas referem-se ao psicólogo e educador Pierre Weil, que representa um dos principais teóricos da transpessoal, considerada a última força emergente da psicologia académica vigente, e ao filósofo Leonardo Boff, um grande precursor da teologia da libertação.

Primeiramente, a investigação visa criar uma hermenêutica destes dois autores contemporâneos. Ao enfatizar o estudo da categoria transpessoal como um estágio de evolução da consciência humana: (pré-pessoal, pessoal, transpessoal), inter-dependente aos processos transdisciplinares, transculturais e transreligiosos, isto é, ao verter os padrões existentes para um âmbito mais alargado, a visão holística ganha aqui espaço na reflexão de como colocar em prática modelos conceptuais que viabilizem a equidade social e os valores humanos. Investigar este processo de mudança trazido pelos autores, que apontam para um sentido espiritual na ecologia que contemple princípios éticos fundamentais na preservação de toda a natureza e dos elementos que a constituem.

No Capítulo I – Caminhos que se Inter Cruzam: Leonardo Boff e Pierre Weil, extrair-se-á o conhecimento que em comum se apresenta em ambos os autores. A Categoria do Transpessoal em Pierre Weil e Leonardo Boff será desenvolvida como “Estados de Consciência na Integração da Natureza Humana”.

Os tópicos serão apresentados como subcapítulos e revistos dentro da actual conjuntura da crise ecológica planetária, na qual o humano, antes de ser vitimado, é o único causador desta barbárie, uma vez que é a pessoa, no estado infra-humano, quem gera e mantém a desacralização do Ser, logo urge o despertar do supra-humano, o transpessoal, urge ir através da pessoa humana e para além dela integrar valores mais reais e mais genuínos para uma nova realidade na Terra, o nascimento de uma humanidade terna e fraterna que irradie paz e compaixão pela vida e para toda energia que dela se manifesta. É nesta direcção que os olhares dos senhores professores Pierre e Leonardo lançam o seu ícone.

Importa investigar as contribuições das diversas áreas do conhecimento basilares na construção das suas obras, tais como Física Quântica, Teologia e Mística Cristã, Princípio Holográfico,

Psicologia Transpessoal e Parapsicologia. Serão importantes e interpretados os conceitos referentes às funções psíquicas (f.p.) descritas por C. G. Jung como o pensar; *das Denken*, o perceber, *das Fühlen*, o sentir; *das Empfinden*; a intuição; *die Intuition*, apresentadas por Pierre Weil em sua teoria com a adaptação para a razão, a sensação, o sentimento e a intuição, respectivamente. As demais categorias da psicologia analítica descritas aqui serão investigadas ao longo do discurso da ecologia em seu processo transdisciplinar.

A contribuição que pretendo realizar com base nas obras dos autores e nas suas correntes do conhecimento estará presente no Capítulo II – A Continuidade do Caminho, que passa por dissertar sobre uma relação dos quatro elementos da natureza – ar, fogo, água e terra – e o quinto elemento éter, este estado sutil do etérico que se apresenta como condição cosmogénica da profunda existência da natureza humana em seus aspectos físico-corporais, afectivo-emocionais, psíquico-metais e cósmico-espirituais.

Neste ponto do trabalho explorar-se-á a necessidade da sensibilização e plena consciência da natureza humana no reconhecimento de si própria para atingir um profundo respeito diante de qualquer manifestação da vida, que promoverá o despertar da visão na integração de suas f.p. e dos elementos que a constituem. Tal lhe dará a possibilidade de atingir a plena visão de que, para se constituir a pessoa humana, ela depende da presença e da união evolutiva de outras *personas* presentes nos aspectos psicossomáticos do humano, ou seja, no inconsciente “ontogénico e filogenético”, considerando-se a própria fisiologia da pessoa um constituinte da existência de uma ‘persona vegetal’, ‘persona mineral’, ‘persona animal’ e ‘persona humana’. Com todas as suas funções integradas chegar-se-á à manifestação da quintessência que constitui na ‘persona cósmica’. No Capítulo III – Um Caminho Transpessoal que nos leva a Pessoa, segundo o que Leonardo Boff e Pierre Weil apresentaram em comum com Fernando Pessoa, que se abordará a Filosofia em Portugal, através da análise das poesias de Álvaro de Campos e de Alberto Caeiro, dois heterónimos: o primeiro com a representação da natureza em conformidade com a pessoa humana; o segundo com a presença do Paganismo em Fernando Pessoa. Chegaremos até os textos com a temática do ocultismo, ainda não publicados, e fazendo parte do espólio pessoano investigado na Biblioteca Nacional de Lisboa, que revelar-nos-á uma outra condição da categoria de espiritualidade na escrita do poeta.

Trata-se de um processo transpessoal que nos levará a realizar um diálogo com L. Boff, de acordo com os seus conceitos sobre a mística cristã em relação ao *pan-nen-teísmo* e panteísmo, bem como um encontro de F. Pessoa com P. Weil. Dissertaremos, pois, sobre a plena consciência da natureza espiritual diante da visão do real que se expressa na escrita do Poeta Português.

RESUMEN

ELEMENTOS TRANSPERSONALES EN LA CONCIENCIA DE LA NATURALEZA HUMANA

‘UNA INVESTIGACIÓN DE LA ECOLOGÍA TRANSDISCIPLINAR EN LAS OBRAS DE LEONARDO BOFF Y PIERRE WEIL’

La temática sobre la que versa esta disertación tiene como base los fundamentos epistemológicos aplicados en las directrices del paradigma holístico. Las obras estudiadas se refieren al psicólogo y educador Pierre Weil, que es uno de los principales teóricos del conocimiento transpersonal, considerada la última fuerza emergente de la psicología académica vigente, y al filósofo Leonardo Boff, un gran precursor de la teología de la liberación.

En primer lugar la investigación pretende ofrecer una hermenéutica de estos dos autores contemporáneos. Al desarrollar este estudio se hace hincapié en la categoría transpersonal como un estadio de la evolución de la conciencia humana: (pre-personal, personal, transpersonal), interdependiente de los procesos transdisciplinares, transculturales e transreligiosos, esto es, al verter los patrones existentes hacia un ámbito más amplio, la visión holística gana un espacio dentro de la reflexión que se pregunta cómo poner en práctica los modelos conceptuales que hagan viables las equidades sociales y los valores humanos. Investigar este proceso de cambio que viene de la mano de estos autores implica ver que aportan un sentido espiritual de la ecología que contempla los principios éticos fundamentales de la preservación de toda la naturaleza y de los elementos que la constituyen.

En el Capítulo I – Caminos que se Entre-cruzan: Leonardo Boff y Pierre Weil, se expone el conocimiento que sobre el asunto principal del trabajo tienen en común ambos autores. La categoría de lo Transpersonal en Pierre Weil y Leonardo Boff será entendida por ambos como los “Estadios de la conciencia en la Integración de la Naturaleza Humana”.

Las temáticas serán presentadas como subcapítulos y analizadas dentro del actual contexto de crisis ecológica planetaria, en la cual el ser humano, lejos de ser víctima, es el único causante de la barbarie, toda vez que es la persona, en su estadio infra-humano, quién genera y mantiene la desacralización del Ser, haciendo urgente despertarlo de lo supra-humano. Lo transpersonal, nos lleva a través de la persona y más allá de ella, integrando sus valores más reales y más genuinos en una nueva realidad en la Tierra; el nacimiento de una humanidad tierna y fraterna que irradie paz y

compasión por la vida y hacia toda la energía que se manifiesta. Es en esta dirección en la que se enmarca la visión de los profesores Pierre y Leonardo.

Nos parece importante investigar las contribuciones de las diversas áreas del conocimiento fundamental en la construcción de sus obras, tales como la Física Cuántica, la Teología y la Mística cristiana, el Principio Holográfico, la Psicología Transpersonal y la Parapsicología. Se muestran como importantes e interpretados en el trabajo los conceptos referentes a las funciones psíquicas f.p. descritas por C. G. Jung como el pensar *das Denken*; el percibir *das Fühlen*; el sentir *das Empfinden*; la intuición *die Intuition*, presentadas por Pierre Weil en su teoría como la adaptación para la razón, la sensación, el sentimiento y la intuición, respectivamente. Las demás categorías de la psicología analítica descritas aquí serán investigadas a lo largo del discurso de la ecología en su proceso transdisciplinar, presuponiendo en él la importancia de otros autores como Platón, Espinosa, William James y Roberto Assagioli que se presentan en diálogo dentro de la temática del estudio.

La contribución que pretendo realizar con base en las obras de los autores y en sus corrientes de pensamiento se muestran en el Capítulo II – La Continuidad del Camino, que tiene como temática esencial la relación de los cuatro elementos de la naturaleza – aire, fuego, agua e tierra – y del quinto elemento éter, el estado sutil de lo etérico que se presenta con una condición cosmogénica de la profunda existencia de la naturaleza humana en sus aspectos físico-corporales, afectivo-emocionales, psíquico-metales e cósmico-espirituales.

En este punto del trabajo se explorará la necesidad de la sensibilización de la plena conciencia de la naturaleza humana en el reconocimiento de sí misma para alcanzar un profundo respeto delante de cualquiera manifestación de la vida, lo cual promoverá el despertar de la visión en la integración de sus f.p. y de los elementos que la constituyen.

Todo ello proporcionará la posibilidad de alcanzar la plena conciencia de que, para constituirnos como persona dependemos de la presencia y de la unión evolutiva de otras *personas* presentes en los aspectos psicosomáticos de lo humano incluyéndolo en el inconsciente “ontogenético e filogenético”, considerándose la propia fisiología de la persona un constituyente de la existencia de una ‘persona vegetal’, ‘persona mineral’, ‘persona animal’ y ‘persona humana’. Con todas sus funciones integradas se llegará a la manifestación de la quintaesencia que constituye la ‘persona cósmica’.

En el Capítulo III – Un Camino Transpersonal que nos lleva a Pessoa, según lo que Leonardo Boff e Pierre Weil presentaran en común con Fernando Pessoa, se abordará la Filosofía en Portugal, a través del análisis de las poesías de Álvaro de Campos y de Alberto Caeiro, dos heterónimos: el primero con la representación de la naturaleza en conformidad con la persona humana; el segundo

con la presencia del Paganismo en Fernando Pessoa. Nuestro trabajo incluye en este sentido los textos de temática ocultista, aún no publicados, que forman parte del *espólio* pessoano investigado en la Biblioteca Nacional de Lisboa lo que nos revelará otra dimensión de la categoría espiritual en la escritura del poeta.

Se trata de un proceso transpersonal que nos llevará a la realización de un diálogo con L. Boff, de acuerdo con sus conceptos sobre la mística cristiana y en relación con el *pan-nen-teísmo* y el panteísmo, aún haciendo encontrarse a F. Pessoa con P. Weil. Argumentaremos, pues, sobre la plena conciencia de la naturaleza espiritual en relación a la visión de lo real que se expresa en la obra del Poeta Portugués.

Metodologia

Para a bibliografia directa dos autores investigados serão utilizadas no texto e/ou nas notas de rodapé como recurso metodológico, abreviaturas dos títulos e siglas dos conceitos para localizar directamente a vasta obra dos dois autores que possuem o mesmo ano em algumas de suas publicações e conceitos que se inter cruzam. Este método vai delinear as categorias junguianas e de L.Boff e P. Weil que conta também com um glossário de alguns conceitos abordados destes autores e utilizados para esta dissertação que vão auxiliar o leitor. As categorias principais vão aparecer em itálico e/ou letra maiúscula de acordo com os diferentes contextos que se apresentam.

Lista de Siglas e Abreviaturas

Siglas de Conceitos:

(f.p.): Função Psíquica.

(f.p.sç): Função Psíquica Sensação

(f.p.p): Função Psíquica Pensamento

(f.p.i): Função Psíquica Intuição

(f.p.st): Função Psíquica Sentimento

(q.i.): Quociente de Inteligência

(q.i.r.): Quociente de Inteligência Racional

(q.i.e.): Quociente de Inteligência Emocional

(q.i.esp.): Quociente de Inteligência Espiritual

(q.i.sc.): Quociente de Inteligência Social

(p.m.): Persona Mineral

(p.v.): Persona Vegetal

(p.a.): Persona Animal

(p.h.): Persona Humana

(p.c.): Persona Cósmica

(esp): Extra-Sensory-Perception (Percepção Extra-Sensorial)

(c.c.): Consciência Cósmica

(e.c.): (Experiência Cósmica).

(e.m.c.): Estado Modificado de Consciência.

(s.c.): Supraconsciência.

(incs.c.): Inconsciente Colectivo

(incs.p.): Inconsciente Pessoal

Abreviaturas dos Títulos das Obras.

Leonardo Boff (L. Boff):

- [EME]: Ecologia, Mundialização, Espiritualidade.
[SC]: *Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela Terra.*
[AG]: *A Águia e a Galinha, Uma Metáfora da Condição Humana.*
[SFA]: *São Francisco de Assis, Ternura e Vigor.*
[FM]: *Feminino e Masculino, Uma Nova Consciência Para o Encontro das Diferenças.*
[EM]: *Ética e Moral, a busca dos fundamentos.*
[DA]: *O Despertar da Águia, o Dia-bólico e o Sim-bólico na Construção da Realidade.*
[MF]: *Masculino / Feminino, Experiências Vividas.*
[RMD]: *O Rosto Materno de Deus. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas Religiosas.*
[ERI]: *Eclesiogênese: A Reinvenção da Igreja.*
[HSAB]: *Homem: Satã ou Anjo Bom?*
[ECC]: *Evangelho do Cristo Cósmico, A Busca da Unidade do Todo na Ciência e na Religião.*
[F]: *Fundamentalismo, A globalização e o futuro da humanidade.*
[VAM]: *Vida para Além da Morte.*
[TD] *Terapeutas do Deserto.*

Pierre Weil (P. Weil):

- [MS]: *Mística do Sexo.*
[RI]: *Rumo ao Infinito.*
[M]: *Os Mutantes. Uma Nova Humanidade para um Novo Milênio.*
[MC]: *Mística e Ciência. Psicologia Transpessoal.*
[SNE]: *Sementes para uma Nova Era, Um livro de emergência para uma situação de emergência.*
[RNT]: *Rumo à Nova Transdisciplinaridade, Sistemas Abertos de Conhecimento.*
[ACC]: *A Consciência Cósmica, Introdução à Psicologia Transpessoal.*
[EEMH]: *Esfinge, Estrutura e Mistério do Homem.*
[AMS]: *A Mudança de Sentido e o Sentido da Mudança.*
[H]: *Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real.*
[N]: *Normose. A Patologia da Normalidade.*
[AE]: *Antologia do Êxtase.*
[OTTM]: *Organizações e Tecnologias para o terceiro milênio.*
[LC]: *Lágrimas da Compaixão, E a Revolução Continua!*
[FGS]: *O Fim da Guerra dos Sexos. O reencontro do Masculino e do Feminino na Gestão do Século XXI.*
[RC] *Revolução Silenciosa.*
[ANE] *A Nova Ética*
[APC] *A Paz Como Caminho*

Capítulo I – Caminhos que se Intercruzam: Leonardo Boff e Pierre Weil

1. Introdução

O interesse da temática desta investigação de mestrado surgiu principalmente a partir do contacto académico-profissional directo com os autores Pierre Weil e Leonardo Boff. Diante das suas sensibilidades no tratamento do conhecimento filosófico-psicológico e abrangência da aplicação prática, impulsionaram-me a desenvolver parte de um caminho por eles percorrido e a continuidade deste encontro, que é o contributo da ecologia em seu processo transpessoal, ou seja, de uma consciência vasta de várias realidades e manifestações de vida e energia. Foi um desafio criar aqui a hermenêutica entre estes dois grandes autores que estão a deixar um profundo legado para o modelo do padrão transdisciplinar, principalmente nas fronteiras do conhecimento que há entre a ecologia, filosofia-teologia e a psicologia, mais especificamente a psicologia junguiana e transpessoal.

Perante as referenciadas obras investigadas para esta dissertação, a categoria transpessoal aparece primeiramente em P. Weil, em escritos a partir de 1982, influenciado pelas obras das teorias de Carl Gustav Jung e Roberto Assagioli. Tal conceito para o referido autor apresenta-se como uma vasta categoria que abrange os estados ampliados de consciência e leva aos últimos estágios evolutivos da pessoa humana; já em L. Boff encontramos o mesmo sentido, mas, de modo indirecto, nem sempre o ‘transpessoal’ aparece designado desta forma. Em toda a sua obra encontramos a categoria ligada aos processos arquetípicos, da psicologia das profundezas, mitologia e espiritualidade, e vários fenómenos relativos a processos do inconsciente que se referem a esta vasta categoria do transpessoal.

Os elementos que constituem o planeta estão a desintegrar-se e a crise de existência da natureza humana é a causa-efeito deste colapso... a realidade criada pelo ser humano está a degradar o habitat natural da Terra e a provocar somatizações irreversíveis. Urge um processo de mudança, de cura, de reeducação da conduta e de regeneração do conteúdo anímico da mentalidade da pessoa humana. Para que isto seja eficaz é preciso que se manifeste a paz, não somente no sentido de ausência da discórdia, porém, mais profundamente a paz de espírito, a *animi pax* com a luz do discernimento, *dilucidus através da lumen mentis veritatis*.

O humano em contacto com o *numinoso*, a realidade supra-lumínica, conceito este já investigado por C. G. Jung e descrito também por L. Boff. É fundamental que a natureza humana desperte uma consciência transpessoal e se mantenha no nível da sua parcela mais

sábria, mais lúcida e mais genuína. O carácter transpessoal é um estado mental inato, porém latente, inactivo, no inconsciente da maioria das pessoas. Mas como accionar um conteúdo que muito poucas vezes ou nunca foi manifestado totalmente na mente humana? Como olhar para um aspecto da consciência do Ser que está em ‘recalque’ na psique ontogenética no que diz respeito à sua actual condição de evolução humana?

Assim, o transpessoal apresenta-se como uma terapia de saber Ser e fazer o que for preciso para amenizar o desequilíbrio da mentalidade humana que cria e mantém uma norma de realidade patológica, tema este tratado por P. Weil como normose, que é, sem dúvida, um dos maiores epicentros da crise da natureza humana, com acções que causam problemas locais e individuais ou ainda de âmbito planetário, que apresentam as inúmeras catástrofes no mundo, com a extinção de centenas de milhares de espécies, das quais está em risco, como é evidente, a própria raça humana, que neste protagonismo se mostra, não como vítima, mas como agente causador do problema actual.

Desenvolver a ecologia humana é um trabalho de cunho filosófico, abrangendo a natureza existencial com o intuito de chegar à mais profunda e radical essência da personalidade da pessoa dentro do seu contexto de vida e no ambiente em que ela se encontra.

Para a pesquisa desta dissertação, foram, primeiramente, escolhidos alguns dos títulos que possuem maior referência aos assuntos pertinentes para o tema da investigação, já que ambos os autores escolhidos possuem uma vasta obra publicada. Por esta razão, os conteúdos seguiram um olhar transversal em grande parte dos seus escritos, para os quais é impossível não olhar, mais propriamente das duas últimas décadas, nos quais as suas teorias se ‘intercruzam’ e apresentam claramente uma tendência junguiana, tendo deste modo acrescentado ao estudo autores que também trouxeram um contributo indirecto para esta tese.

Ao falar dos autores escolhidos para esta investigação, o teólogo e filósofo Leonardo Boff que aqui especificamente será enfatizado nos seus temas de estudo referentes à ecologia, à natureza humana e às influências cósmico-espirituais, que vão ao encontro do conceito transpessoal abordado pelo educador e psicólogo Pierre Weil, que, por sua vez, desenvolve uma obra para além dos limites da própria psicologia, quando, ao passar por áreas transdisciplinares do conhecimento, entra indubitavelmente numa categoria filosófica, nas fronteiras da psicologia na prática da ciência académica vigente, limitadas pela abrangência do conceito transpessoal. Nesta dissertação de mestrado em Filosofia da Natureza e do Ambiente será largamente discutido o ‘inter-diálogo’ destes dois autores no que ao contexto psicológico e filosófico diz respeito.

No Capítulo I – Caminhos que se Inter Cruzam: Leonardo Boff e Pierre Weil, desenvolver-se-á um estudo sobre os aspectos da ecologia interna, em que o Ser encontra em si mesmo o verdadeiro motivo de “estar presente” e faz do pequeno universo a que pertence um canal de acesso para a união da consciência – a natureza humana, que, na sua prática mais saudável, procura construir uma ponte entre o micro e o macro cosmos, mantendo a harmonia e o equilíbrio integral de todo o sistema em que vive.

Estamos diante do maior desafio da história da humanidade, que é o de aprender a viver em sincronia com os elementos da natureza, para que a pessoa humana possa um dia compreender profundamente o processo de integração e de co-dependência que possui para com o planeta. Jamais será possível entrar em contacto com o campo transpessoal se o Ser ignorar a profunda integração que há na relação dos elementos da natureza com a existência da pessoa humana. Antes do humano querer ajudar a terra, tem de curar a sua própria forma de pensar e de olhar o mundo, curar-se dos seus vícios, ultrapassar as suas culpas, medos e apegos. Ora, se o problema actual foi criado pelo estado de ‘consciência pessoal’, o humano não poderá resolver nada neste nível limitado e reduzido em si mesmo; se a crise é mantida pelo infra-humano a solução está num nível acima, que é o carácter supra-humano, isto é, o estado transpessoal.

Utilizando aqui os conceitos de L. Boff, é do “despertar da águia” que provavelmente podemos extrair o que há de melhor do “*homo sapiens-demens*”. Não se trata de negar a sua natureza mais debilitada, porém é deixar fluir a sua virtude mais sábia, é na “nova ética” para uma “nova era” expressa por P. Weil que encontramos o nascimento dos “mutantes”, seres estes despertos, que, segundo o autor, darão um grande contributo para a mudança do padrão cartesiano-newtoniano para o encontro de um outro sentido para a natureza da pessoa humana. Que experiência trará o paradigma holístico? Tornar-se transpessoal? Será este o último estado de evolução humana?

Na filosofia vamos encontrar aspectos do transpessoal presentes na categoria de *Übermensch*¹ (super-homem ou sobre-humano) descrito por *Nietzsche*, no qual observamos uma passagem que expressa claramente lados opostos da existência humana: “Não é a altura, é o declive que me aterroriza! O declive onde o olhar se precipita para o fundo, enquanto a mão procura agarrar-se ao cume. E o coração é dominado pela vertigem desta dupla vontade (...)”, na busca da concretização de algo divino: “Porque me sinto atraído pelo Super-humano: porque para ele tende a minha outra vontade.”²

¹ Cf. Dissertação de Mestrado de Viriato SOROMENHO-MARQUES (1984, p. 242).

² F. NIETZSCHE (2000, p. 170).

L. Boff retrata esta condição humana através do *sim-bólico e dia-bólico*, pólos que constituem energias que estão sempre em disputa de forças. Estaria o transpessoal na representação do equilíbrio entre estes dois lados? Ou no aproveitamento pleno manifestado pela sinergia de ambos? Pelo contrário, teria algo para além da unidade e da dualidade? Estas questões seriam irrelevantes se a natureza humana fosse vista como sendo parte integrante de uma dimensão maior do que ela. Aqui está a possibilidade de o humano manter um campo activo em sua mente totalmente prudente e saudável, a *sanus mentis*, capaz de viver em harmonia com a natureza total. Manifestar a paz como uma prática pessoal consigo mesmo, com o ambiente natural em sua paisagem e no grupo social, estendendo-se à comunidade biótica planetária e aos quatro elementos que constituem a natureza na união, que é feita pela quintessência no seu significado mais profundo no que diz respeito ao etérico que zela pela permanência da manifestação do cuidado-amor e das funções destes mesmos elementos na consciência humana.

Podemos fazer alusão a uma frase muito antiga: ‘cura-te a ti mesmo’, que podemos completar – cure também a sociedade e o ambiente em que habita e, principalmente, os elementos arquetípicos que constituem a natureza para que a realidade planetária possa viver plenamente! Quantos e quais serão os humanos ‘despertos’ que estarão prontos para, de facto, cuidar o *ethos*, a casa planetária da morada humana. Quem serão aqueles capazes de guardar o templo com grande cuidado, *templum magna cura custodiunt*?

É de grande importância tratar este hiper-organismo como um lugar onde toda a sua natureza é sagrada. Mas o que os motivará para esta mudança de sentido? Aonde será o epicentro deste fenómeno? Sob que condições se realizará esta travessia?

L. Boff, ao descrever o mito do cuidado, afirma que: “É no cuidado que vamos encontrar o *ethos* (conjunto de valores, princípios e inspirações que dão origem a atos e atitudes), necessário para a socialidade humana e principalmente para identificar a essência fontal do ser humano, homem e mulher.”³

A preocupação relacionada com a problemática da natureza e do ambiente fez com que muitos pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento desenvolvessem estudos a fim de proporcionar alternativas mais consistentes de preservação e de protecção. Actualmente, discute-se temáticas diversas em torno da natureza ecológica e a prática da educação ambiental, visando a sustentabilidade. Logicamente este aspecto não pode ser tratado somente do ponto de vista económico. É preciso dar prioridade à análise da carga e do impacto que os

³ L. Boff [SC] (2000, p. 38-39).

recursos naturais tem vindo a sofrer, principalmente os ecossistemas e os elementos que constituem a natureza planetária.

O desafio da sociedade pós-moderna é alcançar a equidade e a subsistência sem dissolver o ambiente, tendo *a priori* a necessidade de integrar a vida e a sobrevivência do ser humano em união com o cosmos e com toda a natureza que dele emana. Tratando-se da perspectiva evolutiva da vida humana, consideramos a ‘iniciação’ do simbólico e os mitos na sua manifestação inconscientes da natureza humana, que é orientada pelas funções psíquicas (f.p.), em que se apresentam em co-dependência com os elementos e os reinos da natureza. A problemática da praxis agindo para sensibilizar a pessoa a ter consciência da sua profunda e subtil ecologia será o ponto fulcral do tema desta dissertação.

A pessoa humana ocupou ininterruptamente um espaço por ela conquistado, onde fez transformações irreversíveis que influenciaram drasticamente a sua própria existência; a baixa qualidade de vida, o *stress* do homem pós-moderno e a desigualdade nas esferas sociais estão a levá-lo a extremos da vulnerabilidade e carência generalizada. Isto é um pequeno reflexo do caos que engloba inúmeros nichos da nossa comunidade planetária, que num âmbito alargado faz com que a própria psicologia social e filosofia ambiental se demonstrem impotentes diante desta complexidade agravada.

De entre as várias questões levantadas, esteve sempre presente uma – como sensibilizar as pessoas para que adquiram a capacidade de visualizar de um modo geral alternativas para que possam estar despertos e para que se defendam o ecossistema planetário que todos co-habitam. Neste sentido, principalmente nas últimas décadas, foram realizados diversos encontros que contaram com a presença de estudiosos de renome no campo interdisciplinar. Existem muitas propostas, das quais algumas foram colocadas em prática, como a criação de clubes ecológicos, ONG, temas transversais em escolas tradicionais, grupos temáticos de estudos e acções comunitárias. Porém, diante da gravidade do problema, essas acções parecem ser insuficientes. Mesmo num âmbito mais alargado, na esfera mundial as investigações demográficas com inúmeros projectos, como por exemplo os da Unesco, a ECO 92, a Agenda 21 e a Carta da Terra, entre outros eventos e sucessivas convenções, tratados e manifestos, por maior que sejam os esforços, temos de facto verificado que muito poucos são os benefícios.

Estes factores não podem estar vinculados somente a uma questão de antropologia e política social, porque logicamente existem outros determinantes neste processo, questões relacionadas com a cultura, a educação, além dos factores ontogenéticos e cósmico-espirituais. O próprio homem pode, como agente restaurador, criar a consciência e a capacidade de reverter a desagregação interna e a destruição dos valores humanos, e ainda o próprio meio

biótico. Ele é capaz de promover uma abordagem de educação alternativa na tentativa de repensar a esperança de que ‘um outro mundo é possível’. Isto demarca uma delicada discussão entre a ecologia e a educação ambiental, pois pode-se afirmar que estão interligadas ao conhecimento e à evolução no propósito do neo-humanismo.

O ambiente e a sociedade estão a passar por transformações, sendo que as pessoas são partes integrantes dessa mudança e constituem uma parcela considerável da humanidade determinante nesse processo, na busca de uma nova identidade a partir de uma outra visão dos sistemas vivos. Sabe-se que os moldes actuais de educação (de base cognitiva e lógica racional) se preocupam muito em formar pessoas ao invés de as aceitar com as suas diferenças e individualidades e que valorizam um ser crítico e criativo, mas também o excluem quando o seu carácter está fora da ‘norma’ e quando possa vir a ser uma ameaça ao sistema dominante, estando este representado pelo império do capitalismo neo-liberal.

Leonardo Boff, ao referir-se às soluções mundiais, destaca a teologia da libertação como transformação da sociedade: “Um imenso processo de socialização e de democratização que incluirá uma dimensão espiritual e cósmica. Para que isso suceda, precisamos de uma nova revolução e de uma nova esperança.”⁴ E o movimento dispara do centro, do coração e da garganta dando voz a todo o corpo do fenómeno: “O grito dos sofredores e a libertação. Deus é Deus de vida. Toma partido por aqueles que gritam por vida, pois estão sofrendo sob a opressão. Deixa sua transcendência e se imiscui na história para libertar.”⁵ Mais claramente na sua outra obra, L. Boff apresenta a manifestação de um arquétipo Crístico na personificação do povo: “É neste transfundo que se faz ouvir o clamor do povo oprimido, clamando por libertação.”⁶

Importa agora lançar algumas questões: qual será a manifestação prática deste inconsciente colectivo que apela por uma transformação? Que conteúdo virá à consciência? Em estado de expansão crítica e criativa ou de exteriorização agressiva? Exaltação ou paz? Que alternativa de acção sensível trará uma eficácia em termos de equidade humana e ecologia mental planetária?

Certamente algumas destas interrogações nos levarão à “Revolução Silenciosa”, tema este tratado por P. Weil quando relata o seu próprio caminho de vida, condições saudáveis para

⁴ L. Boff [EME] (2000, p. 93).

⁵ *Idem.*

⁶ L. Boff [RMD] (1986, p. 199).

que as pessoas se sintam melhor e mais humanizadas, não no modelo do antropocentrismo, mas através do eco-centrismo e ainda para além dele, as pessoas consigo próprias, com a natureza ambiental e na sociedade; porém ainda é preciso saber como fazer com que o humano tenha uma compreensão maior das condições vitais necessárias para que os elementos e o organismo planetário possam ser tratados como uma profunda ética dos elementos! Um novo modelo que poderia ser chamado de ‘elementalcentrismo’?

Para levantar outras questões diante destas perguntas, entraremos na segunda parte da dissertação: Capítulo II – A Continuidade do Caminho: A Natureza dos Elementos Transpessoais. Tanto a ciência como a filosofia, arte e tradição espiritual acrescidas das abordagens actuais vêm quebrar os padrões vigentes. Por exemplo, trabalhos de pesquisa como este focados na concepção de um novo paradigma, não-mecanicista, e sim voltado para os valores da existência humana. Trata-se de conceber o Ser nos seus diferentes estados de vida, aplicando uma consciência holística de base e respeitando todos os sistemas ecológicos existentes e interligados que fazem parte de um todo, que a condição da pessoa humana está ininterruptamente destinada a cultivar. Criar atitudes que envolvam a aplicação de condutas num ambiente preparado para a cosmologia de desenvolvimento e aprendizagem, sendo este um modelo de educação humana, filosófica e ecológica.

O planeta necessita urgentemente de um caminho diferenciado, ao longo do qual respeita o meio e o outro, mantendo uma paz interior para uma acção exterior. O processo de reeducação com a ecologia humana vem contribuir para o desenvolvimento da comunidade. Tal temática reforça a importância que os avanços do estudo da psicologia transpessoal podem trazer ao humano, nomeadamente uma nova visão da existência.

Ao repensar as propostas actuais de educação ambiental é preciso seguir o pressuposto de que a ecologia humana proporciona a base para a formação de uma sociedade sensível e consciente. Tal sociedade, por sua vez, vem ao longo dos tempos agindo com o intuito de alcançar equidade – está presente na actualidade a real necessidade de mudanças de alguns padrões e valores que até então criam um marco limítrofe entre as classes. O meio ambiente tem sido tema de muitos cursos, debates e palestras nos demais sectores dos grupos sociais. Porém, os resultados obtidos podem ser considerados apenas satisfatórios, pois, a nível mundial, as pessoas estão a sofrer com a problemática ambiental, que, por sua vez, é de origem única e exclusivamente humana. Perante isto, não será a hora de rever o porquê dessa dificuldade em avançar?

Que características sócio-económicas, etárias, culturais e comportamentais da humanidade podem ser apontadas como dificuldades para o processo de transformação e reeducação

através da ecologia humana? Quais os factores transversais que compõem a sexualidade (aspectos biológicos e afectivo-emocionais) e da espiritualidade (aspectos psíquicos e cósmicos) ou quais as características da pessoa humana que podem dificultar ou favorecer a reeducação do Ser para que ele possa despertar através da sua ‘consciência cósmica’ plena e integral diante da vida?

Trabalhos sociais de cunho educacional e terapêutico, com o objectivo de desenvolvimento de uma comunidade local, podem servir de modelo a outros e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento da cidadania na liberdade de uma ‘trans-forma-acção’ do sistema entre os povos. Sabe-se que as instituições educacionais têm vindo a ocupar um papel importante nesse processo de tomar consciência em defesa do ambiente: mas será que os métodos utilizados estão a ser eficazes à necessidade vigente? É bem verdade que esse assunto é relativamente novo dentro dos programas de investigação académica, mas diante da rapidez com que as informações e o próprio conhecimento evoluem é necessário criar mecanismos que a acompanhe.

Nesse sentido, o melhor caminho talvez seja um aperfeiçoamento daquilo que já existe de concreto através de uma aplicação prática-relacional do conhecimento, independente do nível dos mesmos, pois, quando se trata de um problema que afecta a todos, o melhor caminho é o envolvimento para que encontrem novas formas exequíveis diante das suas próprias circunstâncias. Se tais programas estão obsoletos ou são realizados por pressupostos teóricos que não são completos para uma prática realmente eficaz, então será o momento de repensar as bases e estruturas vigentes? Se estes alicerces não são capazes de sustentar a visão de uma profunda ecologia da natureza humana, então que directrizes poderão revelar-se como conhecimento libertador de vanguarda?

Assim, a pretensão é fazer um resgate para a preservação de toda a vida ‘em estágio de recuperação’, para que as futuras gerações tenham a consciência ampliada de um conhecimento que para nós ainda não foi revelado, porém urge a sua manifestação. Diante da evolução e necessidades, as pessoas podem e devem tornar-se cada vez mais humanas e divinas. Será na transdisciplinaridade que encontraremos um caminho? Os profundos elementos transpessoais da natureza humana estarão no encontro que há entre a ciência e a filosofia, entre a arte e a espiritualidade ou ainda entre a mística e a poesia?

Quer tenha ou não passado pelo nível pré-pessoal (antes da formação do ego) e pessoal (evolução da personalidade), quer seja ou não um ser humano maduro, independentemente do estágio de desenvolvimento em que está, não importando a faixa etária em que este Ser se encontra (criança, jovem, adulto ou ancião), seja qual for a idade cronológica, o que realmente

faz a diferença é o nível do seu estado de consciência, que se dá através da pessoa (arquétipos e mitos como experiências de expansão da consciência) e para além dela, é no transpessoal que o humano revela a sua verdadeira natureza e sublime presença. Sendo assim, é possível uma criança demonstrar um nível de maturidade e sagesa mesmo antes de concluir os estádios pessoais do desenvolvimento humano? Mas de que forma poderá este Ser manifestar o transpessoal se ainda está a elaborar os seus aspectos pré-pessoais? Seria isto um salto que lhe retiraria uma base estrutural maior para a sua vida futura, por exemplo, quando chegasse à idade adulta? Provavelmente não, se o processo for bem integrado na experiência do seu mito pessoal e nos arquétipos da natureza humana. No que refletirá em outra etapa no seu processo de individuação, *Verselbstung*, ‘tornar-se si-mesmo’. Será importante uma manifestação iniciática para que esta pessoa se torne o que realmente ela é? Será preciso a presença do arquétipo de um ‘mentor’ para o evoluir do estado transpessoal? Para então manifestar em; *Selbstverwirklichung*, ‘o realizar-se do si-mesmo’. Vamos considerar a influência dos elementos em conformidade com as funções psíquicas descritas por C. G. Jung para a personificação de um arquétipo sublime que expresse a plena energia do quinto elemento. Qual qualidade poderá expressar? Eros, Amor, *Selbst*? Qual padrão de personalidade humana teria presente em si mesma a maturidade necessária para personificar um arquétipo da natureza de um conselheiro de profunda sagesa?

Neste caso poderemos encontrar no ‘mentor’ o arquétipo capaz de conduzir a pessoa a um encontro verdadeiro e profundo do Real. P. Weil descreve os níveis de expressão do Real como sendo “o Ser que se expressa na existência e na experiência através de diferentes formas de energia, indissociáveis do espaço e da inteligência”⁷.

Existe um estado de consciência onde o Ser possa realmente orientar o ‘aprendiz’ para o seu real caminho? Se a resposta a esta questão for afirmativa, quanto antes se iniciar este processo de despertar, mais facilmente o Ser estará pronto para extrair de si a consciência pura. Estará então na manifestação da ‘criança interior’ o epicentro vivo do fenómeno transpessoal? Este assunto será também explorado no próximo capítulo através dos textos de Fernando Pessoa em dois de seus heterónimos, e também nos seus textos com a temática do ocultismo que retratam a vida da pessoa humana e divina com a profundidade das naturezas arquetípica, mitológica e iniciática.

No último Capítulo III – Um Caminho Transpessoal que nos leva a Pessoa, retratamos Fernando Pessoa na sua transmissão de um verdadeiro arquétipo da criança divina: “Ele é a

⁷ P. Weil, (H) (1990, p. 42).

Eterna Criança, o deus que faltava. Ele é o humano que é natural. Ele é o divino que sorri e que brinca. (...) A Criança Nova que habita onde vivo / Dá-lhe uma mão a mim / E a outra a tudo que existe (...) A Criança Eterna acompanha-me sempre. / A direcção do meu olhar é o seu dedo apontado.”⁸

A ‘eterna criança’ é o significante da Real e infinita presença do Ser, a partir da qual claramente podemos evidenciar o panteísmo em diversas passagens, como esta, a título de exemplo: “O deus que faltava / Dá-lhe uma mão a mim / E a outra a tudo que existe”. A existência da totalidade é a natureza (reinos e elementos) guardada pela competência do “Grande Pã que tornou a nascer”, assim muito bem indaga Fernando Pessoa também pelo heterónimo de Ricardo Reis⁹. Estamos perante uma correlação referente à natureza com a presença do *hólos*, a totalidade como um sistema que, para P. Weil, é um “holocontinuum do aberto e a sua significação de Ser em sua onipresença holoespacial”¹⁰.

As correlações da investigação de P. Weil e L. Boff levam a Filosofia em Portugal a este terceiro capítulo, que atribui um melhor aprofundamento da natureza humana, dos reinos e elementos expressos nos escritos de Fernando Pessoa através dos seus dois heterónimos – nas poesias de Álvaro de Campos e de Alberto Caeiro, o primeiro com a representação da natureza em conformidade com a pessoa humana; o segundo com a presença do Paganismo em F. Pessoa. E também em alguns textos do espólio que caracterizam o ocultismo em Fernando Pessoa investigados na Biblioteca Nacional de Lisboa. Em Pessoa encontramos a ‘ecologia transpessoal’ que surge nas obras de L. Boff e P. Weil, ambos estudiosos e escritores de Filosofia e Psicologia na temática transpessoal, razão pela qual Pessoa será o terceiro autor incluído nesta dissertação, através de seus textos e da Arte da Poesia de F. Pessoa.

Trata-se de um processo de trans-diálogo do transpessoal que nos levará a realizar uma comunicação com L. Boff de acordo com os seus conceitos sobre a mística cristã e a sua relação com o *pan-nen-teísmo* e panteísmo. No encontro de F. Pessoa com P. Weil dissertaremos sobre a plena consciência da natureza espiritual diante da visão do real que se expressa na escrita do Poeta Português.

⁸ F. Pessoa, Alberto Caeiro, (2005, p. 187).

⁹ F. Pessoa, Ricardo Reis, (2006, p. 22).

¹⁰ *Ibid*, p. 27.

O presente capítulo trata da investigação comparativa sobre o tema transpessoal na obra destes dois autores contemporâneos, isto é, a hermenêutica entre P. Weil e L. Boff, com o intuito de analisar as correntes psicológicas e filosóficas em termos transpessoais e com isto destacar os aspectos semelhantes e distintos, bem como a proposta de um novo paradigma apresentado dentro das suas teorias que se sustentam nas bases epistemológicas aplicadas pelas directrizes do paradigma holístico. Diante da investigação realizada foi possível constatar que é com P. Weil que surge primeiramente o conceito transpessoal, embora L. Boff sempre tenha tratado desta categoria, sem, no entanto, muitas vezes a designar como sendo transpessoal.

Quanto ao psicólogo e educador P. Weil (1924-2008), apesar de possuir nacionalidade francesa, foi no Brasil que desenvolveu a maior parte das suas pesquisas, que fazem dele um dos principais teóricos do movimento transpessoal, uma corrente emergente da psicologia académica vigente. Assim também com o filósofo brasileiro L. Boff (1938), o mais conhecido teólogo da libertação. Como contemporâneos, referenciaram-se mutuamente, directa ou indirectamente, nas suas obras.

Sabemos que para a investigação de mestrado é aconselhado restringir a um número limitado os títulos de cada autor, mas importa considerar que na vasta obra destes dois autores, que juntos comporta mais de 120 títulos de livros publicados, é possível em quase todo o acervo encontrar um conhecimento transversal ao tema aqui estudado, portanto esta investigação de mestrado é um exaustivo debruçar sobre uma parte da obra destes escritores com o intuito de obter, não somente a compreensão limitada de títulos específicos, mas o aprofundar em extensão para extrair com clareza o tema proposto.

Averiguando as obras consultadas, a categoria transpessoal aparece primeiramente apresentada por P. Weil a partir de 1973 na sua tese de doutoramento, mas somente em 1982 a apresenta de facto como conceito num dos seus livros, intitulado “*Consciência Cósmica, Introdução à Psicologia Transpessoal*”. Já L. Boff, ainda que tenha descrito mais tarde o conceito propriamente dito, na evolução da sua obra até os dias de hoje, tem trabalhado sempre com a categoria transpessoal. Mesmo que por muitas vezes não o tenha designado com tal, surge de um modo geral quando desenvolve outras categorias junguianas.

Os diversos títulos de P. Weil e L. Boff referem-se aos conceitos e assuntos interdependentes. Ressaltaremos as contribuições das diversas áreas do conhecimento fulcrais na construção das suas obras, tais como Ioga, Teologia e Mística Cristã, Princípio Holográfico, Psicologia Transpessoal e Parapsicologia. Com isto, realiza-se também uma breve análise

sobre os conceitos referentes às funções psíquicas (f.p.) descritas por C. G. Jung (*das Denken, das Fühlen, das Empfinden e die Intuition*¹¹ – o pensar, a sensação ou perceber, o sentir e a intuição), que aparecem como conceitos adaptados às investigações de P. Weil, e/ou compreendido por este autor num outro contexto de aplicação do conhecimento, não propriamente do que foi compreendido da tipologia de Jung, mas sim uma aplicação neo-junguiana. As demais categorias da Psicologia Analítica descritas nesta dissertação serão investigadas em ambos autores ao longo do discurso da ecologia no seu processo transdisciplinar.

Estes, entre outros temas, estarão presentes dentro da actual conjuntura da crise ecológica planetária onde o humano, antes de ser vitimado, é o único causador desta barbárie, pois se a pessoa se encontra no estado infra-humano, como aquele que gera e mantém a desacralização do Ser, é imperativo o despertar do supra-humano, o transpessoal, através da integração dos valores mais reais e mais genuínos para se aceder a uma nova realidade na Terra, ao nascimento de “uma humanidade terna e fraterna” que irradie “paz e compaixão pela vida” e para toda a energia que dela se manifesta. É nesta direcção que os olhares dos senhores professores Pierre e Leonardo lançam o seu ícone.

Para podermos avançar nesta categoria, é importante considerarmos neste momento alguns pré-requisitos para a compreensão do conceito do transpessoal descrito por P. Weil, em relação ao qual podemos encontrar uma significação correspondente na obra de L. Boff e de C. G. Jung:

I. “Tudo o que está na pessoa e vai através e para além dela.” O ‘trans’ constitui-se principalmente através da relação com a pessoa humana, pois o desenvolvimento humano começa pelos processos pré-pessoais, ou seja, antes da formação do ego; ‘pessoais’ é aquilo que está vinculado ao desenvolvimento da personalidade, um estágio mais maduro destinado a ser um estágio avançado da evolução humana, o carácter transpessoal.

II. O conceito transpessoal apresentado na obra dos autores baseia-se no movimento transpessoal que aparece em diversas áreas de investigação do conhecimento, mais propriamente na Psicologia Transpessoal, considerada actualmente como a última força da Psicologia, depois da Psicanálise, do Comportamentalismo e da corrente existencial-humanista.

¹¹ JUNG, Carl Gustav, (1960, p.357).

III. O transpessoal refere-se a níveis ampliados ou a estádios superiores da consciência conhecidos como experiência mística, percepção extra-sensorial¹² ou consciência cósmica”¹³ e Psi¹⁴. Portanto, o transpessoal refere-se a tudo o que está fora da consciência de vigília, a tudo o que promova o despertar de realidades criativas e desenvolva o processo evolutivo da pessoa humana na integração da personalidade perante a actual crise de fragmentação ecológica e a falta de sentido em que caminha a humanidade. P. Weil descreve sobre a categoria transpessoal; os **níveis de experiências**: (físico, emocional, mental, energético, eu consciente Self), **níveis de realidade**: (pessoal, interpessoal, social, cósmico, transpessoal), e os **níveis de consciência e controle**: (sono profundo, sonho, devaneio, vigília, despertar, consciência cósmica)¹⁵. Neste título o autor levanta muitas possibilidades para chegar a ampliar o campo de consciência. Entretanto qual o nível de experiência, de realidade, e, de consciência será preciso para que os elementos da natureza possam se expressar na pessoa humana de maneira sábia e saudável?

As teorias dos autores no que à categoria do transpessoal diz respeito de comum acordo seguem uma mesma linha na abordagem dos temas, evidenciando assuntos transversais como, a título de exemplo, uma nova ética para os valores humanos que requer a mudança de paradigma com base num carácter interdisciplinar e transdisciplinar. Será possível constatar que a condição *sine qua non* para o resgate do feminino e do masculino, ambos saudáveis e integrados no mesmo ser, seja ele homem ou mulher, está no equilíbrio entre o *anima e o animus* da pessoa humana.

O estado modificado de consciência na aproximação de um estado de consciência cósmica será a resolução da profunda crise ecológica que a natureza humana está a atravessar actualmente? Para que se efective a evolução do Ser é preciso ir para além do estado em que o

¹² FADIMAN, James. FRAGER, Robert. (1979, p.174-175). «William James e a Psicologia da Consciência», O factor PSI é uma consciência que age como epicentro do fenómeno. Ganhou destaque na pesquisa paranormal com os seguintes fenómenos – ESP (telepatia, clarividência e pré-cognição); PK (psicocinese; influenciar objectos ou processos materiais sem qualquer contacto físico).

¹³ P. WEIL. [ACC] (1982, p.19). (“O termo ‘consciência cósmica’ foi escolhido pelo psiquiatra canadiano Richard Maurice Bucke (1901), para designar um estado de consciência que se situa acima da simples consciência comum do homem. Este conceito foi também profundamente estudado por William James”).

¹⁴ *Ibidem*, p.16-55. (O conceito (Psi) é considerado uma consciência ou energia que se manifesta e possui inteligência própria e age independentemente da vontade da pessoa, está ligado a diversos níveis do inconsciente).

¹⁵ *Ibidem*, p.73.

problema foi criado, ou seja, ir para além do nível pessoal da realidade humana. Será preciso transcender a dualidade, o diabólico, (aquilo que divide e desintegra) dado que, para construir uma educação que vise o cuidado e a paz, é necessário uma abertura para o simbólico, não se pode solucionar o problema no mesmo nível em que ele foi criado, portanto é no estado ampliado de consciência que o movimento simbólico se revela e é no trânsito inconsciente que se cria um poder de acção ao fazer a passagem para o consciente, que promove o transformar da realidade. É, pois, um fenómeno que verte o humano do pessoal para o transpessoal.

Leonardo Boff afirma que é preciso um equilíbrio entre as energias do simbólico e do diabólico, podemos encontrar neste autor a passagem do arquétipo da ‘galinha’ limitada na sua realidade para uma ‘águia’ a alcançar voando horizontes mais amplos. Podemos aproximar a noção de L. Boff, ao conceito de ‘mutantes’, de P. Weil, pessoas que vão em busca do despertar da sua consciência para uma visão mais aberta do real.

Sabemos que existem momentos em que a consciência humana atinge o nível sublime, o desafio maior não seria talvez o de permanecer nele? Certamente, mas como fazer com que o Ser continue no estado supra-humano e não retorne para o infra-humano? Certo é que a natureza humana tende a aproximar-se da mediocridade, é no conforto da massa média populacional que a pessoa humana se acomoda sem nada transcender, e assim o estado transpessoal fica exposto como um ideal inalcançável.

Ao enfatizar o estudo da categoria transpessoal interdependente dos processos transdisciplinares, transculturais e trans-religiosos, isto é, ao estabelecer os padrões existentes para um âmbito mais alargado, a visão holística¹⁶ ganha aqui espaço na reflexão de como colocar em prática modelos conceptuais que viabilizem a equidade social e os valores humanos.

A investigação dos tópicos que se seguem apresenta o desenvolvimento dos pressupostos sobre a categoria transpessoal nas obras destes autores, que revelam o processo de mudança do novo paradigma, trazendo, assim, um sentido espiritual à ecologia e à sexualidade humana, por se contemplarem princípios éticos fundamentais para a preservação de toda a natureza e dos elementos que a constituem.

¹⁶ P. WEIL, [H] (1990, p.12-13). Holística vem do grego *hólos*, que significa ‘todo’, ‘inteiro’. Holística é, portanto, um adjetivo que se refere ao conjunto, ao ‘todo’, na sua relação com as ‘partes’, à inteireza do mundo e dos seres. Em alguns dicionários de Filosofia, encontra-se o termo ‘holismo’, que designa uma força vital responsável pela formação de conjuntos – de *gestals*. Holístico: Entendimento global dos fenómenos.

2. A Categoria do Transpessoal em Pierre Weil e Leonardo Boff: Estados de Consciência na Integração da Natureza Humana

Iremos abordar de seguida alguns subcapítulos que envolvem a categoria transpessoal, conceito de destaque nesta dissertação, tendo como base as principais obras pertinentes para a temática dos autores aqui investigados.

2.1. A natureza do cuidado no Ser da Terra

Leonardo Boff ao dissertar sobre o cuidado descreve que cuidar é mais do que um acto, é uma atitude, o cuidado tem de estar presente em tudo. Para reforçar a sua defesa, o autor cita Martin Heidegger, segundo o qual o “cuidado significa um fenómeno ontológico-existencial básico. Um fenómeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana”¹⁷.

Encontramos em L. Boff a categoria transpessoal do cuidado sempre que ele se refere ao *ethos*¹⁸, que destaca como sendo algo importante para a sociabilização humana e principalmente para identificar a essência do ser humano, homem e mulher, para expressar um conjunto de valores e actos para uma nova sociedade que está a nascer. Ressalta a importância dos mitos como uma linguagem arquetípica profunda do inconsciente colectivo carregada de emoção e de um forte poder de criação, de heróis e heroínas, de deuses e deusas, que, segundo o autor, são presenças de inspirações mobilizadoras para os comportamentos humanos.¹⁹

Sendo assim, esta profunda atitude humana de saber cuidar genuinamente envolve o *ethos* em seu estado transpessoal?

É na proposta de um possível movimento ‘transpessoal social’ que L. Boff revela a seguinte temática: “É urgente um novo *ethos* de cuidado de sinergia, de religação, de benevolência de paz perene para com a Terra, para com a vida, para com a sociedade e para com o destino das pessoas, especialmente das grandes maiorias empobrecidas da Terra.”²⁰

¹⁷ L. BOFF, [SC] (2000, p. 34).

¹⁸ *Ibidem*, p. 195. (“*Ethos*: em grego significa a toca do animal ou a casa humana; conjuntos de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano no sentido de ser consciente, livre e responsável; o *éthos* constrói pessoal e socialmente o habitat humano”).

¹⁹ *Ibidem*, p. 38.

²⁰ *Ibidem*, p. 39.

Fica bem claro a vertente da teologia da libertação quando numa outra passagem encontramos: “É neste transfundo que se faz ouvir o clamor do povo oprimido, clamando por libertação.” Eis o arquétipo ‘Crístico’ apresentado pelo autor em vários dos seus títulos sempre que revela que o Cristo deverá nascer no coração de cada pessoa, libertar das mazelas o mundo; o grito dos excluídos remete para uma realidade salvífica e redentora de equidade para os povos, tratando-se de uma ecologia pessoal, social e ambiental, que também é muito bem descrita por P. Weil, o que veremos nos próximos dois subcapítulos.

Numa outra obra, L. Boff²¹ trata a hegemonia burguesa e a racionalidade científica como responsáveis pela manifestação de problemas de ordem psíquica e afectiva-emocional, como, por exemplo, “a solidão, o vazio, o medo, a ansiedade, a agressividade e a insatisfação generalizada”. Para o teólogo uma sociedade demonstra a “perda do sentido do *Selbst*, quer dizer, do valor e da sacralidade da pessoa humana”. Ocorre, deste modo, uma inversão de valores na barbárie da humanidade: “A vontade do lucro, de acúmulo de poder. Em função disto elaborou-se um novo *ethos*, vale dizer um novo estilo de vida com relações diferentes para com a natureza.” Buscam suprir com a quantidade de objetos e produtos no que não conseguem integrar em qualidade afectiva, assim sendo esta energia é invertida para a acção: “A ciência e a técnica surgem pela racionalidade sob a exigência do avanço da produção, do mercado e do consumo.”

P. Weil demonstra a estrutura da vida planetária em processo de autodestruição através da figura apresentada em anexo (cf. Anexo I), que podemos encontrar na sua obra *A mudança de sentido e o sentido da mudança*²². A descrição deste esquema passo a passo, enquanto modelo conceptual, sintetiza todo o processo que iremos tentar compreender através de uma relação sequencial. Primeiramente, temos ao centro o lemniscato, como o símbolo do infinito, que através da origem representa unidade simbólica que personaliza a dualidade do indivíduo. É o início do processo de fragmentação, de separação, do sofrimento da pessoa humana, tida aqui na categoria de indivíduo que destrói o equilíbrio do corpo, da mente e das emoções; a mente está desconectada e separada da natureza cósmica, o que gera emoções destrutivas, como o medo e o apego, sendo que estes se revertem em processos psicossomáticos de *stress* e sofrimento físico. Esta visão fragmentada e separada do todo, do uno, do simbólico, fez com que a pessoa criasse também uma cultura fragmentada em que o ego do indivíduo se vê separado da sociedade por não reconhecer um lugar realmente seu nela, o que o fará

²¹ L. Boff, [SFA] (1981, p.82).

²² P. Weil, [AMS] (2000, p. 176 -181).

estabelecer condutas de luta e fuga e maneiras de permanecer no poder a qualquer custo e, por consequência, origina a falta de ética e ausência de valores humanos. Deste modo, através do indivíduo e da sociedade desconectados a natureza foi sacrificada. Entre outros factores, a destruição dos ecossistemas e a agressão bélica têm tido um processo de crescimento imparável com consequências irreversíveis num ciclo vicioso, como se pode constatar na leitura desta figura. Figura esta que pode ser vista de uma outra perspectiva, pelo mesmo autor, colocando em destaque os problemas da natureza mais flagrantes (cf. Anexo II).

Contudo, se este é o modelo do erro, sabemos por onde não podemos ir, mas a interrogação continua – por onde vamos, então? Haverá um sistema menos letal para mantermos o planeta em condições co-habitáveis? Ao constatarmos que a natureza humana é a responsável por todo este desequilíbrio, teremos de remodelar a personalidade da pessoa, o seu modo de pensar, o seu sistema de valores? Como indaga Leonardo Boff, que ser humano é esse? Anjo Bom ou Satã da Terra?

Afirma L. Boff²³ que “os velhos mitos estão agonizantes e os novos não possuem ainda força para gerar um novo *ethos* cultural”, o autor, numa total demonstração de atenção às desigualdades sociais, descreve que “as classes subalternas não estão imunes às tais desigualdades, mas possuem outras razões de viver e de lutar, portadoras de soluções alternativas, capazes de informar uma nova sociedade”.

Do mesmo modo, P. Weil, na sua obra *Sementes para uma Nova Era*, fala da emergência de um paradigma que terá um marco com a descoberta de novos estados de consciência que retrata a categoria de “Mutantes” de, em conformidade com o conceito arquetípico da figura de São Francisco de Assis, capaz de exercer e de desenvolver os valores positivos. Para o teólogo, “a figura do homem de Assis é uma referência para uma nova e emergente hegemonia do *Eros* e do *Pathos* e assim estará mais presente a liberdade, a criatividade, a simpatia e a ternura”. Evidenciamos, deste modo, uma filosofia de acção ecológica: “Buscam modalidades de poder que não sejam nocivos à relação para com os outros e para com a natureza.”

L. Boff procura na mitologia helénica *Eros* como arquetipo do amor, descrevendo atributos platónicos relativos à pulsão e ao êxtase de união mística. Contudo, é nas correlações neo-junguianas que o filósofo aplica “o *Eros* humanizado: ternura e o cuidado”. Da unidade de *Eros* se chega à discussão da dualidade das categorias de *anima e animus*, conceitos estes que serão amplamente discutidos nesta dissertação.

²³ L. Boff. [SC] (2000, pp. 131-152).

Os autores aqui estudados tomam como base Platão sempre que se referem à ética e à profundidade da alma humana. Ao considerarmos este grande filósofo, que relaciona o *Eros* com a beleza da alma humana, temos acesso a um atributo mais refinado e subtil desta categoria, que se trata de um Amor de natureza etérica. Ao estar de acordo com o facto de a capacidade do ser de bem cuidar e bem viver requerer a presença da essência pura do amor, o *Eros* é aquele que preenche transversalmente a natureza humana no seu estado da categoria *anima ünd animus*, com a energia capaz de criar um novo *ethos*, podendo este ser um estado de consciência, um corpo ou a casa da morada humana, isto é, o planeta Terra.

Sendo assim, a qualidade de saber cuidar depende da presença do *Eros*, todavia, se a presença da pessoa humana no seu equilíbrio feminino e masculino não estiver receptiva à sintonia desta presença, de que modo o cuidado poderá estar presente? Não haverá cuidado efectivo, tão pouco duradouro na ausência de *Eros*, pois na ausência do Amor nada se sustenta. Será impossível criar um *ethos* verdadeiro com bases éticas sem a presença do espírito de *Eros*, a que podemos chamar ainda de quintessência, a essência que sustém os quatro elementos descritos em *Timeu*, de Platão.

Actualmente a sociedade é antropocêntrica com raízes sustentadas no falo e no logos, por isso, quando L. Boff apresenta no seu discurso a necessidade do nascimento de *Eros e Pathos*, refere-se que é preciso nascer no coração humano o *Eros* do Amor com sentimento e emoção de *Pathos*, pulsar com vida e ternura. Este teólogo e filósofo vai explorar também o conceito do Cristo Cósmico reflectindo as influências de Pierre Teilhard Chardin, pelo que trataremos desta perspectiva no segundo capítulo quando abordarmos a temática da sexualidade-espiritualidade.

2.2. Novos valores éticos: planeta e humanidade

P. Weil aponta para a falta de autenticidade na ética, pois, de modo geral, a ética moralista age como um carácter repressor e culpabilizador, Pierre vai até as bases da psicanálise com pressupostos de S. Freud para explicar o carácter repressivo e a acção rígida do superego que trazem condutas contraditórias através da obediência da lei.

Podemos pensar que obedecer apenas por obedecer, por uma simples imposição, seria então uma incoerência, vaga do ponto de vista filosófico e nula pela óptica da virtude. A ética moral avalizou a degradação da natureza em prol do capital e dos “bons costumes”, criando uma cultura da lei do consumo em que a culpa e a punição constituem um negócio rentável

para a manutenção do ciclo moralista desenfreado. Quando vai terminar esta lei? Até onde vão seus limites?

P. Weil responde-nos referindo que a norma, a lei e a ética moralista provocam a repressão, a neurose e o desajustamento, sendo assim, segundo este psicólogo-educador, é preciso desreprimir: “Chegou-se assim a uma geração que sabe o que não quer (as regras da Ética moralista), mas não o que quer, isto leva a uma descrença nos valores e a uma insatisfação generalizada.”²⁴ O psicólogo-educador levanta então a seguinte questão: “Existe uma outra ética ligada ao verdadeiro sentido da existência?”²⁵ Uma ética autêntica, genuína e natural que o autor apresenta como ética espontânea. Outra questão é preciso levantar: como não cair nos mesmos padrões do modelo moralista? Teria uma ética verdadeira e imune a sombra da intenção humana?

Luz! Esta é a palavra que melhor compreende a resposta que encontramos nesta tese de Pierre a respeito de uma ética que podemos chamar de vital para o tempo actual. Em outros títulos descreve esta qualidade de luz como Clara Luz²⁶, categoria esta que se vincula à tradição budista, pelo facto de se dar a passagem entre os bardos, que possibilita que a consciência alcance a sua plena ascensão ou reincida numa nova e possível passagem. O psicólogo estuda esta manifestação como um fenómeno da consciência, isto é, da mente humana no seu sentido mais abrangente, psique ou alma.

Sendo assim a consciência compreende a totalidade do Ser, em diversos níveis da realidade, como podemos confirmar nas palavras do autor: “Por meio do Sonho Lúcido, tive várias vezes uma experiência bastante inesperada (...) Em vez de voltar ao estado de vigília, eu vi uma luz bastante forte.” (...) “Essa Luz Clara é uma experiência própria do sono profundo, e que ficamos em contato com ela cada vez que estamos nesse estado de consciência.”²⁷ Podemos, assim, perceber a importante função que é dada à elaboração onírica enquanto processo integrador dos elementos da consciência humana. O autor dá suma importância ao ioga do sonho lúcido como um dos principais treinos eficazes para a consciência atingir um nível sublime.

²⁴ P. Weil, [ANE] (2002, p. 18).

²⁵ *Idem.*

²⁶ P. Weil, [LC] (1999, p. 132, 133).

²⁷ *Idem.*

“No estado de sonho, a gente aprende a transformar as emoções destrutivas e a deixar passar as imagens e pensamentos, em vez de se deixar dominar por eles. No estado de sono profundo sem sonho, aprende-se a se familiarizar com a clara luz e a mergulhar nela. Durante a meditação em estado de vigília faz-se o mesmo tipo de aprendizagem com as emoções, os pensamentos e, às vezes, quando surge a Clara Luz”²⁸.

Pierre conta um episódio com o seu mestre espiritual no seu retiro de três anos, que possibilitou diferenciar o nível de dualidade do estado transpessoal, a grande diferença de olhar e ver a plena paisagem da totalidade entre ser a própria luz na plena e total consciência:

“Tive uma última entrevista com Rimpoché. Conte-lhe que tinha tido vários contatos com a clara luz do bardo. Ele perguntou-me se eu tinha visto a luz fora de mim como observador. Eu disse que sim. Ele me explicou que isso ainda era uma experiência dual, em que havia sujeito e objeto. (...) Ele me recomendou para que, na próxima vez, eu mergulhasse na Clara Luz.”²⁹

Paulo Borges finaliza seu artigo, intitulado «Budismo e Identidade Pessoal», descrevendo sobre o “Dharma do Buda, as percepções dualísticas e emoções samsáricas, e ressalta que, no momento em que surgem tais experiências, é importante tomar plena atenção sem apego ou aversão de forma a que seja possível uma libertação e transformação através do não re-agir tomando consciência do fenómeno através da sabedoria não-dual”³⁰. Como o próprio professor descreve, após este episódio alquímico e natural de não re-agir, o Ser tem a possibilidade de alcançar uma vivência real e genuína de si mesmo:

“E, sem ser necessário retirar-se do mundo, toda a situação e experiência da vida quotidiana será uma oportunidade única para vermos quem realmente somos. Este espaço livre e absoluto onde nunca houve ideia do eu ou de não-eu. Mesmo que nele continuemos a fazer de conta: que não o vemos, que não o somos, que a liberdade e a luz não são o nosso bem mais íntimo e inalienável.”³¹

É possível estabelecer uma ética profunda na dualidade em que é composta a realidade do mundo? Diante da experiência descrita anteriormente por P. Weil, e segundo os pressupostos do budismo tibetano, podemos referir-nos a uma ‘ética de luz’. Na ausência desta luz, não há princípio ético, sendo assim a ética é a própria luz, não algo que é iluminado por ela, mas sim algo que faz parte da sua própria natureza reflectida por dentro, por fora e ao redor de si,

²⁸ *Idem*

²⁹ *Idem.*

³⁰ BORGES, Paulo. Budismo e Identidade Pessoal, in: Revista Internacional de Língua Portuguesa, v. 1, n. 3, Porto, Setembro, 2004, p.25.

³¹ *Idem*

como um verdadeiro campo de luz, isto é, de valores e atitudes que beneficiam o modo de tratamento entre as pessoas, para o seu bem comum, do indivíduo, da sociedade e do planeta, regido por uma ética clara e natural, simples e translúcida como a natureza da luz. Consideramos o conceito de Luz como um estado de consciência que será alcançado com amor e sabedoria.

Weil utiliza uma expressão sugestiva para descrever as suas experiências, “lágrimas da compaixão”. É através da sua iniciação ao budismo que o psicólogo e educador descreve as suas aprendizagens e podemos compreender por este autor que não há ética sem compaixão, sem simplicidade e sem paz, palavras que aproximam-se muito da teologia e mística cristã de L. Boff quando retrata a ternura como um sentimento de forte poder de transformação, inclusive de justiça social. Todavia, o objectivo desta dissertação de mestrado não é o de fazer um paralelismo entre o budismo e a prática cristã, nem mesmo uma pesquisa individual, por isso não os aprofundaremos nas suas categorias epistemológicas, mas será comum entrarmos na descrição de fenómenos inter e trans-religiosos para uma melhor compreensão do tema deste estudo que desenvolveremos nos temas dos próximos subcapítulos.

2.3. A paz: uma prática do pessoal, social e ambiental

Considerando que a paz na sua manifestação plena se refere a mudanças de estados de consciência, a categoria transpessoal será aqui entendida como uma cultura de educação para a paz.

Pierre Weil descreve que a paz é um estado de harmonia que se manifesta em três direcções: consigo mesmo ou paz individual; com os outros ou paz social; com a natureza ou paz ambiental.³² Desta forma determina os três pilares como método educativo para criar uma cultura de paz tendo como base a transdisciplinaridade³³, e é desta axiomática que, segundo o autor, nasce o novo paradigma, sobre o qual afirma que: “A existência de vários níveis de Realidade estão articulados com vários níveis de Consciência.”³⁴ Especificamente podemos

³² P. Weil, [PC] (2006, p. 28).

³³ P. Weil, [RNT] (1993, p. 30). A transdisciplinaridade representa as ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas.

³⁴ O autor adopta a seguinte fórmula para este princípio: VR=F (EC). A Vivência da Realidade (R) é a Função (F) do Estado (E) de Consciência (C).

confirmar que a consciência, enquanto a compreensão da totalidade da psique, manifesta-se em vários processos evolutivos da realidade humana:

“Além do nível físico que é vivenciado no estado de Consciência de Vigília, existem outros níveis de Realidade, mais especialmente o nível de realidade transpessoal, vivenciado no estado de Consciência Transpessoal, fora do tempo e do espaço e além da dualidade sujeito-objeto.”³⁵

Posto isto, levanta-se a hipótese de se romper os limites do presente, do passado e do futuro para assim se viver numa espécie de eterno ‘aqui-agora’. No estado em que não há mais um Eu e um Tu, mas a extensão de um Nós, é este terceiro factor que se mostra como a fusão do encontro e que promove em si a manifestação do aspecto Transpessoal (Pessoa-Sociedade-Natureza-Ambiente), sinónimo de singularidade e pluralidade, de unidade e multiplicidade. Entramos, então, no problema da individualidade da alma.

O Transpessoal em relação ao seu estado de consciência é uno, mas em termos de humanidade, de comunidade biótica – isto é, da natureza e do ambiente planetário nos seus mais distintos ecossistemas e manifestações de vida, seja ela representada por elementos deste ou de outros mundos, dos seus aspectos conscientes e inconscientes, sensoriais ou extra-sensoriais, planetário ou interplanetário, objectivo-material ou subjectivo cósmico-etérico, no caso da realidade dos símbolos, arquétipos e mitos – é também múltiplo, pois é nas diversas culturas, etnias e nos diferentes saberes que a diversidade cria o seu campo de actuação e a possibilidade de acesso ao transpessoal.

Mas o que vivenciar e trazer do outro lado do ‘véu’ que separa a realidade do mundo cognoscível do mundo real, noético e onírico; haverá do outro lado uma nova visão que possa trazer o reconhecimento do ser em plena paz com a sociedade e com o ambiente em que vive?

Sair do modelo egóico e entrar na prática altruísta para uma maior equidade humanitária nas três esferas – pessoal, social e ambiental – ou no equilíbrio destas três pessoas – Eu, Tu e Nós – é uma proposta à qual os autores dão grande relevância pela importância que dão ao colectivo, ao social e ao encontro entre as pessoas nas suas obras. Leonardo Boff fala do relacionamento humano da seguinte forma:

“No encontro do homem e da mulher faz-se a experiência de algo que é sempre anterior que não é a subjectividade de um eu e de um tu, mas que é algo transpessoal, vale dizer, o modo originário do ser humano que existe sempre como varão e mulher, como um pelo outro, com o outro, contra o outro, no outro e para o outro.”³⁶

³⁵ Op.cit., p. 32.

³⁶ L. Boff, [RMD] (1986, p.55).

O transpessoal no relacionamento depende do encontro que se dá na experiência vivida e na junção entre o feminino e o masculino, primeiro individualmente e depois em ambos. L. Boff afirma que “na bipolaridade masculino/feminino há também uma experiência religiosa, uma experiência espiritual ligada a sexualidade”³⁷. Destaca assim a inter-subjetividade humana: “Importa entender o masculino e feminino sem identificar masculino com homem e feminino com mulher.”³⁸ O autor refere-se aos conceitos de C. G. Jung *anima e animus*, que representam para a Psicologia Analítica o feminino e o masculino, como a representação inconsciente do sexo oposto.

Deste modo, para que o humano manifeste a sua presença mais saudável, é preciso que ‘cure’ o seu aspecto masculino e feminino ferido e realize a integração desta polaridade na sua personalidade, somente com esta integração será possível manifestar um estado transpessoal. Leonardo Boff³⁹ considera a influência dos factores como cultura e o ambiente, mas defende a liberdade como a condição necessária para que o ser humano se torne ele próprio, transcendendo a natureza, que está sempre em processo e evolução e onde o ser humano realiza as suas intervenções.

Para o filósofo, esta liberdade de intervir deve ser tratada com prudência. Assim, de acordo com o psicólogo e educador aqui em estudo, L. Boff assume que a grande lição ecológica do budismo e do caminho ascético cristão reside exactamente nisso: “Precisamos aprender a limitar colectivamente nossos desejos.” Ressalta ainda que isto constitui o desafio para toda a ecologia profunda das qualidades do coração humano. “Reconciliado consigo mesmo (ecologia mental), o ser humano pode, sem coerção, conviver com seus semelhantes (ecologia social), e também com todos os demais seres (ecologia ambiental).”⁴⁰

É desta forma que também P. Weil sintetiza esta triangulação da ecologia considerada por ambos os autores, representada na imagem (cf. Anexo III), que, ao contrário da roda da destruição tratada anteriormente, se propõe como a tentativa de um processo para reverter tal desagregação, que é em si uma possibilidade de transformação.

Como um ponto sumular do que até aqui foi apresentado, importa questionar se, para expressar realmente a sua liberdade, uma pessoa terá de estar em profunda paz com os três

³⁷ L. Boff, [MF] (2007, pp. 52-53).

³⁸ *Ibidem*, p. 60.

³⁹ L. Boff, [EME] (2000, p.74).

⁴⁰ *Ibidem*, p. 78.

processos descritos, realizando-se, deste modo, a sua dimensão transpessoal. Pode-se observar que temos no núcleo a essência da paz e na última extremidade a consciência, que revela a realidade pessoal, social e ambiental. A próxima figura simboliza a roda da paz como um resultado da transformação, a arte de viver em paz é um resultado do autoconhecimento e da paz interior (cf. Anexo IV).

Considerando que na actualidade ocorre um fenómeno de desintegração da realidade, a integração da paz pessoal, social e ambiental seria uma alternativa de elaboração de uma nova realidade, isto é, uma reeducação da consciência por ampliação da visão? Um estado de consciência transpessoal ajudaria na resolução da actual inversão de valores e desintegração da realidade? É este o tema que será abordado no próximo tópico.

2.4. A mudança de paradigma nas áreas do conhecimento

O conhecimento humano manifesta-se através das suas quatro principais áreas: a Ciência, a Filosofia, a Religião e a Arte. Haverá um modelo conceptual de ligação comum entre estes saberes? A chamada ‘ciência académica vigente’ ainda é mantida pelo antigo, porém actual, paradigma newtoniano-cartesiano, diante da crise que a humanidade está a atravessar, emerge uma visão holística. Assunto este abordado por P. Weil quando se refere ao tema da crise em todos os planos (individual, social e ambiental), que leva a uma profunda mudança de sentido.

O autor, no que ao **indivíduo** diz respeito, tendo como pilares a saúde, a educação e a religião, destaca a ética, a política, a comunicação, os media e a economia nas esferas da **sociedade** e da cultura; já no que ao **ambiente** diz respeito, evoca a ecologia e a mudança da relação do ser humano com a natureza.

A revolução de paradigmas em direcção a um modelo holístico mostra a normose como uma manifestação que obstrui o avanço para um movimento libertador, que possa trazer novos valores éticos para a humanidade. Segundo P. Weil, é através das universidades que a mudança terá seu início. Porém, de que forma a universidade actual, dentro das suas bases mecanicistas e regidas pelas leis da causalidade, poderá alargar a sua dimensão para pressupostos e modelos conceptuais até então ignorados pela ciência? A unificação do conhecimento “sem fronteiras estáveis entre as disciplinas⁴¹ fará com que um novo paradigma

⁴¹ P. Weil. [RNT] (1993, p. 30). “Jean Piaget descreve que após as relações interdisciplinares, podemos esperar o aparecimento de um estágio transdisciplinar, que não se contentaria em atingir as interações ou reciprocidades

se estabeleça? P. Weil defende a Transdisciplinaridade, em que a visão totalizada do conhecimento ultrapassa o inter e o multidisciplinar, ganhando, assim, uma metodologia de pesquisa que transversaliza o conhecimento, e critica a fragmentação das disciplinas ao propor um sistema mais vasto que abarca todos os aspectos da realidade. Desta forma estende também a sua crítica ao ensino e à educação por esta ser demasiado tendenciosa a uma prática exclusiva das funções intelectuais e sensoriais. Pierre propõe, então, uma visão holística na educação, voltada para a paz e para o desenvolvimento dos valores humanos. Vera Saldanha uma brilhante pesquisadora que certamente foi quem melhor compreendeu a obra de P. Weil, revela-nos a respeito da temática da ‘educação transpessoal’ esta problemática entre o intelecto e a emoção quando traz a seguinte afirmação de P. Weil:

“Nesse sentido, o autor levanta problemáticas importantes sobre a educação, os formadores e o professor de Psicologia Transpessoal, quando afirma que não basta, apenas este conhecimento, há a necessidade de que tenham sido sensibilizados, vivenciando tal conhecimento transpessoal. Enfatiza que seria um grande erro uma formação intelectual dissociada dos valores e actitudes ligadas à Psicologia Transpessoal”⁴²

A educação é o modo de conduzir a acção da consciência humana, tendo por expressão correspondente latina *educatio*, é um acto canalizado para todo o ser com a manifestação da sua energia – a educação que será desenvolvida para aplicação nas diferentes áreas do conhecimento. Segundo o modelo trazido por P. Weil, com a divisão do conhecimento, de um lado, áreas racionais, do outro, intuitivas, mais especificamente considerando as funções psíquicas (f.p.) numa perspectiva neo-junguiana, podemos pensar que a psique cria através da razão e da intuição a filosofia, e através da intuição e do sentimento a religião, com o sentimento e a sensação dá-se o nascimento da arte e com a razão e a sensação a ciência. É possível fazer esta analogia utilizando a bússola da psique de C. G. Jung, como descreveu P. Weil, vemos no esquema o modelo (cf. Anexo V).

As formas de fragmentação do conhecimento, segundo o autor, não geraram uma boa consciência nem uma visão da vida como um todo. “A fragmentação do conhecimento levou a uma crise sem precedente na história.”⁴³ Parece que uma das áreas do conhecimento se

entre as pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações num sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas”.

⁴² SALDANHA, Vera. (2008, 134).

⁴³ *Op.cit.*, p. 133.

sobrepôs em detrimento das outras: “A objetividade científica e tecnológica se transformou em indiferença em relação a critérios morais.”⁴⁴

Numa perspectiva neo-junguiana, P. Weil retrata esta fragmentação do conhecimento como se estivesse a associar a mente fragmentada, tal como estrutura a Psicologia Analítica. As funções psíquicas f.p. – pensar, intuir, sentir e perceber –, segundo esta linha de estudo, permitem constatar que cada pessoa tende a utilizar parcialmente a sua psique, somente duas das quatro funções, isto é, potencializa um dos pares em detrimento do outro. Portanto, a fragmentação da pessoa projecta-se no conhecimento, já que as diferentes áreas do saber foram criadas pela psique humana e não ao contrário. Podemos estabelecer um paralelo entre este quadro de P. Weil e a bússola da psique descrita por C. G. Jung, como sugere o exemplo acima referido.

O psicólogo-educador destaca o resgate do feminino na reintegração do masculino e do feminino para a transcendência da fantasia da separatividade e defende que a pessoa chegará a um estado de plenitude se colocar todos os pensamentos, sentimentos e acções ao serviço de valores superiores, como a humildade, a beleza, a verdade e o amor, virtudes estas já evidenciadas por Platão. L. Boff destaca estes mesmos valores e afirma que o masculino e o feminino, para que este se manifeste de forma saudável, depende de um despertar de processos simbólicos e de uma vivência profunda de natureza mítica. Sendo assim, qual símbolo e arquétipo a natureza humana poderá despertar na consciência para integrar esta dissociação? Qual mito será capaz de desenvolver valores mais saudáveis?

2.5. Normose e a crise da fragmentação

Na sociedade actual, o nível pessoal do ser humano criou uma inversão de valores. Vive-se num sistema fragmentado no qual a norma é a regra estabelecida pela realidade consensual imposta pela maioria, mantendo-se hábitos nocivos e repertórios comportamentais que levam à estagnação da personalidade, à destruição dos valores humanos e ao bloqueio do potencial de vida na evolução do ser, levando a pessoa ao desequilíbrio e á perda da sua própria existência.

P. Weil define normose como “o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar e de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte”⁴⁵. O mesmo autor resume a normose como “algo

⁴⁴ *Ibidem*, p. 134.

⁴⁵ P. Weil. [N] (2003, p. 22).

patogénico e letal, executando sem que os seus autores e actores tenham consciência de sua natureza patológica”⁴⁶.

As frustrações, sofrimentos, culpas e enganos têm origem na normose, nos costumes quotidianos, sendo possível perceber qual o seu reflexo nos hábitos sociais, desde o consumo do álcool, de cigarros à poluição do ambiente. Mesmo sabendo quais os seus efeitos, os consumidores mantêm uma atitude desenfreada. Veja-se, por exemplo, o próprio sistema de saúde, que utiliza medicamentos que causam efeitos hiatrogénicos, isto é, beneficiam um sistema debilitado, mas ao mesmo tempo prejudicam um outro órgão.

A influência dos media, que manipulam as mentes humanas para o mercantilismo desenfreado, no consumismo é de tal ordem que potencia o “supérfluo que se torna necessário” simplesmente para se ter cada vez mais. Tal ocorre geralmente na tentativa de suprir carências ou faltas internas, que obviamente jamais serão eliminadas desta forma. As normoses alimentares com base em conservantes, aromatizantes, estabilizantes e outros ‘antes’, que se revelam anti-humano, ou seja, contra e inimigos do ser, deteriorizam o organismo ao ponto de interferirem directamente na acção do comportamento e na estrutura da personalidade.

A respeito dos aspectos da normose na educação, dado que a fragmentação do processo de ensino-aprendizagem lhe é inerente, P. Weil destaca que o antigo, porém actual, paradigma newtoniano-cartesiano tem causado um grande progresso na sua vertente tecnológica e mecanicista, em detrimento da natureza do conhecimento subtil. O reducionismo levado por esta concepção masculina e materialista na repressão do feminino, a condenação da afectividade e a repressão do amor têm provocado vários tipos de normoses específicas, que são as políticas, as ideológicas, as bélicas e também as informáticas, que contêm uma normose perigosa – a informatose. A normose religiosa, cujo fundamentalismo cria consensos de massas, coloca povos contra povos.⁴⁷

Para L. Boff, “o não-cultivo do sagrado interior viola o sagrado exterior. A sistemática violência do sagrado das pessoas danifica o caminho para o sagrado da interioridade humana”⁴⁸. O autor desenvolve esta mesma crítica referente ao fundamentalismo político e religioso como sendo um dos piores fundamentalismos, pelo facto de influenciar a cultura e a sociedade criando mentes agressivas e apegadas a formas de viver desestruturadas.

⁴⁶ *Idem.*

⁴⁷ *Ibidem*, p. 23.

⁴⁸ L. Boff, [EME] (2000, p. 168).

Este autor descreve que “a cultura moderna tende a ocupar o ser humano através da formidável avalanche de mensagens e solicitações. Ou as urgências do quotidiano impõe-se de forma tão avassaladora que obstaculiza o mergulho no centro”⁴⁹.

A normose, para P. Weil, é tratada como um processo patológico agravando a saúde em termos gerais, já L. Boff apresenta o mesmo assunto de um ponto de vista social e antropológico. Assim, no próximo tópico, é possível ver, por um lado, a “crise de fragmentação” e, por outro, a “libertação social”, temas que serão desenvolvidos pelos autores paralelamente com o objectivo de nos mostrarem um referencial que nos encaminha para o ponto de encontro dos aspectos transpessoais do ser humano.

Ao considerar que os diversos tipos de normose têm contribuído para a crise de fragmentação, poder-se-ia dizer que a libertação social da opressão e da injustiça passa também pela cura ou pela transformação destes hábitos prejudiciais que em termos colectivos afectam directamente toda a comunidade planetária.

Ao curar os vícios colectivos teremos uma mentalidade comunitária mais saudável e justa? Até que ponto os hábitos saudáveis influenciarão no que à equidade e à paz integral diz respeito? Cabe aqui pensar na categoria transpessoal voltada para o social, indo além da pessoa egocentrada para conseguir abrir um novo caminho de valores éticos universais.

2.6. Da Separatividade à Totalidade na Natureza Planetária

Segundo P. Weil, a fantasia da separatividade gera um paradigma de fragmentação e reducionismo, porque a mente separa-se da sociedade e da natureza, esquece-se de que planeta, sociedade e indivíduo são indissociáveis, e, num outro nível, a consciência individual vê-se separada da consciência universal. O autor explica através de vários esquemas que a partir deste ponto começa o processo de destruição da ecologia pessoal, em que a fragmentação atinge a pessoa como ser, afectando a razão, a intuição, a sensação e o sentimento. Estes quatro conceitos, oriundos da Psicologia Analítica, são aqui readaptados por Pierre Weil de acordo com algumas influências, entre elas a Neurociência, que descreve que no antigo paradigma o cérebro é visto como órgão secretor da mente e a esta como epifenómeno; já para o novo paradigma o cérebro é visto como órgão planeado e executado pela mente com a função de emitir e receber energias mentais cósmicas. No hemisfério direito predominam a intuição, a criatividade, a sinergia, a síntese e a visão global; já o hemisfério esquerdo é o mais racional, analítico, conceptual e, por isso mesmo, dualista. Em

⁴⁹ *Ibidem*, pp.167-168.

síntese temos: “O antigo paradigma está, evidentemente, ligado a este hemisfério enquanto o novo paradigma leva em consideração os dois hemisférios, com apoio no corpo caloso, responsável pela sinergia entre eles.”⁵⁰

P. Weil explica que o Ser, por se achar separado de tudo, gera emoções destrutivas no plano da vida, mais particularmente no apego e na possessividade de coisas, pessoas e ideias que lhe dão prazer. No campo das emoções, isto expressa-se através da raiva, do ódio, da indiferença, do ciúme, do medo e do orgulho. Descreve ainda que é por causa destas emoções destrutivas que surge o *stress* que, por sua vez, destrói o equilíbrio do corpo. Mas a fragmentação que causa a separatividade não se limita somente ao indivíduo (corpo, mente e emoções), afecta logicamente a sociedade em relação à qual classifica os seguintes factores englobantes: cultura, vida social, habitat e economia. Observamos a figura (cf. Anexo VI) num esquema descrito pelo autor que exemplifica este processo – Fantasia da Separatividade.

Partindo deste modelo conceptual, constatamos novamente que é na dualidade da mente que, após se criar a fantasia da separatividade, isto é, uma realidade onde as afecções geram um circuito de sofrimento recorrente, existe uma forma de libertação que possibilite dar um salto quântico para uma nova realidade? Sem as ilusões da mente humana?

Esta fantasia da separatividade forma a neurose do paraíso perdido - NPP. O autor explica isto com base no mito do paraíso perdido com a árvore da vida e do conhecimento. A NPP, portanto, exprime uma ilusão de percepção, que em Filosofia se chama dualidade, que divide o real em sujeito e objecto⁵¹. Como, então, podemos transcender a dualidade para chegar a uma maior representação do simbólico na unidade do centro integrador humano? Considerando que é preciso um equilíbrio entre as forças para que o cosmos manifeste plenamente a vida, quais as acções práticas exequíveis que favoreceram a manifestação saudável do Ser?

L. Boff contribui com esta relação ao falar sobre o simbólico e o diabólico e afirma que o humano, que é simultaneamente *sapiens e demens*, é portador de inteligência, de amorização e de propósito. E ao mesmo tempo mostra demência, excesso, violência e impiedade⁵². Define o diabólico e o sim-bólico como: “Princípios estruturadores da natureza e do cosmos, dos comportamentos sociais e da própria natureza humana.”⁵³ Explica que o sentido da palavra simbólico é lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas, num processo complexo que

⁵⁰ P. Weil, [AMS] (2000, pp. 36-50).

⁵¹ *Ibidem*, p. 125.

⁵² L. Boff, [DA] (1998, pp. 13-19).

⁵³ *Ibidem*, p. 15.

significa re-unir as realidades; já o diabólico significa lançar coisas para o longe, de forma desagregada e sem direcção, é tudo o que desconcerta, tudo o que desune, separa e opõe.

L. Boff lança duas perguntas referentes à arte combinatória: existe algo que permita uma alquimia para construir o ser humano utilizando com sabedoria as energias do sim-bólico e diabólico? Onde está o mago capaz desta transformação?

Talvez a resposta esteja no transpessoal, sobre o qual claramente o autor revela que “precisamos construir pontes. Criar uma terceira margem. Ultrapassar oposições. Importa assumir o dia-bólico e o simbólico num nível superior e includente”⁵⁴.

O estado transpessoal promove a compreensão do simbólico ou o simbólico realiza a expansão da consciência para que esta atinja o nível transpessoal? Tudo indica que estas duas possibilidades ocorrem em simultâneo. P. Weil descreve o conceito de *pontifex* – são as pessoas que estabelecem “pontes de transformação” com o universo, resultando uma interacção que faz com que as mentes em processo de sincronicidade possam entrar em contacto umas com as outras, e é nesse encontro que se procede ao nascimento da geração de mutantes. Seres despertos? Consciência cósmica? Mitos de imaginação utópica ou infinita possibilidade real? Todas estas interrogações podem ser tratadas com profundidade nas obras destes autores, nas quais o transpessoal, antes de mais, é uma categoria da transdisciplinaridade.

Pierre Weil descreve a existência de um estado de consciência transpessoal em que desaparece toda a espécie de dualidade, afirmando ainda que este estado aparece em todas as culturas e civilizações da história e que o estado de vigília dominado pelos sentidos e pelo raciocínio lógico formal não é totalmente desperto. Note-se que as áreas do conhecimento foram criadas neste estado de vigília⁵⁵, todavia dado que é o estado transpessoal que a mente humana traz à consciência o significado real dos símbolos. Trará uma nova aplicação do conhecimento? Levará isto a uma mudança significativa de realidade? A dualidade de múltiplas realidades, ao firmarem-se na sua unidade integradora, estabelecerá como um só o estado transpessoal e a consciência cósmica?

A figura em anexo (cf. Anexo VII) ajudará a compreender melhor a presença da categoria transpessoal no humano. Temos na base da pirâmide as funções psíquicas associadas num plano a quatro grandes áreas do conhecimento, nos patamares até o ápice podemos observar os diferentes estados de consciência chegando-se a um estado transpessoal. Será este estado um nível de realidade suprema? Um espaço onde a realidade simbólica se tornará anímica e o mundo dos sonhos pode ter uma representação tão ou mais real do que a vida quotidiana? Talvez o grande

⁵⁴ *Ibidem*, pp. 19-20.

⁵⁵ P. Weil, [AMS] (2000 p. 126).

desafio seja extrair de possíveis estados transpessoais aquilo que há de melhor da experiência de vida humana e também da não-humana, transformadas em acções bem-ditas de um aproveitamento em função da ética e do respeito por toda a manifestação da natureza, já que este olhar transpessoal permitirá um re-conhecimento de várias direcções e aceitação de universos e esferas de aplicação de-vida que ainda são pouco ou quase nada demonstradas na humanidade. No próximo subcapítulo trataremos destes diferentes estados no seu envolvimento simbólico na espiritualidade-sexualidade humana.

3. Leonardo Boff e Pierre Weil. O Encontro de Dois Autores Neo-Junguianos

3.1. Arquétipos da natureza humana e funções da psique

Encontramos em L. Boff o desenvolvimento do conceito junguiano de arquétipo quando destaca as figuras arquetípicas intimamente ligadas à ecologia humana no que respeita à sua natureza simbólica e mitológica, que tem ainda uma profunda ligação com a espiritualidade. Considerando a categoria *Archetypus*, cuja transliteração para a língua grega é *Arkhétypou*, Jung, como primeiros modelos ou estruturas, apresenta ainda *Arché* = Princípio, que nos leva a fazer uma reflexão sobre a arqueologia do corpo-alma, arqueologia esta que desvenda o padrão primordial da natureza humana, a origem que a faz existir, vincular e plasmar na realidade cognoscível. Sabe-se através da Psicologia Analítica que estas formas e padrões arquetípicos da psique precisam de ser nutridos e cultivados com energia vital para que os mesmos possam ser integrados na consciência. Entretanto, pode-se afirmar que este processo depende de outra estrutura, a chamada “bússola da psique”, descritas por C. G. Jung constituída pelas quatro funções psíquicas f.p. estão sempre a actuar para que a consciência experiencie de maneira plena a manifestação “extrínseca” e “intrínseca” de seu Ser.

No seu discurso crítico, P. Weil aponta estas f.p. como representantes de um processo de subdivisões da psique, correspondente à sua fragmentação, que, segundo ele, é mais um exemplo da fantasia da separatividade, em que, em sentido oposto, teríamos a visão do Ser na sua totalidade, referindo-se ao *holos*, existência infinita. Mas como compreender a vasta complexidade da consciência humana nos seus diversos estados da alma, se não classificarmos e criarmos correspondências para os seus distintos entendimentos?

As f.p. remodelam-percepcionam e conduzem esses arquétipos repletos de muitíssima carga instintiva, emocional, que, juntamente com símbolos inconscientes, podem ganhar um forte poder de transformação na vida da pessoa humana. É nos bastidores, por detrás das cortinas do teatro da

vida, que o grande cenário cénico é criado para ser lançado para o outro lado, é nesta dança de duas realidades que nos aproximamos de uma concepção platónica, pois ‘o mundo das ideias’, e aquilo que está acima desta esfera, isto é, dos elementos transpessoais da consciência da natureza humana, cujo conteúdo é etérico, através da essência subtil, é a quintessência que modela os atributos que serão plasmados na realidade deste mundo cognoscível.

O que distingue, então, figuras arquetípicas “internas”, por exemplo, quando se trata da árvore, da flor ou de um sábio, das suas próprias presenças visíveis no mundo “exterior”? No inconsciente, no seu estado de ecologia interna, este arquétipo distingue-se pela sua capacidade de integração da personalidade com a natureza, pelo poder de transformação que exerce na natureza humana e, sobretudo, pela sua importância de unificação ao criar uma ponte entre estes dois mundos. “As coisas todas estão em nós como imagens, símbolos e valores. O sol, a água, o caminho, as plantas e os animais vivem em nós como figuras carregadas de emoção e como arquétipos.”⁵⁶

O padrão arquetípico que é preenchido por energia psíquica estabelece uma interação anímica com a natureza humana e, por esta razão, a pessoa poderá personificar em si mesma a experiência de qualquer elemento, reino ou estado da natureza e com isso ter uma manifestação no seu “interior” ainda maior do que o fenómeno natural propriamente dito na sua forma “exterior”.

Na tradição xamânica da Sibéria e da Americana do Norte, a figura totémica do animal para os antigos ritos de passagem tinha um poder de acção maior do que o próprio animal em si, dado que o xamã interage com estas duas realidades e estabelece um equilíbrio entre o simbólico e o diabólico.

Poderão as funções psíquicas ser condutoras dos elementos essenciais, dos símbolos e figuras do imaginário para uma melhor constituição arquetípica, mitológica e, por fim, chegar a colaborar na prática vivencial da história da pessoa humana?

L. Boff, ao referir-se especificamente a estas questões, destaca que “a ecologia da mente procura recuperar o núcleo valorativo-emocional do ser humano em face da natureza”. Podemos observar a importância que este autor dá à dimensão totalizadora da natureza. Contudo, ainda mais importante do que esta unidade integral é confirmar aqui o que de facto promove a integração da natureza humana quando se relaciona com a ecologia da mente:

⁵⁶ L. BOFF, [E.M.E] (2000, p. 37).

“Ela procura reforçar as energias psíquicas positivas do ser humano para poder enfrentar com sucesso o peso da existência e as contradições da nossa cultura dualista, machista e consumista. Ela favorece o desenvolvimento da dimensão mágica e xamânica de nossa psique. O xamã que habita em cada um de nós entra em sintonia não apenas com as forças da razão, mas com as forças do universo que se fazem presentes em nós mediante os nossos impulsos, visões, intuições, sonhos e pela criatividade.”⁵⁷

Este é o início para resolver a problematização levantada pela última questão *supra* colocada. Já percebemos claramente que as funções psíquicas estão ininterruptamente relacionadas com a dimensão arquetípica no inconsciente humano, mas importa notar que, actualmente, e do ponto de vista mundano e relacional, estas experiências por norma não ocorrem na vida das pessoas.

Talvez seja porque na modernidade não haja condições ‘iniciáticas’ que estabeleçam um canal de acesso entre estes dois mundos, da natureza humana à supra-humana, do nível pessoal ao transpessoal, parece que estes caminhos virtuosos foram perdidos, escondidos ou esquecidos na mente, percursos estes que no passado desencadeavam valores primordiais e eram representados e vividos profundamente de forma simbólica e real, absorvendo transversalmente a natureza da mente humana em contacto com o ambiente e a sociedade.

Mas como construir nas estradas do hoje um caminho cuja ética contemple *a priori* a natureza dos elementos, sem nenhuma pretensão humana? L. Boff provalmente responderia que está na ‘mística e na espiritualidade’⁵⁸ a possibilidade de cultivar um espaço interior onde o poder não tem domínio nem acção, razão ou intenção, assim seria na mais profunda capacidade de amar que o coração promoveria a expansão para um estado de consciência ampliada.

Encontramos em P. Weil este problema através de um movimento de evolução e de desenvolvimento humano que passa pela metamorfose. O autor retrata uma parábola do humano que está retido numa crisálida em transformação com a presença de um ciclo vicioso de apego, medo e culpa, mas, num determinado momento, ocorre uma ressonância, a eminência de um salto, que se dá através de uma crise existencial ‘espontânea ou induzida’ que faz com que a pessoa passe por um profundo autoconhecimento que irá favorecer a autotranscendência, rompendo o paradigma vigente e criando um novo espaço na sua vida e consciência; não se trata de entrar somente no campo da razão ou da emoção, mas sim da junção de ambas, de uma integração, para o que poderá refletir também no equilíbrio das funções psíquicas?

Será para este autor na união entre o hemisfério esquerdo e o hemisfério direito, e neste despertar do arquétipo da borboleta, que estará a possibilidade do nascimento dos mutantes,

⁵⁷ *Ibidem*, p. 39.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 40.

conceito introduzido por P. Weil e muito bem explicitado quando se refere às pessoas que estão despertas e prontas a enfrentar uma nova realidade vigente, isto é, um ser humano sensível, consciente, não separado da natureza, mas sim integralmente ligado a tudo o que existe no seu interior-exterior, do visível ao invisível no pleno *holocontinuum*.

3.2. A integração da Sexualidade-Espiritualidade

Neste tópico desenvolveremos uma perspectiva neo-junguiana com base nas teorias de Leonardo Boff e Pierre Weil, uma vez que estes autores interagem nas fronteiras que existem entre a Filosofia e a Psicologia e as ultrapassam para que possam estabelecer um diálogo transdisciplinar. Neste ponto serão explorados os títulos das obras destes dois autores em que há referência ao tema aqui abordado. Para isso, vamos utilizar alguns conceitos de C. G. Jung, tais como *Archetypus*, *Energie*, *Anima ünd Animus*, *Über Synchronizitat*, *Die Persona*, *Verselbstung*, e demais estruturas que remontem à inter-subjectividade da pessoa humana dentro dos assuntos aqui propostos.

É importante definir algumas características que diferenciam e complementam o caminho destes dois autores. L. Boff teve a experiência de estudos com intervenção em prática teológica de campo e Filosofia Social, o que lhe permitiu estar próximo dos excluídos da sociedade; já P. Weil voltou-se mais para uma elite cultural-espiritual, sendo atraído para fenómenos extraordinários da consciência da natureza humana. São caminhos que se complementam e que nos permitem tecer um percurso de integração da pessoa como superação do actual estado de ser, alcançando a transcendência dos bloqueios e encontrando o estado pleno com a vida.

Veremos nestes subcapítulos que a energia da consciência humana, na categoria do corpo-alma é reveladora no sentido de possibilitar um encontro fusional tão natural como a própria expressão do simples existir. Entretanto com qual finalidade? Para onde queremos ir? Qual conexão de energia e acção dedicamos para o caminho a ser trilhado? Existe uma melhor via para seguir? Espiritualidade ou Sexualidade? Haverá uma integração destas duas naturezas? Seriam elas diferentes olhares de um mesmo fenómeno?

Qual o contributo para a natureza humana? Para o ambiente? A sexualidade-espiritualidade poderá despertar um estado de natureza transpessoal que contribua para os aspectos sociais, culturais para o relacionamento humano, no verdadeiro encontro entre as pessoas, entre o homem e a mulher.

3.3. Despertar da Consciência: A Libertação pelo Êxtase

Primeiramente, iremos delinear o tema proposto neste capítulo – sexualidade-espiritualidade como sendo a base que sustém a natureza humana. Os conceitos de experiência do êxtase e da libertação, para os autores aqui estudados, ganham um sentido transversal nas suas obras, revelando a relação de sagrado com o vivenciar da ecologia nos seus aspectos pessoais, ambientais e sociais, como uma mística do simbólico na sua estrutura energética de criação através de uma origem inconsciente.

Consideramos que a experiência do êxtase liberta a pessoa humana das limitações mundanas, este fenómeno pode apresentar-se individualmente, isto é, sempre que a pessoa mergulha na própria experiência ou na célula do casal⁵⁹, ou ainda numa experiência colectiva, como por exemplo os ritos de passagem e rituais primordiais. Quando o homem e a mulher aprimoram as suas energias para um processo de evolução e de desenvolvimento humano, ou ainda numa comunidade de base para um planeamento de vida comum numa maior integração com o seu estado natural e em total respeito com o meio biótico. Sendo assim, como pode a sexualidade-espiritualidade ser a base da acção energética em movimento de transformação colectiva, ou seja, social e cultural?

Quando o ser humano atinge o seu estado pleno nas manifestações da elevação da energia primordial, promove episódios de natureza transpessoal amplamente discutidos na obra de P. Weil através de alguns conceitos, como o despertar da kundalini, estado de graça, experiência de luz, o contacto com o sagrado e a percepção extra-sensorial, que frequentemente está associado à categoria junguiana: o fenómeno da sincronicidade, *synchronizität*⁶⁰. Sobre estas experiências extraordinárias, cuja raridade e fugacidade se manifestam pontualmente na consciência de algumas pessoas, que, de certo modo, possuem um carácter de prontidão para o fenómeno, P. Weil destaca pesquisas que ressaltam a modificação de estados psicológicos e fisiológicos diante de experiências de êxtase místico (frequência cardíaca, ondas cerebrais, inteligência, atenção, memória, equilíbrio emocional e senso prático excepcionais).⁶¹

⁵⁹ Célula do casal é um conceito da psicologia sistémica que designa a energia e inter-relação no campo de consciência que manifesta em ambos, fluído do campo anímico cuja frequência os une.

⁶⁰ JUNG, C.G. Die Dynamik des Unbewussten, Rascher Verlag, Zürich und Stuttgart, MCMLXIX, 1967. Trata-se de uma simultaneidade e coincidência significativa, relacionadas com sentimentos de dé-jà-vu (sensação do já visto) e (ESP) (extra-sensory perception) (J. B. Rhine).

⁶¹ P. Weil. [AE] (1992, pp. 16-27).

Poderia de maneira indirecta esta mesma fonte de energia ser utilizada para uma manutenção mais saudável na integração do contexto ambiental e social-comunitário em que a pessoa vive?

Ambos os autores descrevem sucintamente nas suas obras o conceito do pensamento oriental em relação aos chacras, que podemos traduzir por centros de energia, canais da consciência ou ainda níveis da sexualidade humana, compreendendo o corpo físico e a manifestação de outros *corpus* de carácter mais subtil que caracterizam a conexão espiritual. Podemos afirmar, então, que, ao contrário do reducionismo biológico, numa perspectiva transpessoal, a energia sexual ou simplesmente *energie*, para C. G. Jung, seja ela manifestada por substância ou fluído, provém de uma mesma origem, cósmica e espiritual, e compreende todo o eixo vertical da estrutura energética subtil da vida humana. Sendo assim, a pessoa, ao canalizar esta energia e ao transcendê-la no estado de êxtase, alcançará a sua libertação? E se de facto assim for individualmente, como poderá este fenómeno estender-se horizontalmente ao colectivo?

Para L. Boff e P. Weil, é da profundidade do inconsciente (pessoal e colectivo) que emerge a fonte de energia vital. “O sagrado é essa união do profundo que confere totalidade e unidade à vida psíquica.”⁶² Todos esses fenómenos que se manifestam no corpo-alma da pessoa humana poderão ir além de mera auto-satisfação e compensação através da morte e renascimento do ego, poderão ir até uma transcendência da sua vida pessoal, na qual poderá exercer influência ambiental e social num ‘grupo de iguais’. Sendo assim, poderá o ser humano individual ou colectivamente estabelecer a esta energia uma catexia relacional de plena fluidez, isto é, sem interferência dogmática ou sem tabus e falsos pudores, mas sim com condutas naturais da espiritualidade-sexualidade que a pessoa irá integrar na sua vida como um todo completo e manifesto num novo padrão de realidade?

De que forma que o “Uno”, aqui entendido como fonte de criação cósmica-infinita, que em termos junguianos podemos chamar de *Spiritus Creator*, se torna Múltiplo a partir do momento que se manifesta em diversas realidades individuais do Ser humano? Um contexto planetário cuja experiência do processo êxtase-libertação colectiva, que promova igualdade de género e equidade social, conduziria a uma nova noção de multiplicidade para uma visão de maior Unidade? Estaria a espécie homo sapiens a experimentar a *Anima Mundi*?

⁶² L. BOFF, [E.M.E] (2000, p. 167).

Podemos pensar na teologia da libertação⁶³, referida por L. Boff, que avança uma proposta de espiritualidade vivida na prática de um movimento neo-socialista acrescentando nas relações sociais um profundo sentido de sagrado, diferente da visão do social de Marx. Apesar de L. Boff partir dos seus pressupostos, apresenta-os de uma maneira mais afectiva e humana, porque acrescenta a noção de espiritualidade na sociedade. Podemos interpretar este aspecto como o promover de uma espécie de prática basista, Filosofia e Psicologia Social comunitária aplicadas às sociedades locais para que possam criar condições para melhor subsistirem e estabelecer uma cultura alternativa com raízes profundas na natureza. Poderá estar aqui uma resposta que dignamente despertará para uma condição humana com maior justiça para com o planeta, em conexão com uma supra-consciência ecológica em que o sentido de sagrado não se limita somente a um utópico ‘céu invisível’, dado que este ideal se estende e é proporcionado no visível do aqui-agora, a categoria de Céu como uma condição de plenitude na Terra, como deixa bem claro L. Boff em suas obras, e, é preciso que possa manifestar em todos aqueles que clamam por esta libertação e prazer de experienciar a radiância da vida.

A categoria do *Numinoso* não se articula somente de modo atemporal num outro plano de realidade, pelo contrário, revela-se como abertura de um canal activo do mundo criativo onde a mística, que é a capacidade do inconsciente humano de trazer a luz da sabedoria, *luminositas*, se mostra de extrema relevância para transmutar os enganos da realidade dualista do antigo; porém, o actual paradigma cartesiano-newtoniano, através da lógica racional, que divide a espiritualidade da sexualidade deturpando o seu verdadeiro sentido.

Temos que reflectir sobre o facto que somente há espiritualidade-sexualidade se houver fecundidade, é no brotar da terra fértil que nasce a esperança de um nova realidade, podemos fazer a interpretação filosófica da espermatogénese, para isto fazemos alusão a esses autores quando utilizam em diferentes modos a expressão que retrata o ‘poder da força da semente’. Semente é *semen*, é através desta raiz latina que nos faz pensar sobre a origem humana, e esta energia que é responsável pela criação e co-criação do mundo, que ao ser dedicada e consagrada no jorrar em direcção à terra virgem, seja ela o solo que nos dá o fruto, o alimento

⁶³ Movimento criado na América Latina nos anos 60/70, mas é na década de 1980 que ganha uma maior expansão, elaborado por sacerdotes cristãos com o objectivo de combater as injustiças sociais para um renascimento de uma cultura de base que estava subordinada ao poder capitalista de consumo que beneficia uma minoria privilegiada em detrimento do sofrimento de uma grande parcela de excluídos vítimas desse sistema dominante. Cf. L. BOFF, Teologia à escuta do povo, Petrópolis, Vozes, 1984.

ou em direcção ao útero na representação do feminino da figura da deusa mãe, o arquétipo de *Mater* que promove o nascimento, o sonho da continuidade e de uma nova realidade.

A transformação acontece com o desejo, mas como podemos falar de êxtase e desejo à aqueles que somente experimentaram o sofrimento e as mazelas do mundo? Talvez haverá um caminho para os libertar da opressão de modo a que encontrem o êxtase? Sem o apego da lástima do sofrimento, todavia através da própria dor, se chegará ao êxtase de libertação? Temos aqui um problema filosófico que é preciso resolver: o sofrimento aprisiona e a dor liberta! O ser humano, “aquele que é feito de húmus”, está a sofrer na Terra, degradando o planeta e com isso destrói inexoravelmente a si mesmo através da ignorância e irresponsabilidade das suas acções; já a dor traz a libertação, isto é, já não temos o humano que sofre mas aquele que profundamente sente a Dor do organismo de *Gaia* – ter a profunda sensação do que o planeta está a sentir e a passar é uma experiência de êxtase e do despertar da consciência.

Através da teoria holística de P. Weil, podemos concluir que este facto não é possível se a pessoa não está suficientemente ‘terapeutizada’, isto é, se não passou por um processo de profundo auto-conhecimento, auto-desenvolvimento humano e auto-transcendência para depois despertar de uma consciência menos egocêntrica e mais voltada ao Planeta. Este conceito é utilizado pelo autor para substituir o termo natureza, muito vago e nulo em termos objectivos.

Consideramos, então, a natureza planetária, a qual precisa urgentemente de passar por uma regeneração, o que é de competência humana. Ora, se a pessoa é responsável pela problemática actual, ou seja, por um contexto que foi criado pela sua consciência, que compreende o corpo físico, o afectivo-emocional e o cósmico-espiritual, terá de reconduzir a base da sua energia espiritual-sexual.

O ponto fulcral desta problemática não é fazer um juízo de valor, até porque em essência a energia vital-cósmica não é boa nem má, mas sim descobrir que sentido ela toma passível de fazer disparar efeitos catastróficos ou salvar vidas! Trata-se de como, onde e para quê será utilizado este êxtase na canalização e emanação de energia cósmica. Reflectimos sobre a seguinte hipótese: libertar as pessoas do estado mundano, da prisão do sistema capitalista neo-liberal para as lançar ao desfrute de uma sublimação pseudo-espiritual. Mas o que aconteceria? Seria uma forma ingénua, porém não inocente, de tratar o problema da crise da natureza humana que corre também este risco, entre tantos outros.

Mas, como é lógico, quando falamos de Êxtase-Libertação segundo P. Weil e L. Boff, estamos, acima de tudo, a falar de uma ética, não de uma ética construída pelos olhos do ego

humano, mas uma verdadeira e profunda ética da natureza e para a natureza, primeiramente planetária e somente depois humanitária, pois não há como experienciar verdadeiramente a vida humana sem respeitar e saber cuidar de *Gaia*, a mãe Terra. É este o maior desafio da parcela divina que há na natureza humana, que está de acordo com o sentido do *Ethos*⁶⁴: o habitat humano em harmonia com todos os ecossistemas.

Continuando agora um caminho que os autores nos permitem encetar, o *homo sapiens*, representante da lógica do pensamento racional no seu modelo newtoniano-cartesiano, deixa a sua *Gestalt* em evidência para o renascimento de um '*homo-elementum-naturalis*'; seria este o fim de uma era do antropocentrismo e o nascimento do '*elementalcentrismo*'?

Já tratámos de uma breve interpretação da libertação descrita por L. Boff, que primeiramente esta ligada com a teologia, entretanto é na mística que ela se consuma com redenção humana, porque é o rito mais o mito que se revela em arquétipo vivo, e é este o ponto fulcral que precisa o autor explorar ainda mais. Em P. Weil este movimento depende de uma categoria de pessoas ou de um nível de consciência que chamamos de transpessoal e são os mutantes as pessoas despertadas para este verdadeiro movimento da nova era, que depois de passarem por uma *metamorphosis*, saem da "crisálida", metáfora utilizada pelo autor para designar uma inter-fase de morte-renascimento, em que os agentes são responsáveis pela transformação da realidade. Esta é a proposta do autor que sustenta um sentido de mudança significativa e positiva em termos de sensibilidade humanitária.

Na sequência deste processo, P. Weil refere o arquétipo da borboleta, que representa a manifestação da nova consciência no planeta. Diante disto, poderá a pessoa humana através da experiência do êxtase encontrar a sua auto-realização e autotranscendência? Poderemos utilizar aqui o conceito de mutantes, explorado por P. Weil quando se refere a uma geração de pessoas que está a vivenciar um mergulho das potencialidades humanas no despertar da procura por novas alternativas à crise da humanidade. Porém, as pessoas comuns não têm acesso imediato a esta libertação nem a um despertar da visão, por isso este autor vai investigar o depoimento em iogues, místicos, e também em pensadores e cientistas⁶⁵ que

⁶⁴ L. Boff [SC] (2000, p. 195). Traz o significado grego de Ethos ao explicitar que: "a casa humana e o conjunto de princípios que regem, transculturalmente o comportamento humano no sentido de ser consciente, livre e responsável".

⁶⁵ P. Weil. [AE] (1992, pp. 29-79). Síntese de alguns relatos de experiência do êxtase: "Parecia-me estar muito alto no espaço cósmico. Muito ao longe, abaixo de mim, eu via o globo terrestre banhado por uma maravilhosa luz azul". (Carl Gustav Jung). "Tive a experiência do absoluto ... o mundo das expiações e das razões não é o da existência ... esse momento foi extraordinário ... Mas, no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de

tiveram experiências transpessoais e pré-transpessoais. O psicólogo aqui estudado concorda com a teoria transpessoal, segundo o qual “a ciência é também uma técnica de descobertas, seria necessário aprender como estimular as intuições e visões de experiências culminantes e, em seguida, como tratá-las enquanto dados”⁶⁶.

Consideramos os dados como uma manifestação fenomenológica, que é comprovada por evidência e não por números e dados estatísticos, porque estamos a tratar de um processo qualitativo. P. Weil define o êxtase místico como uma experiência transpessoal: “Experiência directa do real, sem a mediação de nossas funções mentais propriamente ditas, isto é, para além do pensamento, da memória ou do intelecto.”⁶⁷ Encontramos ainda a passagem que confirma a ausência da lógica-racional, dando espaço para um estado de plena inteireza: “o despertar da sabedoria primordial em sua iluminação que é inseparável do amor, e constitui como sendo o objectivo essencial de toda tradição espiritual⁶⁸”.

É importante ressaltar que tanto em P. Weil como L. Boff quando se referem a espiritualidade no sentido religioso e ao conhecimento das tradições da humanidade não estão a tratar da religião em seu aspecto mundano que é praticado no senso comum. Ao contrário os autores nos remetem ao conhecimento profundo, iniciático e podemos dizer até esotérico, que

surgir ..” (Jean Paul Sartre). (através de seu personagem Roquentin após ter a experiência de ser um castanheiro). “Na praia, de súbito, apercebi-me intensamente do ambiente que me cercava: este se me afigurava como se participasse de uma gigantesca dança cósmica. (Fritjof Capra). “ (...) Trata-se de um sentimento que ele gostaria de designar como uma sensação de “eternidade”, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras - “oceânico”, (...). (Sigmund Freud ao comentar a carta de um amigo) “(...) Então eu estava de pé na montanha mais alta, e abaixo de mim, ao meu redor, encontrava-se o arco completo do mundo. E enquanto eu permanecia lá, de pé, vi mais do que sou capaz de dizer e compreendi mais do que vi; pois eu via de maneira sagrada as formas de todas as coisas no Espírito e a forma de todas as formas tais como elas devem viver juntas como um único ser. E eu vi que o arco sagrado de meu povo era um dos numerosos arcos que formavam um círculo, tão amplo quanto a luz do dia e a luz das estrelas, e em seu centro crescia uma poderosa árvore florida para abrigar todas as crianças de uma só mãe e de um só pai. E vi que isso era sagrado” (...). (Chefe Sioux). “A emoção mais bela que podemos experimentar é a mística. Ela é a propagadora de toda verdadeira arte e ciência. Aquele para quem essa emoção é estranha ... está, por assim dizer, como morto. O que é impenetrável para nós existe realmente, manifestando-se como a mais alta sabedoria e a mais radiante beleza, que nossas entorpecidas aptidões podem compreender somente em suas formas mais primitivas – este conhecimento, esta sensibilidade, está no centro da verdadeira religiosidade. Neste sentido, e unicamente nele, pertencemos à classe dos homens devotamente religiosos”. (Albert Einstein).

⁶⁶ *Ibidem*, p. 14.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 3.

⁶⁸ *Idem*.

tratamos aqui pela temática da sexualidade-espiritualidade. Entretanto até que ponto o estado expandido de consciência e experiência de luz nos traz uma nova visão para o modo de viver em sociedade?

Na obra do psicólogo, encontramos uma expressão que revela uma possibilidade: ‘a arte de viver em paz’, ou ainda; ‘a arte de viver consciente’. Esta ‘Paz’ ou estar ‘Consciente’ é um factor interdependente do Ser, de ele próprio, da natureza e do ambiente. Haverá uma cultura emergente que em estado de sincronicidade, *Synchronizität*, estabeleça uma sinergia, cujo movimento liberte as pessoas da prisão do sistema dominante? E com isso crie condições para o Ser seguir o seu processo de individuação? E realizar-se do si-mesmo, *Selbstverwirklichung*? Qual a natureza do ambiente que promoverá o estado de prontidão para os grupos de pessoas efectivarem de facto uma integração da ecologia humana colectiva?

L. Boff refere que ‘sem uma revolução da mente será impossível uma revolução na relação Pessoa/Natureza’⁶⁹. Vemos com isto que não podemos falar em Libertação na obra deste autor pensando unicamente na teologia da libertação, remontando para a altura em que este conceito foi criado, dado que provavelmente a primeira grande libertação actualmente seria da própria teologia, trazendo um novo olhar para a dimensão do divino que habita na pessoa e a característica mais pura da natureza humana que há no sagrado. Actualmente, a vasta obra deste autor levanta teses que apontam para a complexidade do ser humano, que resolvemos aqui tratar através do tema sexualidade-espiritualidade, correspondente à vitalidade que compreende o organismo deste Ser em múltiplos aspectos que poderemos explorar nos próximos tópicos.

3.4. A Mística: do Religioso ao Espiritual

Abordamos aqui o conceito de mística como uma experiência profunda do saber, de acordo com os autores estudados, podemos interpretá-lo como sendo a capacidade inconsciente de liberar a sagesa precisa para uma transformação na vida. Em L. Boff surge a seguinte citação: “A experiência do mistério não se dá apenas no êxtase. Mas também cotidianamente, na experiência de respeito diante do sagrado da realidade e da vida.”⁷⁰ Será possível ter uma experiência de mistério sem antes ter vivenciado o êxtase? Uma iniciação de êxtase místico precede a capacidade do despertar da visão para uma consciência cósmica? Será possível

⁶⁹ L. Boff, (E.M.E) (2000, p. 36).

⁷⁰ *Ibidem*, p. 148.

respeitar profundamente a Terra sem antes vivenciar a sua totalidade? Isto é, Ser o próprio Planeta?

P. Weil, na sua tese de doutoramento, intitulada '*Esfinge: Estrutura e Mistério do Homem*', revela o simbólico e o mítico correspondente a várias tradições da humanidade como uma categoria inconsciente que se manifesta na sociedade e na cultura. Este estudo é complementar a outros títulos que destacam a 'experiência de êxtase místico' para uma ampliação do campo da consciência e o chamado estado de consciência cósmica.

Em termos filosóficos, este fenómeno poderia abrir uma vasta discussão entre a problemática do Uno e do Múltiplo de acordo com a presença de uma mente individual e outra colectiva, mas, saindo dos termos duais e entrando na relação transversal destas experiências, sabe-se que a consciência como um todo completo possui níveis mais conscientes e outros mais inconscientes que podem despertar com poder de integração da pessoa humana, na sua personalidade e para além dela. Deste modo, temos a identidade pessoal que ultrapassa o que ela aparentemente é, para extrair o 'si mesmo' dos seus aspectos ontológicos – não se trata de uma existência meramente humana, mas sim de uma existência planetária e cósmica. Posto isto, o Ser não se restringe somente à sua personalidade, *die Persönlichkeit*, ele desidentifica-se do ego, da pessoa humana, e deixa de lado a sua *persona* para experimentar a possibilidade de Ser em totalidade, atribuindo, deste modo, uma relação de contacto com o inconsciente colectivo, o que consideramos ter o registro de toda a manifestação da história de vida do planeta, e o inconsciente pessoal para 'tornar-se si próprio' *Verselbstung*, que será abordado nesta investigação por relação com o processo de individuação investigado por C. G. Jung.

A mística tratada por L. Boff é o episódio cujo apelo desperta no inconsciente colectivo o entusiasmo (do grego *en-theós-mos*, significa 'possuir um deus interior') para uma prática que se revela na militância, neste caso o oprimido que procura a libertação encontra, primeiro, o reconhecimento em si mesmo (na sua natureza pessoal) e, depois, com os outros (natureza social), a possibilidade de transformação do sistema (natureza ambiental). O filósofo-teólogo afirma que:

"As pessoas querem experimentar Deus. Estão fatigadas de ouvir catequeses, de escutar autoridades religiosas falarem sobre Deus e dos teólogos atualizarem as doutrinas da tradição. (...). A volta do religioso e do místico pouco se faz pela mediação das religiões instituídas. Estas falam sobre Deus e suas maravilhas. Mas dificilmente permitem experimentar Deus e vivenciar sua irrupção na vida (...). Este fenómeno nos faz perguntar: qual é o lugar da religião? A partir de onde emerge a experiência religiosa e mística? Podemos logo responder: daquelas instancias exorcizadas pela racionalidade moderna: da fantasia, do imaginário, daquele fundo de desejo do qual irrompem todos os sonhos e utopias que povoam a mente, entusiasmam os corações e incendeiam o estopim que deslancha as transformações da história."⁷¹

⁷¹ *Ibidem*. p. 62.

Vemos aqui que além da ‘teologia da libertação’ L. Boff permite-se viver uma ‘libertação da teologia’ no criar de uma Visão para além da teologia, este autor descreve ainda que; “para ter e alimentar espiritualidade a pessoa não precisa professar um credo ou aderir a uma instituição religiosa. A espiritualidade não é monopólio de ninguém, mas se encontra em cada pessoa e em todas as fases da vida. Essa profundidade em nós representa a condição humana espiritual, aquilo que designamos espiritualidade.”⁷² A noção consciente que a pessoa tem de espiritualidade está relacionado com a ideia religiosa manifestada na sua tradição cultural, como transcender a tudo isto? Haverá uma expressão de espiritualidade pura sem influência religiosa? Como chegar no *Selbest* em seu estado puro, sem sugestões ideológicas e fundamentalistas? Todos estes factores estão presentes, mesmo que subliminares na cultura que a pessoa está inserida. Será possível o ser humano alcançar algo mais do que um diálogo ‘inter-religioso’ da compreensão e condição suportável de outra tradição que não seja a sua, indo mais além e trazer uma visão ‘trans-religiosa’, isto é, a espiritualidade inerente à origem do espírito – *Geist*, mesmo antes da concepção da pessoa humana?

O filósofo aqui estudado, ao citar Mircea Eliade, descreve que “os mitos se degradam e os simbolismos se secularizam, mas eles jamais desaparecem”. Diante deste pressuposto, é evidente que o inconsciente está sempre vivo e com poder de integração. Podemos perceber como é evidente que, quanto mais o teólogo se distancia da religião, mais comprometido está com a profunda espiritualidade, ou também com o aspecto panenteísta do ponto de vista etimológico. Deus está em tudo e, em relação ao ecológico, podemos afirmar que Deus está na Natureza, no Planeta e nos Elementos que a constituem.

Temos já uma resposta que aponta para o caminho dos autores aqui estudados, sexualidade-espiritualidade a serviço do que e de quem? É importante ressaltar que este fenómeno da vida deve ser aplicado a uma relação íntima, profunda e sagrada para com a natureza, seja ela humana, animal, vegetal, mineral, elemental ou ainda de energias desconhecidas.

L. Boff refere-se a Deus como uma Presença que sempre acompanha o Ser, de um Centro ao redor, do qual se organiza a vida interior e a partir do qual se elaboram os grandes sonhos e as significações últimas da vida. Este autor, ao descrever o mistério da capacidade que há no processo de regeneração da natureza, enfatiza que “um princípio de vida se dá na vontade de

⁷² *Idem*

sorrir gaiamente, de irradiar beleza e provocar êxtase”⁷³. Apresenta ainda no seu discurso teológico uma realidade bem-aventurada:

“O Deus que aqui emerge não é simplesmente o Deus das religiões, mas o Deus da caminhada pessoal, aquela instância de valor supremo, aquela dimensão sagrada em nós, inegociável e intransferível. Essas qualificações configuram aquilo que, existencialmente, chamamos de Deus.”⁷⁴

Fala-nos de uma profundidade de espírito, pois para o autor, o espírito é santo, e, é através de sua força e presença na acção da militância que é a caminhada em busca da realidade de uma Visão mística da totalidade de Deus. O Uno e o Múltiplo ganham aqui uma dimensão da mesma possibilidade diante da realidade em que se encontra na natureza do espírito que expressa na pessoa humana, é no inconsciente profundo, na sua natureza transpessoal que extrai estas infinitas energias e mostram-se através de sensações, ideias, afectos, linguagens, e imagens de inter-comunicação dentre mundos, com a pessoas e toda a Natureza que a ela possibilita o seu acesso:

“Por fim o ser humano possui profundidade. Tem a capacidade de captar o que está além das aparências, daquilo que se vê, se escuta, se pensa e se ama. Apreende o outro lado das coisas, sua profundidade. As coisas todas não são apenas coisas. Todas elas possuem uma terceira margem. São símbolos e metáforas de outra realidade que as ultrapassa e que elas recordam, trazem presente e a ela sempre remetem.”⁷⁵

Deste modo, afirma que o próprio ser humano tem a capacidade de auto-transformação da sua condição de vida: “A uma situação que ele cria com sua liberdade, mediante a qual ele se define a si mesmo e plasma o mundo. Somente nessa liberdade o ser humano se torna ele próprio.”⁷⁶

Encontramos, assim, alguns conceitos da Psicologia Analítica: primeiramente, temos o processo de individuação, que para C. G. Jung diz respeito ao ‘realizar-se de si mesmo’ *Selbstverwirklichung* e, conseqüentemente, ao ‘tornar-se si mesmo’ *Verselbstung*. Podemos dizer que é preciso libertar a *persona* excluída e eliminar o papel que não lhe cabe mais – “A *persona* não passa de uma máscara da psique colectiva daquilo que alguém parece ser”. É preciso tirar a máscara para encontrar no Ser aquilo que ele tem de mais real e genuíno, isto é,

⁷³ *Ibidem*, Cf. Capítulo I: «Ecologia: política, teologia e mística» (2000, pp.17-52).

⁷⁴ *Ibidem*, Cf. Capítulo VIII: «Alimentar nossa mística» (2000, pp. 141-157).

⁷⁵ *Ibidem*, Cf. Capítulo I: «5. Ecologia e teologia: pan-en-teísmo cristão » (2000, pp.45-52).

⁷⁶ *Ibidem*, p. 74.

libertá-lo. Mas libertá-lo do quê? De toda a mediocridade humana, que é o reflexo da patologia social do sistema dominante e que reproduz e mantém a miséria, seja ela a falta do alimento material ou a falta do espiritual, desde a marginalização até à depressão. Mas, então, qual o estado de consciência da pessoa que irá proporcionar o despertar de uma nova realidade? Que conduta será eficaz para esta revolução transformadora?

Para L. Boff, a pessoa no seu ‘processo de libertação’ e aqui de ‘individuação’ tem a ‘atitude de um místico comprometido com a sua libertação’. Tanto a mística como a espiritualidade arrancam do coração a razão sacramental e simbólica. Estamos diante da categoria do *corpus mysticum*⁷⁷, que é um elemento de ponte libertadora, que nada tem a ver com a religião, uma vez que esta, pelo contrário, se efectiva como tradição e sociedade política institucionalizada, que é conivente com o sistema gerador de sofrimento repressor da sexualidade humana (neurose religiosa e fundamentalismos político-religiosos).

Sendo assim, este movimento de expansão revela-se com um novo sentido “religioso”, ou melhor, para não haver problemas de falsos sinónimos, referir-nos-emos ao espiritual. Como destaca L. Boff, “aqui a religião não é ópio, é libertação da completa desumanização”⁷⁸. Recentemente, numa entrevista para a *Terra Viva*, o filósofo revelou que os ideais desta libertação são os mesmos dos do Fórum Social Mundial. Descreve ainda na sua obra que “tempos religiosos foram tempos revolucionários”, o que nos permite ver novamente que o “religioso” não está vinculado à ‘igreja’, mas à libertação espiritual por meio de um processo de procura existencial e de mergulho na sua natureza humana e divina. É o que P. Weil chama de Revolução Silenciosa, descrevendo na sua autobiografia a jornada da alma para a superação de si.

Podemos afirmar deste modo que o fim último da mística é o da transformação, neste caso, do quadro de total desumanização, da libertação da margem para que todos tenham direito ao centro e à sua unidade integradora. Como descreve L. Boff “o místico não é alguém desgarrado da história, mas comprometido com a sua transformação, a partir do seu cerne de sentido transcendente e da utopia que ele, como religioso, intui melhor e mais do que ninguém”⁷⁹. Diante deste processo, a pessoa humana sai da realidade dual, do *dia-bólico*, e

⁷⁷ Esta categoria é relativo ao *atman* supra-pessoal. Cf. JUNG, C.G, Aion, Beiträge Zur Symbolik des Selbst, Walter-Verlang, Olten und Freiburg im Breisgau, MCMLXIX, 1974.

⁷⁸ *Op. cit.*, p. 68.

⁷⁹ *Ibidem*, pp.141-157.

entra na realidade do *sim-bólico*⁸⁰, e mantém uma estabilidade entre estes estados, o transpessoal emerge na consciência para a mudança de realidade, de total integração com a unidade. “Haverá uma confraternização entre ser humano e natureza, uma comunhão duradoura entre o homem e a mulher, um encontro fusional entre Deus e humanidade.”⁸¹

3.5. Libertação e Êxtase: Um Fenómeno de Natureza Sexual e Espiritual?

Podemos afirmar que, para ambos os autores, o tema da sexualidade-espiritualidade tem duas faces de uma mesma realidade com sistemas transversais na expressão, que retrata a potencialidade humana, no seu sentido mais lato, um estado transpessoal, ou seja, uma experiência mística e o despertar da consciência com libertação, como já tratámos no tópico anterior. É preciso agora pensar – qual o conteúdo deste fenómeno? De que maneira proporcionará eficazmente uma relação melhor com o planeta? Existe um processo de evolução e desenvolvimento que estabeleça uma maior integração da sexualidade-espiritualidade?

Na Psicologia Analítica, há dois conceitos que se complementam: libido ou simplesmente energia. Trata-se de uma energia vital e cósmico-espiritual no mesmo sentido com que C. G. Jung a definiu: *energie*, ou energia psíquica, isto é, vontade-vitalidade psíquica e física, diferente do conceito de libido descrito por Freud que é restrito apenas à sexualidade. Para Jung, os centros de energia da consciência humana descritos nas teorias orientais eram pressupostos valiosos para as suas pesquisas.

L. Boff e P. Weil centram-se também no estudo do processo vital dos chacras, isto é, centros energéticos, e confirmam que a sexualidade-espiritualidade é um factor interdependente de um profundo estado da subjectividade e de relacionamento com os conteúdos psíquicos em relação com a presença do *Numinoso*, como uma esfera noética e criativa, tendo desta forma a capacidade de chegar à unidade na sua totalidade sagrada. Esta unidade dá origem ao simbólico, que, por sua vez, se torna real quando o grande sonho do imaginário encontra no coração o seu espaço, cujo radical da palavra ‘cor’ é o mesmo de coragem, isto é, a força para despertar a chama do êxtase.

⁸⁰ L. Boff retrata esses conceitos diante da condição humana, para o equilíbrio das energias na criação de novas realidades.

⁸¹ *Ibidem*, p. 63.

Sexualidade-espiritualidade ganha aqui um novo olhar: Deus não é mais aquela entidade que representa o controlo e o sofrimento; é, pelo contrário, um Deus de prazer e de alegria de viver o êxtase e a radiância da vida. Para P. Weil, há um conceito abrangente de Deus quando utiliza a metáfora do holograma com a visão de totalidade e sentido de absoluto⁸² – o *holos*, sendo o todo que abrange o seu contacto directo com a mente humana, permite uma vivência de iluminação, que o psicólogo defende em seu livro sobre a ‘holística: uma nova visão e abordagem do real’.

As manifestações do campo da sexualidade-espiritualidade podem ter muitos nomes: libertação, experiência mística, êxtase, consciência cósmica, plena luz, estado de graça e tantos outros sinónimos que podemos encontrar na extensa obra destes dois autores, que se interactivam durante as suas investigações no que diz respeito a fenómenos de base extraordinária com actuação através da natureza da pessoa humana. P. Weil vai englobar estes conceitos numa única categoria: “A experiência holística.”⁸³

Através da investigação filosófica pode-se definir os conceitos de êxtase e da libertação com a base sexual-espiritual e compreender efectivamente como isto se processa na pessoa humana, porém, se não vivermos isto e se não o constatarmos na prática das nossas vidas, não seremos capazes de obter a plena visão que o fenómeno manifesta. Podemos afirmar que esta integração da experiência transcende a cultura obliterada, a sociedade aprisionada e o ambiente explorado. Neste novo contexto, a natureza da pessoa humana ganha uma condição de viver e expressar livremente a sua sexualidade-espiritualidade. P. Weil faz a seguinte indagação: “Não será, portanto, o conhecimento da natureza do espírito o verdadeiro caminho que nos possibilitará conhecer a natureza da Natureza?”⁸⁴ L. Boff revela que:

“O conhecimento não poderá ser apenas científico mas também místico e simbólico. Participando destas várias formas de conhecimento e de realização de si mesmo, o ser humano integra-se no todo, harmoniza-se e transforma-se efectivamente no jardineiro e no sumo-sacerdote da criação.”⁸⁵

⁸² P. Weil. [H] (1990, p. 14).

⁸³ *Ibidem*, p. 21. “Este termo sintetiza num só vocábulo aquilo que diferentes culturas tradicionais exprimiram com diversas expressões: samádi, nirvana, satori, Reino do Pai ou dos Céus, *devekuth*, *fana*, e mais recentemente, ‘experiência’ ‘mística’, ‘êxtase’, ‘consciência cósmica’, ‘experiência transcendental’ ou ‘experiência transpessoal’.

⁸⁴ P. Weil. [AE] (1992, p. 10).

⁸⁵ L. Boff, (E.M.E) (2000, p.76)

Temos aqui o problema entre o Uno e o Múltiplo, o si-mesmo que na sua simbologia volta à fonte, o processo de individuação: o ideal utópico é atingido quando accionado o princípio criativo que só se cumpre através do contemplar da totalidade; a libertação é uma libertação de todos. O psicólogo vai ao encontro deste filósofo quando revela que a experiência transpessoal é uma caminhada individual que também promove um encontro colectivo criando pontes em *Synchronizitat*, sincronicidade esta que permanece em frequência com aqueles que estão no mesmo percurso, deste modo a transformação é participativa: “Uma vez tocado pelo transpessoal, não há mais retorno possível; é preciso seguir adiante e tomar essa experiência cada vez mais permanente, transformando a numa maneira de ser na própria vida cotidiana.”⁸⁶

Mas podemos aqui indagar novamente: sexualidade-espiritualidade a serviço do quê? Tem-se enfatizado até ao momento os aspectos pessoais, culturais e, principalmente, sociais, contudo é preciso perceber que, para além do social, há um olhar mais alargado sobre os aspectos da ecologia e da espiritualidade, o desejo, que C. G. Jung define por *Wunsch*. É importante reflectir sobre este desejo, que tem o sentido de uma força e vontade no seu estado mais profundo e refinado, tal como revela o filósofo-teólogo ao levantar uma manifestação de arte e vida: “O ser humano não tem só fome de pão que é saciável. Tem também fome de beleza que é insaciável.”⁸⁷ É através desta inspiração do poeta cubano Roberto Retamar que L. Boff lança, na década de 90, o projecto *Pão e Beleza*, revelando uma vez mais que ele não é somente um filósofo do pensar na escrita, mas também do pensar na práxis. P. Weil comunga deste mesmo processo ao afirmar: “Quando se é tocado pela graça dessa vivência, nada mais tem importância senão a Verdade, a Beleza e o Amor.”⁸⁸ No pensamento grego encontramos o Amor relacionado a Eros, que representa também o desejo pela Beleza imaterial, deste modo um movimento ‘transpessoal social’ poderia vir a colaborar para que o fenómeno de êxtase-libertação pudesse acontecer?

A execução deste e de outros projectos implica uma conotação da expressão de criatividade, teatro e poesia, que podem ganhar um sentido vivo nas ruas e marcar o quotidiano das pessoas promovendo-lhes a transformação social e cultural ao abrir a consciência para a visão de uma paisagem em direcção à criatividade, fonte de libertação espontânea, extraída das entranhas da natureza humana, que, deste modo, se humaniza e espiritualiza.

⁸⁶ *Op. cit.*, p. 9.

⁸⁷ *Op. cit.*, p. 76

⁸⁸ *Idem*, p. 9.

É nesta ponte da “realidade interior” para a “realidade exterior” que P. Weil destaca a importância real de um desafio a superar: “Ora, é justamente desse estado de Sabedoria primordial e de Amor que o homem contemporâneo mais necessita. Sua neurose fundamental, à qual denominamos de ‘neurose do paraíso perdido’, provém justamente dessa separação resultante de um véu – o véu de Ísis – que separa nosso estado de vigília do estado transpessoal”⁸⁹.

L. Boff, ao afirmar que “o Cristo nasce no coração do povo que clama por libertação”, de acordo com a Psicologia Analítica, refere-se a um arquétipo, o Cristo como estrutura mitológica, cuja linguagem dos símbolos caracteriza a vida de um Herói⁹⁰. O que parecia ser uma “missa” para poucos torna-se acessível dado que o mito se revela a todos e transforma a vida em si e para si.

A mística do mais profundo desejo de libertação é exteriorizada na vontade, cuja prática se efectiva na militância, que consiste na procura movida e impulsionada pela unidade, fazendo com que o Ser pulse mais e mais a vibrar o seu eixo, o seu centro, ultrapassando todas as partes, todos os chacras, encontrando no Múltiplo (realidades, universos, níveis e estados de consciência) as inúmeras possibilidades de escolha, o que permite ir para além delas. É na aprendizagem única, na auto-exploração destas consciências e da plena Consciência⁹¹ que ocorre a libertação com prazer e estado de graça! P. Weil revela isto com um carácter de missão e de evolução humana: “Encontramos o verdadeiro sentido de nossa existência, nossa verdadeira razão de ser neste planeta.”⁹²

Sexualidade-espiritualidade leva-nos a aprofundar a temática do feminino e do masculino. L. Boff afirma que: “Haverá uma confraternização entre o ser humano e a natureza, uma comunhão duradoura entre o homem e a mulher, um encontro fusional entre Deus e a humanidade.”⁹³ Do mesmo modo, P. Weil vai falar no ‘fim da guerra dos sexos’ para um respeito entre a aceitação do homem e da mulher, do masculino e do feminino no resgate saudável destes aspectos; é o que iremos também tratar no próximo tópico.

⁸⁹ *Ibidem*, p.10.

⁹⁰ JUNG. C. G. (1976, pp.40-41). Cf. (Die Funktion des Archetypus). E outras estruturas relacionadas com as aplicações das funções do arquétipo.

⁹¹ Que compreende toda a psique, inclusive os níveis de inconsciente.

⁹² *Op. cit.*, p. 9.

⁹³ L. Boff, [EME] (2000, p.63).

3.6. Níveis da Sexualidade ou Centros Energéticos na Consciência Humana?

O processo de ‘tornar-se transpessoal’, ou ‘tornar-se si-mesmo’ *Verselbstung* ou ‘o realizar-se do si-mesmo’ *Selbstverwirklichung*, passa pela ponte estabelecida nestas duas áreas que compreendem a mesma energia. Em Psicanálise, existe o conceito de libido – carga energética vital presente no organismo humano, fluido que é o combustível do pulsar da existência do ser, mais difundida na Psicologia do Corpo como *Orgone*, a energia orgástica-cósmica para W. Reich, ou simplesmente ‘energia’ *Energie* para C. G. Jung. Contudo, este conceito aproxima-se ainda mais da visão oriental, mais centrada no aspecto espiritual, recorrendo à designação de *Kundalini*, o fogo serpentino que ascende para o despertar de uma consciência plena.

Leonardo Boff, ao dissertar sobre este assunto, apresenta uma das faces da espiritualidade como: “Dimensão profunda do inconsciente, arquetípica, instintiva, onírica, consciente, emotiva, intelectual e volitiva.”⁹⁴ Destaca, assim, a mística na sua vertente do conhecimento oriental que enfatiza o *Kundalini*, como o despertar da energia cósmica, que ultrapassa diversos graus de consciência através dos centros energéticos, *chakras*. L. Boff, ao citar P. Weil, refere-se à sexualidade no humano representada transculturalmente pelos símbolos da serpente e do dragão.⁹⁵

O professor Pierre num dos seus estudos sobre *chakras* relacionados com níveis de consciência classifica os sete centros energéticos como canais vibratórios que comandam as funções orgânica e psíquica, tal como poderemos observar no (Anexo VIII)⁹⁶.

Ao explicar este estudo P. Weil descreve que os três primeiros centros energéticos estão ligados aos prazeres do ego (luta, sexo e prestígio), que podem levar a um ciclo vicioso de apego à possessividade, sofrimento físico e mental. Do quarto ao sétimo centro energético entra-se num campo de níveis mais subtis da consciência, porém com as mesmas condições de saúde ou de conflito, o equilíbrio ou desequilíbrio, segundo o autor, a consciência-vontade inicia um processo de transformação no qual inicialmente o homem dá lugar aos três primeiros centros de energia e inicia a primeira crise de existência, a crise provocada pelo ter. E assim a pessoa começa a ser atraída para um estado mais elevado e passa a preferir os

⁹⁴ P. Weil *apud* L. Boff, (2000, p.171).

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ P. Weil, [SNE] (1997, p.135).

prazeres ligados ao Ser em detrimento dos prazeres ligados ao ter. Porém, corre-se o risco de se cair no mesmo processo, por se querer “ter” cada vez mais experiências profundas da psique, como êxtase místico, superconsciência e também percepção extra-sensorial, como (clarividência, telepatia, precognição). Descreve o psicólogo Pierre a segunda crise de transformação: a crise transpessoal. É o momento em que a pessoa precisa de uma orientação teórica e prática, dado que a crise se vai ampliando, os apegos e rejeições vão diminuindo, a pessoa passa a perceber o universo cada vez mais uno, até que um dia tem a experiência cósmica e descobre que o que achava ser um eu na realidade pertence a uma força única. A pessoa passa a vivenciar o que sempre foi, é e será, percebendo que o apego e a rejeição vinham da ilusão de separatividade. E assim continuará a trabalhar consigo mesma, porque se trata de um processo infinito.⁹⁷

Esta breve síntese sobre o que P. Weil trata a respeito de um processo transpessoal, de um caminho de transformação humana, que, no seu outro título, apresenta como sendo os ‘mutantes’, pessoas ‘despertadas’ para a procura da experiência criativa e espontânea do viver. Encontramos em L. Boff o mesmo assunto, mas como o arquétipo do “despertar da águia”, que alcança durante o seu voo níveis superiores da consciência, o “ser” não se limita somente à sua dimensão do arquétipo da galinha o “ter”. P. Weil também ilustra este processo como já vimos através de uma metáfora semelhante ao trazer a figura da lagarta, que representa a velha pessoa, a crisálida, que simboliza o período de transição em que dois mundos que coexistem. Visto de fora é um período parado, mas visto de dentro é um período de mudanças criativas que promoverá a representação da metamorfose que se constituirá na borboleta. É, sem dúvida, um símbolo de criatividade, sexualidade e espiritualidade. É o ser no seu estado transpessoal?

Podemos, então, afirmar que, ao contrário do reducionismo biológico, numa perspectiva transpessoal, a energia sexual, seja ela manifestada por substância ou fluído, vem da fonte de uma mesma origem: cósmica e espiritual.

Em relação aos centros de energia, níveis de consciência ou ainda caracteres da sexualidade, é preciso explicitar que os centros vitais ou *chakras* compreendem todo o eixo vertical da estrutura energética sutil da vida humana, logo, ao considerar o seu sentido ascendente, de acordo com os conceitos orientais, encontramos o *muladhara* ou *chakra* – raiz relacionada com o carácter genital, a potencialidade dos órgãos sexuais, instinto de preservação e também morada da sagrada energia *kundalini*, o fogo serpentino que, ao ser

⁹⁷ P. Weil, [AMS] (2000, pp. 124-129).

libertado no despertar de uma experiência profunda, promove a luz de uma clara visão espiritual para a vida daquela pessoa que a alcançou.

O segundo nível, *svadhishtana* ou *chakra* esplénico entre a região da cintura e o umbigo, representa um carácter de segurança e estabilidade, responsável pela pulsão erótica e, se aperfeiçoado saudavelmente, promove um amplo desenvolvimento da personalidade. O terceiro nível, *manipura* ou *chakra* do plexo solar, localiza-se na região abdominal, está ligado à relação de poder de acção e contacto com a realidade exterior. A um nível acima existe o *anahata* ou o quarto *chakra*, cardíaco, responsável pela circulação sanguínea, o pulsar do coração em sintonia com a respiração. Quando o ser evolui desperta valores positivos, como compaixão, inteireza e amor por toda a expressão da natureza. Este *chakra* é a morada da inteligência emocional.

O quinto é o *chakra vishudha* ou nível laríngeo e representa o lógos, o verbo no seu sentido mais amplo de discernimento, que, no seu aspecto mais saudável, promove a inspiração para a arte e o desenvolvimento criativo. O sexto *chakra – ajna –*, no nível frontal, também conhecido como terceira visão por estar localizado na região entre as sobrancelhas, é responsável pela percepção, concentração, observação, consciência de si e senso-percepção. O sétimo *chakra – sahasrara –*, o nível coronário do alto da cabeça que faz desabrochar a lótus de mil pétalas, a luz da bem-aventurança, é o centro vital, que representa o despertar da consciência cósmica para níveis transpessoais em contacto com o aberto.

Encontramos estas categorias em L. Boff quando o autor faz referência à ioga, estabelecendo uma relação dos *chakras* em conformidade com a fisiologia e anatomia humana, apresentado no esquema (cf. Anexo IX).

A integração de todos os *chakras*, isto é, o alinhamento energético e harmónico depende de hábitos saudáveis e de um infundável cuidado do Ser. Este é o eixo dos sete níveis intercalados da sexualidade humana e outras funções da consciência que podem proporcionar um estado de total desenvolvimento da personalidade, uma evolução da pessoa tornando-se transpessoal? Um humano cósmico? Ser holístico? Poderíamos designar que não é tão importante a estrutura individual de cada consciência⁹⁸, dado que o organismo humano integra isto na sua totalidade, quanto o genuíno e profundo estado de autodescoberta, autoconhecimento para a autotranscendência e autoperfeição de toda natureza humana e cósmica. “Espiritualidade e sexualidade são nomes para um mesmo fenómeno. Trata-se de

⁹⁸ Cada *chakra* corresponde a um nível de consciência e estabelece a interacção com os demais, pode apresentar-se em diferentes estados de acordo com a frequência e a energia que está a manifestar em determinado período.

manifestações de uma mesma energia que perpassa o ser humano.”⁹⁹ Para L. Boff a sexualidade expressa-se em vários campos e níveis de consciência, além da energia cósmica, transcendência do amor e êxtase da totalidade, a ternura apresenta-se como um profundo estado de beleza e ética diante da vida.

L. Boff designa que é o Espírito Santo da tradição cristã que retrata a categoria que interpreta a vitalidade humana e cósmica, como sendo um princípio de vida e criatividade: “Espiritualidade consiste em sintonizar-se com o Espírito, que está em tudo e por tudo, em viver o entusiasmo (em grego, significa “possuir um deus interior”: *en-theós-mos*) que esta sintonia provoca e em deixar-se tomar por aquilo que passe por nós e que seja maior do que nós¹⁰⁰. Ainda num outro título, ressalta que “na sua profundidade todo espírito é santo”. Mas como tratamos deste ‘Uno’ da espiritualidade se temos a dualidade de gênero expressa na sexualidade? Será no equilíbrio dos pólos do feminino-masculino que encontramos a unidade integradora do Ser Humano. Deste modo, estaria a pessoa com a devida prontidão ao múltiplo integrada em si mesma, isto é, os sete níveis de consciência sexual em equilíbrio, um eixo único oposto à fragmentação, dos aspectos dissociados. Teremos todos os centros energéticos a actuar na sua função mais saudável, então haverá nisto uma natureza humana transpessoal? Seres despertos? Mutantes? Manifestação do arquétipo da águia? Ou mais além à consciência cósmica e integração do Selbst? Mas como se chegará a uma consciência sublime se a base da personalidade humana se ainda está tão limitada aos níveis pré-pessoais e pessoais? Atribulada aos *chakras*, centros energéticos inferiores.

Os senhores professores Pierre e Leonardo, nas suas investigações, falam do resgate do feminino, isto é, da reequilíbrio da polaridade masculino-feminino, e também do *Animus und Anima*, levantando assim uma questão muito maior e mais ampla na qual a polaridade dos sexos é apenas uma pequena parte. Trata-se da reintegração, da superação e até mesmo da transcendência de todas as dualidades e oposições, a começar pela fantasia da separatividade.

“A sexualidade pode se transformar em expressão de amor e de um projeto de vida vivido a dois e em liberdade. Aqui valem outros princípios ligados à cooperação consciente, ao cuidado, ao amor sobre os quais se estruturam relações novas, criativas e livres entre homens e mulheres.”¹⁰¹

⁹⁹ L. Boff, [EME] (2000, p.175).

¹⁰⁰ *Ibidem*, p.174.

¹⁰¹ L. Boff, [MF] (2007, p.53).

Para que o masculino e o feminino expresse a sua manifestação mais saudável, é preciso que estejam integrados em elementos simbólicos da sua personalidade. A espiritualidade e a sexualidade, estando em sintonia com os reinos da natureza pessoal, serão o despertar de uma natureza transpessoal?

3.7. Natureza Humana: Feminino e Masculino

Fazendo agora uma ponte com o tópico anterior – sexualidade-espiritualidade –, importa citar L. Boff, através da qual trata a presença sexual na natureza da pessoa humana como uma forte ligação de complementariedade entre o feminino e o masculino: “Sexo não é algo que o ser humano possui. Ele é sexuado em todas as suas dimensões corporais, mentais e espirituais.”¹⁰² Há aqui a possibilidade de pensar sobre o problema da relação homem e mulher num eixo condutor de relacionamento e aprendizado para a liberdade e criatividade que nesta investigação está indubitavelmente relacionada com o conceito junguiano *anima iind animus*¹⁰³.

Consideramos a tradução de *anima* e *animus* num sentido contrário ao de alguns teóricos, pois a primeira condição permite-nos melhor enquadrar o que os autores aqui investigados estão a relacionar com o aspecto feminino e masculino no equilíbrio em cada homem e em cada mulher. Por esta razão, encontramos na obra de L. Boff uma ampla explanação sobre o masculino e o feminino e o mito do simbólico da libertação só ganha o seu significado efectivo quando se integra a plena relação desta polaridade. Este autor, ao dissertar sobre expressões culturais e sobre a liberdade, afirma que: “é neste transfundo que se deve situar a temática da mediação, vínculos que aproximam e unem as pessoas”¹⁰⁴.

O ‘transfundo’ descrito pelo filósofo é representante das profundezas do inconsciente, onde mora a categoria de *Arkhétypou*, como primeiros modelos ou estruturas de símbolos que vertem do imenso universo da psique, como já falamos anteriormente.

O vínculo é estabelecido pelo afecto, que faz a ponte, *pontifex* deste transfundo de energia, de força instintiva, mostrando que o ser amado depende da liberdade e da espontaneidade: “Sem essa liberdade de quem dá e de quem recebe, não existe amor. É a liberdade e

¹⁰² *Ibidem*, p. 40.

¹⁰³ JUNG. C. G. *Zwei Schriften Über Analytische Psychologie*, Rascher Verlag, Zürich und Stuttgart, MCMLXIX. 1964, p.207.

¹⁰⁴ L. Boff, [RMD] (1986, p.188).

capacidade de amorização que constroem as formas de amor que humanizam o ser humano e lhe abrem perspectivas espirituais que ultrapassam em muito as demandas do instinto.”¹⁰⁵

Na actualidade, os movimentos feministas conquistaram um espaço por equipararem a mulher ao homem. Foi uma disputa de força e poder, o que fez com que houvesse maior equilíbrio e justiça para a igualdade de género, contudo este fenómeno desencadeou hábitos pouco saudáveis por causa da imitação de um modelo do masculino e feminino ferido tanto no homem quanto na mulher. Mas agora que ambos estão um diante do outro, qual a conduta que os levará a experienciar uma maior relação de inteireza? Uma intertroca da experiência do êxtase e da libertação poderá dar um fim à situação de controlo e submissão? Para L. Boff são as expressões de cooperação e sinergia que trazem uma melhor relação de convivência entre o homem e a mulher.

Contudo, na actualidade há ainda o império do poder desenfreado na predominância do homem a utilizar o seu lado *animus*, isto é, somente o masculino, o mesmo acontece por parte da mulher, quando tem alguma posição de liderança e poder está a utilizar o seu *animus*, sendo assim estará sempre presente o masculino, cuja raiz do patriocentrismo ainda sustenta o antropocentrismo pouco saudável, pois a competição e a luta pelo poder têm vindo a desgastar a relação entre os pares.

Assim, levanta-se a temática do género, dado que sempre foi um problema para a relação entre o homem e a mulher no que às suas diferenças e limitações diz respeito. Segundo L. Boff, para compreender com profundidade a sexualidade humana é preciso “ultrapassar uma visão antropocêntrica, sociocêntrica e sexocêntrica”¹⁰⁶.

Os autores aqui estudados defendem o quão é importante que o masculino-feminino esteja em relação com os hemisférios esquerdo e direito do cérebro e que o ser humano precisa de equilibrar estas duas funções, ou seja, o lado esquerdo como representante dos factores lógico-racional, de cálculo, aspectos quantitativamente masculinos, e o hemisfério direito aliado ao sentimento, ternura, aspectos afectivo-emocionais, qualitativamente femininos.

Possivelmente, foi esta a influência da Psiconeurofisiologia que fez com que P. Weil tivesse uma dupla interpretação das funções psíquicas descritas por C. G. Jung – *das Denken, das Fühlen, das Empfinden e die Intuition*¹⁰⁷, em tradução literal, o pensar, a sensação ou perceber, o sentir e a intuição, que aparecem na obra de P. Weil de diferentes modos.

¹⁰⁵ L. Boff, [MF] (2007, p. 42).

¹⁰⁶ L. Boff, [FM] (2002, p. 28).

¹⁰⁷ JUNG, C. G., *Psychologische Typen*, MCMLX, Zürich, 1960.

Num título mais recente¹⁰⁸ encontramos razão, sensação, sentimento e intuição; já num título anterior¹⁰⁹ aparecem como a sensação, a emoção, a razão e a intuição, sendo que na página seguinte deste mesmo título encontramos a terminologia *das Denken*, o pensar demonstrado numa figura da divisão da psique, como o pensamento, e observamos claramente que para P. Weil o pensamento e a razão equivalem à mesma terminologia, ou seja, *das Denken*, o pensar, representante do lado esquerdo do cérebro em conformidade com o masculino. Já a expressão *das Empfinden*, o sentimento, que para este autor equivale a uma relação emocional.

Esta abordagem neo-junguiana dos autores evidencia associações actuais de fronteira com as áreas do conhecimento, neste caso entre Psicologia, Neurociência, e Filosofia, que poderiam ganhar um diálogo transdisciplinar, contudo é preciso o cuidado para não ocorrer enganos de tradução ou interpretação. Sendo assim, podemos enquadrar todos os sinónimos que aparecem em P. Weil e em L. Boff referentes a estas categorias junguianas: *das Denken*, *das Fühlen*, *das Empfinden* e *die Intuition*¹¹⁰, tratando-se do conteúdo ontológico e da vivência da natureza humana para uma melhor compreensão do *Anima iind Animus*, o masculino-feminino, para alcançar o seu pleno desenvolvimento.

P. Weil destaca que o homem precisa de fazer um resgate do seu feminino para o equilíbrio emocional pessoal no que diz respeito ao relacionamento entre a família e a sociedade¹¹¹. Actualmente a mulher necessita também reintegrar o seu arquétipo que foi acoplado ao *Animus* de um modelo do falocentrismo desestruturado, que fez com que ela deixasse de lado a raiz fundamental do arquétipo da *Anima* de sua deusa ancestral. Sabe-se através da teoria junguiana que o reater destas ligações primordiais é fundamental para o processo de individuação e da fluidez para ‘tornar-se si-mesmo’ *Verselbstung*. Em seu título mais recente Pierre descreve sobre o equilíbrio das energias como: “forças de actuação para um casal andrógino”, destaca: “a glândula pineal como elemento central no equilíbrio dos hemisférios e o encontro da bipolaridade MF do casal”¹¹². Sendo assim a individuação poderá ocorrer com um processo de alquimia, *Alchemie* na complementaridade do casal? O dois, que se transforma em um? Do relacionamento dual para a evolução transpessoal que mantém a unidade integradora da consciência do casal, como pares de almas, ou em sincronicidade

¹⁰⁸ P. Weil. [AMS] (2000, p.175).

¹⁰⁹ P. Weil. [H] (1990, p. 38).

¹¹⁰ JUNG, C. G. (1960, p. 413).

¹¹¹ P. Weil, [AMS] (2000, p.243 a 248).

¹¹² P. Weil, [FGS] (2005 p.135).

Synchronizität para um encontro de almas, ou seja a integração das categorias de *Anima und Animus*? Ou ainda paralelamente cada um dando o seu contributo na inter-troca tão fluída e constante de ambos juntos, mas individualmente, cada um no seu caminho chegarão no estado transpessoal mais esperado, ‘o realizar-se do si-mesmo’ *Selbstverwirklichung*.

Descreve C. G Jung que o carácter mítico pertence à humanidade em geral¹¹³, pelo que observamos que o filósofo aqui estudado, apesar de desenvolver a sua base teológica no cristianismo, vai buscar à tradição oriental (budismo e conhecimento védico) algumas correlações para o caminho do coração, isto é, da libertação, que não pode estar relacionada com os desejos do ego, do ter nem do obter por mero desfrute dos sentidos, mas sim com uma ecologia profunda da natureza humana na polaridade da energia masculina-feminina. Assim, a categoria *wunsch* = desejo ganha um sentido de pulsão de vida para uma superação do Ser em direcção à existência bem-aventurada.

A sexualidade-espiritualidade na natureza do feminino-masculino em L. Boff e em P. Weil leva-nos a pensar em energia ou libido, que, além do instinto e princípio vital, estarão não somente sublimadas¹¹⁴, como já definiu S. Freud, mais do que *Besetzung* – que é o investimento ou catexia do destino da libido para algo, que não se trata aqui de uma relação de sujeito-objecto –, mas subjectivamente estruturadas para o processo de individuação, que está inexoravelmente ligado ao Amor e a Eros, vinculado à natureza do sublime que transverte a fronteira do conteúdo sublimado, que será manifestado pela arte e por aspectos cognitivos e da intelectualidade.

Propõem ainda os dois autores nas suas obras um salto ainda maior, no que chamam de experiência mística, êxtase, libertação e vivência directa do real. Estas categorias possuem variáveis que se inter cruzam e ganham funcionalidade prática para o despertar da consciência. Podemos pensar numa supra-sublimação, em que a energia do desejo criador ultrapassa novamente o prazer do ego, isto é, dos sentidos e do princípio de realidade chegando a um prazer integrado com a natureza, descrito pelo conceito de *Espiritus Creator*, o logos como conhecimento racional do masculino, e pela raiz ‘*cardio*’ ou *anahata chacra*, o centro energético do coração como expressão da inteligência emocional do feminino, que não é direccionado meramente ao desejo-prazer mas para o êxtase-libertação que traz ao propósito,

¹¹³ JUNG, C. G. (1978. p. 33).

¹¹⁴ FADIMAN, James. FRAGER, Robert. (1979, p.18). *Personality and Personal Growth*, “A Sublimação é o processo do qual a energia originalmente dirigida para propósitos sexuais ou agressivos é direccionada para novas finalidades, com frequência metas artísticas, intelectuais ou culturais”.

seja este a própria pessoa ou a sociedade, a integração organísmica como uma unidade totalizadora.

Estamos diante da construção de uma androginia psíquica, em que o equilíbrio das suas funções e dos aspectos do masculino e feminino revela uma nova problemática para a questão da sexualidade humana, que, além de biológica-anatomicamente, se mostra também cósmica-espiritualmente. Será que, após o ser humano resolver tirar todas as *personas* que obstruem o seu *Selbst* e se permitir olhar realmente sem falso pudor para o seu *Anima ünd Animus*, e ainda reconhecer as suas culpas e enganos que abarcam o seu aspecto masculino ferido, os medos e angústias do feminino recalçado, de modo a acolhê-lo com ternura e cuidado ao identificar tudo isto como sendo algo da sua natureza humana, conseguirá aceitar e respeitar este conteúdo manifesto?

Assim, ao desidentificar-se da dualidade criada pelo antropocentrismo sabendo que não precisa mais destas experiências para a sua vida, poderá então transmutar a energia sexual-espiritual dentro de uma experiência mística? A transformação levará este aprendizado para o seu processo de individuação, permitindo ‘tornar-se si-mesmo’ *Verselbstung*, o que sempre foi a unidade de si para si? *Selbst*? Ao desencadear este estado de autodesenvolvimento, chegar-se-á à integração do êxtase e libertação? Que episódio antecede o grande fenómeno do despertar? Êxtase ou Libertação?

É possível ver que não há um ponto inicial mas uma interfase de complemento. Há, então, a sexualidade-espiritualidade como processo e base condutora, e somente através dela será possível chegar ao êxtase-libertação em si mesmo, bem como à natureza da pessoa humana nos aspectos masculino e feminino em cada homem e mulher ser o que verdadeiramente é! Em estado de consciência transpessoal a completar o processo de individuação, dois processos são activados – ‘realizar-se do si mesmo’ *Selbstverwirklichung* e consequentemente ‘tornar-se si mesmo’ *Verselbstung*.

3.8. *Anima ünd Animus*: O equilíbrio para tornar-se Transpessoal

Como acabámos de ver no subcapítulo anterior, os autores aqui estudados trazem uma interpretação do aspecto masculino-feminino presente tanto no homem quanto na mulher e utilizam os conceitos *anima* e *animus* numa perspectiva neo-junguiana, com uma variação do que é considerado na Psicologia Analítica de C. G. Jung na sua origem como sendo duas estruturas inconscientes de manifestações opostas quanto ao género: “*Anima* como representante da parcela sexual feminina no homem e *animus* na mulher.”

Em L. Boff vamos encontrar a natureza anímica desta manifestação como uma bipolaridade humana que se aproxima da visão de P. Weil, quando este descreve os dois hemisférios cerebrais, esquerdo e direito, sendo que o primeiro se refere ao pensamento e à lógica racional, isto é, ao masculino, e o segundo ao sentimento, às emoções, ou seja, ao feminino.

Poderíamos, contudo, dizer que a integração desta polaridade traria um estado de ‘androgenia psíquica’ em que, em termos da personalidade humana, o homem e a mulher se complementariam, não pela diferença dos sexos, mas pela sua semelhança de unificação intrínseca? Haverá uma sincronicidade na natureza humana que levaria o mesmo Ser a apresentar um estado de equivalência da sexualidade, como, por exemplo, a ternura e a inteireza do aspecto feminino, sensível *Anima*, somadas à força e ao poder do masculino activo *Animus*?

Encontramos tanto em P. Weil como L. Boff os conceitos de *Animus* e *Anima* com uma perspectiva neo-junguiana, que destaca a “capacidade de captar símbolos, ser sensível a valores que são mais do que os factos e dados concretos, o que constitui a obra da *Anima* no homem e na mulher. Assim, como a obra do *Animus* no homem e na mulher é a de captar fatos, discernir estruturas perceber lógicas na realidade e elaborar estratégias de sua utilização racional e sustentável para a sociedade humana”.

Portanto, há no masculino valores com maior apetência para a acção e no feminino valores mais voltados para o carácter emocional. Ora, considerando que a *Anima* tem melhores atributos para gerir a subjectividade no seu estado de inteireza e o *Animus* tem maior prontidão para assuntos ditos de materiais, podemos afirmar que o aspecto masculino no homem/mulher está mais propenso a desenvolver a sexualidade e que o aspecto feminino em ambos está em melhores condições para despertar a espiritualidade. Estamos, pois, diante de uma dupla relação de factores: Feminino-Masculino/Sexualidade-Espiritualidade. O *Animus* exterioriza e a *Anima* interioriza.

L. Boff enfatiza o significado do símbolo como uma correspondência inconsciente que reage na realidade: “Da mesma forma com qualquer outra realidade, como a montanha ou o mar. Logicamente vemos a montanha e o mar como realidades consistentes. Mas elas são também símbolos.”¹¹⁵

Se a natureza humana demonstrar plenamente esta dimensão na sua vida prática, certamente algo de significativo acontecerá em termos de mudança da conduta psicossocial e

¹¹⁵ L. Boff, [MF] (2007, p.64).

do como se trata a questão da sexualidade, mas o que, de facto, mudará em termos relacionais, qual será o factor recorrente que se manifestará neste processo em termos de evolução e desenvolvimento humano? Incidirá num estado transpessoal? O Homem na sua dimensão masculina-feminina e a Mulher na sua dimensão feminina-masculina darão início a uma nova sociedade? Este equilíbrio da sexualidade trará uma nova maneira de tratar a natureza e de comportamento no ambiente?

Fazendo alusão ao subcapítulo anterior, o masculino poderia ser aqui representado pelo plexo solar que estaria apto, no seu estado de prontidão, a criar uma ponte de ligação, não com a sua elementar função de contacto, vínculo e acção com o meio externo, mas genuinamente para estabelecer um canal de abertura ‘ascensão’ com o plexo cardíaco responsável pelos sentimentos e emoções, *anahata chacra* ou f.p. *das Empfinden*, e a partir daí integrar as outras f.p. de demais centros de energia. Elevação da *Kundalini*? Equilíbrio da psique?

Em termos de função, é o processo de individuação que vai buscar a sua fonte de libertação, o seu alento nutridor, o *prana*, categoria sânscrita que designa o sopro vital, também o ar no acto de respirar ou simplesmente a incessante busca da experiência do Amor ou de Eros como integração dos elementos, (etérico ou quintessência) que neste caso é representado pela inteiração destes dois centros de energia ou níveis da sexualidade.

No seu processo contínuo, vai-se efectivar a total integração de todos os sete níveis da experiência da consciência humana. A pessoa humana com a sua identidade integrada depende de uma saudável estrutura inconsciente no equilíbrio entre o masculino e o feminino.

Podemos afirmar em termos junguianos que a finalidade do processo de individuação ou autodesenvolvimento é o encontro com o si-mesmo.¹¹⁶ A individuação permite uma integração dos diversos arquétipos do inconsciente que estruturam as fases do desenvolvimento humano (infância, adolescência e fase adulta). A maturidade do ser depende da transversalidade desta linha de evolução, pelo que podemos dizer que seria preciso viver a maturidade plena em cada uma das fases, ou seja, um arquétipo da criança saudável, do jovem e do adulto.

¹¹⁶ Segundo Carl G. JUNG, a categoria de Individuação significa tornar-se um ser único, homogéneo, na medida que por ‘individualidade’ entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo.

L. Boff faz referência a grandes mitos, como o feminino encarnado na mulher, que para o homem pode estar relacionado com mãe, amante, irmã e filha, bruxa, donzela, vidente...¹¹⁷ É de fundamental importância que o Ser humano mantenha uma boa relação e comunicação com esses elementos inconscientes para que atinja o seu processo de individuação e de integração com a natureza de todos os elementos. Quando o ego começa a percorrer a consciência como um todo, em contacto com aspectos conscientes e inconscientes, este já não é mais o centro pois abre espaço para o *Selbst*, que é a unidade integradora.

Em termos junguianos, a individuação é a libertação das limitações da identificação com o ego pessoal para a expansão de uma natureza inconsciente mais vasta, que atinge o desenvolvimento da totalidade, para ‘torna-se si mesmo’ *Verselbstung*.

Com isto aproximamo-nos de uma categoria transpessoal, na medida em que esta identidade pessoal alarga os limites da consciência para que a manifestação da profunda realidade inconsciente se mostre.

Para L. Boff, os princípios do feminino e do masculino presentes no homem e na mulher são “a natureza de uma realidade ontológica, a categoria que marca esta realidade é a relação, que vem marcada por conflitos, muita opressão, violência, lágrimas e sangue. Mas não somente, também por trocas, enternecimento, amor e fusão bem-aventurada”¹¹⁸.

3.9. O poder do simbólico: na mística e na prática da militância

A palavra mística relativa à espiritualidade, do grego *mystikós*, refere-se ao mistério cuja natureza oculta ainda não se revelou, e por mais que seja conhecida sempre terá algo a mais para se descobrir. “Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade, e que possui um carácter definitivamente indecifrável.”¹¹⁹

Contudo, L. Boff descreve ainda, a respeito do mistério, que “não é o limite da razão. Ao contrário. É o ilimitado da razão. Por mais que conheçamos uma realidade, jamais se esgota nossa capacidade de conhecê-la mais e melhor. E isso indefinidamente.”¹²⁰ Até chegarmos a Deus, ou seja a noção de divino, arquétipo de Selbest?

¹¹⁷ L. Boff. O Rosto Materno de Deus, p.67.

¹¹⁸ Leonardo Boff / Lúcia Ribeiro. Masculino / Feminino. Experiências Vividas. Ed. Record. SP / RJ, 2007, p.50.

¹¹⁹ L. Boff, [EME] (2000, p.144).

¹²⁰ *Ibidem*, p.145.

Consideramos o simbólico como esta profunda verdade “interior” que permite ao Ser expressar com forte poder de acção a mística do movimento que leva à transformação “exterior” no caminho que se manifestam os arquétipos, como, por exemplo, do peregrino e do guerreiro, entre outros, que poderão personificar na natureza a pessoa humana. Através do rumo seguido, este signo reage no ambiente ao implicar uma transformação e libertação!

L. Boff expressa claramente esta realidade quando descreve que “o mito conhece portanto duas fontes de origem, uma interior e outra exterior. O homem vem dotado de certas matrizes, arquétipos ou representações simbólicas; estas assimilam conteúdos vindos da realidade exterior e dão origem aos mitos e símbolos históricos e concretos.”¹²¹

Sabemos que estas duas realidades podem estar mais próximas ou mais distantes, mais fluidas ou mais densas. Cabe à pessoa desenvolver os seus atributos e habilidades para que esta ponte criativa e redentora se manifeste plenamente, não somente “dentro e fora” da sua natureza humana, mas também, e sobretudo, ao redor do campo da sua própria consciência e transversalmente em tudo por onde ela passa, perpassa e repassa. Quando actua em cenários que demarcam com propriedade revolucionária ou reaccionária, entramos na militância, como um movimento de transformação da realidade do mundo, isto é, da sociedade e do ambiente em que a pessoa humana vive.

É importante também frisar que esta mudança não se dá pela simples conduta relacional, condicionada ou de estratégica política-social. Se fosse por esta via, negar-se-ia a acção do corpo subtil e o sentido de sagrado que se manifesta do mais profundo do Ser e se expressa pelo seu acto. Assim, é de suma importância a presença deste *corpus* etérico que se caracteriza na *persona* cósmica, que é a personificação da energia primordial manifesta através dos elementos e respectivas *personas* que actuaem em cada reino da natureza. Poderemos discorrer mais detalhadamente sobre este assunto no segundo capítulo desta dissertação.

Segundo L. Boff, para alimentar a mística, “basta ser humano e sensível”. Este autor vai até às raízes do taoísmo para mostrar a experiência do mistério como uma vivência profunda da natureza da vida: “Onde não existe nem palavras nem silêncio, o Tao é apreendido.”¹²²

Deste modo, teria então a natureza humana a sageza necessária para o alcance do inefável? E se, de facto, basta ser humano, então, que genuína sensibilidade é esta capaz de experienciar algo que é tão raro na natureza da pessoa humana? Que estado de consciência

¹²¹ L. Boff, [RMD] (1986, p.222).

¹²² Op. cit., p.148.

pode extrair esta hipersensibilidade de carácter transpessoal? P. Weil deu total atenção aos símbolos oníricos e estados de transe que levariam a uma suposta experiência de consciência cósmica, isto é, de estado unitivo com vivência totalizadora, que o fez descobrir que em estados modificados de consciência, como o sono, sonho e estado meditativo, se promove uma auto-regulação de estados anímicos e, se esta for potencializada, a pessoa humana terá a capacidade de apresentar uma natureza mais viva e criativa para a sua existência.

Sendo assim, o simbólico, quando é manifestado, na prática tem uma função diferente daquela que apresenta quando está no nível inconsciente. Seja o arquétipo, elemento ou qualquer outro símbolo, quando inativo, no seu “interior” não gera efeito de causa, contudo, com a sua ressonância constante no “exterior”, concomitantemente é accionado e desperta o fenómeno místico. Quando uma criança fica encantada com a beleza da borboleta na flor, há um estado de brilho no olhar que entra em fusão ao contemplar a paisagem, é algo da natureza no aspecto de sublime; quando uma pessoa pratica ásanas de ioga (posturas físicas) que remetem para elementos da natureza vegetal e animal, ela atinge na sua prática mais avançada o estado daquele reino ou elemento da natureza, ocorrendo uma integração e um estado de respeito em relação a tudo na vida.

Afirmo estes exemplos não somente por mero estudo conceptual, mas por experiência pessoal de passar por este processo e também da prática com pacientes e alunos de ioga que instruo em grupos vivenciais. Podemos, então, constatar também que a mística não se revela somente num pensar na escrita, mas também na filosofia da práxis. É na prática que o pensamento se revela, o simbólico ganha significado e o mistério se torna real, porque só há sentido na existência se for vista e vivida com o olhar da mística, que envolve toda a beleza das verdades que estão por vir e se afirmam sempre com paz e justiça porque por detrás dela há o símbolo da grande verdade, mais pura e natural, como a poesia no seu sentido grego *poíesis*, que designa a acção para algo num estado comovido da alma, inspiração de se expressar com entusiasmo – na sua etimologia *enthousiasmos*, que quer dizer exaltação da inspiração divina.

Portanto, se a mística se revela na militância, ou seja, no movimento cuja acção, acto ou atitude, por mais subtil que seja, expressa um símbolo, um elemento, uma cor e um sentimento na consciência, uma vez que ao explorar a mística estamos adentrando no simbólico e, com isso, na unidade do todo?

L. Boff promove a reflexão sobre a expansão e a infinitude da alma humana: “De nossas linguagens e símbolos constitui a experiência do mistério conhecido, e sempre por conhecer.

Por isso o mistério está ligado a paixão, ao entusiasmo e às grandes emoções, numa palavra ao movimento mais profundo e maior da vida.”¹²³

Sabemos que uma das muitas respostas para a cosmologia é o amor, além da expressão da alma e do coração, há, como vimos, a categoria de Eros como um arquétipo supremo que banha transversalmente a natureza da pessoa humana, que está aberta com a sua sensibilidade e predisposta a recebê-lo. Trataremos no próximo capítulo da natureza do simbólico com relação ao factor supra lumínico através da categoria da quintessência no seu sentido da cosmologia grega e principalmente na alquimia da psique em suas respectivas funções psíquicas.

Capítulo II – A Continuidade do Caminho: A Natureza dos Elementos Transpessoais

4. Elementos Transpessoais: A Contribuição para a Ecologia Humana

Depois de ter realizado uma hermenêutica entre os dois autores, Leonardo Boff e Pierre Weil, sobre os quais foi feito um paralelo para esta investigação sobre a categoria transpessoal, a partir de agora será possível dar continuidade ao caminho percorrido na obra dos autores. Nesta dissertação de mestrado em Filosofia da Natureza e do Ambiente, pretendo demonstrar, mais especificamente neste capítulo, a contribuição de um conteúdo transdisciplinar para a relação dos quatro elementos da natureza – ar, fogo, água e terra – em conformidade com as f.p. – *das denken, das fühlen, das empfinden e die intuition* – descritas por Jung, vinculado a outros de seus conceitos, considerando, independentemente das diferentes interpretações e aplicações realizadas pelos autores aqui estudados, como tradução destas categorias o pensar, a sensação ou percepção, o sentir e a intuição.

Como já foi desenvolvido no primeiro capítulo, estas categorias estão de acordo com a condição plena de existência para a natureza humana nos seus aspectos físico-corporais, afectivo-emocionais, psíquico-mentais e cósmico-espirituais. O trabalho central desta fase apresenta a problemática da necessidade de sensibilizar e despertar a consciência da pessoa humana para um profundo respeito e um novo olhar para a natureza planetária. É, pois, imperativo desenvolver a expansão da consciência no reconhecimento da integração das suas f.p. e dos elementos que a constituem.

¹²³ *Ibidem*, p. 147.

Veremos agora esta relação com o grande filósofo Platão quanto ao fenómeno da origem da vida, vinculada aos quatro elementos. Consideramos a categoria da Pessoa Humana formada dentro de uma dimensão planetária pelos elementos da natureza em conformidade com os reinos e símbolos arquetípicos, com principal relevância para o conceito junguiano de *Selbst*, enquanto arquétipo representante do contacto com o sagrado e o princípio de criação.

Temos a pessoa como sendo um Ser constituinte do cenário do ambiente, o que possibilitará a plena visão de que, para se criar a Pessoa Humana, tal depende da presença e da união evolutiva de outras *personas* que apresento aqui num contributo como categorias vinculadas aos reinos da natureza, ou seja, a *persona* vegetal, a *persona* mineral e a *persona* animal por relação com as funções integradas na manifestação de um quinto elemento, o etérico, que se constitui na *persona* cósmica, constituída pela quintaessência.

Estes assuntos estarão articulados na temática de investigação de L. Boff e P. Weil no que diz respeito à existência de uma ecologia profunda na natureza humana.

4.1. Bioética dos Elementos: Um Novo Paradigma para a Natureza Humana?

O presente capítulo pretende discutir a problemática da ética na óptica transdisciplinar em conformidade com os conceitos de vida e da pessoa humana, considerando-se as quatro funções psíquicas (f.p.)¹²⁴ defendidas por Carl Gustav Jung – pensamento, sentimento, sensação e intuição –, em relação com os elementos e reinos da natureza. Pressupostos de Espinosa trazem uma reflexão sobre a substância como um tema que será aqui discutido por relação com a mente e com a inteligência, tendo em conta o pragmatismo de William James, autor também referenciado por L. Boff e P. Weil em muitos dos seus títulos. A Filosofia, a Psicologia e a Biologia por manterem um diálogo que as aproxima intercruzam-se para criar um discurso sobre os aspectos da bioética dos elementos na ecologia da natureza humana. Desta forma, haverá uma aproximação do Pensamento Budista à Mística Cristã e pré-cristã que vai ao encontro do Panteísmo, ou ainda, como descreve L. Boff a respeito do conceito Pancrístico, seguindo pressupostos teológicos do séc. XIX até à actualidade, expresso também numa antropologia dos primórdios que emerge desde tempos imemórias evoluindo através da consciência cósmica em contacto com a espiritualidade. Dentro desta abrangência trataremos da realidade poética, arquetípica e mitológica.

¹²⁴ Não serão consideradas para esta dissertação as tipologias ‘intrínseco e extrínseco’, mas sim as funções psíquicas tendo em conta um diálogo aberto para se chegar ao encontro da visão transpessoal.

“Sempre fui eternamente um ser adormecido / Pedra mineral em seu desmembrar / À consciência desperta / Suspira no vegetal a grandeza do animal / Sua essência natural espera em mim misericórdia impetuosa / Soluções para momentos urgentes / Ainda temos algo para defender / A terra em si seus filhos / Sincera batalha fundamental natureza existencial”. (Giancarlo de Aguiar. 2003. p. 50).

4.2. Vida: Origem Arquetípica?

A poesia *supra* descrita é sugestiva no sentido de trazer um propósito transversal para o princípio de criação dos reinos e elementos da natureza na Terra. Ao dissertar sobre a bioética tendo como suporte uma visão transdisciplinar¹²⁵, diante da problemática da actual conjuntura ecológica, é preciso que antes de mais esteja implícito um princípio de criação humana, a concepção do Ser; procurando a definição de um conceito de vida, podemos ter como base o seguinte postulado de P. Weil que convida-nos a reflectir sobre a noção de eterno na Vida: “A consciência cósmica se situa num nível existente antes do início da filogénese ou no fim da ontogénese, isto é, antes do nascimento, depois da morte.”¹²⁶

Se não podemos definir um início e um fim para a vida, então será improvável estabelecer um lugar no espaço, ou um tempo, para algo antes ou depois dela; contudo, é possível conceber os elementos que constituem a vida humana, desde os seus atributos cósmicos à interacção através da qual a energia destes organismos estabelecem a sua manifestação mais genuína para a vida em defesa de um padrão ético, com base no que poderemos ousar definir como ‘elementalcentrismo’.

Em *Timeu*, de Platão, percebemos a importância que este grande filósofo dá aos elementos da natureza para o princípio de criação:

“É esta a de que a vida só pode ter origem na vida, constituindo a sua aparição efeito de um acto de criação, voluntário e generoso, da parte do demiurgo”. (...) Quando o demiurgo encara a tarefa de povoar o cosmos com as diferentes espécies nele incluídas, primeiro, os outros deuses, nascidos do fogo, depois os seres do ar, da água e da terra.”¹²⁷

A bioética não está restringida somente aos aspectos de origem genética, mas, qual estrutura epistemológica, será necessária para encontrarmos respostas exequíveis para esta delicada questão que envolve os elementos que integram a consciência anímica da natureza

¹²⁵ P. WEIL, [RNT] (1993, p.30). Representa as ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas.

¹²⁶ P. WEIL. [ACC] (1982, p.48).

¹²⁷ Platão (2004, p. 30).

humana, vida e existência, que estariam ‘intrinsecamente’ ligadas à ‘essência’ psicoeletroquímica, uma energia que, em termos da psicologia junguiana, se pode comparar a uma unidade organizadora, a uma esfera nuclear do sistema psíquico, que Jung trata como *Zur Symbolik des Selbst* – O Simbolismo do Si Mesmo –, o espectro que há no homem é a luz da sabedoria da natureza, isto é, a presença e contacto com o numinoso¹²⁸.

É através da consciência crística que L. Boff interpreta a psique humana, descrita por C. G. Jung como “a conexão entre Cristo e cosmos [que] se revela no ser humano, como microcosmos”¹²⁹. É nos estudos do junguiano Gerald Zacharias que L. Boff encontra estas correlações que não possuem propriamente um carácter teológico, mas sim científico, pois a existência de Deus, isto é, o Cristo impessoal, é atribuída à Natureza da Psique ligada a toda a existência do Universo. “Com efeito Jung chega afirmar que a imagem de Deus no ser humano é o arquétipo do *Selbst*. O *Selbst* é o arquétipo central da psique humana, arquétipo da ordem, da totalidade.”¹³⁰

O valor da Natureza tendo como base o Absoluto, possui a vitalidade de uma Substância. Face a esta questão, a concepção da vida segue um processo subjectivo de criação, é um fenómeno do campo virtual da natureza, da linguagem, e é através do Verbo e do *Lógos* que a experiência no que à sua manifestação quântica diz respeito se constitui e materializa no corpo do ser humano. É do imaginário, da imagem no seu princípio de acção, que se cria a pessoa, um estado da mente “trans-natural”, que agrega experiências ancestrais, arquetípicas, não somente no nível pessoal e de toda a história da humanidade, mas também no nível do universo.

Encontramos em Leonardo Boff uma confirmação da presença desta categoria quando refere: “Deus se conhece a si mesmo na sua essência infinita, que é Amor. Esse conhecimento é necessariamente perfeito e substancial, isto é, é uma Pessoa, o Logos, o Verbo, que é imagem, Símbolo, Expressão.”¹³¹ Trataremos neste capítulo desta “Pessoa” como sendo uma categoria relativa ao atributo da *persona* cósmica, associada às demais *personas* que, como veremos a seguir, possuem a função de acolher os arquétipos e elementos da consciência que são transmitidos psicossomaticamente nos seus diferentes *corpus* – físico-corporal, afectivo-emocional e cósmico-espiritual – como inter-conexões constituintes de um corpo-alma.

¹²⁸ JUNG, Carl, G. (Zürich, 1960, p.32).

¹²⁹ L. Boff. [ECC]. (p. 123, 2008).

¹³⁰ *Ibidem*, p.124.

¹³¹ *Ibidem*, p.148.

Quanto ao conceito de “Amor”, equivale neste estudo à Quintessência ou a Eros, que ultrapassa transversalmente a Natureza da Pessoa Humana.

Sendo assim, existirá uma fronteira que divide o pessoal do impessoal e do transpessoal? Será através de uma subtil diferença, de uma linha ténue que se promove a fusão destas três categorias? O transpessoal é o factor de conexão, o elemento *pontifex* entre um e outro, pessoal e impessoal, duas faces de uma mesma realidade? William James, com a sua filosofia, introduz a tese do pragmatismo, fundamentando-se no valor da unidade tendo como base o absoluto, sendo a vitalidade de uma Substância. P. Weil refere-se a este teórico quando relata o fenómeno da experiência e consciência cósmica. Embora sejam aqui tratados também os conceitos duais na psicologia junguiana, encontraremos uma relação com Espinosa quanto ao seu carácter panteísta, Substância Infinita que compreende a Natureza. Segundo L. Boff: “Assim como existe uma ecologia exterior existe uma ecologia interior, as violências e agressões ao meio ambiente lançam raízes fundas em estruturas mentais na sua genealogia e ancestralidade dentro de nós.”¹³²

Sabemos que o “interior” e o “exterior” fazem parte da realidade de um mesmo fenómeno. O experienciar a Substância do Ser tem a capacidade de alcançar uma consciência do cosmos, há uma interconexão do seu saber e através deste cria-se a pessoa, ou seja, da sua personalidade universal são extraídas *personas*, máscaras, em estado de *anima*, de vida, pelo que aparece a *per sonare* – “o som que sai da persona” possui uma relação subjectiva e transpessoal e é através da pessoa e para “além dela” que se encontra a unidade dos elementos, o sopro de existência que se torna presente. O princípio de criação passa por esta subjectividade do arquétipo¹³³, isto é, figuras e imagens precisam de se plasmar numa representação objectivamente material e biológica para, tornando-se presentes, se manifestarem sinergeticamente.

Podemos reflectir sobre a *persona* do teatro grego, ou ainda sobre o conceito junguiano, que se refere a papéis, a funções e a outras formas que a pessoa tem para se apresentar ao mundo de uma maneira relativamente protegida. Isto, de facto, segue a linha de pensamento desta investigação quanto a psicologia e a filosofia, todavia quando pensamos em *persona* na perspectiva transpessoal, e é esta a chamada que faço para um contributo, é preciso ter em consideração a categoria de Vida e Pessoa Humana no seu sentido mais vasto, inclusivamente

¹³² L. Boff. [EME] (2000, p.37).

¹³³ Consideramos o arquétipo aqui como a manifestação emanada dos diversos níveis do inconsciente ligado aos reinos e elementos da natureza.

ligado à natureza dos elementos, como podemos representar através da Figura X, em anexo: Elementos e *Personas*.

Considerando o esquema apresentado em anexo será a Pessoa Humana constituída de quatro principais *personas*? Haverá um arquétipo central para o elemento Éter? O que C. G. Jung chama de *Selbst*? Ou neste caso uma quinta *persona*? Quintessência? *Persona* cósmica? Se assim for, no sentido plural, a junção de todas as *personas* constitui a Pessoa Humana no estado Trans-Pessoal, por um lado; no estado neutro e singular, por outro, teríamos a categoria da *persona*, que estaria como representante do estado de consciência Pessoal. Ora, mas então onde está a linha que divide um estado do outro, o pessoal do transpessoal? Será a consciência do processo de união das *personas* o caminho pleno da Pessoa Humana para atingir a individuação num estado pleno de *synchronizitat* – sincronicidade com os elementos arquetípicos da natureza –, e para se tornar Transpessoal? Será esta a resposta alcançada – ‘tornar-se si-mesmo’ *Verselbstung* e conseqüentemente ‘o realizar-se do si-mesmo’ *Selbstverwirklichung*?

Neste caso, entramos num novo modelo conceptual, bem como na problemática entre o Uno e o Múltiplo, o que nos leva a questionar o seguinte – qual será a genuína natureza do elemento que comporta todos os elementos? Será possível transparecer o arquétipo central da unidade da psique na dualidade da realidade ambiental-planetária?

L. Boff remete-nos para o filósofo grego a fim de teorizar esta passagem: “Platão, que foi um filósofo agudíssimo para essa questão, explica a unidade da realidade com sua conhecida *Alma do Mundo*. Ela é o intermediário entre o Uno e o Múltiplo, o primeiro unificador do Real, de tal modo Platão chega a falar de um ‘corpo do Tudo’, de um ‘corpo do Cosmos’”¹³⁴.

A natureza e ecologia para Leonardo Boff vão ao acordo do que descreve Platão em *Timeu* sobre a constituição da alma e do corpo. Sendo constituídos por quatro elementos¹³⁵, podemos pensar o Cosmos, regido por uma unidade etérica que viabiliza os elementos e as funções psíquicas, como o criador do molde do Ser, a forma do corpo, o *Lógos* no Verbo que concebe a carne, ou seja, a ‘palavra dita’, criada, que por outras palavras significa dizer que é do espectro que se elabora a matéria psicossomática da pessoa humana em *corpus* de linguagem.

Os aspectos cósmicos e elementais estão fundidos na sua ecologia profunda; sendo assim, ocorre a união integral na subjectividade da alma do Ser estendendo-se por toda a sua natureza. Diante da condição de pessoa humana, seria esta uma via para o entendimento do princípio de

¹³⁴ L. Boff. [ECC] (2008, p.79). (Cf. Incluências de Pierre Teilhard Chardin sobre a Cristologia Cósmica).

¹³⁵ Platão (2004, p. 20).

criação? Posto isto, qual o valor “intrínseco” do Ser? Como se procede o verdadeiro valor inter-subjectivo da natureza da pessoa humana? Esta resposta seguirá o propósito da conjugação de todas as *personas*? Ao considerarmos a existência de ‘um arquétipo originário primordial’, ou seja, uma energia etérico-elementar, matriz unificadora, em que mundo esta totalidade se manifesta, no Éter-Etérico, Quintessência, Eros, *Selbst*? Poderá este fenómeno complexo que é a natureza da vida da pessoa humana ser explicado através de uma ‘transcendência pragmática’? Temos em mãos outra problemática entre o Uno e o Múltiplo, pelo que consideramos a seguinte questão:

“Para os neoplatônicos, a Alma do Mundo pertence já à esfera divina. Contemplando as ideias eternas, tornando-as potências capazes de transformar a matéria. Permanecendo indivisa em si mesma, se estende por todo o Universo, unificando a multiplicidade numa unidade cósmica.”¹³⁶

A experiência na perspectiva da evolução humana, a constituição da pessoa, os elementos substanciais que constituem este Ser de corpo físico-material, um Ser composto de quatro elementos que estão em união com a Quintessência, o Uno incluído como fonte de criação da mentalidade cósmica que possui um princípio vital natural em conjugação com o Éter, uma inteligência cósmica para a transformação de vida desta passagem da vida espectral para a vida material. A filosofia na sua acção prática representa a manifestação da passagem dos diversos estados de vida e o desenvolvimento que ocorre na constituição do Ser. Platão, ao referir-se à alma e ao corpo do Cosmos, afirma:

“Compreendia a razão pela qual o cosmos é vivo, não será difícil aceitar os argumentos em virtude dos quais tem a forma esférica e é constituído por quatro elementos”. “Mas a mais delicada subtileza acha-se condensada na noção de <<vida>> para a qual Platão dispunha de um termo corrente – bios -, que quase sempre usa para designar apenas a vida concreta dos seres. Outros termos e expressões são usados para caracterizar o princípio vital, que traduzem à letra o original grego – ‘alma’, ‘o ser vivo em si’.”¹³⁷

Para C. G. Jung¹³⁸, a categoria *Anima Mundi* eleva a sua natureza de luz cintilante, *scintillae*, como uma fonte reluzente que de facto ilumina tudo sobre todas as coisas,

¹³⁶ *Op. cit.*, p.79

¹³⁷ *Op. cit.*, p.9

¹³⁸ JUNG, Carl G. (1984. p.130-133).

“Esta luz é o lumem naturae que ilumina a consciência, e as *scintillae* são luminosidades germinais que brilham de dentro da escuridão do inconsciente” (...) A alma do mundo é uma força natural responsável por todos os fenómenos da vida e da psique”.

sobretudo os arquétipos, elementos e *personas*. Assim sendo, a psique é banhada por estes raios de energia brilhante, que animam os elementos transpessoais na consciência da natureza humana. L. Boff, ao discorrer sobre a temática do Cristo Cósmico, relaciona o “Pancrestismo na linha do *Deus sive natura sive substantia* como em Spinoza”¹³⁹.

Com isto, podemos dar azo a um problema entre a realidade da Vida que se expressa na Natureza, no seu estado ‘visível’ e ‘invisível’. Por um lado, apresenta-se a matéria pela qual se representa o objecto palpável da dimensão de realidade mundana em que a Pessoa vive; por outro, há a tese defendida até ao momento, em que se entende à noção de Natureza como uma Substância que per-passa através da persona cósmica para a caracterização da Pessoa Humana e também para a personificação de tudo e todas as coisas, que, segundo Espinosa, resulta na categoria da Substância Infinita.

É, então, aqui defendida a ideia de que a dimensão do infinito possui algo que está sempre oculto e por se revelar. Tendo em conta que a Vida tem um olhar que vem por detrás das ‘cortinas’ da realidade – que no visível são apenas uma personificação da energia do corpo subtil que animicamente se trans-passou e se re-modela no mundo que materializa no seu *corpus*, no trans-bordar ‘de um copo’ que jorra infinitamente a sua fonte de luz-energia-matéria, personificando, primeiramente, arquétipos na sua realidade ‘invisível’ e, sequencialmente, símbolos na sua realidade ‘virtual-quântica’, que somente depois os ‘materializa’ e ‘somatiza’, há como que uma transição do substrato da natureza do absoluto para a do relativo, do Uno para o Múltiplo, do Simbólico para o Diabólico, segundo o que encontramos também em L. Boff refere sobre a temática da dimensão humana.

A unidade da Vida ganha uma condição ‘de-vida e de-morte’ na realidade terrena, sendo que a Pessoa constitui no ambiente e na paisagem o percurso que lhe cabe para a sua constituição humana meramente humana, como já pronunciava *F. Nietzsche*. Mas aonde estará a natureza sobre-humana, *Übermens-chen*? Onde estará este arquétipo do super-homem, a supra-consciência do *homo sapiens-demens*? Como disparar um ícone que personifique a sua grandeza transpessoal?

Na obra de L. Boff encontramos a categoria do corpo e alma ou espírito como sendo uma realidade integrada, “O espírito é sempre encarnado e o corpo é sempre espíritualizado.”¹⁴⁰ Para este filósofo, há outros níveis de corporalidade para além do corpo físico, que se restringe aos aspectos biológicos e que tem por fim a morte, o que o leva a apresentar a morte como um

¹³⁹ *Op. cit.*, p.98

¹⁴⁰ L. Boff, [VAM] (2008, p.39).

‘verdadeiro nascimento’. Haverá, então, um *corpus* de natureza subtil que sobreviva à densidade da matéria e a muito mais, mesmo que em vida contacte com a natureza do campo do sublime ao promover a mudança deste estado de realidade? Um corpo que exprima a existência do estado Transpessoal? Consideramos a seguinte passagem de Leonardo Boff:

“E outro tipo de corporalidade em relação à matéria ilimitado, aberto, pancósmico que corresponde ao novo modo de ser em que entra o homem após a morte, a eternidade. Morte é a cisão entre o modo de ser temporal e o modo de ser eterno no qual o homem entra. Pela morte o homem-alma não perde sua corporalidade. Esta lhe é essencial. Não deixa o mundo. Penetra-o de forma mais radical e universal. Não se relacionará com apenas alguns objetos, como quando perambulava no mundo dentro das coordenadas espaço-temporais. Mas com a totalidade do cosmos, dos espaços e tempos.”¹⁴¹

Será possível mesmo sem “morrer” entrar em contacto com esta natureza de ser? O seu maior desafio talvez não seja alcançar este estado, em vida ou mesmo após a morte, mas sim permanecer nele. Segundo a dimensão do pancósmico descrita por L. Boff, trata-se, sem dúvida, de uma realidade Transpessoal, ou seja, de um nível superior de consciência expandida, isto é, de um outro olhar para a condição humana, para a ética da natureza, é o sair do caminho do egocentrismo-antropocentrismo para entrar num caminho do ambiente, da paisagem natural, onde os reinos e elementos que constituem o sistema planetário venham a ganhar o seu supremo valor, ecologia profunda ou radical? Não, apenas o reconhecer e o respeitar da consciência inter-subjectiva, ainda que não a compreendamos totalmente, sabemos, sem qualquer dúvida, que é vital para a existência da biodiversidade, das inúmeras espécies que co-habitam este cenário genuíno de beleza tangível da Terra.

4.3. Elementos da Natureza na Concepção da Pessoa Humana

Será possível chegar ao cerne da condição humana e encontrar nela um ponto de unidade cósmica? Um princípio de criação em contacto com a unidade do eterno, do infinito? O que há para além da categoria do arquétipo de *Selbst*? A condição atribuída ao estatuto de Pessoa é inerente à natureza da psique, cujos elementos se manifestam na práxis da evolução humana, estado este que se vincula à consciência como um todo completo que compreende o humano, as f.p. – pensamento, sentimento, intuição e sensação ou perceber. Estas funções dependem da energia que anima a vida e que está presente na substância da natureza dos

¹⁴¹ *Ibidem*, pp. 39-40.

elementos anímicos e arquetípicos, e também nos reinos: mineral, vegetal, animal, humano e cósmico, bem como nos elementos da natureza: ar, fogo, água, terra e o etér.

Podemos observar a clássica correspondência dos elementos da natureza em relação à natureza da psique humana, consultando a figura (Anexo XI): Elementos e Funções Psíquicas. L. Boff, ao citar o *Evangelho de São Tomé*, origem dos assuntos relativos à luz do universo, onde se constitui todas as formas de natureza, apresenta-nos a seguinte passagem: “Aqui temos uma compreensão pancrística da realidade. O senhor não está longe de nós; ele nos vem ao encontro, através dos próprios elementos da natureza, pois que eles pertencem, no mais íntimo de seu ser, a própria realidade de Cristo.”¹⁴²

Considerando os aspectos da embriologia em conformidade com os quatro elementos e reinos da natureza, somente será possível aceitar uma bioética da ecologia humana, quando percebermos que tais aspectos estão realmente na constituição do nosso Ser, e de todo o universo, e sentirmos isto como um estado visceral, de energia, de pele. Ora, aquilo que não está de facto inserido na consciência do nosso corpo, sensibilizado profundamente nas nossas entranhas, jamais chegará à luz da razão, do pensamento. Não se trata de compreender, mas sobretudo de sentir realmente este fenómeno como fazendo parte de toda a nossa experiência orgânica, caso contrário estaremos somente a reforçar um padrão materialista e redutor da ‘genetização do homem’. Proponho, então, traçar aqui uma terceira via, através da qual a substância elemental tenha o seu carácter orgânico, cósmico e transpessoal.

Equivalente ao elemento éter, o etérico, ou seja, o fluído cósmico cuja substância é a base da energia vital geradora da personalidade, como já vimos, criadora de *personas*, consideradas aqui como períodos de um processo evolutivo que caracteriza e personifica, deixando traços na memória de vida da pessoa, nas fases do desenvolvimento embrionário, em que o feto se constitui por etapas relativamente definidas, bem como pela formação de uma *persona* mineral, sistemas ósseo-musculares, de uma *persona* vegetal na formação do tecido epitelial, de uma *persona* com instinto da natureza animal, pulsões de autopreservação, alcançando o atributo de Pessoa Humana. A Transubstanciação revela-se em corpo-material na natureza da paisagem composta de arquétipos, elementos e reinos do planeta.

Podemos dizer que no momento da fecundação, em que *a priori* ocorre a iniciação de um ‘molde perinatal elementar’, um arquétipo primordial, inerente a uma manifestação da mente filogenética, e já presente na criação do zigoto, a unidade inteligível é criada pela natureza desta substância de quatro elementos. Nesta fase estão presentes todos os elementos da

¹⁴² *Op. cit.*, p. 97.

natureza, a começar pela água – líquido vital (composto de substratos, moléculas e ADN), que em breve se transformará em plasma sanguíneo, uma grande fonte de água que jorra do interior do pequeno corpo em constituição –; e pelo reino mineral, que representa a formação dos ossos e cartilagens juntamente com o sistema muscular, relacionado com elemento terra, que nos leva a pensar na etiologia da palavra homem, como bem expressa L. Boff: “Homem, isto é, húmus, aquele que é feito de terra.”

É através da função psíquica a sensação ou o perceber *das Fühlen* que a alma da pessoa humana manifesta a ‘plasma-acção’ deste elemento que se densifica e materializa numa constituição daquilo que será o corpo-alma no seu estado de funcionalidade através dos cinco sentidos utilizados para a vinculação com a realidade. Após o crescimento da medula embrionária, num período da gestação mais avançado, com o sistema nervoso central em processo de amadurecimento e parte dos neurónios já mielinizados, bem como com o neo-córtex em desenvolvimento, o feto tem novamente a manifestação do elemento fogo, as sinapses indicam a natureza psioelectroquímica – que representa a combustão –, e a luz surge com esta corrente eléctrica de energia vital.

Assim, tal como o instinto do reino animal manifesta a sua força através do elemento fogo, o humano representa a função da intuição *die Intuition*, em que o sol é responsável pela luz que promove o sentido da visão e o calor é aquele que nutre o Ser. A Inspiração do pensar *das Denken* tem uma expressão simbólica no elemento ar, o sopro de vida representa a respiração, o oxigénio que traz alento para a alimentação do Ser – no final do quinto mês de gestação é possível observar que o tecido epitelial já está coberto por pêlos muito finos, já há marca dos cílios e sobrancelhas e cabelos são bem visíveis. Neste período, podemos fazer uma analogia com a *persona* vegetal na manifestação de uma remanescência do reino vegetal do “ambiente exterior”: como, por exemplo, a mata ciliar e as folhas; já as algas marinhas assemelham-se à placenta e ao líquido amniótico.

O filósofo aqui investigado designa vida e morte como passagens da Vida, destacando o processo peri-natal como um renascimento: “A placenta do recém-nascido na morte não é mais constituída pelos estreitos limites do homem-corpo, mas pela globalidade do universo total.”¹⁴³ Sendo assim, a relação directa que descrevemos acima entre a natureza do feto-embrão e a natureza do ambiente planetário recebe um vínculo do Ser em formação num projecto de vir-a-ser para o mundo, por causa da estreita ligação com os seus elementos e reinos da natureza. Qual o estado de consciência que se apresenta na *persona* e no reino

¹⁴³ *Op. cit.*, p. 40.

vegetal? Que qualidade de energia e de inteligência podemos encontrar nos demais elementos e reinos da natureza? Que modos de Consciência-Energia-Substância são plasmados em determinada forma de vida?

Com isto podemos chegar a uma comparação ao reflectir sobre a seguinte metáfora: a seiva da clorofila ou a xantofila, uma substância vermelha da planta, podem produzir diversos “tipos sanguíneos” e alguns desses podem aproximar-se da coloração do sangue humano! E isto, de facto, é uma analogia real e verdadeira. Ora, será que estamos tão distantes assim do vegetal? Possuímos células eucariontes e o outro reino células com protoplastos! Qual a real diferença? Se a pessoa humana possui um complexo sistema nervoso central, a *persona* vegetal possui receptores hiper-sensíveis! Onde está a subtil e profunda diferença? Se a Substância é infinita, como já indagava Espinoza¹⁴⁴, então a Natureza pertence à mesma rede da Vida! Assim como toda natureza no vegetal respira, e também agita a pulsão do reino animal, é possível comparar este instinto com os movimentos abruptos do feto, que nesta fase final da gestação já é de certo modo mais perceptível pela mãe.

Quem mais profundamente investigou a relação pré e peri-natal foi um dos maiores renomes da Psicologia moderna, que também influenciou P. Weil. Trata-se de Stanislav Grof, que demonstrou as suas pesquisas em matrizes perinatais básicas – nascimento, morte e renascimento. Tal como na Psicologia destes dois autores, também L. Boff relaciona a morte com o nascimento ao expressar a seguinte relação:

“A morte é semelhante ao nascimento. Ao nascer a criança abandona a matriz nutridora que, aos poucos, ao cabo de nove meses, fora se tornando sufocante e esgotava as possibilidades de vida intra-uterina. Passa por uma violenta crise: é apertada, empurada de todos os lados, e por fim ejetada no mundo. Ela não sabe que a espera um mundo mais vasto que o ventre materno, cheio de largos horizontes e de ilimitadas possibilidades de comunicação. Ao morrer o homem passa por semelhante crise: enfraquece, vai perdendo o ar, agoniza e é como se arrancado deste mundo. Mal sabe que irá irromper num mundo mais vasto que aquele que acaba de deixar e que a sua capacidade de relacionamento se estenderá ao Infinito.”¹⁴⁵

O Ser estender-se-á para a substância infinita que se manifesta em diferentes modos em todos os elementos? Será a essência humana uma fusão antropomórfica de todos os reinos existentes na natureza? Ao pertencer a uma categoria tão complexa, estaria ela em total interdependência com todos os seres do planeta terra? Neste caso, se assim for, a biosfera, quanto à sua biodiversidade, possui uma linha de ligação com toda a teia da Vida, “visível e

¹⁴⁴ ESPINOSA, B. (1992, p.129). (“Parte I, Proposição XVI: Da necessidade da natureza divina devem resultar coisas infinitas em número infinito de modos, isto é, tudo o que pode cair sob um intelecto infinito”).

¹⁴⁵ *Op. cit.*, p.40.

invisível”, pois o macro e micro-cosmos integrariam um único e pleno universo, não no sentido estanque e singular do termo, mas, pelo contrário, um universo plural, aberto para inúmeras possibilidades, de energias, arquétipos, elementos...

Poder-se-ia falar, assim, de um nascimento do ‘elementalcentrismo’? E com isto existiria uma melhor qualidade a beneficiar o planeta como um todo em relação à evolução da natureza humana? Trata-se de repensarmos toda a Natureza em desenvolvimento que tem como base esta mesma e única Substância.

Vemos em anexo um quadro que resume os aspectos já trabalhados e que possibilita pensar sobre a constituição da Vida no panorama de uma realidade inter-subjectiva (cf. Figura XII).

4.4. Psique e a Verdade Trans-Natural

Sendo a consciência do ser humano constituído por quatro funções psíquicas (f.p.), em conformidade com os reinos e elementos da natureza, toda a atitude contra o ambiente “exterior” tem uma reacção “intrínseca” e recíproca para a natureza da psique humana. Podemos ainda afirmar que a pessoa humana, quando possui uma conduta de agressão e degradação da “natureza exterior”, a tem porque a sua consciência está desequilibrada, ou seja, não utiliza todas as funções, e se as utiliza fá-lo de maneira a descompensar o seu carácter ético elemental.

Considerando esta última questão levantada, se uma determinada pessoa está sob a predominância da f.p. *das denken*, o pensar, potencializou ao máximo a sua razão e não terá a capacidade empática da f.p. *das empfindem*, o sentir, para respeitar profundamente o reino e elemento correspondente, que neste caso rege a manifestação da natureza da água e a do ambiente vegetal. Portanto, cria no seu pensamento, que está “altamente desenvolvido”, a ilusão de que esses recursos, neste caso hídricos e da flora, são inesgotáveis.

A sociedade técnico-científica moderna é um resultado deste modelo e da reprodução desta lógica racionalista que reduz tudo a matéria, objecto e produto de consumo. Deste modo, se uma f.p. específica está em deficit em relação às outras, pode dizer-se que existem partes da pessoa humana que não são reconhecidas, lugares que não foram explorados, aonde a verdade não chegou, o amor e a verdadeira sabedoria não alcançaram o seu respectivo valor na consciência que compreende toda a mente humana. L. Boff refere-se a novos valores para criar a dinâmica de uma nova sociedade, mais consciente e centrada e menos impulsionada aos desfrutes materiais.

“Competição como um processo de autodestruição vinculado a economia capitalista de mercado, como a produção e o consumo, entretanto os valores que podem trazer novos espaços pessoais e sociais estão ligados com a cooperação, a amizade, o amor, a compaixão e a devoção.”¹⁴⁶

Diante da citação acima vemos que a sede avassaladora que tenta inutilmente tapar o vazio existencial pode ser substituída por um verdadeiro estado de completude, de equilíbrio para com os recursos que são extraídos do planeta, sem desperdícios; utilizando os conceitos dos autores pesquisados, trata-se de um caminho para encontrar a verdadeira graça, de êxtase e bem-aventurança! Encontramos em P. Weil questões semelhantes ao apontar:

“É público e notório que a tecnologia a serviço do consumismo está ameaçando a vida no planeta. E para mantê-lo, as mídias usam como incentivo motivacional valores ligados aos três aspectos do conforto essencial: a segurança, a sensualidade e o poder. Só quando estes valores são atendidos de modo natural e harmônico, sem carência nem exagero”¹⁴⁷

Pierre Weil refere-se a outros aspectos, como amor, inspiração, conhecimento, transpessoal. Estes aspectos estão ligados aos sete centros de energia, já tratados no primeiro capítulo. É necessário fazer-se luz a estas dimensões que parecem não ser acessíveis, dado que, se a inteligência fica única e exclusivamente no neo-córtex, não será capaz de alcançar o sistema cardíaco. Uma vez que a sabedoria precisa de estar presente em todo o organismo e também “fora dele”, expressar-se no afecto, no amor no seu sentido mais profundo de harmonia e força de ligação dos elementos¹⁴⁸, é necessário que voltemos ao equilíbrio das funções psíquicas, ao eixo que conduz os elementos da natureza “dentro e fora de nós”, como um processo de sistemas abertos de conhecimento.

É importante ressaltar aqui que a separatividade seria uma ilusão, por isso é preciso ter a consciência de que “o que está dentro está fora”. Poder-se-ia dizer que a ética está para a pessoa humana assim como o processo “trans-natural” está para os elementos e funções que o constituem. A natureza, sendo um organismo com atributos de uma mente, ou psique actuante, ordena a manifestação de ideias, pensamentos e emoções. Considerando os elementos, seria o

¹⁴⁶ L. Boff, [HSAB] (2008, p.21).

¹⁴⁷ P. Weil. [AMS] (2000, p.143,144). (“tecnologias construtivas e destrutivas que estão relacionadas aos centros energéticos da consciência humana e podem ser destinadas como condutas saudáveis ou tecnologias que incentivam a hipertrofia do conforto em prejuízo do equilíbrio da natureza”).

¹⁴⁸ (“Hesíodo e Parménides foram os primeiros a sugerir que o amor é a força que move as coisas, que as une e as mantém juntas. Empédocles reconheceu no amor a força que mantém unidos os quatro elementos e, na discórdia, a força que os separa: o reino do amor é o *esfero*, a fase culminante do ciclo cósmico, na qual todos os elementos estão ligados na mais completa harmonia”). (ABBAGNANO Nicola, 2003).

etérico a representação desta inteligência universal e criadora? A quintessência, o éter, será equivalente ao *Selbst* ou, em termos mais amplos, poder-se-á apontar para as relações de complementaridades que possuem as funções psíquicas em conformidade com a energia vital dos reinos da natureza. Todo este processo integra a categoria de Substância infinita. Sendo todo o Ser possuidor de uma 'essência' de unidade fundamental, a partir do uno irá desenvolver a sua inata natureza, um espectro cujo campo etérico revela o código de elementos vitais da natureza que irá determinar as características de cada espécie.

4.5. Atributos da Consciência: Intelecto Humano ou Cósmico

Considerando os autores aqui em estudo, tanto L. Boff quanto P. Weil conduzem as suas teorias de acordo com uma acepção junguiana, em que a natureza da psique é um universo riquíssimo em termos de simbolismos vivos para o caminho da individuação, auto-conhecimento e auto-transcendência, em prol de um estado sobre o qual investigamos nesta dissertação como pertencente à categoria Transpessoal. Continuamos a problematizar aqui atributos da consciência em correlação directa com as funções psíquicas f.p descritas por C. G. Jung. Trataremos dos arquétipos como elementos correspondentes a uma arqueologia profunda da personalidade, que transmite as suas qualidades consoante a demanda do intelecto que está a ser adquirida e estimulada ou, pelo contrário, como sendo de carácter inato.

O quociente de inteligência q.i. que compreende parte da mente ou da psique humana, conhecido como 'QI', foi difundido através de aplicações de baterias de testes psicométricos que enfatizam a observação de índices de inteligência lógico-matemática praticados com maior ênfase entre crianças e adolescentes em idade escolar. O índice de foi inquestionavelmente aceite até a década de 1980; porém, actualmente outras vertentes como esta que aqui viemos expor mostram-nos que o q.i é apenas uma pequena parte que abrange a inteligência como um todo, no entanto poderíamos descrever outros quocientes de inteligência: emocional, o quociente social e uma inteligência espiritual.

Podemos fazer uma correlação directa destes quocientes psíquicos com as f.p. de C. G. Jung que temos vindo a tratar nesta dissertação, portanto podemos estabelecer a seguinte correspondência: para a categoria *das Denken* o pensar, o quociente de inteligência racional q.i.r, para a *das Fühlen* o perceber ou sensação o quociente social q.i.sc, e para a *das Empfinden* o sentir o quociente da inteligência emocional q.i.e; já a f.p. *die Intuition* o intuir está relacionada com o quociente espiritual q.i.sp. considerando-se que a intuição possui esta

capacidade de ter um acesso directo a estados mais profundos ampliados de consciência (cf. Anexo XII – (q.i.) e f.p.).

Diante deste modelo conceptual que acabámos de demonstrar, podemos problematizar a f.p. *die Intuition* o intuir como um q.i.sp. relacionado com altas habilidades espirituais e transpessoais, como, por exemplo, a *esp*, como descreveu C. G. Jung nas suas pesquisas. Este autor foi citado também por P. Weil por diversas vezes na sua obra referindo-se a capacidades de uma consciência cósmica. Desta forma, poderá esta f.p., destinada para ser um atributo da inteligência, promover o encadeamento de arquétipos e de elementos altamente integradores do aparelho psíquico? Será possível alcançar com esta capacidade o arquétipo de *Selbst* e, deste modo, promover ainda a integração no seu estado pleno? O intuir, juntamente com o q.i.sp., pode ser um canal transpessoal directo do Uno para as demais f.p. em Múltiplos arquétipos-elementos? Estes estariam conscientes na psique e, assim sendo, de que maneira a sua natureza se poderia manifestar saudavelmente no ambiente?

Seguindo pressupostos junguianos, esta prática seria possível diante dos factores introvertidos e extrovertidos de cada f.p. Poderiam estas categorias agir transversalmente, não só na sua unilateralidade, mas na bipolaridade mútua de introversão-extroversão? De que forma tal reagiria no processo no *anima iünd animus*? Um suposto canal com a consciência cósmica através da conexão destes universos promoveria a androginia psíquica e o equilíbrio integral da psique?

Podemos referir outros dois conceitos – a integração psíquica ou a falta dela. São desenvolvidos por P. Weil, o qual discorre sobre os mutantes e os estagnantes, que se referem às duas tipologias da Pessoa Humana: os primeiros são um Ser que Pierre designa como sendo um *pontifex* – arquétipo personificado que significa o humano que é capaz de realizar pontes de integração entre o Céu e a Terra, possuidor de imensa criatividade e experiências extraordinárias em conexão com a sincronicidade de toda a Natureza.

Será o arquétipo dos mutantes o *pontifex* que se realizará através da integração dos elementos e das funções psíquicas com a manifestação das inteligências diferenciadas? Já a segunda categoria, a dos estagnantes, refere-se respectivamente ao contrário – o caos e a impossibilidade de despertar a visão, limitando-se aos vícios do ego. Afirma na sua obra que os mutantes, além de outros atributos, possuem um carácter que o autor define como superdotado PSI¹⁴⁹. Sabemos que na Parapsicologia Científica e no paradigma Transpessoal a categoria PSI designa a capacidade de conexão da consciência para além dos cinco sentidos,

¹⁴⁹ P. Weil, [M] (2003, p.56).

isto é, refere-se à esp. Assim sendo, como chegar a um estado Transpessoal, como já indagava C. G. Jung, através integração das funções psíquicas? Será a f.p.i o principal canal de acesso para irradiar esta experiência do Ser como um todo? Que categorias de inteligência são, de facto, de vital importância para o despertar dos valores humanos, bem como para o despertar da sensibilidade para com a natureza de uma consciência da ecologia do corpo-alma, tanto do planeta e da pessoa quanto dos reinos e elementos de toda a Natureza que compõe este indescritível cenário que se manifesta na biodiversidade dos inúmeros ecossistemas?

Para aceitarmos a defesa das categorias de inteligência que descrevemos acima ou de talentos relativos a atributos mentais, isto é, do corpo-alma, consideramos o seguinte exemplo hipotético: uma determinada pessoa com um cargo de executivo de uma grande empresa na qual desempenha inúmeras funções na área administrativa-financeira tem um elevadíssimo índice de q.i. vinculado ao pensamento racional (lógico-matemático), logo, vinculado a *das Denken*, o pensar. Porém, é uma pessoa que não consegue gerir bem as suas questões emocionais, *das Empfinden*, o sentir, acabando por ter episódios de *stress* e problemas de ordem psicossomática. É comum as pessoas potencializarem ao máximo uma f.p. em detrimento de outra, como muito bem descreve Jung¹⁵⁰. Isto também se estende à relação que têm com a natureza e para com o ambiente, como já o vimos no momento em que P. Weil correlaciona estes factores de modo integrado com o objectivo de se chegar à plenitude da consciência. A grande parcela das pessoas que utilizam uma ou no máximo duas f.p. deixando de lado as outras funções ignora os elementos que se manifestam no seu ser e não respeita outras formas de vida ‘visíveis ou invisíveis’, que só são vistas, sentidas ou percebidas através da respectiva função na fluída inter-troca com toda a psique. P. Weil chama a atenção para isto ao descrever muitas vezes a seguinte metáfora para explicar a condição humana: “A maioria das pessoas se comportam como se fossem ondas, que se esqueceram que são mar.”¹⁵¹

O que daqui conseguimos entender é que a energia que se manifesta sob a expressão de diversas formas, tendo em conta o quão complexa é a natureza humana, nomeadamente o próprio corpo, as emoções e a psique. Esta hipótese vai contra a tendência que alguns cientistas têm ao defender o legado genético através da vantagem de se ter um q.i. elevado, o que solucionaria muitos problemas como o da aprendizagem e outros deficits hereditários.

É possível comprovar por meios quantitativos um valor de q.i. realizando um teste lógico-matemático, porém, ao reduzir a inteligência, somente um atributo numérico seria uma acção

¹⁵⁰ JUNG, Carl. G. (Psychologische Typen, Zürich, 1960).

¹⁵¹ P. Weil, [AMS] (2000 p.63).

imprudente do ponto de vista científico e vaga do ponto de vista filosófico. Para se obter um índice de inteligência q.i.e, q.i.sc, e q.i.sp que outros métodos mais subtis para mensurar tais qualidades são requeridos? Testes? Psicometria? Laboratórios para replicar experiências?

Certamente, todos esses procedimentos não alcançariam o valor *sui generis* que representa a inter-subjectividade da natureza humana. P. Weil lança uma forte questão:

“O aspecto afetivo e emocional da paz é muitas vezes esquecido nas pesquisas e práticas educativas. Prefere-se, quase sempre, estudá-la sob um ponto de vista puramente intelectual. Ora, é evidente que sentimentos e emoções desempenham um papel fundamental como factores de paz interior e social. Afinal, o que é a paz de espírito senão um estado de harmonia e plenitude, no qual os sentimentos de alegria e amor podem expressar-se livremente?”¹⁵²

Consideramos estes atributos para uma segunda hipótese sobre a problemática das inteligências: um monge que cultiva actos devocionais, de compaixão e de ajuda comunitária estimula mais as suas funções psíquicas referentes ao sentimento *das Empfinden* e à sensação *das Fühlen*, de modo que terá um alto índice de inteligência emocional ou espiritual. Embora não haja a possibilidade de estabelecermos um *escore* com o resultado padrão para estas categorias de inteligência, poderá aplicar a esta prática processos de auto-exploração psíquica e autoconhecimento que levarão a uma maior compreensão dos sistemas vivos e dos diferentes estados da consciência humana. Um melhor entendimento do vasto campo que envolve o conceito de intelecto humano? Será, deste modo, que se alcançará a Luz para a aceitação inteligível de uma consciência-inteligência cósmica?

Importa agora questionar outras variáveis, como substância, mente, alma e espírito, que nos permitem pensar numa ‘essência’ que anima a natureza de todos os seres. “Imanência e Transcendência” teriam um único espaço no pluralismo da realidade mundana? É possível afirmar que o Ser, diante de uma condição holista da natureza humana, é um sujeito vital constituído dos elementos da natureza?

Especialistas na área da Biologia Celular e Molecular podem descodificar cromossomas de um DNA, com procedimentos mecanicistas que vão ao encontro de resultados puramente materiais, Assim sendo, será que o projecto do genoma humano poderá contemplar a temática profunda que compreende a natureza da pessoa humana? Alcançaria um valor genuíno unicamente orgânico? Sabemos que a combinação genética, juntamente com os factores ambientais, é insuficiente para determinar a unidade absoluta da pessoa humana.

¹⁵² P. Weil [APV] (1990, p.63).

Ao aceitarmos um valor subjectivo inerente à matéria, é possível levantar outra problemática: qual o sistema que comanda o corpo? O cérebro ou a mente? Se considerarmos o cérebro e o sistema nervoso central como um processo orgânico responsável por todas as reacções neurofisiológicas, após passar pelas fases do desenvolvimento humano perecerá e alcançará à morte física, sendo este momento único e o fim último da matéria, ou seja, da pessoa humana.

Ao considerarmos a mente, isto é, a psique, como oriunda de uma substância arquetípica cósmica, em primeiro lugar ela não está somente dentro da caixa intra-craniana, mas compreende, assim como a consciência, a totalidade do corpo da pessoa. Esta, em contacto com a inteligência compreende o universo, ‘uni-universos’ ou ‘pluri-universos’? Universos ‘trans-versos’ que têm como função verter ‘através e para além de todos’ os universos...

Em segundo lugar, o cérebro será apenas um aparelho orgânico regente do sistema psiconeurofisiológico que compartimenta uma parcela da mente humana; em terceiro, e também o principal factor, a consciência, enquanto mente de Substância infinita, sobreviverá à morte do corpo físico, isto é, do ‘aparelho cerebral’, e voltará a ser energia cósmica. Sobre este aspecto tão bem aprofundam L. Boff, nos seus livros *Vida para Além da Morte e Evangelho do Cristo Cósmico*, e P. Weil, nas obras *A Mudança de Sentido e o Sentido da Mudança e Rumo ao Infinito*.

As questões acima indagadas são respondidas de diferentes modos complementares pelos autores aqui investigados, pelo facto de mencionarem categorias referentes à imortalidade e à eternidade – a Consciência Cósmica, para P. Weil, e o Cristo Cósmico, para L. Boff, que nos levanta uma reflexão sobre a influência da cosmogénese na biogénese¹⁵³. Em anexo, observamos a Figura Integração da Natureza do Conhecimento Humano. Perante os seus pressupostos directos, é evidente que ambos os autores espelham a influência de Pierre Teilhard de Chardin. Assim, abrimos a discussão do conceito de Vida que nos resta, um não-pensar mas sim um sentir, que podemos levar a cabo através destas duas expressões poéticas: “A essência da ética está na natureza expressa / nos valores com amor e sabedoria / inerente a verdade do ser.”¹⁵⁴ “O Intelecto tem um olhar agudo para os métodos e os instrumentos, mas ele é cego para os fins.”¹⁵⁵

¹⁵³ L. Boff, [ECC] (2008, p.42).

¹⁵⁴ AGUIAR, Giancarlo, *Filhos de Hórus – poesia*. Blumenau. Ed. Nova Letra. 2005.

¹⁵⁵ EINSTEIN, Albert, Ct. P.WEIL. [AMS] (2000).

5. Mitologia na Crise da Pessoa Humana

Para o presente capítulo vamos considerar os elementos da natureza, tecendo um discurso de carácter filosófico e psicológico. P. Weil, em grande parte de sua obra, chama a atenção para a problemática dos sinónimos, que aqui vamos tratar como um emparelhamento de situações e fenómenos que possuem uma correlação entre si. Do pensamento oriental aos símbolos do xamanismo¹⁵⁶ com o intuito de integrar um diálogo transdisciplinar e trans-religioso¹⁵⁷, ao abordar o ambiente tendo em conta uma ‘ética dos elementos’, será feita uma comparação entre diversas culturas e mitologias com o objectivo de compreender o ser humano actual com o propósito de contemplar a comunidade planetária na sua totalidade unificadora. A apresentação subdivide-se em três tópicos: Elementos da Natureza e Funções Psíquicas; Arquétipo do Mentor: Modelo ou Mito para a Comunidade Planetária?; Uma Possível Integração Arquetípica.

5.1. Elementos da Natureza e Funções Psíquicas

Como já vimos no subcapítulo anterior, a psicologia junguiana fundamenta as funções psíquicas (f.p.) em conformidade com os quatro elementos da natureza, pensamento-ar, intuição-fogo, sentimento-água, sensação-terra. Estes elementos mantêm uma representação arquetípica correspondente, que varia de acordo com a mitologia de cada cultura. Assim, podemos citar alguns dos seguintes símbolos totémicos dos índios norte-americanos – para o ar a águia, para a terra o lobo. Em mitologias significativas, como a do Oriente, encontra-se o fogo como a manifestação do dragão; para os Celtas, a água representa o cálice sagrado. Todos estes elementos aparecem de modo transversal na história da humanidade espelhando a sua variável étnico-cultural. Como bem afirma L. Boff, “as coisas todas estão em nós como imagens, símbolos e valores. O sol, a água, o caminho, as plantas e os animais vivem em nós como figuras carregadas de emoção e como arquétipos”¹⁵⁸.

¹⁵⁶ Considera-se como xamanismo especificamente os nativos norte americanos, os povos da Sibéria e a tradição referente a magia natural Celta.

¹⁵⁷ P. Weil, [RNT] (1993. p.30). (“ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas”, O trans-religioso para esta dissertação designa o buscar da espiritualidade inerente ao Ser e além das religiões).

¹⁵⁸ L.Boff, [EME] (2000).

As antigas tradições utilizavam as diversas representações da natureza como elementos vivos na sua história e mito, o que prova que a manifestação inconsciente e os arquétipos¹⁵⁹ estavam realmente presentes na prática existencial e nos relacionamentos daqueles povos. Actualmente, a sociedade moderna não possui mais tais símbolos e arquétipos nas suas vidas práticas, porque foram obliterados do inconsciente colectivo. Será esse um dos principais motivos pelos quais as funções psíquicas se desintegraram num ambiente onde a natureza humana é o epicentro da maior crise ecológica? Estariam as f.p. a agir em detrimento dos elementos da natureza?

Nesta linha de pensamento, e segundo o *Livro Tibetano dos Mortos*¹⁶⁰, no qual se descreve a passagem da alma humana pelas quatro orientações (norte, sul, este e oeste), existe uma correspondência com outras tradições sagradas, como o Xamanismo e cultos do antigo Egipto. Esta correspondência das diversas culturas é descrita por P. Weil na sua tese de doutoramento¹⁶¹, na qual nos revela a esfinge como uma estrutura polimórfica do humano, representada por símbolos, desde animais até às hostes celestiais, uma imensa iconografia que tem sua origem numa simbologia inconsciente e não se restringe à imagem por si mesma, acabando por ter uma influência directa na maturidade do processo evolutivo do relacionamento humano.

Para P. Weil, a personificação da energia dos arquétipos da águia (intelecto-espiritual), do leão (afectivo-emocional) e do boi (instinto-pulsões) está na base prática do relacionamento humano. Ainda segundo o autor, nesse processo evolutivo é possível chegar à natureza do sublime, a experiências culminantes que se situam na metade do caminho da experiência mística¹⁶². Existem arquétipos específicos que favorecem experiências transpessoais? Elementos e reinos da natureza podem realizar uma integração arquetípica para a revelação da mística de um mito ou a criação de uma realidade onírica?

¹⁵⁹ Consideramos para este conceito de arquétipo a partir da sua etiologia *Archein* = primeiro, *Tipos* = forma, padrão. A psique humana traz figuras e imagens arquetípicas carregadas de fortes emoções. As experiências tanto traumáticas como inspiradoras, responsáveis pela sua longa história, em contacto com a natureza e com as suas relações 'inter e intrapessoais' estabelece o inconsciente na manifestação do próprio Ser. O contacto com os arquétipos da natureza, paisagens e cores, como a água, o sol, a flor e o sábio, quando profundamente vivenciados despertam em nós qualidades que exercem grande poder de acção, ganhando o imaginário mítico um aspecto de práxis, a vivência prática com a natureza.

¹⁶⁰ SAMDUP, Lama Kazi, (1980).

¹⁶¹ P. Weil, [EEMH] (1976).

¹⁶² *Ibidem*, p.151.

Haverá no sonho nítido uma relação de manifestação com a natureza dos elementos? Consideramos os quatro elementos primordiais – ar, fogo, água e terra¹⁶³. Pode-se pensar nas quatro direcções como portais do ambiente ou ainda como abertura de canais da consciência para aceder a universos, para chegar ao profundo do inconsciente que posteriormente nos leva a estados Transpessoais¹⁶⁴? Sendo assim, estes elementos ou funções precisam de estar em sintonia e equilíbrio para alcançar a natureza do sublime? Possuem um carácter autónomo ou precisam de uma intertroca com os demais elementos-funções? Existem dimensões inexploradas da consciência, lugares a que o imaginário pode chegar e reconhecer-se a si próprio profundamente?

Com todos estes pressupostos, destaca-se o aspecto da intuição, como sendo f.p., sem passar pelos canais do pensamento lógico. Ao ser uma compreensão pura e imediata da realidade, ou ainda a percepção extra-sensorial (pré-cognição, clarividência, telepatia), acede a fenómenos psíquicos que já foram considerados do campo da Metafísica. Actualmente são investigações realizadas no âmbito da Psicobiofísica e da Parapsicologia Científica, que utilizam como métodos e procedimentos para aferir e observar estes episódios como possibilidades viáveis. Será através dos Estados Ampliados de Consciência EAC¹⁶⁵ que se realizará uma integração dos elementos? Estariam presentes num possível nível meditativo, a

¹⁶³ Refere-se a presença em menor valor, da Grande Matriz, ou Macrocosmo, que representa todo o Univeso de Criação. Temos a estruturação dos quatro elementos e o éter, que são as categorias de substâncias que mantêm a Vida da realidade planetária em que vivemos.

¹⁶⁴ O Transpessoal aqui, refere-se a atributos que vão além da pessoa na sua realidade mundana, e através dela vai para estados mais profundos da consciência, ao sair do estado de vigília para experiências arquetípicas, mitológicas, de natureza espiritual.

¹⁶⁵ Os (EAC) podem trazer estados psíquicos de diversos níveis do inconsciente, (arquetípicos, míticos ou de vivências anteriores) que desencadeiam experiências profundas na vida para pessoa, pode-se observar também considerável mudança nos padrões neurológicos: (ECG/EEG, ondas cerebrais Delta entre 0,5 a 2 c/s em sono. Teta 3 a 7 c/s, muito relaxado a visualizar imagens, Alfa de 8 a 14 c/s estado meditativo ou depressivo. Beta ondas de 15 a 40 c/s em estado de vigília, existem (EAC) que levam a pessoa a experiências pico, com estados cerebrais em hiper-vigília, ondas Beta que vão muito acima de 40 c/s, difícil de ser aferido por ECG/ECG convencionais, encontra-se este estado em condutas relativas ao êxtase xamânico, experiências ancestrais, ou mágico-religiosa. Actualmente desenvolvido o conceito de fenómeno de emergência espiritual pelo psiquiatra e investigador transpessoal Dr. David Lukoff.

expansão da consciência para níveis Transpessoais¹⁶⁶ de uma ecologia humana? L. Boff quando descreve o arquétipo de São Francisco ressalta o Hino do Irmão Sol:

“Atém-se aos elementos elencados, como o sol, a terra, as estrelas, o fogo, a água, e a morte. Através deles, o místico Francisco ascende para Deus. Neste nível, se insere na corrente dos grandes místicos–poetas. Os elementos cantados conservam a sua densidade material, não são alegorizados, mas adquirem para o místico um valor simbólico e expressivo de um estado de alma. Eles formam o veículo pelo qual o poeta quer exprimir aquilo que lhe passa no íntimo: a união religioso-cósmica de tudo com Deus.”¹⁶⁷

Haverá uma maneira de fazer com que as pessoas alcancem um sentido profundo dos arquétipos e elementos da natureza? Como despertar no humano esta subtil e valiosa sensibilidade? A humanidade na contemporaneidade está cada vez mais distante de integrar a sua personalidade em favor da preservação da natureza planetária. A falta de sentido, de um ícone que aponte para um caminho mais correcto e a inexistência de um arquétipo saudável apresentam-se ao ser humano, por causa da carência de um mito verdadeiramente eficaz, o que provoca um problema filosófico na relação entre a natureza e a técnica. Carlos João Correia, ao dissertar sobre natureza e a técnica, expressa uma das suas conclusões:

“A nossa preocupação fundamental deve estar na conservação da biosfera, não tanto por causa dela própria, mas apenas porque a sua protecção, senão mesmo a sua purificação, constitui a condição necessária para a preservação da vida na Terra. Talvez mais importante do que denunciar e anatematizar as tecnologias, devemos antes equacionar de uma forma distinta a relação entre o homem e os seres vivos.”¹⁶⁸

A pessoa humana jamais vai conseguir tratar da saúde ambiental se, antes disto, não se curar a si mesma, os seus vícios e enganos, e, principalmente, terá de rever os factores que o fazem ignorar e não valorizar a vida, recursos e elementos da natureza. Posto isto, é certo que a humanidade precisa de parar, reflectir e agir diante da sua ignorância ecológica. Voltamos a considerar os elementos da natureza e as funções psíquicas que constituem a consciência do Ser, numa evolução plena ao longo de todos os períodos do desenvolvimento humano, para que se atinja uma fase madura, com um arquétipo integrador da personalidade. Mas é pertinente que se volte a questionar – quais, de entre estes arquétipos ou elementos, irão estruturar uma nova visão?

¹⁶⁶ Após a Psicanálise, a Psicologia Comportamental e a corrente Existencial Humanista, a Psicologia Transpessoal é actualmente considerada a quarta emergente vertente na história da Psicologia.

¹⁶⁷ L. Boff [SFA] (2000).

¹⁶⁸ CORREIA, Carlos J, (2001. p. 157).

Pode-se confirmar isto com a seguinte afirmação a respeito de um desenvolvimento evolutivo: “A personalidade, no sentido da realização total do nosso ser, é um ideal inatingível. O facto de não ser atingível não é uma razão a se opor a um ideal, pois os ideais são apenas os indicadores do caminho e não as metas visadas.”¹⁶⁹ Encontramos uma passagem complementar a esta afirmação em Campbell: “É disso que os mitos têm falado, desde sempre, e é disso que o novo mito terá de falar. Mas ele falará da sociedade planetária. Enquanto isso estiver em curso, nada irá acontecer.”¹⁷⁰

Reflectimos agora sobre a actual degradação do ambiente, bem como sobre os elementos correspondentes; sendo assim, ao poluir o elemento ar, a pessoa estará a afectar não somente a sua respiração adquirindo, por exemplo, distúrbios brônquio-pulmonares, mas também em termos simbólicos a sua f.p. pensamento, ao bloquear as aspirações e as ideias mais sublimes. Por isto, a pessoa permanece cada vez mais presa no linear do pensamento mundano, retroalimentando uma consciência tão dolorosa e destrutiva que poderá chegar a limites mentais, psicossomaticamente insuportáveis, que é já uma realidade quando pensamos num conceito de saúde que vai além da ausência de doença, isto é, aquilo que é saudável na plenitude do estado de corpo-alma.

O elemento fogo em desequilíbrio provoca o superaquecimento e o efeito estufa, e, além de debilitar a saúde física (hipertensão e cancro de pele entre outras patologias), prejudica a vitalidade anímica do ser, perde-se o carácter subtil da intuição. Deste modo, podemos construir a metáfora do sol com ausência de luz, mas com raios de trevas, como um fogo negro que queima a própria alma e o brilho vital da psique.

Pierre Weil descreve que “na tradição tibetana existem os cinco fatores destrutivos da paz (indiferença, apego, cólera, ciúme e orgulho). (...) É importante nos ocupar dos métodos que tem como ponto de partida essas emoções destrutivas visando transformá-las ou eliminá-las, sem no entanto reprimi-las.”¹⁷¹ Podemos ver mais detalhadamente este processo através da figura (Anexo V). É importante criar condições para que as afecções da alma sejam transformadas. Paulo Borges, na sua obra¹⁷², refere seis modos do ser e as famílias de Budas:

¹⁶⁹ JUNG, Carl G. (1981. p.178).

¹⁷⁰ CAMPBELL, Joseph. (1991, p.53).

¹⁷¹ P. Weil, [AVP] (1990, p. 64).

¹⁷² BORGES, Paulo. (2005, p. 72).

“As cinco emoções procedentes da mente obscurecida pela dualidade, responsáveis pela sua errância nos seis mundos psicocsmológicos do *samsara* – desejo-apego, ódio-aversão, ignorância, orgulho e ciúme, desde que surgem espontaneamente se convertem nos cinco respectivos aspectos da Sabedoria primordial, manifestados nas cinco famílias de Budas.”¹⁷³

Diante de que estado de consciência será possível alcançar uma mente de luz? P. Weil descreve que a ioga do sonho lúcido foi uma das grandes possibilidades de experiência que teve junto dos monges tibetanos¹⁷⁴. Considerando uma única realidade entre o sonho-vigília e o inconsciente-consciente, de que forma os símbolos da unidade “interior” podem potencializar a saúde da vida para o seu “experior”?

As afecções da alma prejudicam os elementos e as f.p. manifestam-se em diferentes estados na vida do ser impedindo-o de alcançar o “ideal da perfeição”. Consideramos agora o símbolo do elemento água. Ao contaminar os recursos hídricos, a humanidade, além de perder a capacidade de “purificação”, está a correr o risco de sofrer com a representação arquetípica que envolve este elemento. Se considerarmos o arquétipo do *Graal*, as emoções e a capacidade de amar estariam, assim, comprometidas, dado que a f.p.st, receberia nas ‘águas profundas’ do inconsciente o retorno destes ‘dejectos’. É preciso perceber que todas as acções sobre o ambiente provocam uma reacção na pessoa, que muitas vezes nem mesmo a catarze do choro que verte água de emoções é suficiente para purificar a consciência. Será possível ultrapassar as sombras da personalidade humana, manifestando a Sabedoria primordial?

Na dualidade do mundo que habitamos, as pessoas munem-se de mecanismos de defesa e compensação ao criar um lugar “vazio” para depositar os seus “restos”, uma atitude relacionada com a falta de segurança e com o excesso de apego, por isso, tem a necessidade de produzir coisas em demasia para as lançar ao mundo – o supérfluo, que acaba sempre por ser fundamental ao humano, logo após a sua “utilização”, desfaz-se porque as pessoas não precisam mais dele. Encontramos um exemplo prático na seguinte citação de Leonardo Boff:

“Para a psicologia infantil o que não se vê não existe. No adulto pode permanecer como resquício a ideia de que um objecto não mais visível já não existe. Por isso lança no fundo do mar ou soterra rejeitos tóxicos ou nucleares com a sensação ilusória de tê-los eliminado realmente.”¹⁷⁵

¹⁷³ *Idem.*

¹⁷⁴ P. Weil, [LC] (2005, p.47).

¹⁷⁵ L. Boff. [EME] (2000, p.37.).

O elemento terra, ao sofrer com demasiada carga, sendo, no fundo, o depósito de materiais nocivos, expressa-se prejudicialmente no corpo físico, as células e todos os sistemas são contaminados, mas principalmente a f.p. sc, a pele, o tacto, factores psicossomáticos debilitam o corpo e o aspecto visceral é o primeiro a ser profundamente afectado em detrimento do elemento terra. É com o contacto com o meio externo, o princípio de realidade e a constituição do ego que nesta fase ocorrem a dissociação e a fragmentação de toda a personalidade, é o que pode ser entendido, segundo P. Weil, por neurose do paraíso perdido.

O combustível que move o mundo tem como base resíduos fósseis, o petróleo ou o produto daquilo que foi despejado outrora. Desta forma, o humano vai resgatar à terra o que há muito tempo abandonou, é como se procurasse no recalque o que lhe dá acção. É através do líquido espesso, no escuro do profundo inconsciente, que extrai do organismo de *Gaia* – a energia enraizada para transformar a “libido material” na pulsão –, que irá elaborar e percorrer a sua catexia, assim obterá sempre a forma necessária para a manutenção desta realidade ilusória.

Deste modo, o humano, ao criar a máquina, utiliza o combustível ancestral, o petróleo, para a interacção mecânica dos motores que impulsionam a realidade construída, e o mesmo resíduo que foi, e ainda continua a ser, despejado e reprimido na Terra é hoje restituído e consumido em gases poluentes que desgastam a atmosfera da consciência de *Gaia*. É como se a humanidade realizasse um escoamento dos diversos níveis do seu inconsciente, conteúdos reprimidos, medos, angústia, culpas e toda a espécie de sofrimento, e os atirasse para o campo da mente consciente ou para a atmosfera. Seria insuportável para o Ser tamanha carga de tensão e viver com toda a memória apagada, que agora se revela como um conteúdo estranho e nocivo que corrói a consciência, a vitalidade psicoelectroquímica, da natureza do planeta como um organismo vivo, e conseqüentemente da pessoa humana.

É assim que *Gaia* se sente, sim, e é preciso que nós, humanos, nos permitamos ser a própria Terra, mesmo que, por uma personificação arquetípica, sintamos a dor do planeta para saber de que forma o organismo terra se comporta; é preciso que nos sensibilizemos e que tenhamos consciência da sua existência, da sua vida. O combustível dela retirado infecta, cria eczemas e cicatrizes ainda “vivas” que vertem o “sangue negro”, que, em breve, se transformará em gases tóxicos que perfuram a camada de ozono, fenómeno que colabora para o efeito estufa, que se equipara à hipertensão e ao *distress*¹⁷⁶ no humano que é actualmente o maior causador de doenças psicossomáticas.

¹⁷⁶ Distress, nas Ciências da Saúde, especificamente na psiconeurofisiologia diz respeito ao stress prejudicial, causador de tensão e baixa das defesas do sistema imunológico.

A união que poderia haver com o éter, a quintessência, o símbolo que rege a ligação dos quatro elementos, agora afectados por toda a dizimação realizada aos mesmos, deixa de ser possível e a natureza humana padece ao nível etérico, os factores espirituais ficam comprometidos e a luz natural cintilante¹⁷⁷ já não brilha no esplendor do numinoso. Leonardo Boff, no seu capítulo sobre “Ecologia, Política, Teologia e Mística”,¹⁷⁸ descreve que a pessoa humana se limita “ao mundo individual”, ao corpo, à casa e à família... e num espaço que não é visível nem é cuidado, por isso é um hábito cultural contaminar lugares ermos, aparentemente sem dono. P. Weil trata deste mesmo assunto com a categoria da fantasia da separatividade, como vemos no (Anexo V).

Perante esta questão, poder-se-ia pensar num espaço de inter-subjetividade colectiva, que, por não ser de ninguém e ser, ao mesmo tempo, de todos, de “comum acordo” se pode utilizar para esconder as suas sombras, ou o seu lixo, reflexo da retroalimentação da humanidade que atira para o vazio as “sobras da vida” ou a matéria bruta, na tentativa de sanar as suas faltas e carências psicológicas. O consumismo desenfreado é um exemplo desta atitude de sede insaciável do ego humano, que degrada a divina e sagrada presença da Natureza vinculada à Mãe Terra. Um dos grandes renomes junguados da contemporaneidade, J. Campbell, estudado também pelos autores aqui investigados, revela-nos profundamente aquilo que estamos a tratar:

“E o único mito de que valerá a pena cogitar, no futuro imediato, é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas do planeta e de todas as pessoas que estão nele. Esta é a minha ideia fundamental do mito que está por vir.”¹⁷⁹

Como já vimos no primeiro capítulo, P. Weil substitui a categoria natureza por planeta. Pois bem, sabemos que o planeta como organismo vivo não está disposto a acompanhar o princípio de realidade criado pelo ego humano, logo, o preço último deste episódio da catástrofe pagará o seu único e real causador. Com a própria vida? Ou com a vida de toda espécie humana? Com a extinção do *homo sapiens-demens*? Com a fatalidade ou ignorância dos factos?

A vida humana, no seu cerne real, é mais alargada e profunda do que se pode perceber nesta realidade aparente, que é somente um aspecto personificado da genuína e verdadeira experiência do ser e do existir. “Todos os mundos estão dentro de nós. São sonhos

¹⁷⁷ Cf. JUNG. Carl. G, “Natureza da Psique”.

¹⁷⁸ Op. cit., pp. 23-45.

¹⁷⁹ CAMPBELL. Joseph, (1991. p.46).

amplificados, e sonhos são manifestações, em forma de imagem, das energias do corpo, em conflito umas com as outras.”¹⁸⁰ Considerando J. Campbell, que expõe pressupostos junguianos que complementam o que L. Boff designa sobre o *anima iind animus*, mais propriamente o feminino e masculino, em termos gerais: “Um ao lado do outro, a frente do outro, contra ou a favor do outro.”¹⁸¹

De facto, dois destes arquétipos, destas imagens que mais se demonstram em conflito e/ou na procura do equilíbrio são a natureza feminina e a natureza masculina no Ser, de acordo com os conceitos de *anima e animus*, que, quando integrados, se relacionam com uma personalidade mais madura, um ser mais saudável e centrado na sua unidade. Ao contrário do carácter degenerativo pelo qual passa a humanidade, podemos reflectir sobre um caminho de regeneração. O percurso realizado até ao presente momento pelo ser humano foi “abrir” a exploração dos elementos através do símbolo ar, o pensamento e a lógica mecanicista, que provocou o *animam agere*, isto é, alma a morrer no estado de agonia. Assim, requere-se o desencadeamento de um sistema inverso que se encontra na roda da cura, como podemos ver em P. Weil, através da roda da paz (cf. Anexo III), e da transformação (cf. Anexo II), que aqui especificamente envolve um “fechar” para o renascimento através do elemento terra, que está a manifestar-se para a sua auto-regeneração, *anima retinere*, ou seja, conservar a vida.

Agora, ao passar pelo último elemento do círculo, a fase em que estamos atentos à terra e com o olhar direccionado para nós mesmos, a f.p.sc, leva-nos a atingir, através da relação com a pele e com o tacto, verdadeiramente o perceber dos cinco sentidos e não nos deixa ser levados pelas ilusões que podem surgir, pois procura-se factores que ajudam a sair da postura egóica para sentirmos algo maior do que somos, para nos integrarmos nas raízes, para sermos nutridos da ‘substância’ lúcida-luminosa do mais profundo que há em nós, um olhar para “dentro”, para nos entranharmos na “introspecção” ao liberar um arquétipo sábio e saudável.

O elemento água, a nossa f.p.st, é o momento do Ser libertar as suas emoções sufocadas pelo intelectualismo racional do antigo, porém actual paradigma cartesiano, e permite-nos sentir com o coração, o despertar da inteligência emocional, a profunda natureza do ambiente, possibilitando a entrada da coragem para resgatar o equilíbrio do arquétipo feminino no ventre da verdade aquando do despertar da “deusa interior”. L. Boff faz um apelo dizendo que a humanidade precisa de sair da condição do falocentrismo e centrar-se na ternura; P. Weil, na obra *Mística do Sexo*, trata da transformação das ligações afectivas e fala sobre o respeito da

¹⁸⁰ *Ibidem*, (1991, p. 56).

¹⁸¹ L. Boff, [RMD] (1986).

sublimação da energia e ternura: “A transformação de tendências sexuais diretas em ligações duráveis, de pura ternura, é um facto frequente, e é nessa transformação que se fixa em grande parte a consolidação de casamentos realizados sob os auspícios de um amor apaixonado.”¹⁸² Será este sentimento de amor, Eros regenerador, capaz de trazer uma nova luz para os corações humanos?

Consideramos agora a entrada no portal do elemento fogo, isto é, energia, transmutação, novos *insights* para uma filosofia da acção. Sendo assim, ao contrário do que foi analisado anteriormente, os elementos neste momento terão a sua função vital: o símbolo do fogo, ao ser utilizado para transcender as mazelas, queimar o velho paradigma, o pensamento obsoleto, curar a práxis para o nascimento de uma realidade emergente, mais humana e menos mercantilista, voltada para o que chamo de ‘elementalcentrismo’¹⁸³. Distanciando-nos desta maneira do consumismo antropocêntrico e somos capazes de sentir o alento que estes elementos da natureza podem despoletar, fundamentalmente o quinto elemento primordial, no ser.

Finalizamos esta trajetória com o elemento ar, a f.p pensamento. Nesta fase já não há mais o carácter do racionalismo lógico-matemático que perdurava no estado destrutivo, o ar agora traz a inspiração para o fluir de ideias a novos horizontes. Trata-se de pensamentos criativos, não voltados para o ter, nem para o possuir, para mais profundamente se alcançar um estado de bem-estar puro, simplesmente com o outro, com a natureza e com o ambiente e, assim, fazer parte de uma realidade plena e livre.

O Éter, a Quintessência, reflectir-se-á nos aspectos cósmicos e espirituais de todos os seres, em todas as diferentes realidades, e aí a ilusão, conhecida no conceito védico por *maya*, ou ainda por *Sansara* (categoria budista), poderia chegar ao seu fim último ou a outra face da realidade, *Nirvana*, criando-nos um mundo real, íntegro, em congruência com a unidade, mais próximo do todo completo, o primeiro passo no rompimento da dualidade, além daquilo que é certo ou errado, ou ainda a outra face da realidade, um possível estado de Nirvana? O arquétipo de Eros integrado na natureza humana? Será o encontro que muitos caminhos procuram? Encontraremos na realidade da Plena Luz regras e limitações inconcebíveis de ser compreendidas pela consciência humana actual? Haverá um arquétipo mediador das inter-realidades?

¹⁸² P. Weil, [MS] (1976 p.58).

¹⁸³ ‘Elementalcentrismo’: o arquétipo central da essência da vida dedicada e consagrada aos elementos que constituem a existência do planeta e da constituição do cosmos.

5.2. Arquétipo do Mentor: Modelo ou Mito para a Comunidade Planetária?

Como chegar mais próximo da perfeição da sagrada vida humana? Ou seja, o arquétipo da águia, descrito por L. Boff, e a posição dos mutantes e *pontifex*, descrito por P. Weil. Contudo, qual a parcela da comunidade planetária que está preparada e realmente disposta e com poder para fazer a diferença em busca deste propósito, no sentido de seguir o melhor caminho para a integração com a natureza? A expansão da consciência tornar-se-á uma possibilidade para o encontro desta perfeição?

O ser humano na contemporaneidade potencializa a inteligência lógico-matemática, que deu origem à construção mecanicista em detrimento de outros quocientes de inteligência (racional, emocional, social, espiritual...) (cf. Anexo XII – q.i e f.p.). Assim, a comunidade planetária optou por um caminho de aprendizagem somente cognitiva, pouco saudável e muito arriscada, chegando ao ponto de comprometer a sobrevivência da sua própria espécie.

Trazendo esta aprendizagem para os dias actuais, podemos reflectir sobre o conhecimento prático e o quanto este se tem afastado do real propósito de uma vida plena e em harmonia com todas as espécies nos diversos ecossistemas. Será que o meio que nos ensinou a criar e a manter a realidade actual terá a capacidade de solucionar os problemas por ele causados? Já apresentámos no primeiro capítulo a roda da destruição que afecta o indivíduo, a sociedade e a natureza (cf. Anexo I), na qual o autor se refere à urgência da necessidade de uma transformação com a consciência pessoal, de si mesmo, e consequentemente ecológica e ambiental (cf. Anexo II), para que, finalmente, se alcance a paz integral, através de valores humanos e de uma nova ética para a vida – a arte de viver em paz consigo mesmo, com a natureza e com os outros (cf. Anexo III). Do mesmo modo, em termos teológicos, L. Boff designa a libertação para o nascimento de uma sociedade com maior equidade. Que tipo de inteligência aplicada ao conhecimento humano será capaz de tratar destes fenómenos com maior sensibilidade humana? Uma filosofia menos racional e mais intuitiva? Psicologias de carácter emocional e menos epistemológico-experimental?

Pensando na Mitologia, podemos perguntar: qual o arquétipo que representa a humanidade actual? Parafraseando uma expressão de L. Boff: seria o “exterminador do futuro” ou ainda o “Homem: Satã ou Anjo Bom”? Se assim for, qual o mito que “salvará o planeta”? Num tempo de crise ecológica planetária, penso que o modelo mais saudável não é o do pai, do professor ou do terapeuta, e tão-pouco o do sacerdote. A pessoa que mostrará o ícone para a geração

futura terá de agregar na sua personalidade o arquétipo de mentor¹⁸⁴. Mas quais serão os atributos e as virtudes que esta pessoa precisa de desenvolver? Sabedoria, resiliência, compaixão, inteireza, amabilidade, visão totalizada, acção-inacção, transformação...

O problema actual reside no conceito de “normal” e “melhor”, porque aquilo que é a “norma” são padrões culturais, costumes, dogmas religiosos e paradigmas científicos obsoletos, que ainda resistem e persistem, aceites pela maioria somente porque é “normal”! Isto tem provocado uma das maiores doenças da actualidade: a normose¹⁸⁵.

Durante muito tempo foi considerado normal fumar em ambientes fechados, ainda hoje é difícil praticar a lei por causa desta normose do tabaco. Grande parte dos hábitos humanos é na verdade o vício, que, além de prejudicar o agente causador, torna-se algo nocivo para todo o ambiente à sua volta. A conduta humana, de um modo geral, actua como um crime contra a comunidade biótica.

É perfeitamente “normal” extrair todos os combustíveis fósseis da terra e transformá-los em dióxido de carbono para a destruição da camada de ozono e, quando não houver mais petróleo, desfloresta-se matas nativas inteiras para a monocultura do bio-combustível. A humanidade usufrui desta prática, sendo que somos todos coniventes com esta barbárie contra a natureza. P. Weil defende ser preciso aplicar novos valores éticos e estéticos: “Cuidar, tratar, curar, acarinhar o nosso planeta consiste em lhe dar amor; é função de todos nós, e também de empresas e organismos, substituir os valores de exploração e hiperconsumo.”¹⁸⁶

Mas diante da actual conjuntura – falta de ética do cuidado e da saúde – é possível citar alguns exemplos: a polémica das sementes transgénicas – a humanidade está a nutrir-se de vegetais com “células de larvas” e ninguém se importa! Nas próximas décadas os recursos hídricos da Amazónia correm um grande risco de se esgotarem totalmente. De entre os principais motivos, a devastação próxima da mata ciliar dos afluentes, que provocam a erosão. As autoridades sabem disto e ninguém faz nada, pelo contrário, incentiva-se e legaliza-se esta prática, que é um crime contra a humanidade.

Aquilo que é tido como melhor, na verdade, é o mais vendável, é desta forma que os *media* manipulam as consciências e vendem o modelo que lhes convém em diversas propostas de

¹⁸⁴ Consideramos aqui o arquétipo do mentor como um sábio que integrou em si as f.p. e todos os demais arquétipos referentes à conduta humana, em termos de psicologia junguiana: o guerreiro, o amante, o rei e o mago.

¹⁸⁵ Conceito desenvolvido pela Psicologia Existencial Humanista para designar hábitos pouco saudáveis, que em consenso da maioria acaba por ser aceite como normal. Este fenómeno é conhecido como Síndrome da Normalidade. Actualmente, o tema é abordado por Jean Yves Leloup, Pierre Weil, Roberto Crema e outros.

¹⁸⁶ P. Weil, [NE] (2002, p. 98).

mercantilismo selvagem. Como afirma P. Weil: “É preciso educar as mídias (...), inverter o seu meio de informação e manipulação para mostrar novos valores humanos.”¹⁸⁷ Voltamos novamente ao problema: o modelo que temos actualmente é o pior que poderia existir. Seguimos o modelo do erro!

Melhor seria se não houvesse modelo nenhum. Não quero aqui trazer um diálogo reducionista, o intuito não é favorecer qualquer ideologia ou denegrir alguma tradição, contudo não podemos negar os factos, por isso vou aqui expô-los de uma forma crítica e sem medo da verdade. Trata-se de uma questão de comprometimento, de uma nova ética em favor da vida. Sabemos que a culpa não é da ciência nem da religião ou da cultura, e muito menos dos sistemas familiares, mas o problema é o resultado enganoso egóico e mercenário, de caminhos tortuosos que o ser humano tem trilhado ao longo de toda a sua existência até os dias de hoje.

Qual o modelo de adulto que as crianças de hoje levam para as suas vidas? De modo geral, salvo excepções, um pai, que na melhor das hipóteses está fascinado com a “onda do futebol”, uma das piores alienações sociais da modernidade, estruturada em quartéis multimilionários, entranhando a cerveja do momento (comprada após o apelativo da propaganda), depois de um exaustivo dia de trabalho, para colaborar com a manutenção do sistema do capital, na sua casa, na zona de conforto (sofá e televisão), improvisa o seu “arquétipo masculino” com o intuito inconsciente de “tapar o furo de sua sexualidade pouco saudável”. Em termos psicanalíticos, poderemos pensar na projecção de faltas e de desejos seguido pelo introjectar no corpo aquilo que lhe dê maior base para o seu aspecto masculino ou feminino ferido.

P. Weil, através das bases da pesquisa junguiana, descreve: “A presença de uma parte animal no humano que está vinculado com os instintos e a libido, e que, para a pessoa evoluir precisará dominar estes símbolos visando chegar à iluminação.”¹⁸⁸ Mas o que o sistema consegue praticar realmente para chegar a este caminho? Haverá uma personificação que possa modelar a energia para sua melhor utilização?

Podemos citar outros “modelos” arquetípicos, como o do sacerdote. Consideramos primeiramente a cultura judaico-cristã, que, com os seus resquícios da Idade Média, consegue hoje, única e exclusivamente, ser representada por um “padre de paróquia” a repetir o sermão que já não servia nem às gerações passadas, mas que ainda hoje procede o mesmo ritual “antropofágico” pelo símbolo de beber o “sangue e o corpo” para que as pessoas possam ter

¹⁸⁷ P. Weil [AMS] (2000, p. 88).

¹⁸⁸ P. Weil [EEMH] (1973, p.110).

um deus dentro delas. Como afirma P. Weil, “há uma deterioração do símbolo, uma deturpação da mensagem” e ainda, citando Bergson, diz que “a religião é para a mística o que a vulgarização é para a ciência”¹⁸⁹.

Não é meu propósito afirmar que o rito é algo vulgar e desnecessário nem tecer uma crítica entre o personalismo e o transcendentalismo, pelo contrário, quero esclarecer que é preciso, sim, rituais de passagem por um carácter profundo para um nível evolutivo que certa demanda da humanidade procura atingir, e se todos puderem e quiserem é possível chegar a um estado de encontro com a unidade. Mas será preciso um contacto com a essência do arquétipo, e não com o estereótipo trivial, pois a vulgaridade do exotérico banalizou a natureza. É, pois, preciso entranhar no hermético, no esotérico e neste aprofundamento da complexidade da natureza e do cosmos, que se realizará em prol de uma prática anunciada e revelada de acordo com o que é divino e espiritual na cons-ciência, e trans-cons-ciência. Equidade social? Sensibilidade ecologia planetária? Visão transpessoal para um novo olhar, segundo o qual toda a comunidade biótica é tratada pela categoria de Pessoa? Será este um caminho do panteísmo, do panenteísmo ou o encontro do panocrístico? Rumo a uma realidade do trans-cosmos-pan-crístico?

A religião, seguindo uma prática superficial da mediocridade de catequização do povo, ainda se serve de fundamentalismos político-religiosos para criar guerras. Leonardo Boff, referindo-se ao domínio do humano sobre a natureza, aponta para a Génesis que proporciona o aval para que o ser usufrua de todos os recursos da natureza de forma imprudente e desenfreada. Isto tem causado problemas sérios, de uso e abuso de todos os diversos tipos de vida da natureza planetária.

Podemos entrar em problemáticas de assuntos ainda mais delicados que não podem jamais serem ignorados, principalmente pelo seu carácter traumático e desintegrador da personalidade como casos da pedofilia, um tema actual, do tabu muito bem alicerçado pela “ética teológica do sigilo”, por não serem tratados, ao contrário são protegidos. Assim esses sacerdotes com distúrbios de sexualidade-personalidade acabam por reincidir no crime. Destacamos outras problemáticas do foro da sexualidade, social, corrupção ou ainda guerras.

L. Boff no seu discurso sobre fundamentalismos religiosos refere o seguinte: “Especificamente a respeito das doenças sexualmente transmissíveis e da sida nos lembra que o Vaticano veta a utilização de preservativos, e também não referendou a Carta de Direitos Humanos da ONU, e a suspensão de contribuição para a UNESCO por causa da

¹⁸⁹ Op. cit., p.68.

recomendação destes organismos para que as mulheres refugiadas usassem preservativos anticoncepcionais.”¹⁹⁰ O teólogo-filósofo descreve que “a mensagem central do cristianismo é de trazer a vida, e vida em abundância. A vida é sacrificada em nome de normas e de doutrinas fossilizadas.”

É importante citar ainda as novas religiões que aparecem com pastores que conduzem projectos multimilionários. Com a falta de caminhos para a espiritualidade, onde a religião não cumpriu este papel, as pessoas já não procuram o “templo” para tentar restabelecer uma união com o cosmos. Um dos maiores índices de morte na adolescência resulta de acidentes de trânsito, os jovens vão procurar na liberação de hormonas de adrenalina a substituição do êxtase místico que lhes falta, ou através da toxicoddependência, que a cada ano revela índices alarmantes; a síndrome de abstinência também cria problemas crónicos por se substituir o vício e potencializar substâncias em alimentos quimicamente industrializados com base em edulcorantes, aromatizantes, conservantes, tudo quanto for ‘anti’ vai promover distúrbios alimentares, disfunções físicas e mentais.

Há problemas de vária ordem – a dificuldade de controlar a mente, impulsos, pensamentos, desejos, procuras e indecisões – e a sexualidade humana vê-se limitada para encontrar uma relação fluída com a espiritualidade. Encontrar-se-á no Cristianismo Místico Budismo ou noutra movimento oriental ou ocidental hermético, respostas para o treino e controlo subtil dos sentidos? Como manter-se próximo do estado mental de um monge, fora do mosteiro? Por exemplo, na sociedade ocidental, com todas as adversidades e estímulos discriminativos que exige cada um dos diferentes contextos da realidade vigente. Como poderia estar com a sua mentalidade voltada para um ‘nível mais elevado’? A princípio a resposta parece residir na simplicidade e na pureza responsável por encontrar o caminho do coração e da compaixão numa sociedade tão presa ao terceiro chacra, do sanscrito *manipura*, na sua anatofisiologia que se localiza no plexo solar: nos apegos e nas acções agressivas dificilmente se realizará como um estado afectivo-emocional de sinergia e de comum-união com a natureza.

Mais difícil ainda será evoluir para um nível saudável do chacra cardíaco, *anáhata*. Quem mais manifestou isto no Ocidente foi *Joshua*, ou *rabi Ioshua*, popularmente conhecido como Jesus, o Cristo, foi um marco na história do Ocidente, dividindo-a com uma data que determina o calendário por referência ao antes e ao depois da sua presença. Sem dúvida, foi um divisor de águas, fez uma grandiosa revolução e foi perseguido e condenado por pregar a palavra (“amai-vos uns aos outros”). Com este pensamento incomodou a política da época, o

¹⁹⁰ L. Boff, *Fundamentalismos*, p. 20

poder dominante. Foi ele um grande teólogo da libertação? Uma libertação através da cura e do amor?

Mas o que fazer para conter a catástrofe deste sistema actual que barbariza a humanidade? Quantos Cristos, Maomé, Budas e Krisnas seriam, enfim, necessários personificar neste mundo? É preciso um Avatar (“se é que os profetas e mestres da humanidade os são”)? Um deus no humano? Uma nova revolução? Talvez o maior dos movimentos seja de facto uma revolução silenciosa, de acordo com o que descreve P. Weil, talvez o colocar-se para “dentro de si” em total “introspecção”, e a partir daqui então permitir-se a sentir o coração, não só o coração humano com todas as suas dúvidas e enganos, mas sensibilizar-se profundamente com o sentir em si mesmo o coração do planeta, o apelo do organismo *Gaia*. A humanidade somente mudará se tiver a profunda sensação daquilo por que todas as espécies vivas, os filhos da terra, estão a passar, no corpo, na pele a arder, no grito deste silêncio... Como ressalta L. Boff, “o grito dos pobres” poderá disparar um arquétipo regenerador?

Seria preciso iniciações profundas, ritos de passagem que a sociedade actualmente não pratica, não transmite, razões pelas quais os jovens vão buscar “dentro de si” ou “fora de si” tais respostas; e sem modelos saudáveis, se perdem ao dar o salto para o abismo, as trevas do inconsciente pessoal e/ou do colectivo, daquilo que aparentemente não queriam ver, estamos falar do conceito de sombra¹⁹¹, que nos permite retratar este exemplo dos adolescentes, quando, sem um mentor que lhes dê orientação, que lhes mostre as possibilidades para chegarem à integração de um maior sentido para as suas vidas, de ioga de comum-união, de unificação com a totalidade.

A palavra ‘ioga’ vem do sânscrito; sua raiz é a palavra ‘iuj’; ‘reunir, juntar’. Implica na reunião da natureza humana, fenoménica, transiente, com sua essência divina. Categoria esta que aparece nas obras dos dois autores aqui investigados vinculada a diferentes graus de intensidade na actuação da vida como um todo. Mas num percurso inverso a esta união, na contemporaneidade estamos diante de uma pulsão de morte, a sociedade inteira não escapa a isto, como já vimos no primeiro capítulo através da Figura I sobre a roda da destruição descrita por P. Weil. Neste contributo para o estudo do autor, problematizamos o tema que, em todas as direcções, se dirige para o aspecto da sombra. Os conflitos são criados pelos sistemas das sociedades, ao invés de lhes dar luz... de os curar, de os transformar, são

¹⁹¹ Encontramos na teoria da personalidade, da Psicologia Analítica de Carl Gustav JUNG, a categoria de sombra, que se refere a conteúdos que são rejeitados pela pessoa, isto é, não assumidos pela *persona*. No caso do exemplo acima, não devidamente integrados na personalidade como um todo.

mantidos e alimentados. São utilizados pelo sistema como um bode expiatório, o fenómeno da “massificação” aliena os povos através dos discursos, seja ele religioso, científico ou político, com a finalidade última do convencimento para aderir cada vez mais ao aprisionamento da superficialidade mundana.

Mesmo o pensamento oriental na sua prática não tem atingido uma mudança significativa nas pessoas, a aplicação do conhecimento védico e de outros sistemas com o objectivo de alcançar a grande Verdade, nos dias de hoje, acaba por, muitas vezes, ser praticado com dogmatismo e fundamentalismos ou, na melhor das hipóteses, num sistema estanque com lições que funcionam somente para aquele paradigma na comunidade “dos grupos de iguais”, sem trazer para a consciência a luz do seu real valor.

Os ensinamentos dos mais sábios monges e sacerdotes ainda constituem um conhecimento que não se revelou por evidência plena, porque mesmo diante de algumas constatações está mais voltado para a teoria do que para uma prática exequível na resolução de problemas sociais e colectivos na sua totalidade. Não estarão as comunidades preparadas para os receber? Trata-se de uma ‘missa’ para poucos? Para os Iluminados e iniciados? Como criar, então, uma prática que possibilite a libertação de todos? Talvez passe pelo caminho da preparação de sábios, isto é, de mentores que possam expressar um ensinamento de virtualidade, de um novo olhar para a Vida humana, planetária e divina. É preponderante chegar àquelas pessoas menos favorecidas, seja de saúde, economicamente, emocionalmente ou espiritualmente... e não sejam somente os poucos iluminados a receber esta graça, mas sim todos aqueles que precisam e tenham sede; mesmo aqueles que não sabem ou acham que não necessitam sejam talvez os que mais precisam.

Provavelmente, uma grandiosa possibilidade é aplicar a sagesa em pequenos grupos ao invés de o fazer a poucos privilegiados conjuntos de uma elite pseu-espiritual? É preciso afirmar aqui que a libertação é uma libertação de todos, principalmente dos mais excluídos e marginalizados, conforme, e bem, descreve L. Boff na *Teologia da Libertação*. Não somente os privilegiados cheios e repletos de graça, que aqui podemos tratar por “transpessoais e despertos”, mas a função prioritária destes supraconscientes—certamente a melhor das clarividências que possibilitaria a manifestação de experiências cósmicas e visões de estados da consciência PSI – é, primeiramente, a de olhar para aqueles que ainda não tiveram o direito da divina graça e ver por que razão não o têm. Somente depois deste processo se poderá perceber como alcançá-lo, provavelmente todos em ajuda mútua com sentimento de cooperação e compaixão poderão passar da categoria de “desgraçados e malditos” para, quiçá, virem a ser *pontifex*, mutantes na sua expressão criativa de viver, um equilíbrio de classes de

género e de povos! Sem dúvida, um dos verdadeiros encontros desta equidade é a relação entre o feminino e o masculino para que a diferença ganhe o direito ao equilíbrio por respeito, aceitação e reconhecimento.

L. Boff na obra *Eclisiogênese: A reinvenção da Igreja*, desenvolve a problemática social e de género na prática da chamada Comunidade Eclesial de Base (CEB). O autor aqui reivindica os direitos humanos para um benefício real para o povo, na possibilidade da sua libertação:

“Depois de milénios de primazia patriarcal verifica-se, em nossa época, sensível mutação de consciência quanto às relações entre o homem e a mulher e aos papéis que desempenham na sociedade humana. Uma função concedida para ambos os sexos podendo ser exercida ora por um, ora por outro. A mutação de consciência entre os sexos tende a deixar emergir a pessoa na mulher. É verdade que a sexualidade desempenha a sua função. Mas não é exclusiva. Ela toma seu lugar dentro do horizonte mais vasto da personificação.”¹⁹²

O filósofo-teólogo reforça a sua atitude ‘revolucionária’ aprofundando a possibilidade de um sacerdócio para as mulheres e conclui a obra com a temática de que “o ser humano é animus e anima, religioso e religiosa”. Vemos também que a espiritualidade-sexualidade tratada no primeiro capítulo aparece aqui como uma possibilidade de equilíbrio quando se dá o encontro entre *Anima iind Animus*. Cabe-nos perguntar e problematizar se poderão o sacerdote e a sacerdotisa compor um novo cenário do modelo arquetípico na espiritualidade contemporânea. Um “casal andrógino” que expresse o equilíbrio do *Anima iind Animus*, o sagrado Cristo cósmico personificado no Cristo pessoal? Individualmente, em cada homem e mulher? Ou na plena união do masculino e feminino de ambos? Ou ainda no arquétipo feminino do homem e no arquétipo masculino da mulher?

O facto é que estamos a falar de múltiplas realidades num mesmo conjunto do contexto mundial. Como realizar, então, um estado da natureza do sublime, isto é, do nível transpessoal para fazer a ponte com a realidade mundana, no seu aspecto transversal de evolução humana integral? Actualmente, não existe o benefício dos diferentes níveis sociais e etnias de uma demanda significativa, logo este caminho não é uma escolha para o bem real de todos!

Ao contrário dos aspectos negativos descritos anteriormente a respeito do modelo do sacerdote, sabemos que existem abordagens de várias correntes da religiosidade profunda, como a do Cristianismo Ortodoxo, a tradição Hesicasta, os padres do deserto, que realizam o seu caminho, o da peregrinação, que constitui um ritual iniciático de revelação mística. Um filósofo que também tem desenvolvido escritos em conjunto com L. Boff e Pierre Weil é o

¹⁹² L. Boff, *Eclisiogênese* p.191, 192.

autor Jean-Yves Leloup, que, ao referir-se a um exemplo de um jovem filósofo iniciado, explica: “Meditar como uma montanha tinha também modificado o ritmo de seus pensamentos. Ele havia aprendido a ver” sem julgar, como se ele concedesse a tudo que brota sobre a montanha “o direito de existir”.¹⁹³” A montanha havia lhe dado o sentido da Eternidade. Quando se dedica a uma prática profunda, por exemplo, ao desenvolver uma acção meditativa do arquétipo da montanha onde a acção e a inação encontram um lugar no Ser.

Todavia, parece que esta prática também é uma ‘missa’ de um rito para poucos, sabemos que somente uma ínfima parcela da população planetária seria capaz de aderir a uma profunda e verdadeira vivência do cristianismo místico ou a práticas meditativas orientais que exigem um controlo dos sentidos. Principalmente em termos mentais, este treino traria aos povos uma maior integração com a natureza ao realizar um trabalho pessoal e colectivo de ecologia alquímica?

Um pesquisador que é citado nas obras dos autores aqui em estudo e que complementa este assunto é Mircea Eliade, que, comentando a Psicologia Analítica, descreve o seguinte:

“Jung por exemplo crê que a crise do mundo moderno se deve, em grande parte, ao facto de os símbolos e os “mitos” já não serem vividos pelo ser humano total e se terem tornado simplesmente em palavras e gestos desprovidos de vida, fossilizados, exteriorizados e, por conseguinte, sem qualquer utilidade para a vida profunda da psique.”¹⁹⁴

É provável que um modelo trans-humano requira disciplinas e austeridades que exigiriam uma radical mudança de hábitos diários do cidadão comum, porém o principal factor que as impediria está certamente na sua própria condição, carente de um maior entendimento intelectual e espiritual, pois as pessoas estão presas aos seus condicionalismos religiosos primários e às suas convicções pessoais e culturais que as impedem de progredir e alcançar uma “frequência mais alta” da consciência através da libertação e da expansão da psique. Como já anteriormente foi descrito, é muito mais fácil viver no descomprometimento, principalmente quando a neurose religiosa já foi há instalada muito tempo. A massa alienada prefere seguir na superfície do seu religiosismo do que arriscar-se nas profundezas da espiritualidade.

O antropólogo das religiões M. Eliade acrescenta ainda uma abordagem a este mesmo problema, mas de uma forma mais relacionada com o contexto ocidental:

¹⁹³ L. Boff, [TD] (1987).

¹⁹⁴ ELIADE, Mircea, (2000, pp. 19-22).

“A especificidade do cristianismo está assegurada pela Fé como categoria *sui generis* da experiência religiosa e da valorização histórica. Na antiguidade, não existem hiatos entre a mitologia e a História: as personagens históricas esforçavam-se por imitar os seus arquétipos, os deuses e os heróis míticos. A imitação de um modelo trans-humano, a repetição de um cenário exemplar e a ruptura do tempo profano por uma abertura do Grande Tempo e encontra no mito a própria fonte da sua existência.”¹⁹⁵

Para ultrapassar este estado de “dormência” e chegar ao “transcender” da própria espiritualidade, é importante canalizar através da trindade a unidade – o três que se transforma em um, no profundo estado de comunhão, de comunicação com o universo, com a natureza trans-religiosa, o ser sai da dualidade e aproxima-se do Uno. Uma ponte directa do simbólico para o diabólico transformará o Ser em unidade regeneradora? Será que, com isto, se estabelecerá uma maior abertura para a vida em termos do profundo entendimento de como proceder diante da actual crise ecológica e da existência humana? Haverá uma condição que está para além do bem e do mal? Categorias do entendimento humano que são tão-somente uma mera dualidade convencional.

Este encontro estará no diálogo inter-religioso? Nos seus conceitos, rituais, correspondências, sincretismos e sínteses? Ou no modelo trans-religioso, isto é, não somente através das religiões, mas no ir para muito além delas, a espiritualidade pura? Inerente à vida e na sua manifestação extraordinária. Experiência de êxtase místico? *Samadhi*, auto-realização? Nirvana? O Aberto, eterna vacuidade? Ou pura e simplesmente estados de vivência extraordinária pela natureza humana?

Até agora, no presente subcapítulo, foi abordado o modelo de pai e sacerdote, pelo que se poderia citar o arquétipo do terapeuta. Onde está o curador da actualidade? Muito longe do arquétipo de curador, o terapeuta dos nossos dias limita-se a uma prática *anti-natura*, que tem desintegrado, principalmente nas últimas décadas, o *anima* de vida, a problematização que estamos a tratar aqui está relacionada com o conceito de *normose* defendido por P. Weil.

Os tratamentos actuais têm, na sua maioria, como base um procedimento medicamentoso ou unicamente de análise comportamental, ignorando a visão mais profunda para os sentimentos, a existência de aspectos da mente como uma “consciência emocional”, o processo de cura. Considerando esta abertura mais alargada para o espírito que fez parte de todas as culturas de outrora, está actualmente a ser retomada através das psicoterapias transpessoais, medicina ayurvédica e outras práticas milenares ou emergentes em terapia, que têm como estrutura teórica e técnica o conhecimento prático do campo vibracional e a integração da energia vital nos organismos.

¹⁹⁵ *Idem.*

Em termos gerais da saúde da comunidade, este “novo padrão” não está a alcançar índices significativos na terapia da práxis. O que nos revela dois factores principais: primeiro, não ganha total legitimidade por causa do lóbi da medicina vigente e pelo interesse dos grandes quartéis da indústria farmacológica; segundo, este mesmo sistema não quer, de facto, realizar um tratamento profundo que promova a cura no seu âmbito holístico, mas antes realizar a manutenção da patologia. Já sabemos que a maioria dos medicamentos alopáticos promove a melhora de um sistema mas prejudica outro, por exemplo, a maioria dos psicotrópicos é um beta-bloqueador, porque reduz as ondas cerebrais e a capacidade de a pessoa elaborar correntes sinápticas para uma frequência mais alta.

A longo prazo, este ser tornar-se-á dependente deste género de drogadicção ou na melhor das hipóteses estará com síndrome de abstinência. “A saúde no homem é um estado dado pela natureza, no qual não se usa agentes estranhos, mas uma certa harmonia entre o espírito, a força vital e a elaboração material dos humores.”¹⁹⁶ Deste modo, o professor dr. P. Weil traz-nos uma outra visão da saúde:

“Interessante é a semelhança entre o termo “sanidade” e “santidade”. A diferença é apenas de um “t”. È que ambas as palavras vem de uma raiz comum, o prefixo “sa” do sânscrito que significa simplesmente o Ser. Sat, chit, ananda significam o ser-consciência-felicidade, que é uma forma de definir o estado de consciência místico e do santo. Reencontramos este prefixo no próprio termo “sânscrito”, a língua do Ser. Ele inicia a palavra “sagrado” e o hebraico shalom ou árabe salam que significa paz. O estado de saúde não será também um estado de paz, de plenitude, de harmonia que caracteriza o místico e o santo e resulta do seu estado transpessoal?”¹⁹⁷

A solução seria uma prática de profilaxia? Numa linha em que a reeducação dos hábitos de consumos com uma maior consciência de si mesmo, autocontrolo e autoconhecimento com o intuito de manter hábitos mais saudáveis são fulcrais, para P. Weil a saúde depende da interdependência entre a saúde pessoal, a saúde social e a saúde ambiental. Sendo assim, mesmo uma pessoa saudável poderá encontrar-se desfavorecida numa sociedade que provoca miasmas nos seus diversos contextos e ambientes. Então, a saúde não depende somente da cura mas sim, e grandemente, da sua educação!

Assim, aproximamo-nos de um conceito de ensino-aprendizagem, que se reflecte na figura do professor, no arquétipo de professor. Muito distantes de um mestre ou de um sábio, as crianças encontram uma figura que apenas lhes passa a repetição de cartilhas académicas com “respostas de bolso” e “fórmulas prontas”, sem a necessidade de reflectir; afinal seria um

¹⁹⁶ P. Weil, [AMS] (2000, p.42).

¹⁹⁷ *Ibidem*, p.39

perigo para o sistema dominante se os alunos fossem questionadores. Numa pesquisa de campo que realizei no Sul do Brasil, ao acompanhar um grupo de investigadores na área da educação, tive a possibilidade de presenciar um diálogo entre um pesquisador e os seus supervisionados, no qual ele, após um amplo discurso, deixou um tempo para as perguntas, dúvidas e questionamentos, e, como é comum nas classes de ensino, é o momento de pleno silêncio...

Então, o pesquisador pergunta indagando com uma subtil provocação: mas vocês não têm pensamento crítico? E após um novo tempo de silêncio, um único aluno fala: “Ó, senhor professor!, já é tão difícil pensar, quanto mais criticamente!”

Não é de espantar que a Filosofia seja uma das disciplinas menos praticadas em todas as escolas do mundo, e estas, cada vez mais, têm vindo a ser substituídas por outras “mais importantes” e “melhores”. É o fantasma da mercantilização do ensino que está cada vez mais preocupado em formar e produzir “bons modelos” para seguir o “perfeito” padrão vigente, imposto pelo capitalismo neo-liberal que promove a normose do sistema educacional.

Perante estes factos, segundo o que se pode observar no quadro a seguir “Uma mudança de paradigma na educação”, (Cf. Anexo XIV), ocorre a revolução onde a escola e demais contextos de interacção de grupo com um facilitador, mediador, passam a servir a comunidade procurando humanização, paz e valores éticos.

No quadro que vimos descrito em anexo por P. Weil, temos, por um lado, o antigo, porém actual paradigma cartesiano-newtoniano, no seu processo lógico-racional, e, por outro lado, um novo paradigma holístico com a união de todos os valores, entre sensibilidade, intuição e sentimento sem negar a contribuição do intelecto.

Sendo assim, voltamos a perguntar: qual o modelo que temos na nossa sociedade? Que processo de educação? E poderia agora contrapor; qual o modelo que queremos? Porém, esta pergunta seria um erro fatal! Pois o nosso querer está influenciado pelos desejos mais superficiais dos modelos e pelos apegos tão distantes da perfeição, pergunta-se, então: qual o ícone de que realmente precisamos para que o humano se torne um ser digno de sua natureza e do ambiente em que vive? Um pai, um professor, um terapeuta, um sacerdote? Há modelos saudáveis na sociedade? Existe a possibilidade de os transmutar e de os fazer renascer em nós? Como? Qual o Mito? Que média, que filme? Há um herói regenerador em cada coração humano? Um arquétipo de um deus personificado para este humano inacabado?

5.3. Uma Possível Integração Arquetípica

O filósofo L. Boff, ao descrever a co-relação entre as diversas categorias que envolvem o rito-mística e mito-arquétipo, aproxima-se muito do que afirma o seu contemporâneo, o autor junguiano J. Campbell, que ilustra a condição humana na síntese do mito:

“Existe uma lenda pigméia do menino que encontra na floresta um pássaro de belo canto e leva-o para casa. Ele pede ao pai que traga alimento para o pássaro, mas este lhe diz que não pretende alimentar um simples pássaro, e mata-o. A lenda diz que o homem matou o pássaro, com o pássaro matou a música e com a música matou-se a si mesmo. Caiu morto, completamente morto e morto permaneceu para sempre.”¹⁹⁸

A primeira impressão que temos ao ler esta citação do mito no contexto da presente dissertação é a de que a condição humana já não tem mais esperança. Outra análise que pode ser feita é a de que o velho não mudará e de que é preciso fazer a passagem daquilo que já não serve mais. Para tal, o menino teria de cuidar de si mesmo e do seu pássaro (da sua inspiração e da sua arte) e conseguir o alimento, que a figura paterna negou.

Muitas vezes, o desenvolvimento “adulto” nega a pureza e a espontaneidade da infância, o que revela que a castração está muito presente na sociedade. Agora, o menino faz o caminho do retorno – depois de ter sido negado pelo pai, volta para a floresta, para o elemento do arquetípico da terra, reencontra-se com a mãe, que é a nutridora, é nesta fase que ele terá a fonte de alimento para o pássaro, para que as “suas asas cresçam e possam voar”, o elemento ar, a f.p. o pensamento. Mas o caminho da floresta é longo, perigoso, frio, sombrio, a floresta e a natureza são “perigosa[s] é má[s]”. É esta a história que sempre foi contada às crianças, é este o arquétipo que está no inconsciente colectivo e passa de geração em geração ao potencializar os medos e as culpas.

E o menino, ao seguir o seu rumo, porque não tem mais o modelo para o destino, terá de contar com a sua sabedoria “interior”, agora a única coisa que lhe resta é o seu pássaro, que é o ícone que lhe pulsa o coração, é a morada do elemento água, a f.p. sentimento, é o vector que proporciona para si próprio o brilho no sorriso dos olhos. Assim, aponta o olhar para o horizonte na busca do raio de sol que abre o caminho do amanhã. É na floresta, na árvore, no símbolo do elemento terra, onde desperta a f.p. sensação e onde o menino cresce na companhia do pássaro, da natureza e do símbolo da beleza com a música. Razão pela qual o masculino ferido é curado – é lá, no arquétipo da floresta, com o símbolo da árvore da vida,

¹⁹⁸ Joseph CAMPBELL. 1991. p. 35

nas dez *Sephiroth*¹⁹⁹, que o pássaro vive e renasce no elemento fogo, a f.p. intuição, que é a androginia psíquica. Aquele que canta é a beleza; na cabala judaica a beleza é representada pelo sexto ramo, *tiphareth*, equivalente ao conhecimento védico ao sexto chacra *anahata* ou à estrela de David, ao signo de Salomão com os dois pólos, aos arquétipos do masculino trígama acima e do feminino em união trígama abaixo, (como dois triângulos que se sobrepõem unidos formando a estrela), água e fogo, sol e lua fundem-se num mesmo símbolo.

A partir do Mito deste menino, pode-se pensar no renascimento de um novo símbolo para a humanidade. O menino está muito próximo do arquétipo de Hórus, que nasce do amor de Isís e Osíris, dois irmãos que concebem o deus pássaro-falcão, um pleno equilíbrio do sol e da lua, para a libertação das trevas do mal da ignorância. P. Weil, na sua tese de doutoramento, *supra* citada, transfigura toda a história da humanidade num cruzamento dos significados mitémicos das diversas sociedades no simbolismo étnico-cultural, sendo a sua principal base teórica a de C. G. Jung, que, num dos seus títulos²⁰⁰, fala da importância do ritual na identificação com um deus ou herói para que ocorra a identificação do menino para a sua transformação. Nesta dissertação, escolhemos a categoria do mentor, que é o conselheiro da acção, que, por conduta prática à nova ética, que em termos junguianos está relacionado com a figura do Sábio, é aquele que transmuta os elementos na sua alquimia humana profunda, neste caso, do próprio ambiente nas relações intra e interpessoais, é aquele que, por exemplo, conduz os outros à passagem, ao celebrar ritos mitológicos²⁰¹.

O mentor está distante do sacerdote, pois este não passou pela experiência prática, está mais próximo do arquétipo do xamã, é o ser que conhece profundamente a natureza de todas as coisas, não só por estar próximo dela, mas por estar na condição de pertencer à “entidade” *Gaia*, em si mesma, ali representada, como um canal, portal de acesso ao cosmos, que o xamã, ao invocar elementos e arquétipos de animais sagrados, de poder e cura, que personifica conteúdos vivenciais de fortes emoções, conduz a si mesmo e irradia os outros a um (EAC)

¹⁹⁹ Na Cabala judaica, refere-se às dez emanções de Ain Soph.

²⁰⁰ C. G. Jung, (2007, p.132).

²⁰¹ Ibidem, p.25. “A mitologia lhes ensina o que está por trás da literatura e das artes, ensina sobre a sua própria vida. É um assunto vasto, excitante, um alimento vital. A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável”.

Estado Ampliado de Consciência, de maior lucidez e de compreensão na finalidade da integração de todos os sistemas vivos.

Ao aproveitar esta conduta natural, utilizar-se-á a presença de elementos vivos do imaginário ao trazer uma nova ética para o planeta, que se poderiam personificar como modelos genuínos para a sociedade, valores humanos expressos nas virtudes destes heróis. Tal como na mitologia helénica, hindu ou egípcia, esta triangulação inter-civilizacional mostra-nos que os respectivos deuses têm uma profunda proximidade transcultural na manifestação da personalidade humana.

Do mesmo modo em que é criada a rede neural no inconsciente colectivo no que ao seu processo imaginário nos seus diversos sistemas diz respeito, o ser humano amplia a psique para além do pensamento, trazendo para a realidade uma linguagem supraconsciente no processo da ecologia interna – a evolução da educação humana constitui os seus talentos através do processo da linguagem transpessoal.

Com o mesmo propósito, C. G Jung anteriormente definiu o conceito de imaginação activa, trata-se de imagens desenvolvidas pelo inconsciente, obtendo uma visão mais ampla da realidade: expansão da consciência a estimular a ordem mental superior. Actualmente, que imagem ou símbolo servirá de totem para a aldeia global actual? A comunidade planetária poderá resgatar um elemento reorganizador dos seus sistemas vitais, uma mitologia que, na prática dos nossos dias, esteja presente em todas as culturas, sendo aplicada em histórias diferentes para que possa ecoar no inconsciente humano e despertar arquétipos que transformem a mentalidade humana.

Para que o ser humano possa integrar a sua estrutura mais profunda terá de trazer para a comunidade planetária este totem, “animais arquetípicos”, “deuses”, “mitos e heróis”, elementos e símbolos para se tornar alguém menos mundano e profano e se aproximar mais do sagrado... do ethos? Expressão das virtudes e princípios éticos que tragam inspiração e possam impulsionar o humano para uma nova maneira de viver e habitar a terra estabelecendo relações “intra e interpessoais”. Encontramos, neste sentido, o que defende o pensador Leonardo Boff: “Tais pessoas se transformam em símbolos poderosos, quer dizer, mitos, capazes de cristalizar energias colectivas, falar ao profundo das pessoas e mobilizar multidões.”²⁰²

Qual será o destino do *homo-sapiens-sapiens*? Perante a encruzilhada, que caminho a escolher? O *homo-technicus* ou *homo-elementum*? Estará nas estradas do hoje a escolha

²⁰² L. Boff, [SC] (2000, p.57).

estratégica dos povos? Se parcelas diferenciadas da humanidade tomarem posições contrárias, poderá a humanidade comungar propósitos tão distintos? Existirão directrizes adaptadas para elaborar estas correntes ou a transformação seria o prenúncio de uma catástrofe? Apresentar-se-ão técnicas e novas tecnologias que respeitem e estejam fundamentalmente integradas na vitalidade dos elementos da natureza?

5.4. Ecologia do Ser: Para uma Transformação Mitológica

O ser humano encontra-se actualmente sem um real propósito de existência, sem sentido para viver e sem um modelo saudável para seguir, como já vimos no capítulo anterior. É evidente que o sistema está em profunda crise ecológica, diante de uma sociedade planetária corrompida, que se resume ao mercantilismo desenfreado através do controlo das médias e demais estruturas insustentáveis. Se a problemática desta questão está no ser humano e se a sua conduta é a causa-efeito do obscurantismo totalizado, logo a solução deve estar também na pessoa, “através dela e para além dela”, em que o Transpessoal se desenrolará num processo de mudança, todavia, para que esta transformação seja efectiva, como podemos ver na roda da transformação (cf. Anexo II) e da paz (cf. Anexo III) descrita por P. Weil, é evidente que é preciso que ocorra a cura do arquétipo deste ser humano ferido, “alienado”, iludido no *maya*, conceito este de origem sânscrita, que designa ilusão e que pode ser analisado como a fragmentação da realidade no colapso que se avizinha.

Actualmente, podemos pensar que a mitologia colectiva e a história da ecologia pessoal irão trazer uma luz para a barbárie que aterroriza a comunidade planetária. A iniciação, o mito e o ritual são actualmente nulos e vagos ou ainda banalizados por diversos sectores da sociedade, na ausência de modelos, tutores e mentores, que teriam a função de mostrar o ícone de um ser humano mais saudável, que não passou somente pelas fases do desenvolvimento, mas também se permitiu caminhar para um nível seguinte, mais evoluído, ainda não alcançado pela actual geração. Trata-se da emergência da experiência Transpessoal? L. Boff, através da figura viva de São Francisco, enuncia: “Em São Francisco o utópico se fez tópico, historizou-se o evento da doçura da confraternização de todas as coisas. Reconcilia-se a arqueologia íntima com a ecologia exterior mediante um mergulho abissal no mistério de Deus.”²⁰³

A humanidade em geral é incapaz de conceber e de personificar o arquétipo de um deus, de um herói, ou seja, de despertar um modelo saudável em direcção à supraconsciência; todavia,

²⁰³ L. Boff, [SFA] (2000, p.57).

urge o nascimento desse novo arquétipo para o Ser extrair deuses e deusas que há no “interior” de cada pessoa, em contacto com Eros? Sendo este o único arquétipo mitológico que não estabelece uma representação com características na constituição da personalidade, possivelmente por esta ser demasiado humana e o arquétipo de Eros ser relativamente etérico, é suficiente, no que toca à natureza humana de uma maneira muito subtil, fazê-lo através do Amor? Da percepção extra-sensorial? Da Sincronicidade? Na sua simultaneidade e acontecimentos significativos. Do arquétipo central da personalidade, o *Selbst*? É preciso realizar ritos de passagem da pessoa, para que se torne transpessoal, em universos de trans-realidades sobrepostas, é preciso quebrar a dualidade, o “dois” para se chegar à unidade, para se encontrar o centro, do “um” encontra-se o “três”, o trans, a unidade-trinária.

Imaginemos um ‘Ser Transpessoal’ que desperta a sua ‘Supraconsciência’²⁰⁴ através do Eros como arquétipo vivo, sem o procurar com “projeções e transferências”, mas, muito mais profundamente, manifestando-o através da expressão do corpo, da alma e do espírito. A pessoa, individualmente, dentro da sua auto-transformação ou na integração de um casal, que através da sexualidade-espiritualidade alcança um estado de Bem Amada Presença.

Considerando esta pessoa, ou esses dois Seres, quando aprofundarem o mesmo estado de um padrão arquetípico, liberá-lo-ão para que as suas personalidades possam fluir na vibração desse arquétipo e ir através dele, para um processo alquímico de auto-exploração psíquica. Ao manifestar a natureza supra-humana, estariam estes Seres em estado transpessoal próximo de uma androginia psíquica, indo ao encontro do que Jung afirmava a respeito de *Anima und Animus*. Ter-se-ia a integração de complementaridade plena destas categorias no relacionamento de duas pessoas ou num único Ser? O feminino-masculino no Uno ou no múltiplo?

Sendo assim, qual a linguagem do mito que se poderá estabelecer para que desperte a luz diante desta barbárie? De que valores o novo arquétipo da natureza humana precisa para constituir uma personalidade mais madura?

Urge a evolução do Ser, talvez aquilo que se apresenta como necessário hoje para a humanidade na sua crise de existência seja um ser sagrado no resgate da sua espiritualidade, ou seja, indo ao encontro do *Selbst*. Seria a transdisciplinaridade um fenómeno emergente para o despertar da consciência na natureza humana? Pode a experiência mística promover um estado de expansão que eleve a pessoa a um novo arquétipo para a contemporaneidade?

²⁰⁴ Cf. Conceitos utilizados pelo psicólogo Roberto Assagioli. Supraconsciência tem aqui o carácter de “ascender ou descender” conteúdos de vivência transpessoal ao atingir uma manifestação plena.

O humano, após fazer a passagem deste mundo para a concessão de uma nova realidade, entra num processo de iniciação do ser no seu reconhecimento interior, mais do que inicia a acção em direcção a um caminho, de forma a ultrapassar o mundo dual e diabólico, isto é, “exterior”, de um suposto mal relativo. Poderá sair deste processo e criar a sua realidade “trans-bólica”, ou seja, transbordar, isto é, ultrapassar a borda que delimita o espaço de actuação, a construção dos processos mnemónicos da linguagem que destina a energia para a manutenção “dual”, vertendo estas imagens para “fora do cálice”. Entornando-as, é neste momento que ocorre a passagem no seu próprio elemento e que se cria uma nova realidade, é, pois, neste momento que a pessoa tem acesso ao *Graal*, que o prova, que o experimenta e que o retém, como o símbolo do cálice e do feminino. Ocorre uma metamorfose do ritual mitológico e surge o nascimento de um novo arquétipo, até então não experienciado pela natureza humana, que agora deixa de ser “diabólica” para ser “transnatural”, “transpessoal”! O equilíbrio entre-mundos atemporais poderá trazer uma maior equidade bio-psico-sócio-cultural para as diversas comunidades bióticas no planeta?

A Pessoa, após a “grande iniciação”, ao dar o salto, a mais alta passagem, deixará de viver somente na sua própria dimensão da alma, *Anima*, para integrar uma outra natureza, a do espírito, *Animus*. A psique, então, não precisará de ir ao encontro do arquétipo de Eros, pois já estarão ambos integrados, fundidos no mesmo Ser, a androginia simbiótica: masculino e feminino, alma e espírito, deus e deusa, sol e lua, terra e céu... Unida pelo etérico – a quintessência –, através da linguagem do inconsciente ontogenético, a pessoa humana manifestada na categoria de *pontifex*²⁰⁵ estabelecerá a rede de comunicação de “comunhão interna”, o conhecimento transdisciplinar, uma vez que, para ir “além” do diálogo inter-religioso, é preciso fazer-se luz no trans-religioso, ultrapassar o discurso dogmático das religiões e chegar ao transcultural. A *personore*, a voz que sai da máscara, cria um poder no pensamento de acção e interage com os elementos dando-lhes vida e capacidade para serem agentes de mudança. A categoria de *persona* ultrapassa aqui o conceito junguiano e a própria etimologia da palavra que nos remete para o teatro grego. Falamos aqui da interferência da *persona* cósmica com as demais *personas* na constituição da Pessoa Humana.

²⁰⁵ Do latim, *Pontifex Maximus*, o sumo-sacerdote, descrito aqui como um arquétipo de transformação e integração da personalidade humana. Estado de consciência alcançável a todos aqueles que se permitirem atingir a libertação “deste mundo para o grande mundo”.

6. Natureza Humana: Avanço e Retrocesso do Paradigma Ecológico

6.1 Comunidade Planetária Sustentável ou Ecologia Humana Evolutiva?

Pensamos agora na suposição do mito do planeta terra. Para tal, consideramos *Gaia*²⁰⁶ e os elementos por si constituídos: ar, água, fogo e terra. Estando o ser humano em relação de co-dependência com estes quatro elementos, utilizamos para esta representação as funções psíquicas f.p. descritas por C. G. Jung: pensamento, sentimento, intuição e sensação.

A f.p.p, tem como símbolo o elemento ar no despertar do conhecimento, inspiração e discernimento de valores universais; já a f.p.st, corresponde à manifestação da água como fonte que verte universos na abundância da vida, representa o feminino, a prosperidade e a fertilidade, e, como já vimos, leva-nos a pensar na simbologia do Santo Graal.

A f.p.i, está em conformidade com o elemento do ‘fogo’, com a função de transmutar e ascender o corpo subtil no renascimento de novas experiências de acção e movimento. A f.p.sc, ao representar o elemento terra, elemento que consolida, é o arquétipo que nos permite estabelecer a raiz para um caminhar mais firme que nos possibilite colher os “bons frutos” na jornada existencial. Todos estes aspectos estão inter-relacionados com os reinos da natureza vegetal, mineral, animal e humana. Certamente é a consciência deste processo que dará bases mais firmes para a evolução do que anuncio nesta dissertação como *homo-sapiens-elementum*, para uma visão sustentada no elementalcentrismo.

6.2. Um Novo Paradigma de Integração com a Natureza

A actual crise ecológica planetária encontra-se encoberta por causas plurais, tendo como cenário o invólucro antropocêntrico na paisagem do humano-protagonista, como uma *gestalt* em evidência, criador de realidades materiais. Ao utilizar as ferramentas da tecnociência, o procedimento mecânico e destruidor de cenários naturais apresenta o seu “corpo de fundo” como o império da “concretude”, isto é, a atitude de concretizar a matéria, de objectivar as suas “molduras e armaduras” e de reforçar o carácter do ego, que necessita de sempre mais para “sentir-se” seguramente e amplamente completo.

É por isso que se estende por todo o globo terrestre a camada da matéria “bruta ou elaborada”, que seca ardentemente como uma ferida que não cicatriza mais e que permanece

²⁰⁶ Consideramos aqui *Gaia* como a Deusa-Mãe, geradora e nutridora de toda vida no planeta terra.

presente, resistindo e alastrando-se pelo sangue, como fluído que escorre da acção do humano sobre o domínio e extermínio de espécies e ecossistemas, sendo uma ameaça para si mesmo, a catástrofe última do efeito reflexo para o eterno retorno.

Percebemos, deste modo, que o ser humano não está em comunhão com os seres, reinos e elementos que constituem a natureza, porque as suas funções psíquicas não estão integradas e a sua consciência não está plena; sendo assim, o humano ignora, banaliza, apresentando-se como um arquétipo do exterminador do ambiente. O homem contemporâneo está doente por dentro, o que pode ser muito bem explicitado por Leonardo Boff, através de uma sua afirmação:

“Assim como existe uma “ecologia exterior”, existe também uma “ecologia interior”. O universo não está apenas “fora do ser” com sua autonomia, ele está também “dentro” da personalidade humana. Todas as coisas estão nas pessoas como imagens, símbolos e valores. O sol, a água, o caminho, as plantas e os animais vivem em nós como figuras carregadas de emoção.”²⁰⁷

Para P. Weil, esta questão está vinculada à categoria da normose e à mudança de paradigma da ciência, educação, saúde e ecologia. Neste sentido, entraremos num mito que requer duas personagens: a primeira, apresentada até agora como o ‘infra-humano’, implica que pensemos numa condição mais saudável do ser, mais centrado em si mesmo e na unidade cósmica; a segunda, o ‘supra-humano’ o transpessoal, é o arquétipo regenerador, cujo símbolo aponta para um ícone de realidades integradas na natureza, na visão voltada para “dentro de si”, para a luz do conhecimento, da consciência. É o despertar do coração para uma inteligência emocional dos valores humanos, e não para a dispersão mercantilista da percepção, dos meros desfrutes dos sentidos mundanos, dado que, segundo P. Weil, é na paz do coração que se abrirá um novo caminho de luz, destacando o autor que é possível, através da meditação budista e da ioga, entre outras práticas, sair da dualidade.

Em L. Boff, estes aspectos poderiam ser classificados a partir dos conceitos *sapiens e demens*. Será um caminho possível elevar à consciência o *sapiens* em detrimento do *demens*? Mas essa conduta não seria ingénuo, porque, afinal, estaríamos a criar uma aversão do lado *demens* da natureza humana? Quais as profundas consequências disto ao nível de evolução? A superficialidade da realidade do mundo aterroriza o arquétipo do sábio, do pensador, que, não suportando mais a mediocridade e a ignorância do ‘infra-humano’, vai ao encontro do mais real e verdadeiro, ao absoluto? Experiência de unidade? Experiência seguida de uma possível

²⁰⁷ L. Boff. [EME] (2000, p.37).

consciência cósmica? Poderíamos falar de um processo transpessoal a um nível mais alargado, na expansão da consciência, encontrando-se o espaço até então ocultado pelo inconsciente ‘supra-humano’. Mas o coração da pessoa humana fica em dúvida, incapaz de decidir ou de permanecer num estado desconhecido, ou não aceite pelo ‘padrão vigente’. Por medo, culpa, e demais aspectos da sombra psíquica, a maioria das pessoas defende-se através da norma estabelecida ou esconde-se por detrás das suas ‘leis’ científicas, filosóficas, ideológicas ou religiosas. Poderá o elementalcentrismo apresentado sub-capítulo anterior reverter este padrão da acção *demens*? Poderemos apurar a sabedoria dos elementos e integrá-los em nossa consciência? tornar um Ser *homo-sapiens-elementum*? *Verselbstung*? ‘Ser Transpessoal’?

6.3 Por Uma Ecologia Transpessoal Social-Cultural

O mundo humano cria um sistema que inverte o universo natural, vertendo para pluri-universos materiais, e perde com isto o seu uni-universo, a sua unidade funcional, o centro de si mesmo, em relação com a pessoa humana e com o si mesmo espiritual, o arquétipo de *Selbst*, para C. G. Jung. Diante destes e de outros factores, pode-se fazer uma analogia da comunidade planetária com o mito do encoberto, em que a mente humana adquire o aspecto da sombra, de lugares do interior do ser aonde a luz não chegou, aonde a verdade não se dá a conhecer. Com a projecção do pensamento humano, cria-se a concepção do mundo e, através dos cinco principais sentidos, o Ser apreende e interage com a realidade planetária, porque as pessoas têm diante delas o caos, a destruição e a degradação da natureza. O processo de individuação poderá amenizar as mazelas da colectividade humana em sua sociedade?

Perante a problemática antropológica regida pelos aspectos psíquicos, sociais, culturais, políticos e espirituais, pode-se perguntar: qual a solução? Pensamos na complexidade da consciência que aponta para outros sentidos além dos cinco, um estado de percepção extra-sensorial ligado a processos sensitivos e intuitivos, que, como já verificado por P. Weil, vão ao encontro do conceito de sincronicidade de C. G. Jung. Podemos falar nesta ordem da mística e militância de L. Boff, possibilitando todos estes fenómenos agrupados uma transformação humana no seu carácter social e cultural? Haveria assim uma prática epistemológica transpessoal? A resposta estará no fundo, no escuro-esquecido do ventre da terra? Ou poder-se-á arriscar em resgatá-lo do inconsciente oceânico, mar-abissal do planeta? Tendo por base esta interrogação por uma indagação-reflexão poética, passamos para o último capítulo, no qual iremos tratar de um caminho que nos leva para a construção do pensamento filosófico em Portugal.

Capítulo III – Um Caminho Transpessoal que nos leva a Pessoa

7. Da Filosofia e Psicologia Transpessoal à Literatura Portuguesa

Este capítulo foi destinado para realizarmos uma ponte de ligação dos dois autores aqui investigados entre o pensamento e a filosofia em Portugal, valorizando a transculturalidade, deste modo num contributo Luso-Brasileiro. De muitos outros pensadores que poderiam aqui estar reunidos, Iremos tratar da temática do Ocultismo em Fernando Pessoa e especificamente de Alberto Caiero e Álvaro de Campos. Escolhemos Pessoa porque é na sua condição de poeta que revela-nos maiores conteúdos para desenvolver a categoria transpessoal e, de abrir possibilidades para futuras investigações.

7.1. O Panteísmo em Fernando Pessoa e sua relação com a mística cristã de L. Boff e com a visão holística de P. Weil

É revelador em A. Caiero uma profunda ligação com o planeta, algo que transcende até mesmo a relação que ele estabelece com os elementos e reinos da natureza. Encontra então um universo mais vasto que é a Natureza como um todo, o encontro de fronteiras instáveis entre o humano e o divino faz de A. Caiero, tal como em outros heterónimos de F. Pessoa, um Ser transnatural e transpessoal na busca incessante de si mesmo em tudo que existe.

L. Boff reforça esta ligação do humano com o planeta: “Até hoje carregamos a memória desta experiência espiritual de fusão orgânica com a Terra, a fim de recuperar suas raízes e experimentar sua própria identidade radical.”²⁰⁸ F. Pessoa diante do heterónimo de Alberto Caiero que desenvolvemos a seguir possui uma relação íntima e entusiástica com a Natureza como podemos contactar na seguinte passagem: “Mal a diligência levanta no cimo do outeiro. / Saúdo-os e desejo-lhes sol, / E a chuva, quando a chuva é precisa.”²⁰⁹ L. Boff levanta conteúdos próximos a esta situação ao descrever o arquétipo de São Francisco, que, por outra via, também emerge a visão dos reinos e dos elementos da natureza, num sentido de humanidade apresenta as palavras do santo: “Sê bem-vindo ao nosso meio. O sol é também teu, o ar é nosso e o amor pode ligar nossos corações!”²¹⁰

²⁰⁸ L. Boff. [SC] (2000, p. 78.).

²⁰⁹ F. Pessoa, A. Caiero. [OC] (2005, p. 178).

²¹⁰ L. Boff. [SFA] (2000, p. 39).

O teólogo-filósofo fala de São Francisco como o expoente que emana o amor em estado de ternura, carinho e vigor, destinado ao relacionamento humano e com os outros seres que coabitam o ambiente. Em Alberto Caeiro temos uma variação do amor que aparece com mais frequência por relação directa com a Natureza e especificamente com o arquétipo da criança divina que veremos mais adiante.

“Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é, / mas porque a amo, e amo-a por isso, / Porque quem ama nunca sabe o que ama / Nem sabe por que ama, nem o que é amar.../ Amar é a eterna inocência, a única inocência não pensar.”²¹¹ O poeta transmite em muitas passagens a ausência do pensar suplantando a profunda presença do sentir.

Com esta dissertação podemos reflectir nas categorias junguianas também defendidas por P. Weil, o pensar *das Denken* e o sentir *das Empfinden*. Na poética de Caeiro, este amor refere-se ao conceito de sentimento, e também a uma outra função psíquica que diz respeito à sensação *das Fühlen*, isto é, o perceber, através de um estado corporal da experiência visceral, de tacto e pele, onde todos os sentidos se encontram aguçados e envolvidos pela Natureza e para com ela.

O não-pensar, referente a negação da categoria *das Denken* aparece como uma função psíquica inactiva para ele, pois as próprias palavras do poeta revelam que para amar é preciso não pensar, estabelecendo-se, assim, uma relação de três das funções psíquicas potencializadas em detrimento de uma, assim é possível chegar ao profundo estado de sentir *das Empfinden*, de perceber *das Fühlen* e de intuição *die Intuition*. Já o pensar *das Denken* na poesia de Alberto Caeiro seria a morte, pelo menos parcial, das outras funções psíquicas. “Sou um guardador: de rebanhos. / O rebanho é os meus pensamentos / E os meus pensamentos são todos sensações. / Penso com os olhos e com os ouvidos / E com as mãos e os pés / E com o nariz e a boca.”²¹²

Confirmamos assim que o conceito de pensamento em A. Caeiro não equivale a f.p. o pensar *das Denken*, mas neste caso refere-se à f.p. perceber *das Fühlen* ou à sensação. E principalmente a uma categoria ainda mais importante que aparece na sua escrita, que é o arquétipo do que tratamos aqui por criança divina, ou seja, um Ser puro, em sua essência natural. “E ao lerem os meus versos pensem / que sou qualquer coisa natural – / por exemplo, a árvore antiga / À sombra da qual quando crianças / Se sentavam com um baque, cansados de

²¹¹ Op.cit., p. 179.

²¹² Ibidem, p. 189.

brincar.”²¹³ O arquétipo da criança sempre aparece junto da noção de natureza; a presença da criança para Caieiro tem algo que ainda não foi formatado pelo sistema mundano e tem todos os seus sentidos mais espontâneos que a tornam supra-humano, transpessoal: “É a criança tão, humana que é divina.”²¹⁴

A criança, em seu estado mais puro e natural, pela sua espontaneidade e pureza, age por expressão de si mesma, que em Álvaro de Campos aparece num estado pessoal da infância: “De que mais vale ser criança que querer compreender o mundo.”²¹⁵ A realidade desumana criada pela sociedade corrompe a realidade da criança que vive despreocupada no seu universo natural, simples e sagrado. Desta forma, não precisa de compreender o mundo dos homens, pois já está ligada ao seu universo natural e criativo, possuindo sensibilidade para encontrar realidades que estão no limiar dos sentidos, do mundo pessoal para o ambiente e de toda a natureza que a cerca: “Sejamos simples e calmos, / Como os regatos e as árvores / E Deus amar-nos-á fazendo de nós / Belos como as árvores e os regatos, / E dar-nos-á verdor na sua primavera, / E um rio aonde ir ter quando acabemos!”²¹⁶

Para Caieiro a Natureza é sinónimo de Vida, isto é, vida e morte – a paisagem do Viver e o ‘rio’ que aparece como uma metáfora para a eternidade. L. Boff ao dissertar sobre o modo como o espírito vive no corpo afirma que: “Pertence à essência do espírito humano relacionar-se com o mundo. Estar-no-mundo não é um acidente do homem. Mas o estar-em-seu-elemento.”²¹⁷

Em relação à noção de natureza que revela o poeta temos um mundo da paisagem que para o filósofo retrata a condição da totalidade da natureza, do micro e macro-cosmos. Confirmamos nesta citação: “Pela morte do homem-alma não perde a sua corporalidade. Esta lhe é essencial. Não deixa o mundo. Penetra-o de tal forma mais radical e universal (...) com a totalidade do cosmos.”²¹⁸ Afirma ainda o teólogo-filósofo que, após esta passagem da Vida, “a corporalidade em relação à matéria ilimitado, aberto, pancósmico que corresponde ao novo modo de ser em que entra o homem após a morte, a eternidade [sic].”²¹⁹ O sentido de

²¹³ *Ibidem*, p. 178.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 187.

²¹⁵ F.Pessoa, Á. de Campos. [OC] (2005, p. 406).

²¹⁶ F.Pessoa, A. Caieiro. [OC] (2005, p. 184).

²¹⁷ L. Boff, [VAM] (2008, p. 38-39).

²¹⁸ *Ibidem*, p. 39-40.

²¹⁹ *Idem*.

eternidade para A. Caeiro é uma infinitude dos sentidos e o que eles podem captar na Natureza e no ambiente: “Porque sei que compreendo a Natureza por fora; / E não compreendo por dentro / Porque a Natureza não tem dentro; Senão não era Natureza.”²²⁰

Portanto, a fusão em morte-vida está determinada pela possibilidade de expansão diante da paisagem, ou seja, os elementos e os reinos que a constituem. Nos capítulos anteriores aprofundámos as noções de Natureza e de ecologia profunda, com as quais P. Weil define a sociedade, planeta-natureza e indivíduo como um processo associado a uma consciência universal. Na poesia de Caeiro é clara esta configuração quando é referida a totalidade ou as diversas partes da natureza exterior. Para Weil esta visão da consciência planetária está ligada à ecologia universal e à consciência cósmica. Vemos na seguinte passagem poética esta relação da expansão da visão, bem como a consciência num campo mais vasto do que a pessoa em si própria:

“Da minha aldeia vejo quanto de terra se pode ver no Universo.../ Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer / Porque eu sou do tamanho do que vejo/ E não do tamanho da minha altura.”²²¹ Esta passagem revela muito bem o que P. Weil chama de matriz holopoiética²²², segundo a qual todos os sistemas do Universo se distribuem entre a pessoa-sociedade-planeta de maneira hologramática numa única integração da mente, sentimentos e corpo, na plena visão que é retratada nesta poética. Sendo assim, não ocorre a fantasia da separatividade. Pelo contrário, a mente daquele que escreve é indissociável de tudo o que existe e, de modo transversal, busca o re-ligar da consciência do Ser com o Uno. É pelo olhar da Criança, isto é, não a criança da infância, do arquétipo de *puer*, mas a criança divina, que transmite o que C. G. Jung revela sobre a essência da alma humana para alcançar o seu estado mais genuíno no processo de individuação através do arquétipo do *Selbst*.

Em muitas das suas poesias, Alberto Caeiro revela este estado de encontro transpessoal: “A Criança Nova que habita onde vivo / Dá-lhe uma mão a mim / E a outra a tudo que existe.” Somente neste estado profundo da alma é possível deixar a lógica da razão-linear: “Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem, / Que traçam linhas de coisa a coisa, / Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais, / E desenham paralelos de latitude e longitude / Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!”²²³ Entra, deste

²²⁰ *Op.cit.*, p. 199.

²²¹ *Ibidem*, p. 184.

²²² P. Weil, [AMS] (2000. p.173).

²²³ *Op. cit.*, p. 207.

modo, no campo do sentir como um captador das sensações de diferentes realidades, sentimento-emoção-intuição, que pode ver o que a mera percepção não alcança, podendo assim confirmar-se uma realidade para além dos sentidos, que se espelha na capacidade de integração das funções psíquicas, como podemos evidenciar: “É fechar os olhos / E não pensar. E correr as cortinas / Da minha janela (mas ela não tem cortinas).”²²⁴ O acto de fechar os olhos e de abstracção dos sentidos torna-se um mecanismo facilitador para a pessoa que está a experienciar a natureza do fenómeno inter-subjectivo, quando se encontra na ausência de pensamentos, encontrando-se com uma dimensão da consciência que, *a priori*, não tem forma nem conteúdo, mesmo que a consciência se venha, em algum momento, a manifestar através de elucubrações, processos anímicos, pois afinal “é uma janela sem cortinas”. Podemos pensar na “cortina” como um filtro da consciência e na “janela” como canais de conexão entre-mundos (infra, médio e supra-mental), de um estado do inconsciente profundo, transpessoal, que o poeta descreve na experiência do fenómeno em si? Estará o poeta a escrever o seu viver? Ou vive no re-criar da experiência na linguagem escrita? Em F. Pessoa certamente que tudo isto em diversos modos é aplicado e vivido na sua natureza de realidade transpessoal.

P. Weil defende a teoria da cosmopsicologia, referindo-se a uma consciência cósmica, conhecida no oriente como estado de nirvana, e definindo os níveis de realidade – pessoal; interpessoal; social; cósmico, transpessoal – e os níveis de experiências – físico; emocional; mental; energético; eu consciente (*Selbst*)²²⁵. De modo geral, na poesia pessoana encontramos níveis de realidade cósmica e transpessoal e experiências que vertem todos os níveis do físico até ao encontro do arquétipo de *Selbst*. Outros estados de realidade revelam agora em Á. de Campos temos um aspecto surrealista aproximando-se também do realismo fantástico: “Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.”²²⁶ O lúdico e o onírico efervescente no imaginário do poeta transmitem realidades cósmicas que irrompem o mundo criando novas realidades.

L. Boff, quando se refere à unidade do todo como ligação humana com a natureza divina, apresenta o seguinte: “O universo não se liga, nos seus elementos, por todas as suas espécies, a não ser pelas partes mais perfeitas dessas espécies. Assim o vegetativo se une ao sensitivo pelas suas partes mais evoluídas.”²²⁷ Mas, então, quais as funções da consciência ou da

²²⁴ *Ibidem*, p.182.

²²⁵ P. Weil, [CC] (1982. p.73).

²²⁶ F.Pessoa, Á. de Campos. [OC] (2005, p.304).

²²⁷ L. Boff, [ECC] (2008, p.107).

psique humana serão responsáveis pelo refinar e pelo aprimorar de tais elementos de ligação entre os reinos na natureza e os mundos supra-lumínicos?

A percepção comum (*das Fühlen*) é capaz de redimensionar tais características? Ou os sentidos mais profundos relativos à categoria de percepção extra-sensorial (esp.)? Reflectimos sobre a seguinte passagem de A. Caiero: “Creio no mundo como um malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele / Porque pensar não é compreender... / O mundo não se fez para pensarmos nele / (...) / Eu não tenho filosofia: tenho sentidos.”²²⁸

Claramente percebemos que esta poesia não é a de um simples pensamento na escrita, mas antes, e sobretudo, a das palavras vivas e carregadas de sentido emocional, dado que a ideia emana de um fluxo de essência da Natureza: “Tenho ideias e sentimentos por os ter / Como uma flor tem perfume e cor.”²²⁹ Como já vimos nos capítulos anteriores, P. Weil²³⁰, ao abordar o estudo comparativo sobre os hemisférios cerebrais esquerdo e direito, cuja correspondência equivale, respectivamente, a pensar e a emoção, tal como em L. Boff, refere-se a uma presença dos arquétipos descritos por C. G. Jung, o masculino *animus* e o feminino *anima*.

Na poesia de A. Caiero encontramos a predominância do aspecto da *anima*, pelo que se poderia afirmar que através deste heterónimo F. Pessoa se expressa na sua condição da função da consciência do aspecto feminino, isto é, de sua característica mais sensível e emocional, é o sentir (*das Empfinden*) e é o que resulta do facto do poeta perceber que a grande maioria das pessoas, homens e mulheres, não desenvolve o seu *animus und anima* em equilíbrio integral. Qual a condição daquele que ganha a utilização de uma escrita e que traça um caminho para a manifestação da subtil natureza que permite à pessoa compenetrar-se no texto e extrair em si a eminência de um arquétipo latente? A integração do feminino e do masculino? Uma maior aproximação da visão do homem e da mulher? O pensar e o sentir que se aplicaria numa mesma e única realidade? Vemos a passagem do texto abaixo que nos revela um entendimento deste problematizar aqui levantado.

²²⁸ F.Pessoa, A. Caiero. [OC] (2005, p.179.).

²²⁹ *Ibidem*, p.181.

²³⁰ P. Weil, [AMS] (2000. p.173).

“Se às vezes digo que as flores sorriem / E se eu disser que os rios cantam, / Não é que eu julgue que há sorrisos nas flores / E cantos no correr dos rios... / É porque assim faço mais sentir aos homens falsos / A existência verdadeiramente real das flores e dos rios. (...) Porque só sou essa coisa séria, um intérprete da Natureza, / Porque há homens que não percebem a sua linguagem, / Por ela não ser linguagem nenhuma. / escrevo para eles.”²³¹

Por interpretar a Natureza em diferentes modos, ele, o poeta, a conhece em profundidade e por lhe atribuir uma dimensão de sagrado, diante da paisagem, consegue vê-la com um olhar do paganismo, no cultivar da visão de todas as partes da Natureza planetária: “Mas se Deus é as flores e as árvores / E os montes e sol e o luar, / Então acredito nele.”²³²

L. Boff, quando fala do modo-de-ser-cuidado em relação à natureza, descreve que: “Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma Realidade fontal. A natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força.”²³³ O filósofo aqui tratado defende logicamente que este aspecto do cuidado se refere à natureza feminina e à amorosidade. Sabemos também que, do ponto de vista junguiano, ao contrário da f.p. o pensar (*das Denken*), cujo aspecto pode destinar-se mais ao masculino – que é a acção e agressividade, existe o sentimento da f.p. (*das Empfinden*) que se aplica mais ao aspecto do feminino, à serenidade, amor e ternura.

Em A. Caeiro temos a pura expressão desta teoria quando em sua poética, não raras as vezes, ele a apresenta em algumas passagens, como esta: “Porque todos amam as flores por serem belas, e eu sou diferente. / E todos amam as árvores por serem verdes e darem sombra, mas eu não. / Eu amo as flores por serem flores, directamente. / Eu amo as árvores por serem árvores, sem o meu pensamento.”²³⁴ Percebemos que o poeta vai além da dualidade de classificar aquilo que é bom ou não, a sua funcionalidade prática pouco importa, até mesmo possíveis padrões estéticos de beleza para ele não têm importância alguma, o que realmente faz a diferença, e a profunda e subtil diferença é o seu sentir e a percepção que os sentidos podem trazer da experiência vivida.

Em termos de classificação da personalidade na escrita poética, de acordo com a psicologia analítica, poder-se-ia dizer que a bússola da psique de A. Caeiro possui como função principal o perceber ou a sensação (*das Fühlen*) e como função psíquica secundária o sentimento (*das Empfinden*). É importante considerarmos, entre o poeta e o teólogo-filósofo, quando cita

²³¹ *Op. cit.*, p.200.

²³² *Ibidem*, p.183.

²³³ L. Boff, [SC] (2000, p.95).

²³⁴ *Ibidem*, p.231.

C. G. Jung na seguinte passagem, a qual revela um momento de fusão da natureza humana com o ambiente e a unidade biótica:

“Todos nós precisamos de alimento para a psique; é impossível encontrar este alimento nas habitações urbanas, sem uma única mancha de verde ou uma árvore em flor; necessitamos de um relacionamento com a natureza; precisamos projetar-nos nas coisas que nos cercam; o meu eu não está confinado ao corpo; estende-se as todas as coisas que fiz e a todas as coisas à minha volta; sem estas coisas não seria eu mesmo, não seria um ser humano. Tudo o que me rodeia é parte de mim.”²³⁵

E temos em A. Caeiro este simples encontro com a natureza da paisagem: “E me deito ao comprido na erva, / E fecho os olhos quentes, / Sinto todo o meu corpo deitado na realidade, / Sei a verdade e sou feliz.”²³⁶

Este Ser da poesia entrega-se ao solo coberto do reino vegetal que está ligado com o elemento água. Irá arrefecer os seus olhos tão cansados de ver o que supostamente não queria pensar? Ou fechar os olhos para imaginar melhor? Sentirá todo o seu corpo na realidade da Natureza? Todo o seu corpo na totalidade do mundo?

L. Boff, através dos estudos da cristologia cósmica de P. Teilhard Chadin e demais autores, afirma que o Cristo pessoal está ligado com o corpo do Cristo cósmico, no levantar da problemática que trata da “unidade de toda a realidade”²³⁷. Temos neste heterónimo de F. Pessoa um encontro do seu centro, da unidade através da consciência da totalidade do universo, o micro e o macro-cosmos: “Sou o Descobridor da Natureza. / Sou o Argonauta das sensações verdadeiras. / Trago ao Universo um novo Universo / Porque trago ao Universo ele-próprio.”²³⁸

P. Weil ao relatar as pesquisas de Abraham Maslow e destaca:

“Experiências culminantes, *peak-experiences*, por vezes traduzidas como “experiências paroxísticas”. Os participantes dessas experiências, que se manifestam de modo súbito, contam que se sentiram unidos a todo o universo, que eram o cosmos inteiro, tendo sido tomados por um estado de alegria e de paz indescritível, saindo do espaço-tempo e perdendo o medo da morte, já que seu eu, por ter um carácter apenas ilusório, não podia morrer, sendo parte do cosmos.”²³⁹

Entretanto podemos encontrar em A. Caeiro o que pode se pode assemelhar a uma inversão da consciência da totalidade do universo, o texto abaixo faz-nos reflectir que não só a soma das partes é maior que o todo, mas também que as partes são independentes por si mesmas:

²³⁵ C.G. Jung, *apud* L. Boff, [EME] (2000, p.90).

²³⁶ *Op. cit.*, p. 189.

²³⁷ L. Boff, [ECC] (2008, p. 59).

²³⁸ *Op. cit.*, p.208.

²³⁹ P. Weil, [H] (1990, p.66).

“Num dia excessivamente nítido, (...) Entrevi, como uma estrada por entre as árvores, (...) Vi que não há Natureza, / Que Natureza não existe, / Que há montes, vales planícies, / Que há árvores, flores, ervas, / Que há rios e pedras, / Mas que não há um todo a que isso pertença, / Que um conjunto real e verdadeiro / É uma doença das nossas ideias. A Natureza é partes sem todo.”²⁴⁰

Através desta situação podemos afirmar que a totalidade sequer existe. Em P. Weil temos um conceito de natureza, que ele prefere substituir pela categoria de planeta ou realidade planetária, em virtude de que a natureza acabe por designar algo muito subjectivo. Sendo difícil de mensurar a sua existência, encontramos o conceito da FDS, pois a Fantasia Da Separatividade é aquela visão retorcida do mundo na inversão de valores criados pela actual crise da natureza humana que não aceita a integração das partes (Natureza; Pessoal, Ambiental e Social).

Podemos ver o poeta a entrar numa outra categoria que nem se enquadra naquelas que possuem a visão holística da natureza, e podemos também as pessoas que se perderam na dualidade da FDS acreditando serem separadas dos diferentes contextos do mundo. O poeta lança a si mesmo uma outra via, que é a de se permitir Ser as diversas partes da Natureza isoladamente, conforme vimos no capítulo anterior. O personificar na consciência visões obtidas das diferentes *personas*; p. vegetal, p. mineral, p. animal, p. hominal, p. cósmica, que actuam na condição do estatuto de pessoa humana.

A. Caeiro reveste-se de máscaras para possuir estas diferentes visões e captar uma dimensão que está aquém e para além do comum dos olhares, é o que P. Weil chama de seres despertos ou mutantes²⁴¹, quando a pessoa aprende a ouvir a sua sabedoria mais profunda. Contudo, a grande parte da humanidade, como vimos anteriormente, encontra-se num estado de Normose, mais especificamente aqui a Neurose do Paraíso Perdido – NPP, que nasceu na dualidade da FDS e se reafirma na tentativa de: “Em cada ser humano encontramos a nostalgia de uma felicidade completa, permanente, absoluta. Em geral, nós a procuramos fora de nós mesmos. (...) Mas não a encontramos e, quanto mais isso acontece, mais infelizes nos tornamos.”²⁴² Este ciclo vicioso é retro-alimentado por tentativas inúteis de substituir a falta de uma “felicidade” inalcançável que é condicionada por normas, valores e condutas morais pouco saudáveis para o Ser que já modelou os sentidos para receberem este “encaixe” da realidade. Vemos em A. Caeiro a seguinte condição existencial:

²⁴⁰ *Op.cit.*, p.209.

²⁴¹ P. Weil, [M] (2003, p.17).

²⁴² P. Weil, [AMS], (2000, p.125).

“Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir. / O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado / Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar. / Procuo despir-me do que aprendi, / Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, / E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, / Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, / Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro, / Mas um animal humano que a Natureza produziu.”²⁴³

Temos no texto acima um apelo para a individuação, para a expressão da pureza da vida. A. Caeiro procura livrar-se de todos os estereótipos para encontrar o seu verdadeiro arquétipo em sua natureza pessoal e única, que, sem a carga e o peso da regra e da moral do sistema colectivo, ganha um novo sentido ético de libertação natural no encontro de si mesmo, a essência *sui generis* sem influência da dualidade. Isto aproxima-se muito do que P. Weil declara quando condena a ética moralista pelo seu pensar-racional, apresentando assim uma nova alternativa com base na ética espontânea e fazendo referências a Jung: “Os valores que inspiram os grandes sábios, místicos e santos, estão ligados a uma fonte luminosa ou numinosa, os valores éticos, nestes casos, brotam fonte espiritual de sabedoria e de amor espontaneamente despertados.”²⁴⁴

A categoria da ética para L. Boff passa também pelos valores humanos que levam à espiritualidade, à sensibilidade do cuidado, que para este autor é a fonte originária da ética, o afecto no sentido de amorosidade e a actividade com ternura e vigor: “É o momento em que a consciência se sente parte de um todo e que culmina na contemplação e na espiritualidade.”²⁴⁵ Acrescenta ainda profundamente um estado de ética trans-religiosa.

“A ternura é o cuidado com o outro, o gesto amoroso que protege e confere a paz. O vigor abre caminho, supera obstáculos e transforma sonhos em realidade. É a contenção sem a dominação, a direção sem a intolerância. Ternura e vigor, ou também “animus” e “anima”, constroem uma personalidade integrada, capaz de manter unidas as contradições e se enriquecer com elas. São dois princípios capazes de sustentar um humanismo sustentável, fundado na maternidade da história e na espiritualização das práticas humanas.”²⁴⁶

O filósofo-teólogo expressa claramente os dois arquétipos da natureza feminina e masculina revelando um sentido de relação sacramentada na evolução espiritual para o desenvolvimento humano, o masculino com o vigor de *animus* e o feminino na ternura de *anima*, que é a maternidade na atitude de acolhimento e a afectividade do arquétipo de *mater*,

²⁴³ F. Pessoa, A. Caiero. [OC] (2005, p.207.).

²⁴⁴ P. Weil, [ANE] (2002, p.20-21).

²⁴⁵ L. Boff, [EM] (2003, p.30).

²⁴⁶ *Ibidem*, p.31-32.

a mãe Maria, a ternura. No seu complemento ao sentido de força e energia o arquétipo de *pater*, o vigor.

Para o desencadeamento deste processo nos leva a uma maior reflexão o poema Pastor Amoroso de A. Caiero que traz a categoria da Natureza vinculada a estes dois arquétipos da divina e sagrada presença nas polaridades do feminino e masculino que constituem a Natureza e a sua relação como bem-amado:

“Quando eu não te tinha / Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo... / Agora amo a Natureza / Como um monge calmo a Virgem Maria, / Religiosamente, a meu modo, como dantes, / Mas de outra maneira mais comovida e próxima... / Vejo melhor os rios quando vou contigo / Pelos campos até à beira dos rios; Sentado a teu lado reparando nas nuvens / Reparo nelas melhor - / Tu não me tiraste a Natureza... / Tu mudaste a Natureza... / Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim, / Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma, / Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais, / Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente / Sobre todas as coisas. / Não me arrependo do que fui outrora / Porque ainda o sou.”²⁴⁷

Em termos transpessoais na linguagem de uma psicologia ou filosofia alquímica, temos a categoria de Cristo ligado à energia cósmica, o Céu, em conformidade com a Virgem Maria, energia telúrica, ou seja, a Terra que se apresenta como sensação física-corporal e dos sentidos, oposto à razão do pensar, como vemos nesta outra passagem do heterónimo: “Para ver só os meus pensamentos... / Entristecia e ficava às escuras. / E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.”²⁴⁸

Poderíamos dizer que, para os dois autores aqui estudados, a razão tem um olhar direccionado para a Terra enquanto o sentimento tem uma visão expandida para o Céu. P. Weil traz uma antítese para a ideia de Descartes: *cogito, ergo sum*, penso logo existo. Indaga Pierre o contrário: “se eu penso não sou...”²⁴⁹ E confirmamos em L. Boff a mesma correspondência que revela a importância do sentimento e não do pensamento:

“A razão, como a própria filosofia tem reconhecido, não é o primeiro nem o último momento da existência. Por isso não explica tudo nem abarca tudo. Ela se abre para baixo, de onde emerge de algo mais elementar e ancestral: a afetividade. Abre-se para cima, para o espírito, que é o momento em que a consciência se sente parte de um todo e que culmina na contemplação e na espiritualidade. Portanto, a experiência de base não é “penso, logo existo”, mas “sinto, logo existo”. Na raiz de tudo não está a razão (*logos*), mas a paixão (*pathos*).”²⁵⁰

²⁴⁷ F. Pessoa, A. Caiero. [OC] (2005, p. 211).

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 202.

²⁴⁹ P. Weil, [ACC] (1982, p. 32).

²⁵⁰ L. Boff, [EM] (2003, p. 30).

Em *Pastor Amoroso* o poeta demonstra a busca do amor de Cristo num gesto paciente e sereno, todavia é na Terra que a Virgem Maria, na visão de A. Caeiro, vai ao encontro e alcança a mãe Natureza, representada pela paisagem, reinos e elementos que a constituem. É através da sua percepção, dos sentidos potencializados, das funções psíquicas integradas que o poeta consegue visionar o fenómeno? Certamente é um entusiasmo que emerge da sensação *das Fühlen* e que entra na fusão de tudo aquilo que vê e sente, encontra-se em tudo e em todas as coisas, ligado a algo que antecede a si mesmo e reconhece o que ainda é. O princípio da criação? O Amor das polaridades arquetípicas que vertem a sua natureza de pessoa humana diante de toda a Natureza.

A noção de realidade em A. Caeiro é reveladora na sua expansão da personalidade, no transmitir da plena visão, que em P. Weil (ver Figura VI) é descrito como sendo a consciência no seu estado de integração com o universo, podendo ser descrito por categorias como infinito e imortalidade que assumem uma dimensão transpessoal, que em A. Caeiro se apresenta num aguçar dos sentidos despertos a captar tudo em todos os momentos, a captar a realidade num contexto hiper-estimulado de sincronicidades e ao mesmo tempo aceitação de tudo aquilo que lhe chega aos sentidos: “A espantosa realidade das coisas / É a minha descoberta de todos os dias. / Cada coisa é o que é, / E é difícil explicar a alguém quanto isto me alegra, / E quanto isso me basta. / Basta existir para se ser completo.”²⁵¹ L. Boff explicita a totalidade com elos de ligação e revelação do Mistério da Vida. Deus e Natureza ganham a mesma dimensão no seu valor supremo:

“Todos nos sentimos ligados e re-ligados uns com os outros, formando um todo orgânico único, diverso e sempre includente. Esse todo remete a um derradeiro Elo que tudo re-liga, sustenta e dinamiza. Irrompe como Valor supremo que em tudo se vela e se re-vela. Esse Valor supremo tem o carácter de Mistério, no sentido de sempre se anunciar e ao mesmo tempo se recolher. Esse Mistério não mete medo, fascina e atrai como um sol. Deixa-se experimentar como um grande Útero acolhedor que nos realiza supremamente. É chamado também Deus.”

Fernando Pessoa em A. Caeiro trata deste re-ligar reconhecendo, contemplando e depois simplesmente amando naturalmente a vida sem nenhuma intenção: “Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra. / Outras vezes oiço passar o vento, / E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.”²⁵²

²⁵¹ F. Pessoa, A. Caeiro. [OC] (2005, p. 219).

²⁵² Idem.

E mesmo a suposta despedida ou passagem da vida é revelador da sua maneira simples e também assertiva no encontro do diálogo e relacionamento em pura comunicação afirmativa com a natureza: “É talvez o último dia da minha vida. / Saudei o Sol, levantando a mão direita, / Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus, / Fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada.”²⁵³

O arquétipo do sol é o brilho de uma visão de realidade re-novada, responsável pelo despoletar do renascimento, ou seja, “o ressuscitar como o desabrochar da plenitude”. L. Boff apresenta no capítulo: “O céu como a pátria e o lar da identidade”, retratando que: “O céu não deve ser contraposto a este mundo. Deve ser visto como a plenitude deste mundo, (...) nele tudo transluz e reluz; nada do que é humano é deixado, mas assumido e plenificado: seu corpo, suas palavras, sua presença, sua capacidade de comunicação.”²⁵⁴

Passamos agora a tratar de uma categoria que é reveladora do sentido de despertar muitos olhares em direcção da natureza através da pura visão, que em termos junguianos se revela através do arquétipo da criança divina, realizando uma apresentação parcial do poema de Alberto Caeiro com uma interpretação e análise transpessoal e fazendo a correlação com a teologia e a filosofia de L. Boff, bem como com a psicologia de P. Weil. Já no início do texto temos uma problemática filosófica-teológica que retrata a fusão entre o cristianismo místico e o paganismo, temática apresentada em L. Boff por Pan-en-teísmo cristão²⁵⁵. A partir disto poderemos aprofundar os arquétipos da criança-deus e a criança-herói referenciados por C. G. Jung²⁵⁶.

Em A. Caeiro encontramos uma relação muito próxima e íntima com estas categorias: “Num meio-dia de fim de Primavera / Tive um sonho como uma fotografia. / Vi Jesus Cristo descer à Terra. / Veio pela encosta de um monte. / Tornou outra vez menino, / A correr e a rolar-se pela erva. / E a arrancar flores para as deitar fora /. E a rir de modo a ouvir-se de longe.”²⁵⁷ Segundo a tradição sagrada do paganismo é no portal do meio-dia e da meia-noite que a divindade do grande Pã se manifesta criando uma ponte de ligação entre a dimensão mundana para outras dimensões de uma mesma e única realidade da Natureza. Estamos diante da Primavera escrita em letra maiúscula que tem obviamente um carácter que vai além do seu sentido de estação do ano, pois que nos revela o desabrochar do ‘eu’ individual para o ‘eu’

²⁵³ Ibidem, p. 235.

²⁵⁴ L. Boff, [VAM] (2008, p. 72).

²⁵⁵ L. Boff, [EME] (2000, p. 52).

²⁵⁶ C.G.Jung, (2007 p. 170).

²⁵⁷ F. Pessoa, A. Caiero. [OC] (2005, p. 185).

total, como reforça P. Weil ao citar William James²⁵⁸, o qual nos dá a entender a sua dimensão do micro e macro-cosmos, do corpo do Cristo cósmico universal para a presença do Santo Cristo pessoal como encontramos em L. Boff²⁵⁹. Quando o poeta descreve o seu sonho, é importante afirmar que este sonho não é uma simples quimera, mas sim um processo de integração onírica desta imagem da fotografia da consciência, que o arquétipo permite ligar à profunda dimensão do inconsciente colectivo de um processo transpessoal, resultando numa personificação da experiência cósmica, como designa P. Weil nesta respectiva categoria.

O sonho é o nível de realidade criativa e espontânea que permite o contacto da realidade do “eu” universal com inúmeras possibilidades. Quando o visionário percebe a imagem e presença de Jesus Cristo, tem-nas de maneira pura e essencial. Este menino é tido como o arquétipo da inocência, a descer “o monte”, o arquétipo da montanha da ascensão espiritual de ligação da terra com o céu. “É a correr e a rolar pela erva” no campo; o acto de colher flores para as soltar ao vento e vê-las cair no chão é uma dimensão de ternura do arquétipo da flor num estado de graça, a criança divina permite-se fugir do céu para experienciar livremente a sua dimensão humana.

Encontramos uma proximidade desta passagem quando L. Boff lança a figura de São Francisco de Assis como um Ser libertador que possibilita integrar o sagrado, não apenas num céu inalcançável, mas na natureza terrena, expressando a dimensão do amor: “Esta fraternidade não seria totalmente aberta se não se abrisse para baixo, numa verdadeira democracia cósmica com todas as criaturas (...), cercando tudo com respeito e devoção,

²⁵⁸ P. Weil, [CC] (1982, p. 82). – “Como o afirma William James, há inúmeras verdades mas só há uma realidade; ele queira expressar com isto o mesmo pensamento que Sri Aurobindo; percebemos o mundo em relação a nossa mente, que é por sua vez apenas uma parte do “eu” total; assim sendo o mundo é ilusório apenas no sentido de uma relatividade; é uma parte do nosso eu, a mente, que percebe uma parte do universo; à medida que nos aprofundamos e alcançamos níveis subliminais, subconscientes e superconscientes, é que a realidade nos aparece de modo cada vez mais amplo; a parte interior do “eu” (o “ego” freudiano), dos cinco sentidos passa a ser percebida como fazendo parte do eu retraído (o “Self” de Jung); por um processo de conhecimento por identificação, bastante diferente do conhecimento intelectual, o “eu” total interior passa a ter a vivência da sua pertinência ao “eu” universal e o eu universal passa a existir dentro do “eu” individual o qual ao mesmo tempo se percebe como sendo todos os “eus” individuais de todas as partes do universo. Isto é que caracterizaria os estágios mais adiantados da consciência cósmica.”

²⁵⁹ L. Boff, [ECC] (2008, p.42).

ternura e compaixão.”²⁶⁰ Quando neste poema de Alberto Caeiro se apresenta o “rir de modo a ouvir-se de longe”, o que encontramos é o arquétipo da criança, que na teologia cristã exprime a condição franciscana: “A alegria, tão característica da espiritualidade (...). A suprema expressão desta integração a encontramos espelhada na legenda da perfeita alegria, (...) em chave de libertação.”²⁶¹

Estamos diante de um fenómeno de brilho e amor que, para L. Boff, é a perfeita alegria, que também retrata a satisfação das necessidades, equivalente à perfeita liberdade. Para este autor é o próprio Céu um estado de alma: “Céu é aquela realidade transterrestre que constitui a atmosfera de Deus, infinita, plena e sumamente realizadora de tudo o que homem pode sonhar e aspirar de grande, de belo, de reconciliador e de plenificador.”²⁶²

Como podemos perceber a palavra Céu em maiúscula descrita por L. Boff equivale ao sentido inverso da palavra céu em letra minúscula do poeta, pois poderíamos considerar o Céu como um estado de consciência na visão do próprio fenómeno vivido com a personagem da criança divina que foge do céu para criar o seu verdadeiro Céu. “Tinha fugido do céu. Era nosso demais para fingir / De segunda pessoa da Trindade. / (...) Depois fugiu para o Sol / E desceu pelo primeiro raio que apanhou.”²⁶³

Novamente está em causa os arquétipos céu e Sol. Para A. Caeiro este último tem uma maior valência de energia, força e poder de individuação no encontro com a Natureza. Em L. Boff encontramos a expressão desta plena totalidade: “O pan-en-teísmo permite-nos abraçar o universo com sumo afeto porque abraçamos o próprio Deus-Trindade.”²⁶⁴ Numa outra temática deste autor podemos confirmar as categorias do Cristo Cósmico e do Cristo Pessoal que se encontram na natureza, que, por ser tão humana, é divina: “Hoje vive na minha aldeia comigo. É uma criança bonita de riso e natural. / Limpa o nariz ao braço direito, / Chapinha nas poças de água, / Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.”²⁶⁵

O arquétipo da criança divina apresenta-se como a dimensão mais sábia e sensível do poeta, que é aquele que ensina e aprende com a natureza ao redor de si: “A mim ensinou-me tudo. / Ensinou-me a olhar para as coisas. / Aponta-me todas as coisas que há nas flores. / Mostra-me

²⁶⁰ L. Boff, [SFA] (2000, p. 116).

²⁶¹ Ibidem, p. 163-164.

²⁶² L. Boff, [VAM] (2008, p. 68).

²⁶³ F. Pessoa, A. Caeiro. [OC] (2005, p. 184-185).

²⁶⁴ L. Boff, [EME] (2000, p. 52-53).

²⁶⁵ Op. cit., p. 186.

como as pedras são engraçadas/ Quando a gente as tem na mão./ E olha devagar para elas.”²⁶⁶

Novamente aparece a predominância da função psíquica da sensação o perceber (das *Fühlen*), que ganha significado de acção lúdica, na perfeita alegria e estado de encontro da felicidade com a plenitude, que em P. Weil é interpretado como um estado da “arte de viver em paz no valorizar dos sentimentos que trazem harmonia”, ficando bem claro mais uma vez que o transpessoal não é um categoria sobrenatural, mas sim a plenitude daquilo que é puramente natural, o arquétipo da criança divina “Após ficar cansado de tanto brincar” aparece como aquele pequenino ser que embala no sono: “O Menino Jesus adormece nos meus braços. E eu levo-o ao colo para casa. / Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.”²⁶⁷

Retratamos no poeta Fernando Pessoa a dimensão da espiritualidade quando transmite um verdadeiro arquétipo da criança divina, descrito por C. G. Jung. Em L. Boff pode ser interpretado como o nascimento do Cristo Cósmico na manifestação do Cristo Pessoal: “Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava. / Ele é o humano que é natural, Ele é o divino que sorri e que brinca. / E por isso é que eu sei com toda a certeza / Que ele é o Menino Jesus verdadeiro. / E a criança tão, humana que é divina.”²⁶⁸ A categoria de poeta aparece juntamente com a criança divina. Segundo conceito de P. Weil o poeta seria um *pontifex*, aquele que cria pontes para o infinito e o eterno na existência do seu espírito poético: “É esta minha quotidiana vida de poeta, / E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre.”²⁶⁹

Temos a presença do símbolo mais puro e profundo da essência humana, que compreende também em termos panteístas a função do sentir que está em tudo e tem a hiper-sensibilidade de uma natureza supra-humana: “E que o meu mínimo olhar / Me enche de sensação, / E o mais pequeno som, seja do que for, Parece falar comigo. / A Criança Nova que habita onde vivo.”²⁷⁰

A realidade da sua clara visão retrata a “Criança Nova” – a renovação do velho mundo numa realidade de novos sentidos, parafraseando P. Weil: “A mudança de sentido e o sentido da mudança”, título sugestivo em que revela esta possibilidade de integração na “ecologia

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ Ibidem, p.187.

²⁶⁸ Idem.

²⁶⁹ Idem.

²⁷⁰ Idem.

profunda onde a pessoa, a sociedade e natureza vivem num único infinito projecto em sua totalidade.” Confirmamos isto no prosseguir da poesia: “Dá-lhe uma mão a mim / E a outra a tudo que existe (...) / A Criança Eterna acompanha-me sempre. / A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando.”²⁷¹

A visão do *holos*, do todo, defendida por P. Weil, é acrescida de um arquétipo específico que irradia este olhar abrangente. Para o autor seria um estágio último da natureza humana, o estado transpessoal, cujos candidatos são os mutantes, ou seja, a categoria de *pontifex* que se lança para realidades sublimes, para além de si mesmo. Em Fernando Pessoa, este conceito aparece como um mentor, um elemento guia de A. Caeiro que indica o ícone perfeito no ideal bem-sonhado e alcançado:

“E assim vamos os três pelo caminho que houver, / Saltando e cantando e rindo / E gozando o nosso segredo comum / Que é o de saber por toda a parte / Que não há mistério no mundo / E que tudo vale a pena. / A Criança Eterna acompanha-me sempre. A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando. / O meu ouvido atento alegremente a todos os sons.”²⁷²

É no entusiasmo que o poeta segue o seu caminho avante, sem medo, porque no seu olhar tudo é certo e verdadeiro; o bem-estar e humor radiante contagiam toda a paisagem no deslumbrar da percepção. A radiância da visão em estado de graça? Êxtase místico? L. Boff relança a etiologia da palavra *enthusiasmus* como sendo o extrair do Deus que há dentro do Ser.

Podemos pensar em A. Caeiro na presença de um *enthusiasmus poeticus*, que se estende de seu interior e expande transversalmente para a totalidade da sua visão. Confirmamos no filósofo a seguinte explanação a respeito do cosmos e do coração humano: “Ele é, por excelência, o *Spiritus Creator*. Atua em tudo o que move, faz expandir a vida, suscita os profetas, inspira os poetas, inflama os líderes carismáticos e de todos enche o coração de entusiasmo.”²⁷³ L. Boff acrescenta ainda aspectos panteístas expressos por teólogos dos séculos IV e V: “*Spiritus ubique diffusus*” (o Espírito difundido em todas as partes).²⁷⁴

Outros conceitos desenvolvidos nesta dissertação que definem alguns aspectos em A. Caeiro é o *anima* e *animus* que aparece em P. Weil como o equilíbrio do relacionamento humano, bem como em L. Boff quando enfatiza a dimensão feminina e masculina de acordo

²⁷¹ Idem.

²⁷² Idem.

²⁷³ Op. cit., p. 50-51.

²⁷⁴ Ibidem, p.51.

com consciência de transformação num encontro natural, como podemos ver expresso pelo poeta: “Damo-nos tão bem um com o outro / Na companhia de tudo / Que nunca pensamos: um no outro, / Mas vivemos juntos e dois / Com um acordo íntimo / Como a mão direita e a esquerda.”²⁷⁵

É neste equilíbrio das polaridades que A. Caeiro chega a desenvolver o seu processo de individuação. No encontro de *Selbst*? Restringe-se da necessidade de “pensar” ou de “ter” alguém por falta ou carência-apego, como vimos na FDS. F. Pessoa revela-nos uma nova maneira de con-fiar e de con-viver, de uma maneira espontânea e com liberdade.

A presença das categorias de macro-cosmos e micro-cosmos aparecem na totalidade do universo; a categoria de poeta ganha um significado transpessoal na medida em que se estabelece um elo de ligação com o arquétipo de deus, que também se manifesta em elementos da natureza como o brincar com as pedras que contém a energia da completa totalidade: “Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas / No degrau da porta de casa,/ Graves como convém a um deus e a um poeta, / E como se cada pedra / Fosse todo o universo/ E fosse por isso um grande perigo para ela/ Deixá-la cair no chão.”²⁷⁶

Vemos claramente que a sua parte mais sábia, o seu arquétipo supra-lumínico, não se identifica com a realidade mundana, com o trivial que para o visionário é uma falsa realidade:

“Depois eu conto-lhe histórias das coisas só dos homens/ E ele sorri, porque tudo é incrível. / Ri dos reis e dos que não são reis, / E tem pena de ouvir falar das guerras, / E dos comércios, e dos navios / Que ficam fumo no ar dos altos mares. / Porque ele sabe que tudo isso falta àquela grande verdade / Que uma flor tem ao florescer / E que anda com a luz do Sol. / A variar os montes e os vales / E a fazer doer aos olhos “aonde a visão não chega”. / Depois ele adormece e eu deito-o.”²⁷⁷

O autor permite-se explorar numa conduta de auto-cuidado; o *Ethos* é a sua própria consciência-alma em pleno estado onírico e de natureza transpessoal: “Levo-o ao colo para dentro de casa / E deito-o, despindo-o lentamente / E como seguindo um ritual muito limpo / E todo materno até ele estar nu. / Ele dorme dentro da minha alma.”²⁷⁸

O jogo-lúdico possui um factor iniciático de rito-de-passagem: “E às vezes acorda de noite / E brinca com os meus sonhos./ Vira uns de pernas para o ar, / Põe uns em cima dos outros / E bate as palmas sozinho / Sorrindo para o meu sono.”²⁷⁹

²⁷⁵ Op. cit., p.187-188.

²⁷⁶ Ibidem, p.188.

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Idem.

Podemos pensar, perante a categoria transpessoal, que o arquétipo da criança se revela trazendo à realidade um mundo lúdico e mágico, cuja magia da Vida permite o ciclo da vida, morte e renascimento:

“Quando eu morrer, filhinho, / Seja eu a criança, o mais pequeno. / Pega-me tu ao colo / E leva-me para dentro da tua casa. / Despe o meu ser cansado e humano / E deita-me na tua cama. / E conta-me histórias, caso eu acorde, / Para eu tornar a adormecer. / E dá-me sonhos teus para eu brincar / Até que nasça qualquer dia / Que tu sabes qual é.”²⁸⁰

Segundo C. G. Jung, “a “criança” é portanto também “*renatus in novam infantiam*”, não sendo portanto apenas um ser do começo mas também um ser do fim. O ser do começo existiu antes do homem, e o ser do fim continua depois dele. Psicologicamente, esta afirmação significa que a “criança” simboliza a essência humana pré-consciente e pós-consciente.”²⁸¹

7.2. Poesias de Fernando e a Natureza Humana em L. Boff e em P. Weil

No heterónimo de Alberto Caeiro vimos a sua relação com a Natureza e vimos como tratava os elementos da paisagem e do ambiente munindo da sensibilidade e do sagrado. A poesia de Álvaro de Campos traz um sentido de transcendência da personalidade humana, isto é, passar da sua mera condição inferior na busca do ideal, o fim último alcançável como meta a concretizar.

Tratamos aqui inicialmente do estado de desfazer do ego para alcançar o encontro de algo além de si mesmo, que é a sua própria essência: “Depus a máscara e vi-me ao espelho. / Era a criança de há quantos anos. / Não tinha mudado nada... / É essa a vantagem de saber tirar a máscara. / É-se sempre criança, / É passado que foi / A criança.”²⁸²

Estar sem a *persona*, sem a máscara, é um grande desafio, pois ela, a máscara, tende a voltar para o seu lugar de origem, a cara. Encobri-la, cumprindo o seu “papel” sem libertar a verdadeira face, retém o ego e impossibilita que se entre num estado transpessoal. Para despertar este estado, o Ser terá de ultrapassar as identificações do estado pessoal? De todas as

²⁸⁰ Ibidem, p. 189.

²⁸¹ C.G.Jung, (2007, p.178).

²⁸² F.Pessoa, Á. de Campos, [OC] (2005, p. 416).

máscaras? “Depus a máscara, e tornei a pô-la. / Assim é melhor, / Assim sem a máscara. / E volto à personalidade como a um término de linha.”²⁸³

No final, “após tirar todas as máscaras”, a personalidade deixa-se a si própria, ou, pelo menos, encontra-se na fronteira de “um término de linha”, limite entre a consciência humana e a consciência cósmica? Processo de individuação? Arquétipo de *Selbst*? Qual é o fim último deste fenómeno de trans-personificar-se? Sobre isto L. Boff refere o seguinte: “E então cairão todas as máscaras”:

“É colocado na situação privilegiada de quem acaba de nascer com a nascividade e o vigor matinal de todas as suas potências. Num momento, vê-se a si mesmo, o que foi e não foi. Seu inconsciente mergulha no recôndito de seu inconsciente pessoal e coletivo. Perceberá sua profunda solidariedade com o cosmos, com a vida e com as pessoas. (...). O homem vê seu mistério e o mistério do absoluto. Agora caem todas as máscaras que encobriam nossa real autenticidade. Desfazem-se as ideologias justificadoras de nossas actividades e de nosso projecto fundamental de vida.”²⁸⁴

Na temática da mudança do estado de consciência, P. Weil descreve que “a realidade cultural normativa, por ser uma conversão validada consensualmente, pode o estado alterado de consciência apresentar um modo de ser desregrado [sic]”²⁸⁵. Chega a citar quebras de padrões sociais e de realidades obsoletas: “Um tal estado alterado de consciência constitui uma impropriedade contra uma ordem cultural implícita, sendo, portanto, um desmascaramento, uma anulação dos feitos humanos (...) uma quebra daquilo que é previsível e seguro”²⁸⁶, E não seria esta a grande finalidade do estado alterado de consciência? Abalar as estruturas antigas para que novas realidades possam surgir na eminência de um novo paradigma.

O estado transpessoal da experiência do êxtase místico descrito por P. Weil revela a categoria junguiana de *energie* armazenada como fonte de reserva vital que pode propiciar episódios extraordinários da consciência, como podemos constatar na seguinte expressão: “Vem soleníssima, / Soleníssima e cheia / de uma oculta vontade de soluçar.” Na continuação da poesia vemos esta mesma energia ligada à temática da espiritualidade-sexualidade, a alma e sua corporalidade: “Talvez porque a alma é grande e a vida é pequena, / E todos os gestos

²⁸³ Ibidem, 417.

²⁸⁴ L. Boff, (VAM) (2008, p. 48-49).

²⁸⁵ P. Weil, (MC) (1991 p.89).

²⁸⁶ Ramanujan apud P. Weil, (1991, p.89-90).

não saem do nosso corpo / E só alcançamos onde o nosso braço chega, / E só vemos onde chega o nosso olhar.”²⁸⁷

A dimensão da alma é algo que ultrapassa transversalmente o Ser, no qual guarda o seu vasto existir, antecede os limites do corpo-físico e vai para além dele. Assim poder-se-ia dizer que a alma, ou seja, a consciência, tem a capacidade de se expressar através do corpo da pessoa humana, nos sentimentos e afectos e num profundo perceber que vai para além do olhar, como a visão de sublime no fim do pleno horizonte.

Em P. Weil encontramos esta noção transpessoal da paisagem quando o autor trata dos conceitos de experiência e de consciência cósmica que se manifestam num ampliar da visão e da evolução humana. Para L. Boff, é um olhar do místico ou o arquétipo do xamã que poderá ter acesso à verdade, que na escrita poética equivale ao conteúdo da “grande alma para a pequena realidade da vida”.

O poeta que escreve é subitamente tomado pelo seu heterónimo Álvaro de Campos, como sendo um arquétipo manifestado na mente de F. Pessoa, na sua genialidade com múltiplas personalidades: “E eu nunca sei como hei-de concluir / As sensações que a meu pensar concebo. / Nem nunca propriamente reparei, / Se na verdade sinto o que sinto. / Eu serei tal qual pareço em mim?”²⁸⁸

Em A. Caeiro, a identificação com aspectos da Natureza decorre da sensação ou do perceber (*das Fühlen*), ou ainda de uma outra função psíquica, o sentir (*das Empfinden*); já em Álvaro de Campos acontece um fenómeno muito semelhante, acabando por se absorver nas diferentes realidades e/ou por se entregar à totalidade da existência e/ou da não-existência, isto é, do visível e do invisível, que veremos no próximo subcapítulo sobre ocultismo em F. Pessoa. É diante destas características que ele se vê em dificuldade para se separar daquilo que é realmente de si próprio e o que é do seu encontro fusional. Em termos da visão holística de P. Weil não seria ele somente o indivíduo mas também a sociedade e a natureza, com a emanção infinita do Ser (ver Figura III). Encontrará esta total integração na “arte de viver em paz” com tudo aquilo com que se sente integrado? Confirmamos que o poeta se permite experienciar o seu ser diante da vida, que possui dúvidas quanto à sua própria identidade e quanto ao limite da sua consciência, como vemos na passagem final do texto: “Serei tal qual me julgo verdadeiramente?/ Mesmo ante as sensações sou um pouco ateu / Nem sei bem se

²⁸⁷ F.Pessoa, Á. de Campos, [OC] (2005, p.317).

²⁸⁸ Ibidem, p. 303.

sou eu que em mim sente.”²⁸⁹ Poderíamos afirmar que estamos diante da categoria de um agnóstico-místico, que, por negar a religião, se aproxima mais profundamente da trans-religiosidade e da espiritualidade em grande semelhança com o próprio A. Caiero, que afirma: “Fui gentio como o sol e a água / de uma religião (...) que só os homens não tem.”²⁹⁰ Já em Álvaro de Campos, a escrita denuncia-se na sua visão abrangente de tudo e na plena consciência da sua verdade no caminho em busca da grande verdade:

“Quando eu morrer (...) / Seja por esta hora mística e espiritual e antiquíssima, / Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do que parece, / Platão sonhando viu a ideia de Deus / Esculpir corpo e existência nitidamente plausível / Dentro do seu pensamento exteriorizado como um campo.”²⁹¹

É nesta esfera do campo de consciência da unidade do todo cuja inteligência actuante se aplica a uma mentalidade cósmica, que é co-criadora de consciências, de diferentes realidades, mundos e universos. Neste ,como em muitos outros textos de F. Pessoa, são suscitadas experiências de vida mais profunda na continuidade de um pós-morte. Para os dois autores aqui estudados, o fenómeno do morrer, seja da morte física, seja do momento vivencial, refere-se a uma passagem, a um renascimento para a nova vida, que em L. Boff equivale a “um nascer renovado em plenitude” e em P. Weil equivale a “a arte de viver a passagem entre a vida e a morte”, que, num estado transpessoal mais sublime, de entre outros temas, corresponde a uma designação de experiência mística.

O professor P. Weil ressalta alguns ramos da psicologia que podem favorecer a investigação para a categoria do transpessoal. De entre várias áreas, temos em destaque a tanatologia, mais especificamente o “estudo entre os fenómenos parapsicológicos e as experiências interiores que precedem a morte”²⁹², e a oniologia, que destaca a importância “do estado do sono e os sonhos que podem apresentar desde símbolos oníricos até símbolos referente a consciência cósmica.”²⁹³

Poderíamos considerar um texto poético como testemunho da evidência de estados de natureza transpessoal? Temos de seguida em Álvaro de Campos a escrita que revela um estado fusional entre a sua alma no mergulho profundo do esvaziar-se diante do nada. O autor descreve a natureza da categoria do mar como representante da substância anímica que é

²⁸⁹ Idem.

²⁹⁰ F. Pessoa, A. Caiero. [OC] (2005, p. 220).

²⁹¹ Op. cit., p. 320.

²⁹² P. Weil, (MC), (1991, p. 19).

²⁹³ Idem, p. 19.

evacuada por um processo de elaboração onírica? E novamente integrada num estado de consciência cósmica?

“Esgotou-se-me a alma, ficou só em eco dentro de mim. / (...), Tiram-me em pouco as mãos dos olhos os meus sonhos. / Dentro de mim há um só vácuo, um deserto, um mar noturno. / E logo que sinto que há um mar noturno dentro de mim, / Sobe dos longes dele, nasce do seu silêncio, / Outra vez, outra vez, o vasto grito antiquíssimo. De repente, como um relâmpago de som, que não faz barulho mas ternura,/(...) Voz de sereia longínqua chorando, chamando (...) Ah, o orvalho sobre a minha excitação! / O frescor noturno no meu oceano interior!”²⁹⁴

Temos nesta poesia algumas constatações das categorias transpessoais, tais como o próprio simbolismo fenoménico cuja natureza transcende o carácter onírico alcançando um nível de experiência cósmica no seu estado de vacuidade. Podemos estabelecer um paralelo com a ioga do sonho nítido na parte final do excerto quando se apresenta o êxtase místico seguido de um aspecto de sublime que aparenta trazer-lhe a plenitude em estado de graça.

De modo geral, em Fernando Pessoa estes fenómenos extraordinários da consciência na vivência-escrita revelam-nos conteúdos distintos, ao contrário daquilo que se apresentou na categoria de expansão, de busca e de encontro que procedem com a individuação. Tratamos agora de uma súplica que é apresentada pela dor-libertação através do arquétipo do sagrado feminino, em favor de si próprio ou de toda a humanidade? Planeta Terra serve-lhe-ia de acolhedor ou também de próprio agente macro-cósmico a regenerar-se, a transmutar a si como totalidade da natureza e do ambiente. A transcendência deste estado implica um processo colectivo e amplo da natureza humana e de outros elementos como se pode confirmar nesta passagem:

“Vem, dolorosa, / Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos, / Turris-Ebúrnea das Tristezas dos Desprezados, / Mão fresca sobre a testa em febre dos humildes, / Sabor de água sobre os lábios secos dos Cansados. / Vem, lá do fundo / Do horizonte lívido, Vem e arranca-me / do solo de angústia e de inutilidade / Onde vicejo. / Apanha-me do meu solo malmequer esquecido, / Folha a folha lê em mim não sei que sina / E desfolha-me para o teu agrado, / Para o teu agrado silencioso e fresco.”²⁹⁵

Sobretudo, o poeta, na sua mudança de condição que não é somente a sua, mas sim a presente conjuntura em que vive determinados seres anunciados por “desprezados” para a teologia da libertação, defendida por L. Boff, “é o grito dos excluídos”, que em Álvaro de Campos ganha um sentido de libertação através da consigna da arte poética, reveladora da realidade destes esquecidos e “Cansados”, na condição de degenerados que encontram a

²⁹⁴ Op. cit., p. 338.

²⁹⁵ Ibidem, p. 318.

resposta, não por “alguém de fora”, mas pela própria Natureza, que, enquanto portadora de um auxílio, lhes dá a própria morada, a natureza do corpo no ambiente. A busca da casa humana? *Ehos?*

7.3. Natureza do Ocultismo em Fernando Pessoa e a Categoria Transpessoal em L. Boff e P. Weil

Em virtude da investigação da categoria transpessoal, esta dissertação requer que tratemos deste propósito mais hermético, no sentido esotérico da palavra. Para tal se recorre a textos de Fernando Pessoa, catalogados com o tema de Ocultismo, em sua grande parte ainda não publicados, e organizados no espólio pessoano, que foram pesquisados na Biblioteca Nacional de Lisboa, textos esses manuscritos e dactilografados. Certamente outros temas, que trariam aqui uma mais-valia, como os textos de filosofia-psicologia em Fernando Pessoa, precisariam de uma investigação específica e destinada para este propósito.

Como revelar a natureza do ocultismo, isto é, de algo que supostamente não deveria propriamente ser revelado, mas sim aplicado no plano vivencial, pois o rito-mito é compartilhado em processos iniciáticos, que raramente se utilizam através da linguagem escrita. Para a sua concretização é evidenciado o carácter verbal, a transmissão oral é predominante para este processo. Poderíamos, efectivamente, apelidar esta linguagem de “oculto”? Pelo facto de já estar revelado por meio da escrita continuará a tratar-se de ocultismo? A questão é, se estes textos são assim designados em F. Pessoa, a de que, pelo seu conteúdo, apresentam fortes características da temática do ocultismo e das ciências esotéricas que se referem ao fenómeno da natureza humana na expressão de atributos cosmológicos ligados à alquimia psíquica, caracterizando-se assim uma categoria transpessoal. De seguida é apresentada a passagem do texto intitulado como Paisagens Espirituais²⁹⁶ (ver Anexo XVI), que nos faz perceber a relação com o conteúdo já desenvolvido nos capítulos anteriores, uma vez que é dado algo que demonstra esta relação espiritual com a realidade fenoménica do mundo visível: “Dizem os cultores do ocultismo que cada coisa que, neste mundo, se apresenta como um todo, tem uma alma, uma pessoa espiritual.”²⁹⁷ É-nos dada a presença de diferentes *personas* já apresentadas no capítulo II como representações vivas dos reinos e elementos da natureza que podemos confirmar no quadro dos elementos múltiplos na

²⁹⁶ F. Pessoa. Ocultismo, Espólio, (env. 54 a 54 B, m.f. 54-54).

²⁹⁷ *Ibidem*, linha, 1-3.

constituição da vida (ver Figura XI). Sendo assim, todo o arquétipo, isto é, imagem e paisagem que é personificada nesta realidade, é uma estrutura cuja origem-fonte vem de algo que está oculto, ou seja, da natureza cósmica-espiritual, do simbolismo arquetípico que no modelar energeticamente, se mostra e se apresenta no mundo material através dos sentidos (ver Figura X). F. Pessoa adquire a sensibilidade de absorver a realidade através das extensões dos símbolos do inconsciente colectivo: “Uma casa, uma multidão, uma viagem, uma conversa – qualquer fenómeno do mundo sensível que pode afectar-nos como um conjuncto.”²⁹⁸

Na temática de estudo da categoria transpessoal, bem como na temática das linhas de estudo das fronteiras transdisciplinares, dentro da psicobiofísica e da parapsicologia, é revelada a existência de “memórias nas paredes”, que são conteúdos e energias deixadas nos ambientes por acontecimentos históricos e relacionais, ou ainda de ordem desconhecida. Na continuidade do texto de F. Pessoa encontramos a seguinte confirmação: “Como um corpo histórico ou temporal –, a tal coisa corresponde, no mundo superior uma personalidade que é espírito.”²⁹⁹

A categoria de espírito está directamente relacionada com o conceito de éter, o etérico como um quinto elemento que nutre substancialmente todos os outros com energia cósmica-espiritual (ver Figura IX). As personas, os símbolos e demais linguagens que se apresentam no mundo físico-material são emanações e expressões da natureza superior, do fenómeno ou da própria alma? Fernando Pessoa afirma:

“Tudo é symbolo neste universo que se vê, por força que este espírito, que cada fenómeno tem, é que é, a realidade, sendo o phenomeno a manifestação; em outras palavras, não se pode, na verdade, dizer que o phenomeno tem essa alma: essa alma é que tem o phenomeno.”³⁰⁰

A natureza do espírito que emana os símbolos e os arquétipos do fenómeno, para a categoria transpessoal aqui investigada, pertence a uma ampla consciência, com diferentes níveis ou estados. O que para C. G. Jung significa conteúdos do inconsciente colectivo, já em P. Weil encontramos os conceitos de consciência e experiência cósmica como este fenómeno da natureza anímica do ser. Em L. Boff, este mesmo tema apresenta-se como Cristo cósmico, ou ainda como um fenómeno transcósmico.³⁰¹ Pelo contrário da categoria do Cristo em A.

²⁹⁸ Ibidem, linha, 3-6.

²⁹⁹ Ibidem, linha, 6-8.

³⁰⁰ Ibidem, linha, 9-13.

³⁰¹ Johan. H. Urs von Balthasar apud L. Boff, [ECC], (2008, p. 62).

Caeiro, referente a criança divina, no tema do ocultismo em F. Pessoa aparece o *Christo* num significado para além do histórico, e, do relacionamento sistémico vinculado com os sentimentos da natureza humana, que o terá de os abandonar, a companhia, o amor e a si mesmo? A categoria de *Christo* no ocultismo de F. Pessoa parece claramente transcender as dependências do ego. Poderemos pensar na libertação como um fenómeno transpessoal ou ainda a ressurreição? (ver anexo XIX).

Entretanto no pensar que a totalidade do mundo é uma realidade perceptível aos sentidos, temos a experiência da realidade factual, por outro lado, como a unidade do todo é um fenómeno que ultrapassa transversalmente múltiplas realidades, o organismo vivo é um resultado do cosmos, sendo que as matrizes mais profundas da psique em sua derradeira origem são de natureza trans-cósmica? Pan-crística? Ou simplesmente transpessoal?

Fernando Pessoa manifesta impressões relativas ao mundo simbólico que ganha significado em cada contexto e paisagem que vivencia, e ainda aquilo que lhe retrata algo, que vai para além dos meros sinais aparentes: “E as impressões que sinto de uma paisagem, as que sinto de uma cidade ou de um mero lugar, sempre me deram a impressão, ao serem traduzidas para a inteligência, de que se registrou um facto de psychologia.”³⁰² Ou seja, o factor simbólico “exterior” gera significado arquetípico “interior”, como se estas duas realidades fossem regidas por energias magnéticas e psicoeletroquímicas que as liga directamente. Mesmo que a tendência seja cada uma seguir o seu percurso e ficarem opostas, autónomas e independentes. Um arquétipo em destaque no ocultismo em F. Pessoa é o simbolismo da serpente:

“A Serpente é o entendimento de todas as coisas e a compreensão intellectual da vacuidade d’ellas. Seguindo o caminho que não é de uma ordem nem destino, ella ergue-se à Altura que é a sua origem e evita os logares por onde os homens passam. O entendimento de tudo, a fusão dos oppostos, a sciencia da indiferença do bem e do mal, a sciencia da valia da emoção como emoção e da vontade como vontade.”³⁰³

Para os autores aqui apresentados referentes ao tema transpessoal temos a relação directa entre sexualidade-espiritualidade: P. Weil, na sua tese de doutoramento, aponta para o arquétipo da serpente como estando ligada a uma estrutura antropomórfica do inconsciente humano, representa um símbolo mitológico da energia da kundalini, é de suma importância para o autoconhecimento e autotranscendência; L. Boff destaca do mesmo modo:

“Orígenes dirá que ela forma “o cosmos do cosmos”, enquanto Cristo mesmo é já transcósmico, “Le mystère d’Origène, in Recherches de science religieuse, p. 27 (1937).

³⁰² Ibid, 20-24.

³⁰³ F. Pessoa. A Serpente, linha, 4-10. (Anexo XVIII).

“Essa energia chama-se kundalini (*ou Parakundalini*), que em sânscrito quer dizer “energia da serpente”. Ela vem representada por uma serpente enrolada na base de nossa coluna vertebral. Ela está aí como que dormindo. E pode ser despertada. Sua irrupção poderá ser bem-aventurada ou trágica. Trata-se do despertar da energia cósmica que está no todo e que ganha forma humana em nós.”³⁰⁴

Como o símbolo do caduceu, apresenta-se também com asas demonstrando a variação deste arquétipo para a serpente alada, que tem a qualidade de percorrer as inter-realidades, como destaca o poeta: “É ignóbil na terra porque não é da terra. E sutil porque está fóra.”³⁰⁵

Poderíamos dizer que a serpente para F. Pessoa está ligada ao *spiritus* ou ainda à sabedoria – “a Serpente, que, na ordem divina é o SS”. C. G. Jung descreve a relação da serpente “com o Soter (Salvador)”³⁰⁶. O caminho da serpente seria um percurso no processo de individuação? P. Weil destaca a simbologia da serpente referente a divindade, este autor correlaciona a semelhança deste arquétipo para o Oriente e Ocidente, como a “guardiã da árvore da vida”³⁰⁷. “A palavra hebreia *Saraf* significa queimadura e se refere às serpentes cuja picada queimam como o fogo; ela designa também serpentes aladas”³⁰⁸, possui uma relação com os serafins, assim como aparecem aladas podem aparecer na condição de hostes celestiais?

“No Egito, Atum era representado por uma serpente, o que é também o caso de Isis e de Osíris e de Apofis. O deus Kueph era uma serpente soprando sobre a cabeça de uma águia (...). Até o Islã não escapa da serpente. Deus significa como mostra Guénon, El Hay: ora, a serpente é chamada El Hayah. E El Hayat significa vida. (...): a serpente simbolizando a divindade e ao mesmo tempo o micro e o macrocosmo; no caso em questão, a vida humana e cósmica.”³⁰⁹

Irá este estado de consciência ao encontro do arquétipo de *Selbst*? Para atingir este arquétipo, que é a dimensão de sagrado, é preciso desenvolver o estado de consciência e visão para seguir a melhor direção do caminho: “A visão a distância, a visão do passado, a do futuro sendo extensões da “visão” na distância.” Mas para F. Pessoa existe um fenómeno que “vale mais que todas as visões até todas as distâncias”³¹⁰. Na mitologia existem muitos símbolos que remetem a este estado, um deles, tratado por C. G. Jung e também por P. Weil é

³⁰⁴ L. Boff, [EME], (2000, p. 172).

³⁰⁵ Op. cit., linha, 17-18.

³⁰⁶ C. G. Jung, (2007, p. 44).

³⁰⁷ P. Weil, [MC], (1991, p. 70).

³⁰⁸ Ibidem, p. 72.

³⁰⁹ Idem, p. 72.

³¹⁰ F. Pessoa. Ocultismo, Espólio, m.f. 54-49, linha 13-16. (Anexo XVII).

o arquétipo de Hórus, o falcão na mitologia egípcia ou a águia que designa L. Boff no simbolismo do despertar da Visão. Ambos os autores aqui investigados revelam a Visão dos místicos, poetas e profetas como visionários cujo despertar da visão os coloca como pessoas a frente do seu tempo, estaria também F. Pessoa a referir-se a isto? Certamente que sim!

Todavia, que olhos de uma clara e plena Visão trarão uma solução para a actual problemática da crise da natureza humana? F. Pessoa afirma que não será nem na “ciência e nem na inteligência o caminho para o social”, ressalta o “optimismo como uma grande hipótese do sentimento.”³¹¹ Em P. Weil encontramos uma grande valorização do arquétipo da *anima*, o aspecto feminino no seu sentido emotivo e sensível revela qualidades com o olhar mais humano e materno. Optimismo seria um contributo de inteireza que o ser amoroso pode revelar? Com que ajuda de prática comunitária pode de facto contribuir? Transpessoal Social? Equidade real ou apenas um fenómeno de acomodação e submissão colectiva, na falsa consciência de que “estamos melhores do que antes”? L. Boff revela que é tal se alcança com ternura e cuidado, com uma filosofia que lança um olhar, não através da razão, mas com sentimento-emoção. Diz F. Pessoa: “A verdade que será, o futuro que, desprezando os nossos raciocínios, virá tal qual tiver que vir, guiados por leis naturais imutáveis, e contra as quais nada pode a pseudo-liberdade do nosso servo arbítrio, esse é o seu segredo, guarda-os ainda o Espírito.”³¹² De facto, como é sabido, a liberdade total na actual conjuntura global é praticamente impossível. L. Boff traz na teologia da libertação esta possibilidade de liberdade de escolha de um caminho que leva à libertação da exclusão através da justiça para alcançar a dignidade do humano dentro dos seus direitos de subsistência, saúde e educação.

O principal factor de contribuição do ocultismo em F. Pessoa é, certamente, a possibilidade de o universo simbólico intervir na realidade mundana, seja por extrair a energia da sua mais profunda força de vontade através transformação alquímica, seja por criar novas realidades através do optimismo. A categoria transpessoal em P. Weil revela-se criativa na arte de viver a mudança e na arte de saber integrar este fenómeno na natureza da pessoa humana que é o grande desafio daquilo que nos é trazido por L. Boff, quando evidencia a problemática da humanidade em crise de ecologia humana e planetária.

³¹¹ *Ibidem*, m.f. 54-14, linha 1-4.

³¹² *Ibidem*, m.f. 54-14, linha 15-19.

Conclusão

Chegado o momento final dos caminhos percorridos nesta investigação de mestrado, é também o momento de dispor de possibilidades e apontar a continuidade de novos e futuros caminhos. A categoria Transpessoal, tema central desenvolvido nesta dissertação, deu-nos a possibilidade de discorrer sobre grande parte da vasta obra dos autores Pierre Weil e Leonardo Boff. Realizámos uma exposição e problematização das suas ideias, levantando temas filosóficos e psicológicos que nos levaram até alguns autores e teorias, tendo elas como enfoque principal o pensamento junguiano.

No capítulo I delineou-se os aspectos do transpessoal em estrita relação com as funções psíquicas de Jung e focou-se o quanto esta estrutura estava ligada aos valores humanos. De entre as qualidades mais destacadas, esteve principalmente em evidência a natureza do cuidado, a paz e a compaixão, atributos estes que nas obras dos autores aqui em estudo revelaram um dos pontos centrais para a mudança e nascimento de um novo paradigma.

A ecologia na sua profunda condição de espiritualidade-sexualidade revelou-nos que é preciso uma integração dos aspectos do feminino e masculino, *anima ùnd animus*, ligados aos conceitos de arquétipo e sincronicidade, entre outros, essenciais para a caracterização da temática do estudo da natureza humana Transpessoal. O humano em contacto com o *numinoso*, tema este já investigado por C. G. Jung e apresentado por L. Boff como “estado de consciência de quem teve uma experiência de encontro com a Suprema Realidade.”³¹³ Foi através deste reconhecimento da necessidade de uma sensibilidade maior, da consciência de um *Ethos*, que se percebeu a importância de cuidar do corpo e da casa planetária. Os arquétipos de Eros e de Cristo foram reveladores na medida em que estão em conformidade com o estado de consciência e experiência cósmica.

Outro teórico que influenciou directamente os autores aqui investigados foi Pierre Teilhard Chardin, que colaborou muito para a construção da temática sobre os valores éticos para com o planeta e com a humanidade e que nos permitiu realizar uma correspondência entre o budismo e a mística cristã. A problemática entre o uno e o múltiplo para este trabalho ganhou espaço de discussão na categoria transpessoal, pelo qual os símbolos, arquétipos e mitos são transversalmente expostos em diversos níveis de consciência, aparecendo, por um lado, unidos e integrados a uma única realidade e, por outro, demonstrando-se como partes independentes da totalidade. Vimos deste modo a influência da *Gestalt* e da teoria holográfica nas obras de

³¹³ L. Boff, [AG], (2000, p.200).

ambos os autores. Ainda no capítulo I são tratados os modelos conceptuais apresentados por P. Weil sobre a condição do planeta na integração entre a pessoa, a sociedade e a natureza. Vimos assim que não há fronteiras estáveis neste eixo vital, que possui uma condição de co-dependência, ou seja, o indivíduo, incluído no contexto social depende de uma qualidade da natureza e do ambiente para a sua condição de vida plena. Perante as crises actuais, este processo passa por uma destruição, que anseia por uma nova condição de cura-transformação e paz. Levantamos a temática da inversão dos valores que é mantida e influenciada pela normose, a patologia da normalidade. Os modelos da norma e do erro levam à fragmentação do conhecimento, segundo P. Weil, quando apresenta a FDS e NPP.

Os conceitos de *homo-sapiens* e *demens*, de *simbólico* e *diabólico* referem-se exactamente à debilidade e à sageza, à criação e à desconstrução. Para que a pessoa humana encontre a sua individuação é evidente que precisa de accionar o seu arquétipo de *pontifex* e potencializar as qualidades minimizando as afecções do corpo-alma. Promoverá, deste modo, o êxtase e a libertação da realidade de um ego que aprisionava a pessoa humana e passará a uma outra realidade absoluta e pan-cósmica no sentido revelado por L. Boff, de cuidado, de respeito e de integração da natureza planetária.

Entramos na categoria junguiana do *numinoso*. É neste ponto que lançamos o conceito de ‘elementalcentrismo’. Com base nos pressupostos de Platão chegamos ao validar desta integração dos quatro elementos e de um quinto elemento, que mantém a união dos demais, esta energia cósmica pode ser traduzida por amor. Foi através deste tema clássico tratado pela filosofia que realizámos uma correspondência directa com as funções psíquicas descritas por C. G. Jung.

No capítulo II, referimos a continuidade do caminho trilhado pelos autores, num contributo utilizando das categorias junguianas que ganharam atributos de relação directa com a ecologia humana e a sua integração planetária. Outros pressupostos como o pragmatismo de W. James, a substância infinita de Espinoza e ‘Timeu’ de Platão reforçaram o diálogo sobre a criação dos elementos primordiais da vida. Entra F. Nietzsche, quando se lança a analogia do conceito de *Übermenschen*, o super-homem, ou ainda o sobre-humano correspondente aos Mutantes de P. Weil, bem como a supraconsciência de Roberto Assagioli. Foi certamente estas categorias filosóficas de Nietzsche e Platão, dentre outros teóricos que influenciaram C. G. Jung a ser o primeiro pensador a falar de categorias do Transpessoal, como a designar o próprio conceito de *Synchronizität*, cujos sinais de simultaneidade nos dão pistas que podem levar para o encontro do *Selbst*, como uma realidade de contacto com o sagrado, chegará a ter a verdadeira possibilidade de Ser-Transpessoal, ou seja, *Selbstverwirklichung* realizar-se do si-mesmo.

e nesta mesma altura Assagioli nos trás a categoria de Supraconsciência

Estamos diante do maior desafio da história da humanidade, que é o de aprender a viver em sincronia com a Natureza. Para que a pessoa humana possa um dia compreender profundamente o processo de integração que possui com os reinos, elementos e todas as formas de vida do planeta. Jamais será possível entrar em contacto com o campo transpessoal, se o Ser ignorar a profunda integração que há na relação dos elementos da natureza com a existência da pessoa humana, constituída pelas diversas personas: p.h., p.a., p.m., p.v. e p.c.

Antes de o humano querer ajudar à terra, tem de curar a sua própria forma de pensar e de olhar para o mundo, curar os seus vícios, ultrapassar as suas culpas, medos e apegos. Ora, se o problema actual foi criado pelo estado de “consciência pessoal”, o humano não poderá resolver nada neste nível limitado e reduzido em si mesmo; se a crise é mantida pelo infra-humano, a solução está num nível acima, que é o carácter supra-humano, isto é, o estado transpessoal. Cabe aqui destacar o arquétipo de mentor que é aquele que conduz para o caminho da individuação, para o *Selbest*.

O desafio da sociedade pós-moderna é o de alcançar a equidade e a subsistência sem dissolver a natureza e degradar o ambiente, tendo *a priori* a necessidade de integrar a vida e a sobrevivência do ser humano em união com o cosmos e toda a Natureza que dele emana. Este percurso levou-nos a obter uma sensibilidade que não foi possível encontrar em textos de uma filosofia racional, um chamado maior trouxe a poesia como representante deste sentir da Natureza em sua essência mais pura.

No capítulo III encontramos o caminho que nos levou a Pessoa, são trabalhados os heterónimos de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, bem como os textos de ocultismo de Fernando Pessoa. Podemos perceber através dos seus poemas, bem como através dos seus textos, que, ao contrário do pensar filosófico e da visão analítica da psicologia, Pessoa traz um sentir vivencial, uma aprendizagem que está aquém e além das teorias e dos conteúdos dos livros e nos revela um viver na escrita, pelo qual se apresenta como um fenómeno de sua alma.

Com A. Caeiro mergulhamos na natureza da paisagem como sendo um estado fusional da pessoa humana com o ambiente que a cerca. Analisamos a sensibilidade transmitida pelas poesias através do conceito de f.p. descrito por C. G. Jung e encontramos a predominância das f.p. sensação, *das Fühlen*, e f.p. o sentir, *das Empfindem*, evidenciando o carácter emocional do viver na sua escrita. Como o próprio A. Caeiro define um não-pensar, de facto a f.p. o pensar, *das Denken*, não aparece como função psicológica de sua personalidade. É pelo sentimento e pela percepção que este heterónimo nos revela a sua consciência mística, com características pagãs e de um cristianismo profundo, o que nos possibilitou articular as suas

poesias com a teoria de L. Boff. A. Caeiro expressa a integração da Natureza e de todas as coisas, com isso foi possível chegar ao conceito de visão holística descrito por P. Weil.

Em Álvaro de Campos é descrito a profunda condição da natureza humana no seu processo de individuação, a busca incessante no desconstruir-se para alcançar algo maior do que si mesmo, uma natureza transpessoal, de tirar todas as máscaras e encontrar o seu único e verdadeiro arquétipo, no nada da plena totalidade. Uma vez mais se pode estabelecer um interdiálogo, agora entre Á. de Campos, L. Boff e P. Weil, com características trans-humanas que apontam para a consciência e vivência anímica, arquetípica e cósmica integrada a todas as funções psíquicas; o sentir (*das Empfinden*), o perceber (*das Fühlen*), a intuição (*die Intuition*) e o pensar (*das Denken*).

Chegamos ao tema do ocultismo em Fernando Pessoa, que foi de carácter revelador, primeiramente por se tratar de uma investigação das obras não publicadas e pertencente ao espólio pessoano; segundo por ser um assunto de riquíssimo complemento para as teorias de L. Boff e P. Weil, principalmente quando se referem à mitologia, aos processos oníricos e às visões que remetem para uma análise arquetípica e simbólica do inconsciente profundo.

A energia kundalini, do caminho e da Visão da serpente descrito pelo poeta atribuíram novos conteúdos ao que já havíamos trabalhado em P. Weil sobre o estado de despertar da consciência e de uma experiência cósmica. F. Pessoa retrata a temática da Visão e do espírito capaz de revelar um forte optimismo, sendo esta a grande qualidade da pessoa humana, maior ainda do que a própria ciência e a razão. Vimos que este supra-optimismo está relacionado com o que L. Boff trata no seu contexto por entusiasmo aplicado à mística e à militância para superar as dificuldades do caminho e encontrar a plena libertação. Eis a visão transdisciplinar, pois começamos a investigação da categoria transpessoal sobre a luz da filosofia e a psicologia que nos fez passar pela ciência e terminar na poesia. Será esta integração de todos os saberes, disciplinas e áreas do conhecimento a verdade da categoria transpessoal?

Glossário.

Glossário dos títulos de Leonardo Boff. Referente às obras: [AG]; [DA]; [SC];

Alquímico: “o que se deriva da alquimia, a química pela qual medievais e renascentistas procuravam transformar todos os metais em ouro. A fórmula secreta se chamava pedra filosofal. Em termos psicanalíticos, significa as transformações profundas pelas quais passa uma pessoa até conquistar a sua liberdade interior e o desenvolvimento de sua identidade”. Relacionado com o arquétipo do mago.

Arquétipo da Águia: Condição de despertar, libertação e Visão

Arquétipo da Galinha: Condição humana na Limitação no seu cotidiano.

Antropogênico: referido à gênese do ser humano. Este não está pronto e acabado mas ainda submetido ao processo de evolução em aberto.

Antropoiese: autoconstrução do ser humano.

Autopoiese: termo derivado do grego para designar o processo evolutivo que é autocriativo e auto-organizativo.

Antropogênico: referido à gênese do ser humano. Este não está pronto e acabado mas ainda submetido ao processo de evolução em aberto.

Auto-organização: organização espontânea da matéria e das energias originárias que dá origem aos seres vivos, chamada também de auto-poiese.

Biosfera: tudo o que vive no ar, no solo, no subsolo e no mar forma a biosfera.

Caos: Comportamento imprevisível de certos sistemas, especialmente, vivos e que possibilitam ordens novas ou diferentes; por isso diz-se que o caos não é “caótico” mas generativo.

Complementaridade, princípio: enunciado pelo físico quântico dinamarquês Niels Bohr, segundo o qual matéria e a radiação podem ser simultaneamente, onda e partícula. As duas descrições se complementam. Esse princípio se aplica também em outros campos onde se verificam oposições, entendidas como complementares dentro do sistema global.

Corporeidade: conceito que exprime a totalidade do ser humano enquanto é um ser vivo, parte da criação e da natureza. Não se deve confundir com corporalidade, termo da antropologia dualista que interpreta o ser humano como a união de duas partes distintas, o corpo e a alma.

Cosmológico, princípio: Hipótese segundo a qual o universo se rege pelas quatro forças originárias da natureza; a gravitacional, a eletromagnética, a nuclear fraca e forte e mostra

semelhanças em todos os lugares (é, pois, homogêneo) e em todas as direções (é, pois, isotrópico). Isso foi espetacularmente comprovado pela radiação de fundo, último eco do big bang que vem, por igual, de todas as partes do universo.

Co-evolução: evolução conjunta dos ecossistemas com seus respectivos representantes, incluindo os sistemas sociais e técnicos.

Cosmologia: ciência que estuda o cosmos, sua origem, sua evolução e seu propósito. Imagem de mundo que uma sociedade produz para orientar-se nos conhecimentos e para situar o lugar do ser humano no conjunto dos seres.

Concidadania: neologismo que significa a cidadania participativa, vivida pelos movimentos sociais, pela qual cidadãos se unem a outros cidadãos para lutar por seus direitos. Cidadania define a posição do cidadão em face do Estado. A concidadania define o cidadão em face de outro cidadão.

Ecologia: estudo das relações que todos os seres vivos e inertes mantêm entre si e com o meio ambiente. É o estudo (logos) da casa comum (oikos) para que seja prese nosso planeta Terra. desta a ecologia ambiental, a social, a mental e a integral (que engloba todas as outras e as relações como universo e com Deus).

Diabólico: “Dia-bólico provém de *dia-bállein*. Literalmente significa: lançar coisas para longe, de forma desagregada e sem direção; jogar fora de qualquer jeito. Dia-bólico, como se vê, é o oposto do sim-bólico. È tudo o que desconcerta, desune, separa e opõe”.

Ethos: em grego significa a toca do animal ou a casa humana; conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável; o ethos constrói pessoal e socialmente o habitat humano; veja moral.

Fundamentalismo: atitude fanática de pessoas que se apegam ao fundamento de suas convicções com desprezo por outros fundamentos e por outras convicções.

Gaia: nome que a mitologia grega conferia à Terra como divindade e entidade viva. James Lovelock mostrou que a Terra como um todo forma um superorganismo vivo e denominou-a de Gaia. Pacha Mama: Grande Mãe; nome dado pelos povos andinos à Terra como suprema divindade geradora e regeneradora.

Geocida: o que assassina a Terra.

Homo sapiens sapiens: “toda a nossa cultura, à deriva do iluminismo, exalta o homo sapiens, o homem inteligente e sábio. Duplicou-se até a qualificação. Chama-o de sapiens sapiens, sábio-sábio. Magnifica sua atitude conquistadora do mundo, desvendadora dos mecanismos da natureza,

interpretadora dos sentidos da história. Reconhece no ser humano sapiens sapiens um dignidade inviolável”.

Homo sapiens demens: “Curiosamente, os mesmos que afirmavam tais excelências do ser humano na Europa, especialmente a partir da Revolução Francesa (1789), as negavam em outros lugares: escravizavam a África, assujeitavam a América Latina, Invadiam a Ásia. Por onde passavam deixavam rastros de devastação e de pilhagem de riquezas materiais e culturais. Mostravam no ser humano o lado de demência, de lobo voraz e de satã da terra. É o homo demens demens”.

Homo demens demens: “Hoje, dada a degradação da condição humana e ecológica mundial, despertamos do sono iluminista. Estamos espantados com a possibilidade de o ser humano demens demens se fazer ecocida e geocida, vale dizer, de eliminar ecossistemas e de acabar com a terra. Ele já mostrou que pode ser suicida, homicida e etnocida”.

Holismo/visão holística: vem do grego *holos* que significa totalidade. O termo foi criado pelo filósofo sul-africano Jan Smuts, em 1926, para designar o esforço da mente por captar o todo nas partes e as partes vistas dentro do todo.

Holograma: fenômeno no qual o todo está presente em cada uma das partes e as partes somente existem inseridas dentro de um todo que, por sua vez, se ordena a outro todo maior.

Nirvana: no budismo significa a situação de suprema bem-aventurança a que chegam as pessoas quando se libertam totalmente dos apegos e mergulham definitivamente numa experiência de não-dualidade com o universo e a Realidade Inominável.

Noosfera: termo criado por Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), paleontólogo, filósofo e místico, nos anos 30, para designar a nova fase emergente da humanidade rumo a uma sociedade mundial e à consciência planetária. Noos em grego significa espírito e mente.

Panteísmo: doutrina que afirma a coexistência e a interpenetração de Deus e de suas criaturas. Literalmente significa: tudo em Deus e Deus em tudo. Deve ser distinguido do panteísmo.

Panteísmo: doutrina que afirma ser tudo Deus; as pedras, as plantas, os animais, os humanos e o universo, formam a única realidade existente e sem distinção, Deus.

Matrifocal: diz-se de uma cultura que tem nas mulheres (mães) o eixo e o foco de organização social. Chama-se também de matriarcal como oposto a patriarcal.

Noosfera: termo cunhado por Teilhard de Chardin para designar a nova fase da humanidade depois da antroposfera e da biosfera, fase caracterizada pela consciência planetária e pela responsabilidade pelo destino comum dos seres humanos e do planeta Terra.

Pathos: capacidade de sentir, sentimento profundo; donde vem assim a patia, paciente.

Simbiose: associação entre espécies vivas, beneficiando-se mutua mente; por extensão, associação entre seres vivos, sistemas sociais e má quinas; é o que ocorre, concretamente, no funcionamento de nossas sociedades atuais.

Sinergia: interação de todas as energias em presença, em vista da manutenção de cada ecossistema e dos indivíduos que a ele pertencem.

Sintropia: coordenação de energias que têm por efeito diminuir a entro pia, quer dizer, o desgaste de energia e maximalizar sua utilização.

Sistema complexo: o conjunto de elementos interconectados entre si for ma um sistema; ele é complexo quando os elementos são numerosos e diversos são os tipos de relação que vigoram entre eles.

Sustentabilidade: diz-se que uma sociedade ou um processo de de senvolvimento possui sustentabilidade quando por ele se consegue a satisfação das necessidades, sem comprometer o capital natural e sem lesar o direito das gerações futuras de verem atendidas também as suas necessidades e de poderem herdar um planeta sadio com seus ecossis temas preservados.

Simbólico: “Sim-bólico, sim-bolo, provém de *syμβάλλειν* ou *syμβάλλεσθαι*. Literalmente significa: lançar (βάλλειν) junto (syn). O sentido é: lançar as coisas de tal forma que elas permaneçam juntas. Num processo complexo significa re-unir as realidades, congregá-las a partir de diferentes pontos e fazer convergir diversas forças num único feixe”.

Sinergia: articulação de energias em vista de um fim comum. O universo é sinérgico.

Mística: é adjetivo da palavra mistério em grego. Diz-se que alguém é místico quando tem uma experiência pessoal da Realidade Suprema. O místico não ensina doutrinas mas testemunha um encontro com o Divino e constrói um caminho experiencial rumo ao Mistério último do universo.

Numinoso: vem do latim *numen* que significa divindade. É sinônimo de sagrado, de fogo interior. Estado de consciência de quem teve uma ex-periência de encontro e de união com a Suprema Realidade.

Panenteísmo: doutrina religiosa; afirma que Deus estãoem tudo e tudo está em Deus. Guar dam-se as diferenças entre Deus e as criaturas, mas se acentua sua mútua presença. Não deve ser identificado com panteísmo.

Panteísmo: doutrina segundo a qual não há ou tra realidade senão Deus. Tudo é Deus, as pedras, os animais, o ser humano e o universo, sem dis tinção. Não deve ser confundido com panenteís mo.

Paradigma/paradigmático: modelo, padrão, solução exemplar. Um caso é considerado paradigmático quando serve de referência e de exemplo para situações semelhantes ou conaturais.

Utopia: nome de um romance de Thomas Morus (1516). Utopia, literalmente, significa: “de nenhum lugar”. Utopia é a descrição de um estado ideal da condição humana, pessoal e social, que não existe em nenhum lugar mas que serve para relativizar qualquer tipo de sociedade, criticá-la e também impulsioná-la para que se modifique se oriente na direção do ideal apresentado. A utopia representa a realização plena de virtualidades presentes dentro da vida. Neste sentido, o utópico pertence ao real, na sua dimensão possível e virtual.

Glossário referente a obra de P. Weil, [M]; [ACC]; [AMS]; [N].

Mutantes: Considerado um *pontifex*, aquele que realiza pontes com diferentes realidades. “A pessoa comum não reconhece que existem outros estados de consciência e se deixa levar pela ilusão da existência de um ego separado de um mundo puramente material. Mas o mutante que teve uma ou várias experiências transpessoais e voltou a viver no nosso plano relativo, continua sendo um mutante, eventualmente um professor de ioga, tai chi ou meditação se tiver habilidade para isso. Se permanecer no estado transpessoal, não é mais um mutante; é um ser desperto, um iluminado, um mestre. (P. Weil, 2003, p.91).

Consciência Cósmica: “Objecto essencial de estudo da psicologia transpessoal, a experiência cósmica é sinónimo do estado de nirvana (...). O termo “consciência cósmica” foi escolhido pelo psiquiatra canadense Richard Maurice Bucke (1901), para designar um estado de consciência que se situa acima da simples consciência comum ao homem e uma parte dos animais, ou mesmo da consciência em si mesmo”. (P. Weil, 1982, p.17-19). Acrescenta alguns sinónimos que estão com o fenómeno de consciência cósmica: (E.C): (Experiência Cósmica): Nirvana, (EMC): Estado Modificado de Consciência, Experiencia mística: Estado de Buda. Realização Suprema: Experiencia Transcendental, Reino dos céus: Consciência Objectiva. Sétimo Céu: Iluminação, Êxtase Místico: Estado de Graça, União Estática: Estado de Beatitude, Samadhi: Estado de Contemplação.

Normose: “O termo normose remete à perigosa realidade em que o hábito nocivo torna-se a norma de consenso. O resultado pode ser a doença, a destruição e a morte”. (P. Weil, 2000, p. 121).

Fantasia da Separatividade: Para P. Weil refere-se a Dualidade a dualidade da mente que gera a fragmentação do indivíduo que se vê separado da sociedade e da natureza.

Neurose do Paraíso Perdido: “Se forma a partir da fantasia da separatividade, trata-se de uma miragem, de uma ilusão fundamental que faz com que nos percebamos como seres separados do resto do mundo”. (P.Weil, 2000, p. 125, 126).

Holística: “Vem do grego, holos, que significa “todo”, “inteiro”. Holística é, portanto, um adjetivo que se refere ao conjunto, ao “todo”, em suas relações com suas “partes”, à inteireza do mundo e dos seres”. (P. Weil, 1990, p.13).

A Visão Holística: “Procura o que há em comum entre a visão racionalista e científica actual com a visão das grandes tradições espirituais”. Desvelar da plena consciência. Vivência em que desaparecem as fronteiras entre sujeito-objeto-relação. (P. Weil, 2000, p.100, p.186).

Hologia: Estudo e discussão teórica de textos, levando à compreensão correta (lado esquerdo do cérebro). Idem.

Holopraxis: “Práticas” que levam à vivência holística (lado direito do cérebro). Idem.

Holopoesis: “Relativo a matriz holopoiética na qual a ciência se apresenta em nas principais estruturas: matéria-física, informação-noética, vida-biologia”. (Ibidem, p.177).

Êxtase: Equivalente a experiência de êxtase místico ou estado de graça, ligado a elevação da energia primordial da kundalini, unidade de luz, expansão da consciência em campos luminosos.

ACS: (Altered State of Consciousness) de C. Tart. Estado alterado ou modificado de de consciência, sendo ainda uma experiência do nível pessoal. Diferente de níveis transpessoais: hiperconsciência, supraconsciência, expansão da consciência.

Peak-Experience, Experiencia Culminante, de Maslow.

Experiencia Oceânica (S.Freud).

(ESP): Extra-Sensory-Perception (Percepção Extra-Sensorial) de Rhine, relativos a telepatia, clarividência e precognição.

Unidade: É o desaparecimento da percepção dual Eu-Mundo.

Caráter Noético: Um senso absoluto de que o que é vivido é real, às vezes muito mais real do que a vivência quotidiana comum.

Transcendência do tempo-espaço: as pessoas entram numa outra dimensão; o tempo não existe mais e o espaço tridimensional desaparece.

Desaparecimento do medo da morte: a vida é percebida como eterna, mesmo se a existência física é transitória.

Glossário das Categorias Junguianas:

Anima ou/e Animus, *Anima ünd Animus*: referente ao aspecto sexual oposto em cada pessoa, anima no homem e animus na mulher. Ou ainda o equilíbrio destes dois arquétipos na psique de cada pessoa, seja ela homem ou mulher.

Alquimia, *Alchemie*: Pode ser considerada como categoria que designa a transformação da personalidade e da natureza da psique no processo de individuação. Integração dos símbolos e motivos mitológicos. “Iluminação da escuridão por meio da união dos elementos”.

Tipos Psicológicos, *Psychologische Typen*: Funções Psíquicas: Jung definiu os tipos psicológicos em quatro funções psíquicas que podem ser funcionalmente utilizadas de acordo com cada estrutura pessoal individual de maneira introvertida ou extrovertida. de acordo com a função principal e secundária na bússola da psique.

Função Psíquica Pensamento, o Pensar, *das Denken*: Julgamentos lógicos-rationais e objectivos.

Função Psíquica Sentimento, o Sentir, *das Empfinden*: Valores qualitativos, do gostar e não gostar, também, assim como o pensar também é uma função racional.

Função Psíquica Sensação, a Sensação e/ou o Percepcionar, *das Fühlen*: como a pessoa apreende a realidade através dos cinco sentidos. Função irracional.

Função Psíquica Intuição, o Intuir, *die Intuition*: Experiência real directa, a essência verdadeira daquilo que é. Função irracional.

Numinoso, *Númen*: Inspiração luminosa, experiência do sagrado e do divino que emerge com uma arrebatadora força na personalidade.

Sincronicidade, *Synchronizität*: Simultaneidade de factos, ou ainda coincidências significativas que vão para além da probabilidade, está ligada com factores de percepção extra-sensorial.

Persona: Como a pessoa se apresenta para o mundo, máscara, papéis que são desempenhados pela pessoa em diversos contextos.

Energia, *Energie*: Se aproxima do conceito psicanalítico de libido, entretanto com um diferencial, trata-se de uma energia não apenas sexual mas também cósmica-espiritual.

Ego: É o centro da consciência, sentido de direcção para a realidade da vida pessoal.

Selbest: Arquétipo de contacto com a noção de *sagrado*.

Inconsciente Pessoal: Conteúdo psíquico da natureza pessoal, de experiências individuais.

Inconsciente Colectivo: Conteúdo psíquico presente em todas as pessoas. Refere-se a impressões hereditárias da história da humanidade.

Arquétipo, Archetypus: Matrizes Arcaicas de expressões deixadas pela vivência da história da humanidade. Estruturas psíquicas do inconsciente colectivo.

Símbolo: O símbolo tem uma forte carga vital, expressão e representação de imagens universais.

Processo de Individuação: 'individuação' como 'tornar-se si-mesmo' *Verselbstung* ou 'o realizar-se do si-mesmo' *Selbstverwirklichung*.

Personalidade, Persönlichkeit: Para Jung a personalidade é um sistema complexo, termo este criado para designar a sua própria 'teoria dos complexos'.

Sonho: Uma auto-expressão viva do inconsciente pessoal ou colectivo sob formas simbólicas, arquétipos e mitos que revelam uma realidade da pessoa.

Sombra: Conteúdo que foi reprimido da consciência, por ser qualidades próprias indesejáveis aquilo que não é desenvolvido em si mesmo é renegado.

Imaginação Activa: Processo consciente de trazer conteúdos inconscientes

Desejo, Wunsch: desejo e energia como uma profunda força de vontade, a integração da sexualidade-espiritualidade. Vai para além do conceito de libido da psicanálise.

Energia, Energie, Energia da natureza da psique compreende não somente mas também a libido.

Quintessência: Categoria da cosmologia grega que na psicologia analítica pode estar relacionado com a alquimia e os símbolos de transformação, o inconsciente colectivo e a integração das funções psíquicas.

BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas Directas.

BOFF, Leonardo, *Vida para Além da Morte*, 23.^a edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 2008, 206 p.

_____, *Evangelho do Cristo Cósmico, A Busca da Unidade do Todo na Ciência e na Religião*, Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Record, 2008, 189 p.

_____, *Homem: Satã ou Anjo Bom?* Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Record, 2008, 223 p.

_____, *Eclesiogênese: A Reinvenção da Igreja*, Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Record, 2008, 251 p.

_____, RIBEIRO, Lúcia. *Masculino / Feminino, Experiências Vividas*, Rio de Janeiro, São Paulo, Ed. Record, 2007, 84 p.

_____, *Virtudes para um outro mundo possível, Comer e beber juntos e viver em paz*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2006, 135 p.

_____, *O Despertar da Águia, o Dia-bólico e o Sim-bólico na Construção da Realidade*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2004, 205 p.

_____, *Ética e Moral, a busca dos fundamentos*, Petrópolis, ed. Vozes, 2003, 125 p.

_____, MURARO, Rose Marie, *Feminino e Masculino, Uma Nova Consciência Para o Encontro das Diferenças*, Rio de Janeiro, ed. Sextante, 2002, 287 p.

_____, *Fundamentalismo, A globalização e o futuro da humanidade*, Rio de Janeiro, Ed. Sextante, 2002, 96 p.

_____, *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*, 3^a edição, Petrópolis, Ed. Ática, 2000, 180 p.

_____, *Saber Cuidar, Ética do Humano – Compaixão pela Terra*, 6.^a edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 2000, 200 p.

_____, *A Águia e a Galinha, Uma Metáfora da Condição Humana*, 36.^a edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 2000, 207 p.

_____, *São Francisco de Assis, Ternura e Vigor*, 8.^a edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 2000, 197 p.

_____, LELOUP, JEAN Y. *Terapeutas do Deserto, De Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*, Ed. Vozes, 1987, 176 p.

_____, *O Rosto Materno de Deus, Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas Religiosas*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1986, 267 p.

WEIL, Pierre, *A Paz como Caminho. Educação para uma Cultura de Paz*, Festival Mundial, Rio de Janeiro, Unipaz, 2006.

_____, *Lágrimas da Compaixão, E a Revolução Continua! 9.^a edição*, São Paulo, Ed. Pensamento, 2005, 248 p.

_____, *O Fim da Guerra dos Sexos, O Reencontro do Masculino e do Feminino na Gestão do Século XXI*, Brasília, Ed. Letraviva, 2005.

_____, *Rumo ao Infinito*, Rio de Janeiro, Ed. Vozes. 2005, 192 p.

_____, *Os Mutantes, Uma Nova Humanidade para um Novo Milénio*, Campinas, Ed. Verus, 2003, 166 p.

_____, *Normose, A Patologia da Normalidade*, Campinas, Ed. Verus, 2003.

_____, *A Nova Ética*, 4.^a edição, Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 2002, 110 p.

_____, *A Mudança de Sentido e o Sentido da Mudança*, Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 2000, 292 p.

_____, *Sementes para uma Nova Era, Um livro de emergência para uma situação de emergência*, 4ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1997, 191 p.

_____, Et al, *Rumo à Nova Transdisciplinaridade, Sistemas Abertos de Conhecimento*, 3ª edição, São Paulo, Summus Editorial, 1993, p. 176.

_____, *A Arte de Viver em Paz, Por uma Nova Consciência e Educação*, 4ª edição, São Paulo, Editora Gente, 1993, 96 p.

_____, *Organizações e Tecnologias para o terceiro milênio*, 3ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1993, 110 p.

_____, *Antologia do Êxtase*, São Paulo, Ed. Palas Athena, 1992, 173 p.

_____, et.al, *Mística e Ciência, Psicologia Transpessoal*, 2ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1991, p.123.

_____, *Holística: Uma Nova Visão e Abordagem do Real*, 2ª edição, São Paulo, Ed. Palas Athena, 1990, 122 p.

_____, *A Consciência Cósmica, Introdução à Psicologia Transpessoal*, 3ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1982, 89 p.

_____, *Mística do Sexo*, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1976, 224 p.

_____, *Esfinge, Estrutura e Mistério do Homem*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1973, 207 p.

Tese de doutoramento intitulada como : *Le Sphinx, mystère et structure de l'homme* (Université Paris Sorbonne).

Referências Bibliográficas de Carl Gustav JunG.

(Do Original: Zürich 1960 – 1981)

JUNG, Carl G, *Psychologische Typen*, Rascher Verlag, Zürich, 1960, 613 p.

_____, *Das Symbolische Leben*, Rascher Verlag, Zürich, 1981, 469 p.

_____, *Die Archetypen Und Das Kollektive Unbewusste*, Walter-Verlag, 1976, 433 p.

_____, *AION Beiträge zur Symbolik des Selbst*. Rascher Verlag, Zürich und Stuttgart, MCMLXIX. 1960.

_____, *Mysterium Coniunctionis. Untersuchung über die Trennung und Zusammensetzung der seelischen Gegensätze in der Alchemie*. Rascher Verlag, Zürich und Stuttgart, MCMLXIX, 1960.

Referências Bibliográficas de Carl Gustav Jung

(Tradução organizada por Leonardo Boff, et al.)

JUNG, Carl G, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, volume IX/1, da Obra Completa, 5.^a edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 2007.

_____, *Sincronicidade*, volume VIII/3, da Obra Completa, 2.^a edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.

_____, *A Natureza da Psique*, vol. VIII/2, da Obra Completa, editora vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1984.

_____, *Estudos Sobre Psicologia Analítica*. Obra Completa, vol. VII, Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1978.

_____, *O Desenvolvimento da Personalidade*, vol. XII, Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1981.

Referências Bibliográficas de Fernando Pessoa

PESSOA, Fernando. *Obras Completas*, círculo de leitores, RBA, 2005, 875 p.

_____, *Prosa de Ricardo Reis*. Lisboa, Ed. Assírio e Alvim. 2006.

_____, *Álvaro de Campos, Poesias*. Lisboa, Ed. Assírio e Alvim. 2006.

_____, *Alberto Caeiro, Poemas*. Lisboa, Ed. Assírio e Alvim. 2006.

Referências Bibliográficas Gerais

ASSAGIOLI, Roberto, *Ser Transpersonal – Psicossíntesis para el nacimiento de nuestro Ser real*. Madrid – España. Gaia Ediciones, 1988.

_____, et al, *Experiência Cósmica e Psicose. Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal*, Vol. 5. Petrópolis, Ed. Vozes, 1978.

ALLEAN, René, *A Ciência dos Símbolos*, Lisboa, Edições 70, 2001, 296.

BORGES, Paulo. *Budismo e Identidade Pessoal*, in: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, v. 1, n. 3, Porto, Setembro, 2004.

_____, MATTHIEU Ricard, e CORREIA, CARLOS J., *O Budismo e a Natureza da Mente*, «A Liberdade Natural da Mente no Dzogchen ou “Grande Perfeição”». Lisboa, Mundos Paralelos, 2005.

_____, *Do Finistérreo Pensar*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

CORREIA, Carlos J, *Natureza e Técnica. Natureza e Ambiente: Representações na Cultura Portuguesa*, Universidade de Lisboa, 2001, p. 157.

_____, *A Mente, a Religião e a Ciência*. Actas do Colóquio, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003.

CAPRA, Fritjof, *O Ponto de Mutação*, São Paulo, Editora Cultrix, 1982, 445 p.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*, São Paulo, Ed. Pallas Athena, 1995.

JAMES, William. *The varieties of religious experience: a study in human nature*, New York, Great Books in Philosophy, 2002, 538 p.

_____, *O Pragmatismo, um nome novo para algumas formas antigas de pensar*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Clássicos de Filosofia, 1997, 140 p.

ESPINOSA, Bento, *Ética*, Lisboa, Ed. Relógio d'Água, 1992, 501 p.

SOUZA, Eudoro de, *Origem da Poesiada Mitologia e outros ensaios dispersos*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Lisboa, 1984, 376 p.

NIETZSCHE, Friedrich, *Assim Falava Zaratustra*. 12.^a ed, Lisboa, Guimarães Editores, 2000.

GROF, Stanislav, *Além do Cérebro – Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia*. São Paulo, Ed. McGraw-Hill, 1988.

ATLAN, Henri, *Será a Natureza Inumana? Ensaio sobre a livre necessidade*, Lisboa. Ed. Piaget, 2003.

SAMDUP, Lama Kazi D. *O Livro dos Tibetano Mortos, (bardo thodol) e os sete livros sapienciais do budismo do norte*, São Paulo, Ed. Hemus, 1980.

REICH, Wilhelm, *A Função do Orgasmo*, São Paulo, Círculo do Livro, 1975.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. *Regressar à Terra, Lisboa, Fim do Século*, 1994.

_____, *O Futuro Frágil. Os desafios da crise global do ambiente*, Lisboa, Publicações Europa América, 1998.

_____, *A Caracterização Trágica do Niilismo em Nietzsche*, Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1984.

SALDANHA, Vera, *Psicologia Transpessoal: Abordagem Integrativa: Um conhecimento emergente em psicologia da consciência*, Ijuí, Rio Grande do Sul, Ed. Unijuí, 2008, 341 p.

Platão, *Timeu*, Lisboa, Ed. Instituto Piaget, Tradução: Maria José Figueiredo, 2004, 160 p.

ECO, Umberto, *Como Se Faz Uma Tese Em Ciências Humanas*, 7ª edição, Editorial presença, Lisboa, 1998.

SILVEIRA, Nise da, JUNG: Vida e Obra, 14ª edição, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1994, 209 p.

ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*, Edições 70, Lisboa, 2000, 248 p.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, Martins Fontes, São Paulo, 2003.

SANCHES de BAÊDA, Tomás Dá Mesquita, *Carl Gustav Jung e a filosofia simbólica da sombra: Notas em torno da dialética em torno da dialética entre a luz e as trevas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Departamento de Filosofia, 2007, 253 p.

SOUSA COELHO. Vítor Manuel de, *O contributo da ecologia para uma nova noção de espiritualidade. Um estudo sobre Leonardo Boff*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Departamento de Filosofia, 2002, 184 p.

Índice Onomástico

Abraham Maslow, 135, 165.

Alberto Caeiro, 9, 11, 24, 128, 131, 133-146, 148, 149, 153, 158, 159, 170.

Álvaro de Campos, 9, 11, 24, 67, 128, 130, 132, 138, 146, 148, 149, 158, 159, 160, 172.

Carl Gustav Jung, junguiano, neojunguiano, 3, 6, 9, 11,13, 15, 16, 23, 25, 26, 31, 37, 39, 40, 45, 48, 49, 50, 58, 60, 62, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 78-84, 92-94, 97, 104, 105, 109, 115, 119, 120, 121, 125, 126, 129, 131, 133-135, 137, 140, 143, 146, 147, 152, 154, 156, 157, 158, 166, 167, 171, 174.

Carlos João Correia, 100, 172, 173.

David Lukoff, 99.

Fernando Pessoa, 5, 6, 9, 11, 12, 23, 24, 128, 139, 143, 144, 150-153, 158, 159, 172.

F.Nietzsche, 17, 85, 173, 174.

Jean-Yves Leloup, 108, 115, 169.

Joseph Campbell, 101, 104, 105, 119, 173.

Mircea Eliade, 57, 115,

Martin Heidegger, 29.

Pierre Teilhard Chardin, 32, 83, 156, 163.

Paulo Borges, 7, 34, 101, 172.

Platão, 32, 79, 80, 83, 84, 149, 157,

Roberto Crema, 108.

Roberto Retamar: 62.

Roberto Assagioli, 11, 15, 157, 158, 172, 123.

Stanislav Grof, 89, 173.

Spinoza Espinosa, Spinoza, 11, 79, 82, 85, 89.

S.Freud, 32, 54, 60, 71, 141, 165.

Viriato Soromenho-Marques, 17, 174.

Vera Saldanha, 6, 7, 39, 174.

William James, 11, 27.

Wilhelm. Reich, 64, 173.

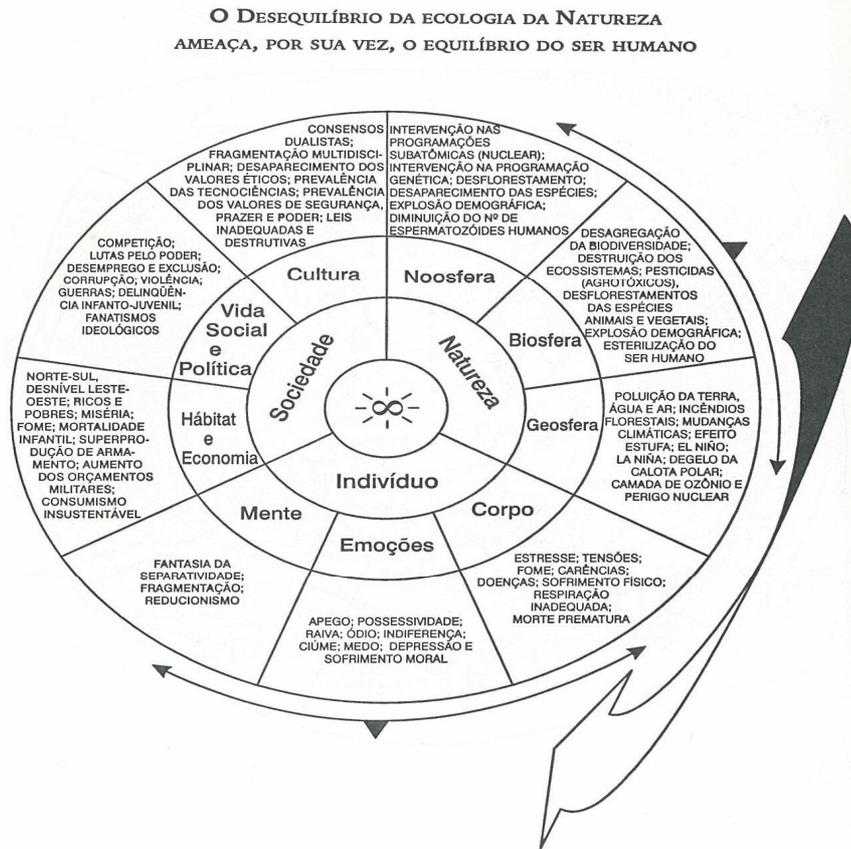
Índice Analítico

- Anima ou/e Animus, 4, 9, 11, 13, 27, 31, 32, 37, 46, 48, 50, 57, 67, 68, 70, 73, 79, 80, 82-89, 93, 95, 97, 98, 105, 109, 114, 116, 120-126, 133, 144, 156, 166.
- Arquétipo: 3, 20, 23, 28, 30, 31, 36, 40, 45, 46, 47, 52, 53, 63, 65, 67, 70, 74-87, 90, 92, 93, 97, 98, 100, 102, 105-110, 112, 114-133, 137, 138, 140-148, 150, 152-160, 166, 167, 171, 176.
- Alquimia, *Alchemie*, 44, 70, 78, 120, 151, 160, 166, 167, 176.
- Consciência Cósmica, 13, 14, 25, 27, 44, 55, 56, 61, 66, 67, 77, 79, 80, 82, 93, 96, 126, 131, 132, 147, 148, 149, 150, 164, 165, 170.
- Pensar, *das Denken*, 9, 11, 17, 20, 26, 31, 32, 39, 40, 42, 51, 60, 68, 69, 70, 71, 77, 78, 83, 88, 90, 92, 94, 95, 96, 99, 104, 109, 118, 120, 122, 125, 129, 132-138, 144-146, 148, 153, 158, 159, 166, 172, 173.
- Sentir, *das Empfinden*, 6, 9, 26, 40, 52, 69, 78, 87, 90, 92, 94, 96, 105, 106, 112, 115, 129, 133, 134, 135, 137, 143, 148, 158, 163, 166.
- Sensação e/ou o Percepcionar, *das Fühlen*: 9, 13, 26, 39, 42, 49, 52, 54, 69, 70, 78, 79, 86, 88, 92, 95, 97, 102, 112, 119, 125, 129, 134, 138, 139, 143, 148, 158, 166.
- Intuir, *die Intuition*: 9, 13, 26, 39, 42, 69, 70, 78, 79, 86, 88, 92, 97, 99, 101, 118, 120, 125, 129, 132, 159, 166.
- Numinoso, *Númen*: 15, 51, 60, 81, 104, 156, 157, 163, 166.
- Sincronicidade, Synchronizität*: 44, 49, 55, 62, 71, 73, 83, 93, 127, 157, 166,
- Persona, Personalidade, 9-13, 56, 58, 66-68, 72-73, 76, 79-89, 92, 100, 103, 105, 108, 110, 116, 121, 124, 126, 134, 136, 139, 142, 146, 147, 148.
- Selbst, Verselbstung, Selbstverwirklichung*. 23, 30, 56, 58, 59, 64, 67, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 83, 84, 86, 92, 93, 123, 127, 131, 132, 145, 147, 154, 157, 167, 171.
- Inconsciente Colectivo: 13, 20, 29, 56, 98, 119, 121, 152, 167.
- Símbolo, 36, 40, 44, 45, 46, 58, 63, 64, 65, 68, 73, 76, 77, 79, 85, 97, 98, 102, 104-106, 109, 110, 115, 120, 124, 125, 126, 134, 143, 149, 152, 154, 156, 166, 172.
- Sonho, 27, 33, 34, 44, 47, 52, 56, 57, 60, 77, 99, 102, 104, 105, 137, 140, 141, 145, 150, 167.
- Sombra: 32, 102, 104, 112, 127, 129, 134, 167, 174.
- Luz, 33, 104, 112, 127, 129, 139, 167.

ANEXOS

(Anexo I)

Roda da Destruição, (P.Weil, p.181, 2000).



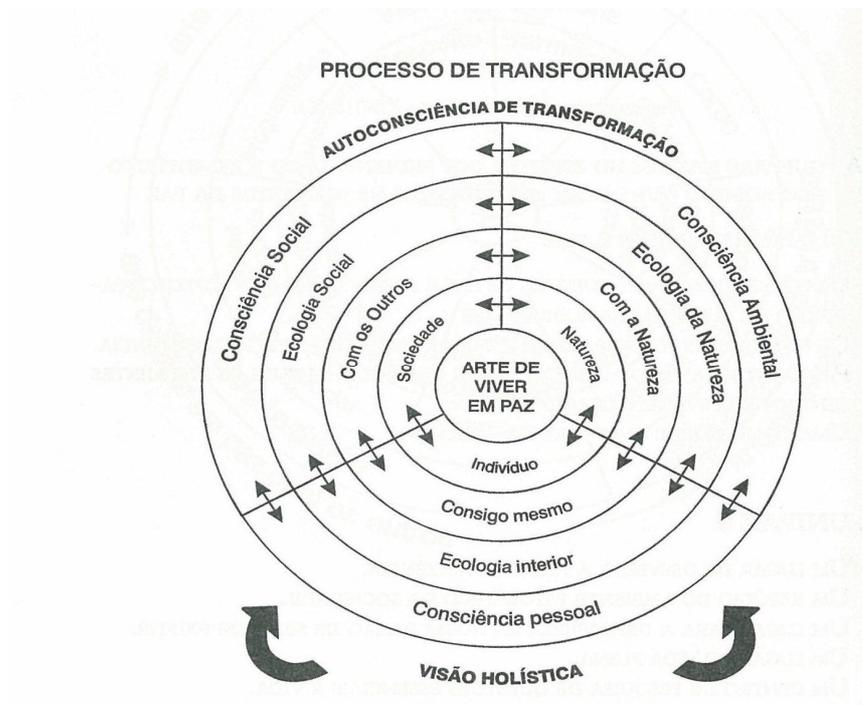
Na Roda da Destruição podemos ver a crise ecológica da fragmentação, a dualidade criada pela mente humana que a partir do seu centro representado na figura pelo símbolo do lemniscato, esta substância infinita é afectada nos seus três modos; na pessoa, na sociedade e a natureza-ambiente, a origem desta destruição segundo P.Weil é na própria mente como vemos na figura, o autor trata a fantasia da separatividade como esta dualidade ilusória; “O problema da fantasia da separatividade é que, a partir do momento em que vemos o mundo exterior como algo apartado de nossa natureza, começamos a levantar fronteiras imaginárias, a criar limites. Todos os conflitos nascem sobre estes limites fantasiosos do universo”¹. Em outro título o autor destaca que: “Porque o ser humano se acha separado da sociedade ele criou uma cultura fragmentada; uma vida social e política violenta; condições económicas de exploração e miséria, (...) a desarmonia social reforça por sua vez o sofrimento do indivíduo, a sociedade possessiva de exploração do ser humano pelo ser humano estende a sua separatividade na exploração desenfreada da natureza; o ser humano intervém: na programação nuclear e genética, isto é, na informática, (“é importante aqui ver o conceito do autor sobre a informatose, a normose dos sistemas informáticos e tecnologias”); destruindo os ecossistemas e ameaçando a vida no planeta; desagregando e poluindo os elementos da matéria. O desequilíbrio da ecologia da natureza ameaça por sua vez, o equilíbrio do ser humano, e assim está montado o círculo vicioso auto-reforçador da auto-destruição do ser humano e da vida planetária”².

¹ P.Weil, A Arte de Viver em Paz, p.46.

² P.Weil, A mudança de sentido e o sentido da mudança, p. 176-181.

(Anexo II)

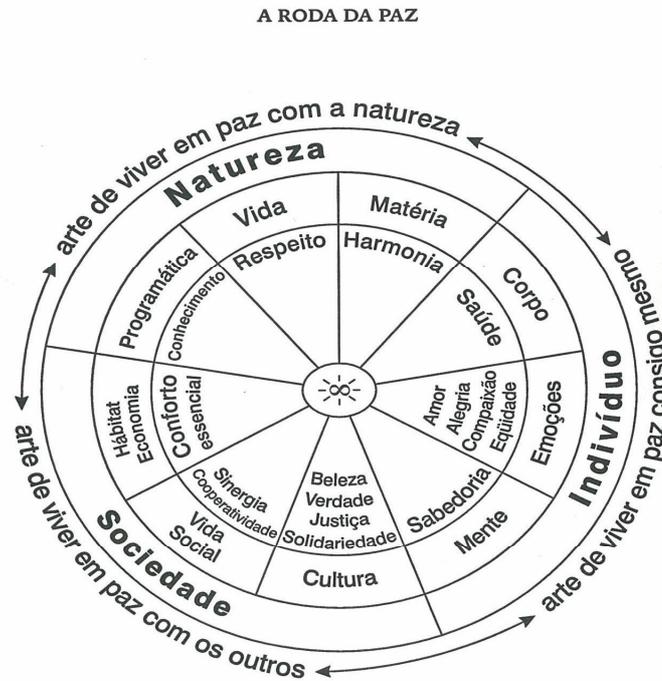
Roda de Transformação. (P.WEIL, p. 184, 2000).



Diante da Destruição e fragmentação da realidade, é preciso buscar a sua transformação, que ocorre em simultaneidade com a roda da paz. Segundo este autor é possível chegar a esta transformação através de formas construtivas de energia que levam a programas e projectos “ideais”, nas três esferas; (Indivíduo, Sociedade e Natureza), vemos a correspondência: (Com, Consigo, Ecologia e Consciência) repetidas e interligadas a cada uma das três categorias como um processo criativo que designa este autor pela “arte de viver em paz”, como podemos ver na próxima figura, e através desta autoconsciência no criar esta esfera de actuação concretiza-se a visão holística. Na roda da transformação propriamente dita tem ao centro da figura do processo de transformação a (“arte de viver em paz”) como um (“programa ou projecto”) para efectivar a roda como um fenómeno vivo onde a sinergia e a cinergia ganham um ponto de encontro.

(Anexo III)

Roda da Paz. (P.WEIL, p. 182, 2000).



Ao centro temos o mesmo símbolo do leminiscato, agora diz o autor que é preciso transformar os obstáculos da destruição em formas construtivas de energia, é sabido que energia pela sua natureza não é boa nem má, é a função que lhe é destinada pode desencadear um ou outro determinado fenómeno. Temos aqui então a energia destinada para o despertar dos valores éticos nas três esferas: “da arte de viver em paz”: (pessoal, social e natureza-ambiental). Segundo o autor é preciso: “Transformar obstáculos em formas construtivas de energia assim atinge-se o objectivo final que é a paz através da plena consciência”³. Para P.Weil seguindo esta intenção e num processo de transformação é possível chegar a Consciência Cósmica após alcançar a visão holística (Vivência em que desaparecem as fronteiras entre sujeito-objecto-relação, a ecologia universal onde a sabedoria primordial é inseparável do amor.

³ P.Weil, A mudança de sentido e o sentido da mudança, p. 184-185.

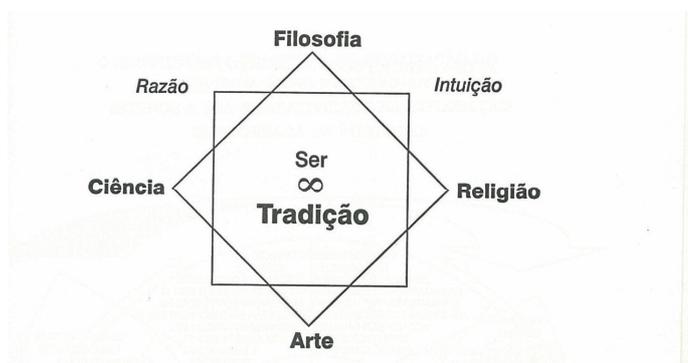
(Anexo IV)

**(Bússola da Psique descrita por C.G.Jung)
(Funções Psíquicas e Áreas do Conhecimento por P. Weil).**

Temos abaixo as funções psíquicas (f.p.) descritas por C.G.Jung, (*das denken, das fühlen, das empfinden, die intuition*)⁴, (o pensar, a sensação, o sentir e a intuição), como um eixo com duas (f.p) racionais da psique (o pensar e a sensação ou perceber) e duas irracionais (O Sentir e o Intuir).



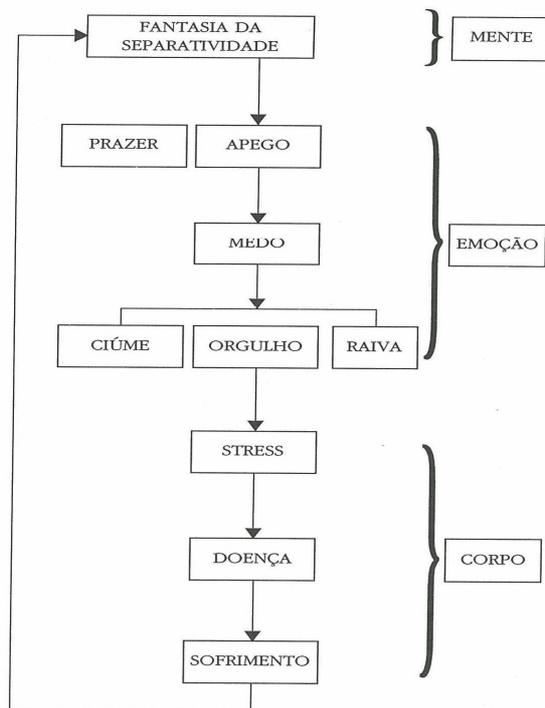
Abaixo percebemos que há uma influência das (f.p.) na criação das quatro áreas do conhecimento humano descritas por P.Weil (filosofia, ciência, arte e religião), poderíamos acrescentar ainda nesta figura a (f.p); o sentir entre a arte e a religião e a (f.p) sensação-percepcionar entre a ciência e a arte. Como bem explicita o autor: a filosofia nasce entre a (f.p) o pensar-razão, e a (f.p) o intuir, já a religião nasce entre a (f.p) o intuir e a (f.p) o sentir, a arte aparece na junção da (f.p) sensação-percepcionar e a (f.p) o sentir, a ciência entre a (f.p) o pensar-razão e a (f.p) sensação-percepcionar. Esta relação direta entre as funções psíquicas como criadoras das áreas do conhecimento nos dá a possibilidade de reconhecer a importância de uma visão transdisciplinar.



⁴ Carl Gustav JUNG, *Psychologische Typen*, MCMLX, Zürich, 1960.

(Anexo V)

(Fantasia da Separatividade) P. Weil.



Para P. Weil: “o problema da fantasia da separatividade é que, a partir do momento que vemos o mundo exterior como algo apartado de nossa própria natureza, começamos a levantar fronteiras imaginárias a criar limites. Todos os limites nascem sobre esses limites fantasiosos do universo. (...). O problema é que nossa procura sempre começa e termina fora de nós mesmos. É o que podemos denominar de “neurose do paraíso perdido”⁵. “Segundo a tradição iogue, particularmente a tibetana, os fatores destrutivos da paz, ou “venenos”, são ao todo cinco: 1) **Indiferença**: caracteriza-se pela frieza emocional diante do sofrimento alheio. 2) **Apego**: memória de prazer que leva a um sentimento de posse de objeto, pessoa ou ideia, por medo de perdê-lo. 3) **Cólera**: trata-se de uma espécie de paixão às avessas. Explosão de energias negativas, que impedem a harmonia corporal e espiritual. 4) **Ciúme**: Consequência do sentimento de apego que se manifesta quando o sujeito se sente na iminência de perder o objecto que julga possuir. 5) **Orgulho**: como a indiferença, implica uma frieza emocional em face da dor alheia. Sua característica básica consiste no fato de ser causado por um sentimento de auto-suficiência, uma espécie de paixão narcisista ou amor por si mesmo. Simultaneamente, há a sensação de superioridade sobre os outros”⁶. P.Weil afirma que existem métodos para transformar e eliminar essas emoções destrutivas sem reprimi-las: a) A consciência imediata; consciência destes sentimentos destrutivos quando ainda eles estão germinando em nosso coração. b) método “*Ahimsa*” (não violência, em sânscrito) foi cultivado por budistas e hindus. Trata-se de um respeito profundo a todas as formas de vida do planeta, concebidas como sagradas, c) Os métodos da psicoterapia: muitas pessoas acreditam que a família e a escola sejam poderosas fontes da perda da paz. Vários métodos psicoterápicos foram criados com o objectivo de ajudar as pessoas a superar traumas e neuroses gerados, principalmente, no convívio familiar e escolar. Frequentemente, as reacções violentas da criança não podem se expressar e ficam bloqueadas no corpo e no espírito, até a idade adulta. Represadas inadequadamente, essas energias tendem a explodir de maneira agressiva e compulsiva.

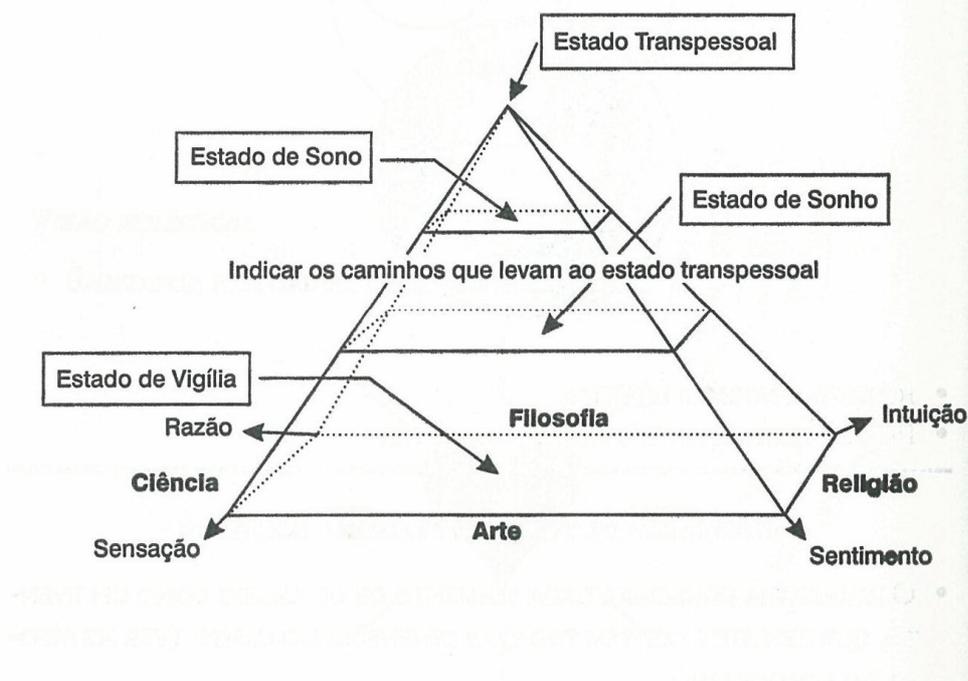
⁵ P.Weil, id.ibid, p. 46.

⁶ P.Weil, A Arte de Viver em Paz, p.64.

(Anexo VI)

(Estados de Consciência e o Conhecimento Humano) P. Weil.

- ATRAVÉS DA MUDANÇA DE ESTADO DE CONSCIÊNCIA.



Na figura acima vemos uma pirâmide que classifica em sua base o estado de vigília, ou seja, pessoal e consciente na criação e organização dos conhecimentos humanos. Do meio ao ápice da pirâmide temos a classificação de níveis mais elevados, chamados de transpessoal que ocorrem um estado modificado de consciência, (estado de sono e sonho) podendo através de um estado de elaboração e integração onírica atingir ainda níveis mais elevados, imaginação activa ou ioga do sonho lúcido com o despertar para um estado de expansão da consciência e ou consciência cósmica.

(Anexo VII)

Quadro: (Centros de Energia e a Sua Dualidade) (P.Weil)

Centro Energético	Função	Prazer	Dor
Segurança	Proteção do indivíduo	Vencer	Derrota
Sensualidade	Proteção da espécie	Orgasmo	Tensão
Poder	Lugar na sociedade	Prestígio	Inferioridade
Amor	Unir	Dar	Ódio
Inspiração	Concriar	Criação	Inibição
Conhecimento	Aprender	Saber	Ignorância
Unidade	Ser	Plenitude	Paraíso Perdido

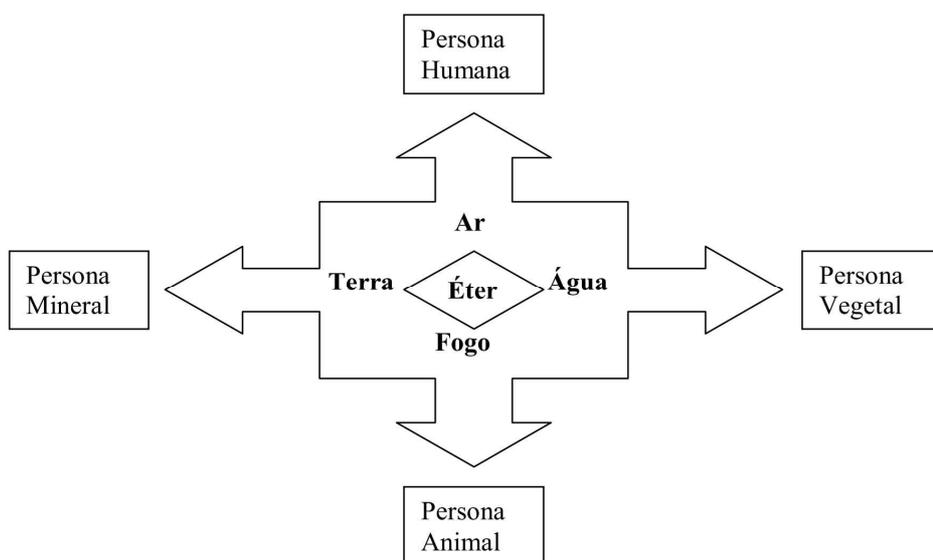
(Anexo VIII)

(Centro Energético e a sua Manifestação nos Sistemas Corpóreos)

Chakra	Centro Energético	Comando e Atitude Manifesta
1°	Plexo Pélvico (Sacro)	Situa-se o comando dos órgãos sexuais, energia cósmica se manifesta como apetite sexual, vida com entusiasmo e expansão.
2°	Plexo Hipo-Gástrico (Centro Abdominal)	Onde se comanda a reprodução e a excreção, a sexualidade é orientada por um projecto humano gerador de vida e de elevação.
3°	Plexo Epigástrico ou Solar (Centro Umbilical)	Ligação com a energia cósmica que se conecta umbilicalmente com o ser humano. Sede da nutrição e da vida.
4°	Plexo Cardíaco (Sistema Vascular)	Comanda o sistema vascular, em nível de consciência, significa o princípio do <i>Self</i> e do processo de individuação (criação do centro pessoal).
5°	Plexo Cervical (Sistema Respiratório)	Comanda o sistema respiratório. Pela respiração recebemos e devolvemos a energia cósmica, nos inserimos no processo vital do universo.
6°	Entre os Olhos (Medula Ablonga)	Comanda o sistema nervoso reflexo. Aqui aparece o terceiro olho do conhecimento da totalidade.
7°	Centro Craniano (Glândula Pineal)	Situa-se no centro craniano onde se encontra a glândula pineal a partir de onde se comanda o sistema nervoso cerebral e volitivo. Aqui a Kundalini alcança o Nirvana, quer dizer a iluminação libertadora. Acontece a integração com o todo. Sentimos parte do todo e o todo experimentado na parte que somos nós.

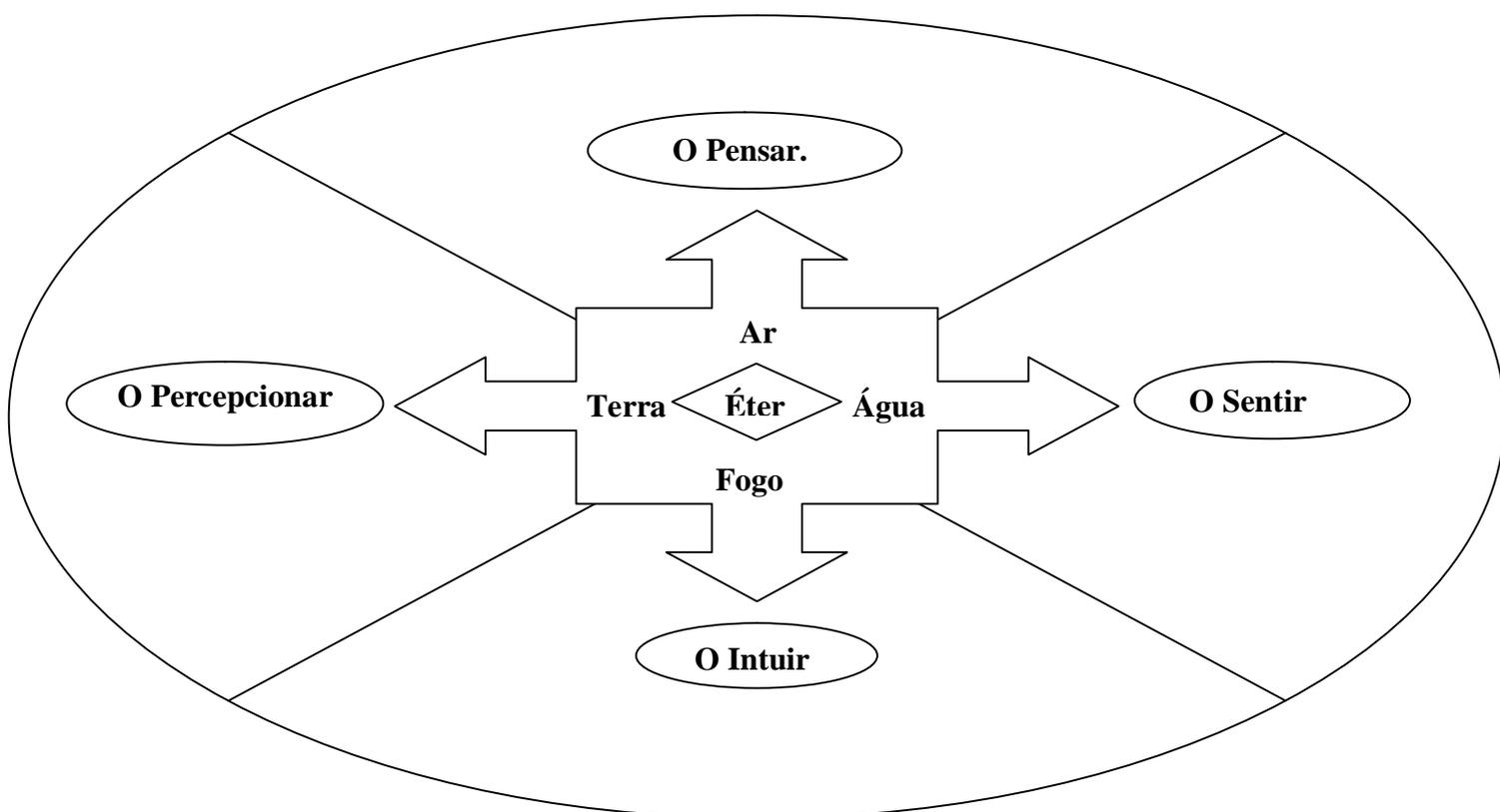
Fonte: (quadro adaptado do cap. IX Espiritualidade e Sexualidade: uma perspectiva radical. Sub-capítulo: A experiência originária da sexualidade. L. Boff Ecologia Mundialização Espiritualidade p.170 / 176.

(Anexo IX)
(Elementos e Personas)



Na figura acima temos os quatro elementos da natureza unidos por um quinto elemento, o etérico que ganha a sua dimensão cósmica, pode-se falar então de uma persona cósmica, os elementos actuam transversalmente para a criação das personas que mantêm a base da natureza da pessoa humana.

(Anexo X)
Elementos e Funções Psíquicas.



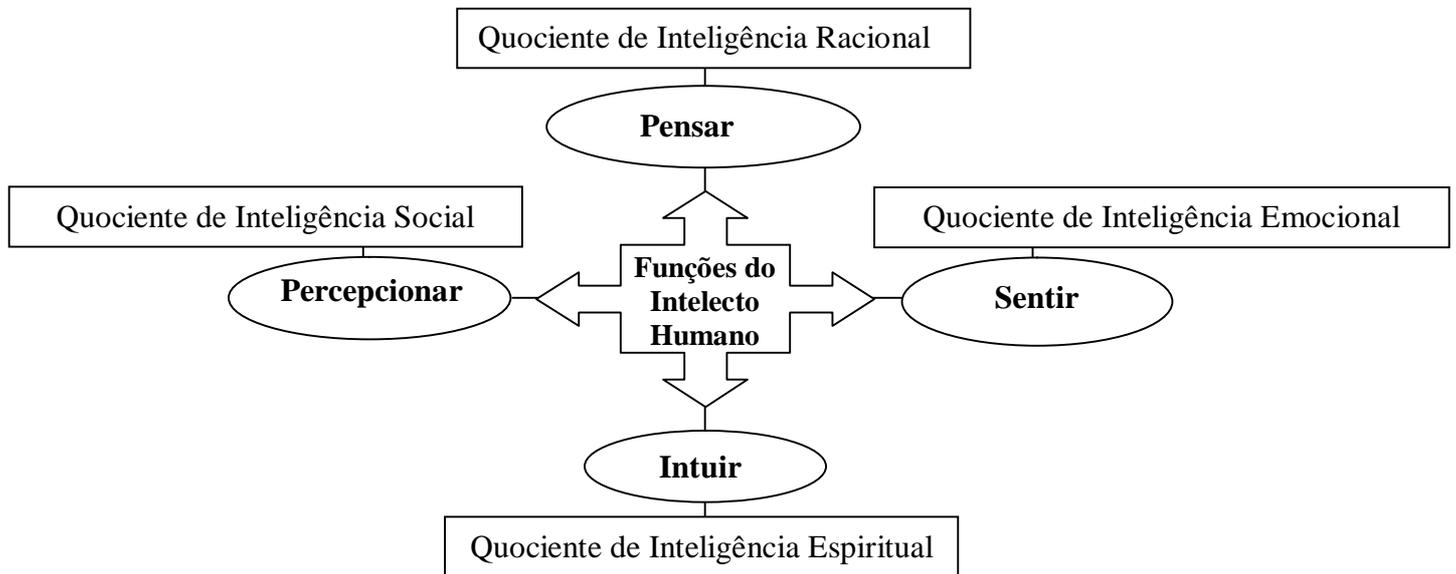
Temos na figura acima uma clássica relação dos elementos da natureza em conformidade com as funções psíquicas descritas por C.G.Jung que foi influenciado por Platão no qual também fazemos referência nesta investigação diante das categorias descritas por L.Boff referindo-se aos arquétipos e elementos da natureza e P.Weil quando trata dos conceitos acerca das funções psíquicas.

(Anexo XI)

Quadro dos elementos múltiplos na constituição da Vida humana

<i>Personas</i>	Elementos	(F.P.) Função Psíquica.	Psiconeuroendócrino-fisiologia	Arquétipos, Símbolos
<i>Persona Mineral</i>	Terra	A Sensação, Percepcionar.	sistema ósseo-muscular, Cartilagens e articulações.	Rei-Imperador - Planeta, Pedras, Cristais, minerais.
<i>Persona Vegetal</i>	Água	O Sentir	formação do “tecido epitelial”, sangue, saliva, suor, lágrima, sémen, mucopolisacarose. Hormonas e outros líquidos do sistema orgânico.	Bem-Amado Fonte, Mar, Algas marinhas, fitoplanctum
<i>Persona Animal</i>	Fogo	O Intuir	instinto, pulsões de auto- preservação.	Mago- Alquimista. Sol, magma, vulcão,
<i>Persona Hominal</i>	Ar	O Pensar	Insignit, sistema neuronal, formação do neo-córtex, lógica racional	Guerreiro- Herói. Sopro, Vento, Oxigénio, Prana.
<i>Persona Cósmica</i>	Éter	Percepção Extra- Sensorial.	Sincronicidade, Quintessência.	Sábio-Mentor. Selbest, Sagrado, numinoso,

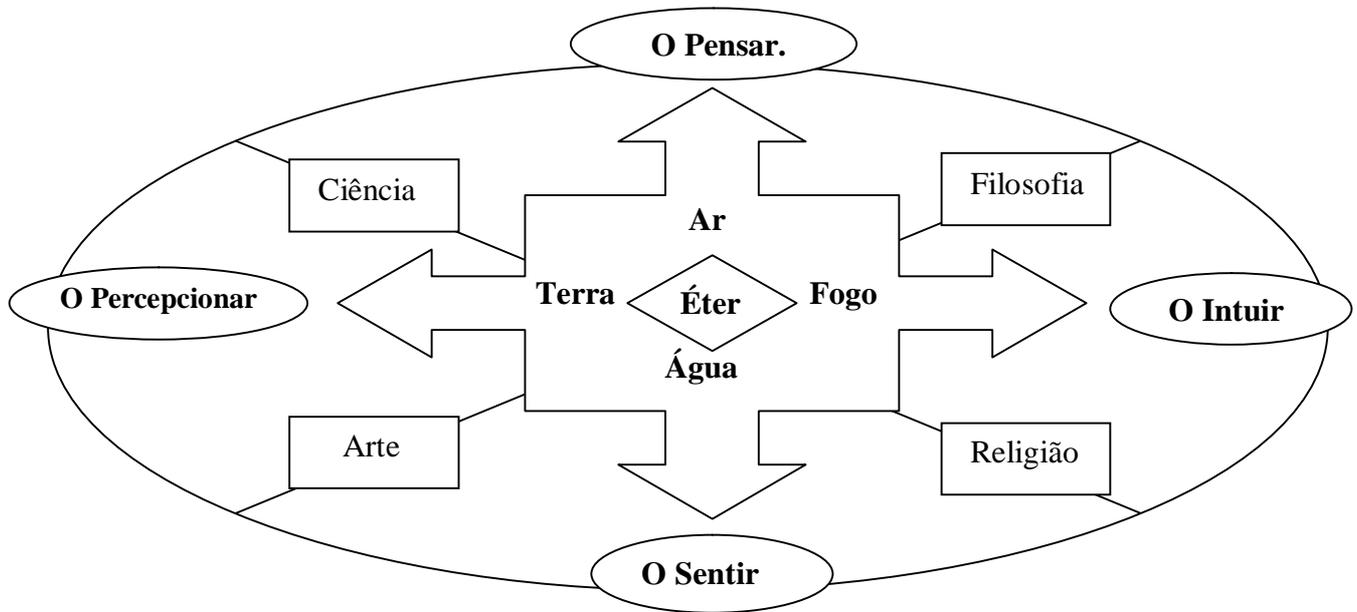
(Anexo XII)
(Modelo Conceptual; Q.I e f.p.)



Nesta figura temos para além do intelecto visto meramente como uma função da lógica-racional, vemos a inteligência em sua totalidade, propõe-se aplicar uma dimensão mais vasta da categoria de inteligência em conexão com todas as funções psíquicas, e não somente uma em detrimento de outras.

(Anexo XIII)

Integração: Elementos, (f.p) e áreas do conhecimento.



Aqui temos a integração daquilo que já foi apresentado em figuras anteriores, com base nas teorias de P. Weil, C. G. Jung e Platão, vemos claramente que os elementos interferem nas funções psíquicas e estas constituem e mantêm às grandes áreas do conhecimento humano.

(Anexo XIV)

QUADRO COMPARATIVO ENTRE: O ANTIGO E O NOVO PARADIGMA EM EDUCAÇÃO

	ANTIGO PARADIGMA	PARADIGMA HOLÍSTICO
Conceito de educação	<ul style="list-style-type: none">▪ Informação▪ Ensino limitado ao intelecto.▪ Instrução dirigido à memória e a razão.	<ul style="list-style-type: none">▪ Formação. Educação da pessoa. Procedendo de harmonização e de pleno desenvolvimento da sensação, do sentimento, da razão e da intuição.
Conceito de estudante	<ul style="list-style-type: none">▪ Aluno considerado como “objecto” de ensino, como mecanismo automático de registro.	<ul style="list-style-type: none">▪ Aluno considerado como sujeito estudando, como participante activo do processo educativo.
Sistema nervoso	<ul style="list-style-type: none">▪ Lado esquerdo do cérebro.	<ul style="list-style-type: none">▪ Lado esquerdo e direito.▪ Todo o sistema nervoso cérebro-espinhal.
Campo de ação	<ul style="list-style-type: none">▪ Aquisição de conhecimentos; ênfase sobre o conteúdo. Troca de opiniões.	<ul style="list-style-type: none">▪ Transformação da personalidade em seu conjunto.▪ Troca de opiniões, de atitude e de comportamento efectivo.
Agente educativo	<ul style="list-style-type: none">▪ A escola como agente da educação intelectual, a família como auxiliar da escola. O professor como corpo “docente”	<ul style="list-style-type: none">▪ A família, a escola e a sociedade em um esforço concentrado. O educador como animador, facilitador, focalizador, ou mesmo catalisador de evolução.
Conceito de evolução	<ul style="list-style-type: none">▪ A evolução pára na adolescência. Maturidade limitada ao intelecto, à capacidade de procriar e de trabalhar. Esta evolução é pessoal	<ul style="list-style-type: none">▪ A evolução continua no adulto.▪ Maturidade vista como um estado de consciência ampliando, harmonia, plenitude e paz, de natureza pessoal e transpessoal.
Tipo de formação Orientação de valores	<ul style="list-style-type: none">▪ Predominância da especialização. Valores pragmáticos.▪ Consumismo, competição, poder, possibilidade, celebridade.	<ul style="list-style-type: none">▪ Formação geral precede à especialização. Valores pragmáticos e éticos.▪ Simplicidade voluntária, cooperação, generosidade, igualdade, equanimidade.
Métodos de educação	<ul style="list-style-type: none">▪ Exposição verbal, oral, complementada por livros e manuais.▪ Método passivo.▪ Recompensas e punições em um sistema selectivo e competitivo.▪ Professor ensina, o aluno escuta.▪ Escola separada da comunidade.▪ O professor “induz” opiniões, atitudes e mudanças de comportamentos.	<ul style="list-style-type: none">▪ Pesquisa e trabalho individual e de grupo. Exposições verbais e orais para os estudantes e o professor. Método activo. Métodos audiovisuais. Exposições, excursões, visitas.▪ O estudante é activo, pesquisa e ensina os outros. O professor como conselheiro, consulente, orientador.▪ Escola integrada à comunidade.▪ O educador é um exemplo de integração de princípios e comportamento que recomenda.

FONTE: (WEILL, Pierre, 200, p. 82-83)

(Anexo XV)

QUADRO COMPARATIVO SOBRE A MUDANÇA DE PARADIGMA NA ECOLOGIA

ECOLOGIA	
ANTIGO PARADIGMA	NOVO PARADIGMA
Conceito básico: A natureza a serviço do ser humano.	O ser humano integrado com a natureza e constituído por ela.
O ser humano com liberdade e direito de explorar a natureza em função do seu belo desejo.	A natureza existe para servir às necessidades essenciais do ser humano.
Estereótipo de recursos naturais ilimitados.	Conceito realista de recursos naturais limitados.
Ignorância dos efeitos da poluição da terra, da água e do ar.	Plena consciência dos efeitos da poluição dos elementos da natureza.
Práticas de queimadas para adubar a terra.	Conhecimento da inocuidade das queimadas e do seu perigo.
Passividade da maioria da população em relação à preservação ou recuperação do meio ambiente natural. Fragmentação disciplinar da ecologia, com visões reducionistas e distorcidas das questões e soluções ambientais (visões exclusivamente biológicas, econômicas ou políticas etc.)	Organização e educação de toda população, visando a participação ativa na preservação e recuperação do meio ambiente. Abordagem holística, inter e transdisciplinar.

FONTE: (WEILL, Pierre, 2000, p. 90)

(Imagem XVI)

54-54

Paisagens espirituaes.

(This, or something like it, the title of a book of travels).

Dizem os occultistas cultores do occultismo que cada coisa que, neste mundo, se apresenta como um todo, tem uma alma, uma pessoa espiritual. Uma casa, uma multidão, uma viagem, uma conversa - qualquer phenomeno do mundo sensivel que pode affectar-nos como um conjuncto, como um corpo historico ou temporal -, a tal coisa corresponde, no mundo superior, uma personalidade que é espirito. E, como, na mesma doutrina, tudo é symbolo neste universo que se vê, por força que esse espirito, que cada phenomeno tem, é que é a realidade, sendo o phenomeno a manifestação; em outras palavras, não se pode, na verdade, dizer que o phenomeno tem essa alma: essa alma é que tem o phenomeno.

Os logares, as localidades, as paisagens sempre deram ao que em mim é instincto a impressão de que é verdadeira esta theoria dos occultistas. Ante uma paisagem, como ante uma cidade - como, de resto, ante qualquer coisa que possa ter uma definição physica e verbal - senti-me sempre como ante um homem ou ante uma mulher, acompanhado, companheiro. E as impressões que sinto de uma paisagem, as que sinto de uma cidade ou de um mero logar, sempre me deram a impressão, ao serem traduzidas para a intelligencia, de que se registrou um facto da psychologia.

Nunca, prisso, em qualquer viagem que fizesse, me preocupou o que, em uma paisagem ou uma cidade, é meramente accidental. Numa cidade, que com novidade visite, nunca dou um passo para um museu. O que me preocupa é a personalidade indefinivel que se me revela no aspecto das ruas, das ruas dos varios bairros, os gestos especiaes dos transeuntes de alli, a attitude de esterm ás portas e ás janellas; as intoações da voz, o modo de olhar e de serem instinctivos e occasionaes.

Nestas impressões de viagem registarei, portanto, puras impressões de pessoas - uma psychologia do apparentemente inerte. Biographia no espaço, e não no tempo, historia da vida das cidades e das paisagens, considerada, não como vida que dura mas como pessoa que permanece - d'este modo procurarei traduzir as impressões que senti, porque deveras assim foram as impressões que senti.



A visão a distancia, a visão
do passado, a do futuro,
sendo extensões da "visão"
- extensões de ua distancia,
por aqui digo - não são,
em todo o caso, extensões
em atua (po não em prax)
de faculdades do espirito.
Não são emão interpretações
de faculdades inferiores -
mas por interm um valor.
Curiosamente em uma
idea magica ativa, tem
verro de Intuitivamente, vale
mais pre tota as visões,
ate' todas as distancias.



(Anexo XVIII)

A Serpente, que, na ordem ~~mat~~ divina é o SS, na ordem
espiritual direita e na esquerda
é na ordem material direita Portugal.

A Serpente é o entendimento de todas as coisas e a com-
preensão intellectual da vacuidade d'ellas. Seguindo um ca-
minho que não é o de nenhuma ordem nem destino, ella ergue-se
á Altura que é a sua origem e evita os logares por onde os
homens passam. O entendimento de tudo, a fusão dos oppostos,
a sciencia da indiferença do bem e do mal, a sciencia da va-
lia da emoção como emoção e da vontade como vontade, a igual
ironia para com os sabios como para com os nescios. No seu
culto adultaram os maghos, no seu nome adolesceram os primei-
ros. ultimos

S
E R P
E N S

É ignobil na terra porque não é da terra. É subtil por-
que está fóra.

A tentação de Eva é a admissão da Intelligencia na Vida.
O fructo prohibido é

Conto: "O Senhor das Sete Ordens", indicando exactamente
o que se queria fazer.



(Anexo XIX)

R. do Ouro, 87, 2.º

TELEPH. G. 2194

Factura N.º

~~R. do Ouro, 41, 3.º~~

Referencia N.º

Lisboa, de de 191

O Illmo Sr

Deve

F. A. PESSOA

Quando Christo diz que quem o quer seguir tem de abandonar a sua cruz, quer dizer por quem quer ser Mestre não pode fazer a companhia de alumnos; tem que abandonar a amizade da solidão, e, sem amor, sem amizade e sem approval, seguir o seu trivial caminho para longe de casa e os competes quotidianos dos officios.

Quando Christo diz a Maria que a não conhece, quer dizer por termos que abandonar, os pontos de as descender, os officios normaes, não podem ser as luz d'ella, mas tudo a'lem d'ella. Quem Christo abandona, e' a propria Mãe; isto e', a propria origem. Sem o Santo por amor abandona o amor, por sentimento exaltado abandona o sentimento.

As antistas representam, porém, qual cruz competis, e qual fructo. E' um pequeno livro por a não poder com um livro a Mãe com elle. Não se pode saber da verdadeira verdade - para nullo.

(Anexo XIX)

Transliteração

Quando Christo diz que quem o quizer seguir tem de conduzir a sua cruz, quer dizer que quem quer ser Mestre não quer gosar a companhia das almmas, tem que (anotar) a amargura da solidão, e, sem amor, sem amizade e sem applauso, seguir o seu ténue caminho (levar ao lar) e do (ampti) quotidiano das affeições.

Quando Christo diz a Maria que a (não conhece), quer dizer que temos que abandonar, ao ponto de as (des sentir), as affeições (...), não (pondo-nos) ao (lado) d'ellas mas indo além d'ellas. Quem Christo abandonou, vêde, é a propria Mãe; isto é a propria (aqui). (Assim,) o Santo por amor abandona o amor, por sentimento (escolheu) abandona o sentimento.

Ao artista supremo, porém, qual cruz compete, e que (Tormento). Diz em p(...) h(...) que se vai por amor um (...) e (ficar) com elle. Não se pode saber da humanidade (e ficar nella??/volta??).

(Anexo XX)

Assim, na ausencia de uma sciencia das causas sociais, os nossos juizes do futuro, nestes assumptos, não podem ser previsões da intelligencia, mas simples hypotheses do sentimento. E então, visto que em matéria social esses juizes não são normas scientificas, mas apenas categorias pragmaticas, o dever impõe-se-nos de sermos optimistas.

Do ponto de vista scientifico, não ha pessimismo nem optimismo: ha factes, que é feroz o que constatamos. Mas a-qui não ha ponto de vista scientifico, porque não ha sciencia. O romance chamado tradição...

Façamos, na antemanhã d'este novo anno, um proposito portuguez: o de, reconhecendo-nos incompetentes para prever scientificamente, fazemo-nos bastante fortes para orientar optimisticamente.

A verdade que será, o futuro que, desprezando o nossos raciocinios, virá tal qual tiver que vir, guiado por leis naturaes imutaveis, e contra as quaes nada pode a pseudo-liberdade do nosso servo arbitrio, esse é o seu segredo, guarda-os ainda o Espirito da Nação na sua alma receptiva, e se a interrogarmos, responde-nos, como o santo, quando o interrogaram: Secretum meum mihi - o meu segredo é a mimigo.

(Anexo XXI)

54-10

Handwritten notes in the top right corner, partially illegible.

Os entes psychicos chamados nações tem cada um, no mysterio espirital da sua constituição, um segredo de virtualidade que se funda tanto a analyse theorica do sociologo, como a synthese practica do politico. Este, porque vive no empirismo necessario, e mais ou menos intelligente, dos factos; aquelle, porque as suas theorias não tem apoio em nenhuma sciencia, tardam, por igual, as horas da Verdade, quando ~~para~~ prevêem. A practica só cabe prever o que está proximo; a sciencia só pode prever com fundamentos.

A sciencia social, porém, ^{que} não passou ainda do seu periodo alchimico, não logra prever, senão por aproximações superficiaes, e portanto extra, porque pre, scientificas, porque razão uma nação sobra na historia, porque razão desce, porque razões se mantem.

Mesmo que para a formação de uma verdadeira sciencia social não houvesse as difficuldades preliminares que provêem da complexidade do assumpto, e da circumstancias que os dados, para a constituição d'essa sciencia, andem duplamente involvidos na sua propria interpretação, pois que ~~aproximações superficiaes~~ a experiencia humana é sempre escrava do erro, a experiencia humano dos homens duplamente escrava, e

A historia é sempre parcial; o que não é acerto portanto a sociologia, que se apóia ~~nesses dados parciais~~, e que foi outr'ora conhecida, talvez com mais exacta denominação por philosophia (e podiam ter dito "metaphysica") da historia.

Mas, mesmo que não ^{existissem} estes obices, e que fosse de segura determinação quaes as leis principaes que regem o destino dos povos, havia sempre a certeza de que determinados encontros de effeitos - como em tudo humano - excederiam a previsão scientifica.

É possível, por exemplo, estabelecer que tal nação conseguiu em tal epocha o imperio porque se deu, em tal epocha em que o fruiu, a concorrência ou coexistência de diversos factores - o territorio, ~~pridido~~ pela causaçã o climatica ou outra, para certos modos de actividade humana; a mistura especial de povos, denominada "raça" pelos intoxicados biologia social; o "momento historico", que fez que tivessem ecluido as virtualidades expressas na somma de circumstancias que formam o temperamento nacional. Mas, supposta certa e completa essa explicação (o que é absurdo), ~~que causa fez o concurso alli~~, então, d'esses factores, taes quaes são? Porque se deu então e alli esse concurso, e não em outro tempo e outro lugar? E isto, instavel já para a unica previsão que fazemos, que é prever hoje o que antes de hontem havia de ser hontem, com que complexidade se não enredam as occasoes quando passamos para a previsão verdadeira, e quando encaramos a existencia das elementos inesperados, ~~que são~~ por vezes originariamente mininos, que são por vezes de-

Handwritten notes on the left side, partially illegible.

Handwritten notes on the left side, partially illegible.

54-10

(Anexo XXII)

54-16

terminantes principais (suplentes) porque de toda a acção humana, da acção humana colectiva, no espaço como no tempo.

Um homem caminha por um rio, depara um muro sobre elle, e mata-o. Caminhar por um rio é uma coisa simples e normal; a queda de um muro é uma coisa simples e normal. A morte, porém, que resulta normal na vida sadia d'esse homem, é anormal como consequencia previsivel da queda de um muro - e que dizer d'ella, afinal a principal consequencia humana que proveu da queda de um muro na occasião em que um homem normalmente passava? Não é impossível, talvez, estabelecer, num caso d'esses, e se nos dessemos ao trabalho de uma analyse póstuma, que o homem - considerando as horas a que sahia de casa, e os passos que deu, e a velocidade d'elles - não podia senão estar naquella ponto mathematico aquelle hora exacta; não é, pela mesma razão, indeterminavel que o muro não podia cair senão naquelle momento. Mas que coisa foi, que gesto do mysterio do Destino, que fez com que a trajectoria d'aquellas duas causas determinaveis se cruzasse naquelle ponto, áquella hora, e desse um resultado, a Morte, implicito em cada um separadamente, e, afinal, a resultante suprema do encontro das duas?

É sempre, e acima de tudo, o problema do Agaso ou da Fatalidade - o problema que a sabedoria paga, mais proxima que entra qualquer da realidade da vida, resolveu para si pondo acima da inconsciencia escrava dos homens, e do proprio capricho liberto das "causas" alem da propria Noite e do Chaos primaveo, o Destino, o Fado, imutavel, implacavel, superior ao bem como ao mal, a verdade dos deuses como a nossa mentira.

Dizem os occultistas que as cousas não são as cousas - desde que representem uma existencia determinavel para nós, e definivel por um substantivo - uma unidade, uma batalha, um ~~momento~~ pais, tem cada uma uma alma, tal qual como as ~~coisas~~ as cousas da materia, uma alma visivel aos olhos iniciados na visão superior. Assim uma nação tem uma alma, um corpo espirital invisivel a terra, que é suprema apenas no mundo da experiencia, um destino indeterminavel pela logica, increavel pela vontade serva e pelo sentimento pseudo-nosso.

Nada nos diz que essa alma não exista; antes nos agrada a experiencia intuitiva da vida que, áteras, uma nação tem um espirito, uma pecca, um seu destino, como cada homem.

E a nós todos, sociologos inevitaveis por erro, politicos necessarios por Ypaso, a alma da nação, quando lhe queremos prescrutar - com os nossos pobres argumentos - o destino, dizer os passos que vai dar, e o que lhe vai acontecer, responde, como S. Francisco, quando lhe quiseram extorquir não así que confidencia da alma - "scartum meum mihi", "o meu segredo é meu", e meu segredo é o destino".